



**ABDRUSCHIN**





ABDRUSCHIN / NA LUZ DA VERDADE



IM LICHTE DER WAHRHEIT  
EDIÇÃO PORTUGUESA

NA LUZ  
DA VERDADE

MENSAGEM DO GRAL  
DE  
ABDRUSCHIN

*EDIÇÃO COMPLETA*



VERLAG "DER RUF" G. M. B. H.  
MUENCHEN

*Todos os direitos reservados*  
*Copyright 1934, by Verlag "Der Ruf" G. m. b. H. Muenchen*  
*Impressão: "Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais", S. Paulo*  
1934

*Quem  
não se esforça  
por bem compreender a Palavra  
do Senhor torna-se  
culpado!*





## INTRODUÇÃO

**A**venda cái, e a crença se torna convicção. Só na convicção é que se encontra a redenção e a salvação.

Só me dirijo aos que procuram com sinceridade, aos capazes e dispostos a verificar o que lhes fôr dito. Abstem-se os fanáticos religiosos e os frívolos entusiastas, porque são nocivos à Verdade. Os maldosos e os de má fé encontrarão nas próprias palavras seu julgamento.

A Mensagem é dirigida apenas aos que possuem em seu íntimo uma centelha viva da Verdade, aos que anseiam por se tornarem verdadeiramente homens. Servir-lhes-á de bordão e de farol que, sem desvios, os libertarão do caos da confusão contemporânea.

As palavras que se seguem não anunciam uma nova religião, apenas servirão de archote para que todos os ouvintes ou leitores sinceros possam encontrar o caminho que os ha-de conduzir à altitude almejada.

Só progride espiritualmente quem a sim próprio se movimenta. Os tolos que se valem dos moldes acabados de concepções estranhas, são como indivíduos no perfeito uso dos membros que recorrem a muletas para poderem andar.

Mas desde que aplicam na ascensão todas as faculdades que dormitam à espera da chamada, utilizam de acôrdo com a Vontade de seu Criador a quantia que lhes foi confiada, vencendo com facilidade todos os obstáculos porventura interpostos com intuitos de desviá-los.

Por êsse motivo, despertai! Sòmente na convicção reside a verdadeira fé, e só poderemos adquirir convicções por meio do exame e de provas imparciais! Tornai-vos vivos na maravilhosa Criação de Vosso Deus!

*Abdruschin.*



## QUE PROCURAIIS?

*Que procurais?* Que significa essa azáfama impetuosa? O mundo inteiro se encontra em estado de eferve-cência, e um dilúvio de livros alastra-se por todos os povos. Sábios escavam antigas escrituras: investigam; aplicam-se até à extenuação. Profetas surgem, admoestando, prome-tendo... O desejo geral é que de súbito, como que num acesso febril, espalhe-se nova luz!

E' isso que se passa atualmente na superagitada alma humana, — vendaval que não refresca e desaltera, mas cresta, mas consome, mas absorve as últimas fôrças que ainda res-tavam aos elementos desagregados da melancolia contempo-rânea.

Percebe-se, também, a espaços, como que um murmúrio de expectativa crescente acêrca de algo que ha-de realizar-se. Todos os nervos estão inquietos, tensos por um ansiar inconciente. A inquietação é geral, e sobre todas as coisas paira uma espécie de atordoamento de gestação funérea. *Que deverá* nascer de tantas promessas infaustas? Con-fusão, covardia e ruína, caso não seja destruída com decisão a camada obscura que envolve espiritualmente a Terra e que, com a inutilidade dos pântanos imundos, apodera-se de todos os pensamentos luminosos e livres que porventura apon-tem, asfixiando-os antes de haverem adquirido fôrça; pân-tano que com seu silêncio sinistro abafa todas as iniciativas benéficas ao nascedouro, destruindo-as antes de se haverem positivado como ações.

E' desviado o grito dos que anseiam pela Luz, ânsia esta que encerra em si poder suficiente para fazer saltar essa camada de lodo. Êsse grito rebôa em uma abóbada intransponível, levantada justamente pela diligência dos que julgam auxiliar: *Oferecem pedras em vez de pão!*

Consultai essa infinidade de livros:

*Só conseguem estafar o espírito, não vivificam!* Nisto está a prova da esterilidade de tudo o que oferecem, porque jamais poderá ser adequado ao espírito o que lhe causa estafamento.

*O pão espiritual tem ação imediata refrescante. A Verdade restaura. A luz vivifica!*

Os espíritos singelos ficam tomados de desânimo quando consideram as barreiras alevantadas pela chamada ciência do espírito em face dos problemas do Além. Qual é o entendimento simples capaz de apreender tais expressões estranhas ou as sentenças repassadas de erudição? O outro mundo só terá sido feito para os iniciados?

E falam-nos de Deus! Será porventura necessário construir escolas superiores para eu seja alcançada a faculdade de apreender o conceito de Deus? Aonde nos leva essa mania que se funda pela maior parte na ambição?

Como bêbados cambaleiam leitores e ouvintes, de um lugar para outro, incertos, parciais, sem liberdade interior, uma vez que se desviaram da estrada simples e natural.

Ouvi, desalentados! Levantai a vista, investigadores sinceros: *O caminho que conduz ao Supremo está patente a todos os homens! A erudição não é a porta que se abre para êsse caminho!*

Christo Jesus, êsse grande símbolo no verdadeiro caminho para a Luz — teria escolhido seus Discípulos entre os sábios fariseus? Entre os investigadores das escrituras? Não. Tirou-os da própria singeleza, visto não terem que lutar

contra o grande erro de que o caminho para a luz é penoso e difícil de ser seguido.

*Eis o maior inimigo do homem; eis a mentira máxima, sob a fôrma de semelhante concepção.*

Por êsse motivo abandonemos o cientificismo quando se trata do que ha-de mais sagrado em nosso íntimo, o que necessita ser apreendido *em sua totalidade!* Abandonai, porque a ciência, como produto do cérebro humano, não passa de um fragmento, e como tal continuará a ser em todos os tempos.

Refletí, — é possível ser a ciência, penosamente apreendida, o caminho para a Dividade? *Que é o saber, de um modo geral?* E' o que o cérebro pode compreender. Mas, como é restrita a faculdade cognitiva do cérebro, entravada nos liames do espaço e do tempo! O cérebro humano é incapaz de apreender a Eternidade e o sentido do infinito, justamente o que se relaciona mais de perto com a Divindade. Pára diante dessa fôrça inapreensível que compenetra todos os seres e da qual o próprio cérebro tira sua atividade; fôrça que todos sentimos diâriamente, a todas as horas, a todos os momentos como algo evidente por si mesmo, e que a ciência sempre confessou existente mas que debalde nos esforçamos para compreender com o cérebro, — logo, com o saber e o entendimento.

E' por conseqüência, bem imperfeita a atividade do cérebro, essa pedra fundamental e instrumento da ciência, sendo necessidade forçosa que essa imperfeição se faça sentir também nos seus produtos, logo, em todas as ciências. Por êsse motivo a ciência é útil *como auxiliar*, para melhor compreensão, divisão e classificação do que lhe foi dado da força criadora que a antecede, tendo porém que fracassar infalivelmente desde que se arrogue a posição de guia ou de crítica, enquanto se prender tão fortemente, como até agora o faz, ao entendimento, isto é, à faculdade cognitiva.

Por êsse motivo a ciência, e, com ela, a humanidade que lhe segue a pista, estará sempre presa a partes insuladas, ao passo que todos possuímos em nosso íntimo a dádiva de um todo inapreensível que nos habilita sem aprendizagem estafante a atingir o que ha-de mais elevado e nobre.

Fora portanto, com a tortura inútil da escravidão espiritual! Não é debalde que o grande Mestre nos adverte: Tornai-vos como crianças!

Quem possui vontade decisiva para o bem e se esforça por emprestar limpidez a seus pensamentos — *já encontrou o caminho que conduz ao sumo bem!* Tudo o mais lhe será concedido. Não necessita nem de livros nem de superpenção espiritual, nem de ascetismo ou de isolamento. Tem a alma e o corpo sadios, liberto do pesadelo da sofistaria malsã, uma vez que é nocivo todo excesso. Sede homens, não plantas cultivadas em estufas, como desenvolvimento vicioso, fanadas ao primeiro perpassar do vento.

Despertai! Abri os olhos para o que vos cerca! Ouvi vosso íntimo! Eis o único meio de abrir o caminho.

Não dai atenção às lutas da igreja. Christo Jesus, o grande Portador da Verdade e encarnação do Amor Divino não se preocupou com as seitas. Que são estas, afinal? Prisões do espírito livre do homem; escravização da centelha divina que se abriga em vosso íntimo; dogmas<sup>(1)</sup> que procuram angustiar a Obra do Criador e seu Amor imenso nas formas amoldadas ao entendimento humano. Tudo isso redundando em rebaixamento e desvalorização da idéia de Deus. Todo investigador sincero é repellido por semelhantes processos que o impossibilitam de participar da grande realidade, tornando cada vez mais improfícua sua

---

(1) Ensinamentos das igrejas

ânsia pela Verdade, levando-o por fim a desesperar do mundo e de si mesmo. Por isso despertai! Destruí os muros dogmáticos que vos atravancam o íntimo; dilacerai as faixas para que a Luz pura do Supremo possa penetrar ilacerada até onde vos encontrais. Então vosso espírito se elevará com regozijo, participando com alegria do grande Amor paterno que desconhece as balisas do entendimento terrestre. Adquirí, finalmente, o conhecimento de que sois uma parte dêsse Amor; que o apreendeis cabalmente e sem canseiras; que vos identificais como ele, — ganhando a todos os momentos novas energias que vos permitem a libertação natural do caos em que vos encontrais.



## DESPERTAI!

**D**espertai do sono pesado, homens! E tornai-vos conscientes do fardo indigno que vos oprime e que pesa sôbre muitos milhões de indivíduos dum modo tenaz e indizível. Deitai-o fora, que não é digno de ser suportado um segundo sequer!

Senão, vejamos: Que encerra em seu bojo? Simples cascas sem substância, que se desfazem tímidamente ao sôpro da Verdade. Empregastes o tempo e as fôrças em uma simples quimera. Por isso arrebetai as correntes que vos seguram; libertai-vos, enfim!

Escravo é quem se encontra acorrentado interiormente, mesmo que seja um soberano.

Tudo o que aprendeis contribue para pear vosso íntimo. Vede: com o estudo obrigais vosso pensamento a se ajustar em moldes pensados por pessoas estranhas; dais assentimento a convicções de outrem; apoderaí-vos apenas do que constitue o íntimo natural de pessoas diferentes. Refletí que o que serve para uma pessoa não serve para todas. O que é útil a êste pode prejudicar aquele. Cada um tem que percorrer seu *próprio* caminho de aperfeiçoamento, sendo os apetrechos adequados suas qualidades naturais. São estas que determinam a direção a ser tomada; sôbre elas é que deverá construir, sem o que terminará por ficar estranho dentro de seu próprio ser, sempre *ao lado* do erudito, o qual, por sua vez, jamais adquirirá vida no seu interior. Sendo assim, como poderá alcançar qualquer vantagem? Vegeta, simplesmente; é impossível um progresso.

Prestai atenção, oh!, vós que esforçais com sinceridade pela Luz e pela Verdade:

O caminho para a Luz tem que ser vivido no interior de cada um; todos têm que descobri-lo *por si próprios* se o quiserem percorrer com segurança. O indivíduo só aprende cabalmente o que êle sente como sendo sua vida interior, em suas menores modificações. A dor e a alegria nos batem continuamente à porta, animando-nos, estimulando-nos, para um despertar espiritual. E por segundos nos libertamos da futilidade da vida comum, pressentindo assim, na felicidade como no sofrimento, inefáveis conexões com o espírito que percorre tudo o que vive.

Mas *tudo* é vida! Nada está morto. Felizes os que apreendem e fixam tais momentos de conexão para se elevarem! Não se demorarão nos moldes rígidos, mas farão que seu próprio íntimo transborde, desenvolvendo-se.

Compadecêi-vos dos zombadores e de todos os que ainda são estranhos à vida espiritual. Não vos irriteis por seu sarcasmo, pois são simplesmente dignos de lástima. Acham-se ante a grandiosa Obra da Criação como bêbados e doentes, alheios a tudo o que ela nos oferece; como cegos que ta teiam pela vida sem aperceberem do esplendor que nos envolve!

Êstes infelizes são uns extraviados; dormem. Pois como é possível haver quem afirme que só existe o que nos cai sob as vistas? Que lá, onde êle nada pode perceber com os olhos, não ha vida. Que o indivíduo deixa de existir com a morte do corpo, sòmente porque seus olhos de cego não puderam convencer-se do contrário? Inúmeros fatos comezinhos não lhe ensinaram ainda quanto é limitada a faculdade da visão? Ainda não sabe que esta se encontra em conexões com a atividade cerebral que é adstrita ao tempo e ao espaço? E que por êsse motivo *não* poderá perceber tudo o que se eleva *acima* do tempo e do espaço? Nenhum

dêses trocistas se apercebeu ainda das bases lógicas do entendimento? A vida espiritual, digamos: a vida do Além é algo inteiramente acima da classificação terrena condicionada pelo tempo e pelo espaço, necessitando por consequência, para ser apreendida, de métodos adequados.

Mais ainda! Nossos olhos são impotentes para perceberem até mesmo o que se encontra no espaço e no tempo. Pensai apenas na gota d'água cuja pureza é atestada pela visão natural, a qual examinada em vidros de aumento patenteia milhões de seres que no seu bojo lutam e se destroem impiedosamente. Não encontramos, também na água e na atmosfera bacilos capazes de destruir o corpo humano, mas que a visão desarmada não consegue perceber? Mas tornam-se perceptíveis por aperfeiçoados instrumentos. Quem se atreverá a afirmar depois disso que não encontrareis coisas novas e ainda agora desconhecidas se aumentais ainda mais êsses instrumentos? Aperfeiçoi seu poder aumentativo milhares e milhões de vezes; a visão jamais encontrará limites, desvendando sempre novos mundos não vistos e não sentidos por vós até então, mas que existiam. As mesmas conclusões lógicas podem ser aplicadas a tudo o que a ciência colecionou até hoje; dá margem a um panorama que se desenvolve permanentemente, porém jamais a um ponto terminal.

Que é o Além? Muitas pessoas se deixam transviar pelo *vocábulo*. O Além é simplesmente tudo o que não é conhecido com recursos terrenos. Recursos terrenos, porém, são os olhos, o cérebro e concernentes ao corpo, e demais instrumentos que contribuem para aumentar a capacidade funcional desses órgãos, ampliando-lhes o campo de atividade. Poderia dizer-se: Além é o que se encontra além da capacidade cognitiva de nossa visão corpórea. *Não ha, porém, separação entre este e outro mundo*, muito menos um abismo! Tudo constitue um só conjunto, como a to-

talidade da Criação. Uma fôrça única percorre ambos os mundos, tudo se vivifica com essa corrente vital, ligando-se indissolivelmente. E' isso que explica o seguinte: quando uma parte do conjunto adocece, o efeito (do mesmo modo que num organismo) se faz sentir em outra parte. Elementos enfermos desta outra parte passam para o local afetado segundo a Lei da atração da igual-espécie, o que contribue para aumentar ainda mais a doença. Se esta se tornar incurável surge a necessidade de amputar violentamente o membro para que o conjunto não venha a sofrer permanentemente. O necessário, em semelhante anormalidade é o efeito da reação da saúde, o que às vezes é impossível, dada a disposição anômala das partes.

Por êsse motivo reformai-vos! Não ha dois mundos mas apenas um Ser único. A idéia da separação foi inventada pelo homem que é incapaz de ver tudo e que se considera o ponto central e primordial de seu ambiente visível. Porém seu raio de ação é maior. Com o conceito errôneo da separação restringe-se, simplesmente, impede seu progresso, soltando a fantasia desenfreada que vai dar em imagens monstruosas. Que ha de admirável, portanto, se depois de tudo isso muitos indivíduos só são capazes de um riso incrédulo, outros de uma adoração mórbida que degenera em escravidão ou fanatismo? Ou do terror, sim, do pavor, que aumenta em muitos indivíduos? Libertai-vos de tudo isso. Para que tamanho martírio? Demolí as barreiras que os erros humanos procuram levantar, barreiras estas que nunca existiram. A orientação errônea em que vos encontráis até agora oferece-vos também falsos alicerces sôbre os quais inútilmente tentais erigir a verdadeira fé, isto é, a convicção interior. Daí os tropeços que vos tornam indecisos, vacilantes, obrigando-vos a demolir todo o edifício para depois, talvez, abandona-lo com gesto de renúncia ou rancor. O prejuizo é exclusivamente vosso porque não

progredís; vossa atitude vale por estacionamento ou regresso. E com isso aumentais o caminho que ainda tendes de percorrer algum dia.

Quando houverdes finalmente apreendido a Criação em sua realidade, como um todo sem nenhuma separação entre êste e o outro mundo, estareis no verdadeiro caminho, próximo cada vez mais da meta desejada, satisfeitos e alegres com a ascensão. Podeis então sentir e compreender muito melhor as reações recíprocas que pulsam através de todo Ser, pois toda ação é impulsionada e mantida por essa Fôrça única. E' então que a Luz da Verdade começa a brilhar para vós!

Reconhecereis em pouco tempo que a comodidade e a preguiça são muitas vezes as causas do escárneo, visto custar esforço ter que abandonar o aprendido e pensado até então para que seja reconstruído tudo de novo. E' incômodo porque vem estorvar a rotina de muitos. Deixai-os; não vos irritéis, mas sede úteis com o vosso saber aos que não se satisfazem com os gozos passageiros, os que procuram na existência terrena *mais* do que (semelhantes nisto aos animais) a satisfação dos apetites corpóreos. Dai-lhes o conhecimento que adquirirdes, para que o tesouro não permaneça enterrado, pois a dádiva contribue recíprocamente para que vosso saber se torne mais forte e opulento.

No Universo opera uma Lei eterna: em se tratando de valores permanentes só temos a ganhar com as dádivas por nós feitas. Essa Lei é de ação profunda; penetra em toda a Criação, como legado sagrado do Criador. Ajudar desinteressadamente sempre que houver necessidade; ter compaixão pelo sofrimento e pelas fraquezas do próximo — eis o verdadeiro lucro, por ser o caminho direto para a ascensão!

Só almejar semelhante meta já vos traz imediatamente auxílio, fôrça. Um único desejo sincero para o bem será como um gládio de fogo manejado do lado do outro mundo,

ainda invisível para vós, que já desfaz a barreira erigida por vosso pensamento em frente ao invisível, porque já constituís um todo único e indissolúvel com o Além tão temido, negado e desejado.

Experimentai-o; vossos pensamentos são os mensageiros que enviais, e que regressam com a pesada carga de vossas locubrações — quer tenham sido para o bem, quer para o mal. E' assim que se processa. Imaginai que vossos pensamentos são coisas, que adquirem conformação espiritual, se concretizam freqüentemente e que sobrevivem à vida terrena de vosso corpo — e muita coisa se tornará clara. Daí a justeza do dito: Porque suas obras o seguirão! As criações do pensamento são obras que vos hão-de esperar, que em tôrno de vós formam auréolas claras ou turvas, pelas quais tereis que atravessar em vossa passagem para o mundo espiritual. Sois autônomos; por êsse motivo nenhum auxílio vos poderá chegar do exterior. O primeiro passo para tudo tem que ser dado por vós próprios, o que não é difícil, dependendo apenas da vontade que se anuncia por pensamentos. Assim tendes em vós mesmos o céu e o inferno.

A decisão depende de vós, mas tendes de arcar incondicionalmente com as conseqüências de vossos pensamentos e resoluções. As conseqüências são criadas por vós próprios. Por isso vos advirto: conservai limpo o foco de vossos pensamentos! Com isto distribuís paz e sereis felizes.

E' preciso não esquecer que cada pensamento emitido atrai em seu percurso todos os da mesma espécie ou se incorpora a outros, com o que fica cada vez mais reforçado, indo atingir finalmente um alvo, um cérebro que talvez só por alguns segundos se desnortasse, dando com isso ocasião para que semelhantes fórmulas de pensamento que assim vagueiam penetrem em seu íntimo, atuando de acôrdo com sua contextura. Imaginai a responsabilidade que recai

sôbre vós, se o pensamento vem a transformar-se em ato nesse alguém em que fôra atuar! Semelhante responsabilidade se manifesta pelo fato de conservarem todos os pensamentos constante união convosco, tal qual um fio que não se rompe, voltando depois com a fôrça adquirida em caminho, agravando-vos ou fazendo-vos feliz, conforme a espécie que emitistes.

Encontramo-nos assim no mundo de pensamentos, e com nosso modo de pensar damos lugar a pensamentos que se assemelham. Por isso não desperdiçai semelhante fôrça, mas concentraí-a para a defesa e para que possais alcançar pensamentos *agudos* que partem para o exterior como lanças, atuando sôbre todas as coisas. Confeccionai dêsse modo com vossos pensamentos a *Lança Sagrada* que combate pelo bem, cicatriza feridas e impulsiona toda a Criação!

Empregai, portanto, vossos pensamentos para agir e progredir! Para isso, porém, tereis que abalar algumas colunas que suportam concepções antigas. Algumas vezes é um conceito mal apreendido que não atina com o verdadeiro caminho; tem que voltar ao ponto de partida. Um clarão rápido derruba todo o edifício que custara decênios, tendo o indivíduo que voltar à obra depois do atordoamento mais ou menos demorado. E' *obrigado* a assim proceder, porque no Universo não ha inatividade.

Tomemos por exemplo o conceito do tempo: o tempo passa! Os tempos mudam! Assim exclamam os homens por toda a parte; e surge involuntariamente em nosso em nosso espírito uma imagem: *vemos tempos diferentes que se sucedem!* Essa imagem torna-se hábito, sendo para muitas pessoas os fundamentos sôbre os quais constroem seus pensamentos e locubrações. Mas não demora muito e surgem obstáculos que se contradizem. Nem a melhor boa-vontade poderá então encontrar o verdadeiro caminho. Perdem-

se: e as lacunas não podem ser preenchidas, a-pesar-dos esforços para tal. Quanta gente, então, pensa que devemos recorrer à *fé*, uma vez que o pensamento lógico é insuficiente. Mas isto é errado! Ninguém deve crer em o que não pode compreender! Portanto, é necessário que nos esforcemos por compreender, do contrário abriremos entrada para erros, o que trará como resultado uma desvalorização da Verdade.

Fé sem compreensão é preguiça e desleixo mental! Não eleva o espírito, abafa-o. Por isso levantai a vista; temos que examinar, averiguar. Não é em vão que temos em nós o impulso para isso.

O tempo! Passará realmente? Porque motivo vamos esbarrar em obstáculos quando queremos prosseguir com semelhante asserção? E' simples: trata-se de um pensamento *falso*, porque *o tempo é estacionário!* Somos nós que marchamos ao seu encontro; lançamo-nos no tempo, que é eterno, e procuramos nele a Verdade. O tempo é imoto. E' o mesmo hoje, ontem, como daqui ha mil anos! Sòmente as fórmulas variam. Mergulhamos no tempo para colhêr em seu regaço as recordações que encerra, a fim de ampliar nosso saber com a coleção adquirida pelo tempo, pois nada ficou perdido, tudo aí se encontra devidamente anotado. O tempo não mudou, porque é eterno; e tu, homem; és também sempre o mesmo, quer apareças como criança quer como velho. E's quem és! Tu mesmo já não o percebeste? Ainda não sentiste a distinção entre a fórmula e teu "eu", entre o corpo que está sujeito a transformações e teu próprio, isto, o espírito que é eterno?

Procurareis a Verdade! Que é a Verdade? O que hoje admitís como tal negareis amanhã como erro, para mais tarde descobirdes ainda que êsses erros encerram alguns grãos de verdade! Pois as próprias revelações se transmudam. E' isso que se dá quando pesquisais com sin-



ceridade e constância; mas em meio de tantas modificações alcançais a maturidade.

A Verdade, porém, é sempre a mesma; não se transforma porque é eterna, não podendo jamais ser cabalmente apreendida pelo entendimento que só conhece as modificações de fôrma. Por êsse motivo espiritualizai-vos! Libertai-vos dos pensamentos terrenos e tereis a Verdade, estareis na Verdade, banhando-vos perenemente na Luz pura que irradia, porque então a Verdade vos envolve completamente. Espiritualizar-se é mergulhar nesse elemento. Não tereis mais necessidade de aprender penosamente as ciências nem de receiar erros, porque a verdade contém em si a resposta de todas as perguntas; mais ainda: para vós, deixa de haver problemas, pois tudo sabeis sem necessidade pensamento, tudo compreendeis, porque vosso espírito *vive* na Luz pura, na Verdade!

Por isso sede espiritualmente livres! Arrebetai as algemas que vos oprimem, e regozijai com os obstáculos porque vos significam o caminho para a liberdade e para a fôrça! Se os considerardes como uma dádiva da qual podeis tirar lucros, sem o menor esforço conseguireis superá-los, quer sejam tais obstáculos pretextos para que possais desenvolver-vos, o que trará como resultado o aperfeiçoamento da aparelhagem para a ascensão, quer sejam efeitos de retôrno de alguma culpa anterior, a qual ficará redimida com vossa libertação. Em ambos os casos vos proporcionará progresso. Alegremente, pois! E' da salvação que se trata!

E' tolice falar em golpe de destino ou provações. Qualquer luta ou sofrimento é progresso; ocasiões para destruir sombras de erros anteriores, porque a êsse respeito não ha a menor concessão pois a circulação das Leis eternas é inamovível no Universo, onde se manifesta a Vontade criadora do Pai que nos perdoa e ilumina.

A menor infração a essas Leis reduziria o mundo a destroços, de tal modo e com tal sabedoria estão dispostas todas as coisas.

Não será de desanimar, então, ante semelhante liquidação de dívidas, se o número das mesmas for inumerável?

Podeis iniciar a tarefa com confiança e alegria, uma vez que sois *sinceros*, porque é possível o *equilíbrio* graças à corrente inversa de uma fôrça da boa-vontade que se torna viva e se transforma no espírito em arma poderosa (do mesmo modo que todas as outras fôrmas psíquicas) capaz de dissipar trevas e obstáculos, fazendo que o “eu” seja conduzido para a Luz!

Fôrça de querer! E’ nisto que se encontra uma potência por muitos desconhecida quanto ao seu valor que, como iman que nunca falha, atrai as fôrças da mesma espécie, avolumando-se como uma avalanche, e unida a outras fôrças espirituais a ela semelhantes, age retroativamente até alcançar novamente o ponto de partida, logo, a origem, o gerador, elevando-o para a Luz ou precipitando-o na imundície, conforme a vontade inicial. Quem conhece essa ação recíproca constante e infalível que se manifesta em toda a Criação com a máxima precisão — sabe utilizar-se dela, tem que amá-la pelo que pode alcançar, ou temê-la em suas conseqüências. Conformará aos poucos o mundo invisível que o cerca, pois ha-de sentir seus efeitos com clareza que não deixa lugar à menor dúvida. Sentirá as fortes ondas dessa atividade incessante que o enlaçam ao grande Universo, vendo-se por fim como foco de uma possante corrente, à semelhança de um foco de lente onde se encontram os raios solares, dando nascimento a uma fôrça inflamável que tudo pode arrasar, mas também capaz de curar e vivificar; deramando-se em bênçãos ou ascendendo um fogo abrasador. *Somos como essas lentes*, capazes de, por meio de nossa vontade, concentrar essas correntes invisíveis que nos atingem,

dirigindo-as assim reunidas a fins benéficos ou nocivos, levando à humanidade o bem ou a destruição. Podemos e devemos, por êsse motivo, acender nas almas o fogo do entusiasmo para o bem, para o que é nobre, para a perfeição.

Para isso basta apenas a fôrça do querer que de um certo modo faz o homem o rei da Criação, para determinação de seu próprio destino. Sua própria vontade será causadora de sua destruição ou salvamento, recompensa ou castigo, o que se dará com certeza inexorável.

Nenhum receio, porém, de que semelhante conhecimento vos possa afastar do Criador ou que possa enfraquecer vossa fé. Pelo contrário. O conhecimento dessas Leis eternas que poderemos utilizar, faz que a obra da Criação se nos afigure muito mais sublime, obriga o investigador sincero à reverência!

Então os homens deixarão de desejar o mal; recorrerão com alegria ao melhor esteio que se encontra ao seu alcance: ao amor! Amor à Criação maravilhosa; amor ao próximo, afim de conduzí-lo também à magnificência dêsse gôzo e à consciência própria da fôrça!

## O SILÊNCIO

Não exterioriza imediatamente um pensamento, todas as vezes que começar a palpitar em teu íntimo, mas alimenta-o. Detém-no, porque o silêncio o reforça, do mesmo modo que se reforça o vapor d'água quando comprimido.

A pressão e a compressão dão nascimento à propriedade magnética segundo a Lei de serem os mais fracos atraídos pelos mais fortes. As fórmulas mentais semelhantes serão atraídas de todas as partes, retidas, reforçando com isso cada vez mais o pensamento primitivo, sem impedir, no entanto, que a fórmula primeira se modifique, adquirindo polimento e traços maduros e definidos. Sentes perfeitamente tudo isto, mas sempre pensas que somente a tua vontade é que impera, quando, de fato, *em todas as coisas nunca dás inteiramente tua própria vontade; sempre ha algo estranho.*

Que poderás concluir disso?

A certeza de que somente com a junção de muitas unidades poderás criar algo perfeito. Criar? Será essa a expressão adequada? Não, porém *dar fórmula*, porque, de fato, nunca se opera criação mas apenas reconformação das coisas, pois tudo já se encontra como existente na Criação grandiosa. Resta apenas conduzir essas unidades ao caminho do aperfeiçoamento, condicionado pela conjunção de todas elas.

*Conjunção!* Não passa apressado por semelhante conceito, mas aprofunda-o, porque a perfeição e o amadu-

recimento são alcançados por intermédio da conjunção. Encontra-se semelhante asserção no Universo como uma jóia que deseja ser levantada! Está intimamente relacionada com a lei de que sòmente em dar recebe-se. E que condiciona a justa apreensão de semelhante sentença? Vivê-la profundamente? O Amor! Por êsse motivo o amor constitui a fôrça mais poderosa e ilimitada dentro do mistério do grande Ser!

Assim como a conjunção dá fôrma e polimento a um único pensamento, do mesmo modo os indivíduos e o conjunto da Criação passam, pelo poder do querer, por novas transformações, em conexões inumeráveis, seguindo assim na trilha do aperfeiçoamento.

Um indivíduo isolado não pode oferecer-te a perfeição; mas sim, a humanidade inteira, na multiplicidade de suas características! Cada um de nós possui algo que pertence incondicionalmente ao conjunto. E' isso que explica o fato de uma pessoa que já alcançou considerável progresso — tendo superado todos os apetites terrenos — sentir amor por toda a humanidade, e não por êste e por aquele indivíduo isolado, pois sòmente toda humanidade pode fazer vibrar em harmonia celeste as cordas libertadas de sua alma. Possui a harmonia em seu íntimo porque todas as cordas vibram harmônicamente!

Retornemos ao pensamento que atraiu a si as fôrmas estranhas, tornando-se assim cada vez mais forte. Finalmente, transborda em ondas de fôrça, enèrgicamente concentradas, saindo de ti, rompendo a aura que te envolve e fazendo sentir uma influência sòbre o teu ambiente mais próximo.

E' o que se chama comumente magnetismo pessoal. Os inexpertos dizem: "Irradias algo!" Conforme o indivíduo essa alguma coisa é agradável ou não, atrativa ou repulsiva, mas o que é inegável é que todos a sentem!

Nada irradias, porém! O que ocasionou um tal sentimento em outras pessoas foi de atraíres os de igual-espécie, magnéticamente, e é isso que as demais pessoas sentem. No fundo, porém, ha a ação recíproca, percebendo claramente essa pessoa a tua fôrça, uma vez em ligação contigo, do que resulta o despertar da “simpatia”.

Jamais esqueças o seguinte: Tudo o que é espiritual (expresso em nossos conceitos) é magnético; e bem sabes que sempre o mais fraco é atraído pelo mais forte, que o sobrepuja e absorve. Por êsse motivo “é tirado dos pobres (fracos) até mesmo o pouco que possuem”. Encontra-se dependendo dos outros.

Não há nisso nenhuma injustiça, mas apenas a Lei Divina. Basta que o indivíduo saiba decidir-se e querer com acêrto para que fique a coberto de tudo isso.

Certamente lançarás a pergunta: e se todos desejarem ser fortes? E se não houver mais ninguém a quem possa ser tirado algo? Então, meu caro, *haverá um intercâmbio espontâneo*, porque tudo repousa na Lei de que sômente dando é que se pode receber. Não haverá por êsse motivo solução de continuidade; apenas tudo o que tiver um valor inferior, será aniquilado.

Acontece, porém, que a indolência faz que muitos se tornem espiritualmente dependentes, chegando freqüentes vezes a se tornarem incapazes de elaborar pensamentos próprios.

O que convém salientar é que sômente o de igual-espécie é atraído. Daí o provérbio: “Cada um procura seus semelhantes”. Os que gostam de bebidas, sabem como encontrar-se; os fumadores nutrem “simpatias” mútuas; os palavreiros, os jogadores do mesmo modo, etc. Mas os nobres também se encontram para os intuitos alevantados.

Ainda há mais: Todo esforço espiritual termina por uma ação *física*, pois ha transição entre o espírito e a matéria

grosseira, razão porque convém ter em mente sempre a Lei da ação de retôrno, porque o pensamento se conserva sempre ligado à fonte inicial, ocasionando essa ligação efeitos retroativos.

Refiro-me apenas aos pensamentos *reais*, os que encerram em si a fôrça vital da intuição psíquica, e não ao desperdício da substância cerebral confiada a ti como instrumento, desperdício que consiste na formação de pensamentos que em balbúrdia selvagem se assemelham a emanações imprecisas que se desfazem felizmente em pouco tempo. Semelhantes pensamentos te custam tempo e fôrça, e com isso desperdiças um bem que te fôra confiado.

Se, por exemplo, meditares, sinceramente sôbre determinado tema, semelhante pensamento se reforçará no teu íntimo magnêticamente, graças ao poder do silêncio; atrairá todos os seus semelhantes, frutificando. Amadurece e sã do círculo das coisas banais, penetra mesmo em outras esferas, adquirindo aí a afluência de pensamentos mais elevados... a inspiração! Na inspiração é necessário que o pensamento fundamental parta de ti próprio, em oposição à medialidade; é preciso que constitua uma ponte que te ponha em contacto com o Além, o mundo espiritual, para que possas ficar em condições de abeberar-te aí conscientemente dum manancial. Por isso a inspiração nada tem que ver com a medialidade, pois por meio daquela o pensamento amadurece em teu íntimo. Avanças para a realização e *trazes condensado por tua fôrça* o que já pairava anteriormente no conjunto cósmico como fôrmas de pensamento em inúmeras unidades dispersas.

Dêsse modo crias uma *nova fôrma* por meio da conjunção e da condensação do que espiritualmente já existia, pois no conjunto da Criação tudo é eterno e indestrutível; sômente as fôrmas variam.

Acautela-te dos pensamentos confusos e superficiais!

A irreflexão é amargamente paga, porque em pouco tempo te verás reduzido à condição de arena de influências estranhas, com o que facilmente te tornarás irritável, caprichoso e injusto para com os que te cercam.

Se fôres senhor de um pensamento real e se o retiverdes, a fôrça assim retida e ampliada tomará finalmente rumo da realidade, porque todos os processos têm seu reflexo no Espírito, uma vez que *toda fôrça é apenas espiritual!* O que tua vista alcança são apenas as últimas manifestações de um processo magnético-espiritual anterior que segue sua marcha predeterminada e iniforme.

Senão, observa; e, se pensares e sentires obterás em pouco tempo a prova de que a verdadeira vida é na verdade *apenas* a espiritual, base única da origem e do desenvolvimento das coisas. Chegarás dêsse modo à conclusão de que tudo o que vês com os olhos do corpo não passa, de fato, de efeitos do Espírito que eternamente impulsiona o conjunto da Criação.

Até mesmo as menores ações e movimentos de uma pessoa são sempre precedidos de uma vontade puramente espiritual. O corpo não passa de um instrumento vivo que só adquiriu consistência por intermédio da fôrça do Espírito. O mesmo acontece com as árvores, as pedras e toda a Terra: tudo é animado pelo espírito criador que penetra em todas as partes e as impulsiona.

Mas, uma vez que toda a matéria — isto é, o que é visível aos olhos do corpo — não passa de manifestações da vida espiritual, não te seria difícil concluir que as *relações terrenas* serão condicionadas pelo modo de ser da vida espiritual que nos envolve *pròximamente*. A conclusão lógica é evidente: essa disposição sábia das coisas entrega à própria humanidade o poder de formar autonômicamente essas relações com a Fôrça do Criador. Feliz do



que a sabe aproveitar para o bem; mas ai dos que as transviam para o mal!

Os desejos terrenos envolvem e obscurecem o Espírito, aderindo como escórias que o sobrecarregam e deprimem. Seus pensamentos são, por consequência, atos de vontade nos quais repousa a fôrça do Espírito. *O homem traz consigo o arbútrio de pensar par o bem ou para o mal, podendo, por consequência, dirigir a Fôrça Divina para uma das duas direções!* Nisso se baseia a responsabilidade, porque a recompensa ou o castigo não deixarão de vir, uma vez que todas as consequências do pensamento voltam ao ponto de partida pela Lei da Reciprocidade que jamais falha, sendo inamovível e inexorável, portanto: justa, severa, incorruptível. E não serão êstes os atributos que emprestamos a Deus?

O fato de inúmeros ímpios negarem qualquer Divindade não modifica em nada a asserção acima enunciada. Basta que os homens abandonem a pequenina palavra “Deus” e mergulhem com sinceridade no estudo da ciência: irão encontrar aí *justamente a mesma coisa* expressa em outros termos. Não é, portanto, irrisório brigar por uma tal coisa? Ninguém consegue ir de encontro às Leis Naturais; ninguém pode escapar à sua influência. Deus é a Fôrça que impulsiona as Leis Naturais, a Fôrça que ninguém ainda apreendeu ou viu, cujas *ações*, porém, todos vemos diàrimente, a todas as horas, até mesmo nas frações de segundo; podemos sentí-las e observá-las, uma vez que o *queiramos*, em nós mesmos, nos animais, nas árvores, em todas as fibras de qualquer folha quando rompe o invólucro em procura da luz. Não é cegueira opor-se a existência dessa Fôrça, quando está ao alcance de qualquer pessoa, até mesmo dêses negadores teimosos, certificar-se e convencer-se de sua realidade? Que impede de dar a denominação “Deus” a essa Fôrça assim reconhecida?

Teimosia infantil ou uma espécie de vergonha, por terem que confessar que está patente e incontrastável o que por tanto tempo procuraram negar como existente?

Certamente nada disso. A causa se encontraria provavelmente no fato de terem sido apresentadas à humanidade tantas deformações da Divindade que se torna impossível conciliá-las, mesmo que se empregue boa vontade e sinceridade para isso. A Fôrça Divina que tudo abrange e em tudo penetra, fica diminuída e desvalorizada sempre que a comprimem numa determinada imagem!

A reflexão aprofundada não consegue amoldar nenhuma imagem justamente porque todos os indivíduos têm em seu íntimo o pensamento da Divindade, razão por que se opõem apreensivamente contra a restrição dessa Fôrça grandiosa e incompreensível que os gerou e conduz.

O *dogma* é grandemente culpado em relação aos que, no conflito interior, procuram ir além de toda medida, até mesmo com prejuízo das próprias convicções.

Aproxima-se, porém, a hora do despertar espiritual! A hora em que interpretaremos com acêrto as Palavras do Salvador e sua grande Obra de redenção, porque Christo nos trouxe a libertação das Trevas ao apontar-nos o caminho da Verdade, mostrando-nos como homem o caminho para as alturas luminosas! Foi com seu sangue na Cruz que êle imprimiu o sêlo de suas convicções.

A Verdade jamais deixou de ser o que então era e ainda hoje é e o que será daqui a dezenas de milhares de anos, porque a Verdade é eterna!

Por êsse motivo, aprende a conhecer as Leis que se encontram no grande livro da Criação. Submeter-se-lhes é amar a Deus! Com isso não ocasionarás nenhuma desarmonia no conjunto, mas contribuirás para que o acorde vibrante atinja toda sua amplitude.

Quer digas: “Submeto-me voluntariamente às Leis da Natureza porque assim fazendo contribuo para o meu bem”, ou declares: “Entrego-me à Vontade de Deus, revelada nas Leis da Natureza,, ou à Fôrça inapreensível que impulsiona as Leis Naturais”... haverá diferença em seus efeitos? A Fôrça aí está e tu a reconheces; *precisas* reconhecê-la, porque não poderás deixar de fazê-lo, uma vez que reflitas... e com isso reconheces teu Deus, o Criador!

Essa fôrça atua em ti também ao pensar. Por êsse motivo não a degrades para o mal, mas pensa sempre para o bem. Jamais esqueças: aplicas Energia Divina sempre que pensas, fôrça que te torna capaz de alcançar o que ha de mais elevado e puro.

Não esqueças também de que todas as conseqüências de teu pensamento recairão sempre sôbre ti, segundo a fôrça, a grandeza e a extensão de seu *efeito* tanto para o bem como para o mal.

Uma vez que o pensamento é *espiritual*, as conseqüências também o serão. Attingir-te-ão por conseqüência, quer te encontres na Terra, quer seja depois de tua partida, no Espiritual. Por serem espirituais não se encontram ligadas à matéria. Isso indica que *a decomposição do corpo não exime do pagamento*. A recompensa de retôrno é fatal, mais cedo ou mais tarde, nestas ou naquelas condições. As ligações espirituais se afirmam em todas as tuas obras, porque até mesmo as ações terrenas, materiais, se originam do espírito por intermédio do pensamento que as ocasiona, e persistem até mesmo quando houver passado toda a porção terrena. Daí a veracidade do dito: “Tuas obras te esperam, uma vez que ainda não te atingiram pela ação de retôrno.”

Se no decorrer dessa ação te encontrares ainda ou novamente sôbre a Terra, as conseqüências se farão sentir no ambiente ou diretamente sôbre teu corpo por intermédio

das relações apontadas, *conforme a espécie*, benignas ou malélicas.

Mais uma vez seja aqui apontado muito especialmente o seguinte: *a verdadeira vida se processa no Espiritual*, e esta desconhece o tempo e o espaço, e, por isso mesmo, separação. Encontra-se acima dos conceitos terrenos. As conseqüências te atingirão onde quer que te encontres, quando pelas Leis eternas a ação voltar ao ponto de partida. Nada se perde, infalivelmente tudo volta.

E' isso que vem responder à pergunta tantas vezes enunciada de como é possível que indivíduos visivelmente bons tenham que suportar sofrimentos na vida terrena, o que faz pensar numa injustiça. *E' o desempenho do que lhe tinha que atingir!*

Agora conheces a resposta a essa pergunta; teu corpo ocasional não representa nenhum papel em tudo isso. Não és teu corpo; este não é o teu "eu", senão um simples instrumento que escolheste ou que foste obrigado a tomar segundo as Leis oscilantes da vida espiritual a que poderás também dar o nome de Leis cósmicas se assim achares mais compreensível. A vida terrena é um breve espaço de tempo de tua existência real.

Semelhante asserção seria verdadeiramente aterradora se não houvesse nenhuma saída, nenhuma força que a neutralizasse. Quantos deveriam desanimar ao despertarem para o espiritual, desejando que ainda perdurasse o sono da rotina! Ignoram tudo o que os espera, o que ainda os atingirá pela ação de retôrno, ou, como em geral se diz, "o que ainda têm que remir!"

Confiança! Porque com o despertar é-te indicado na sábia disposição da grandiosa Criação um caminho, graças àquela *força do bem-querer*, a que já me referi particularmente, que atenua os perigos do Karma compensador, quando não os neutraliza. Também isso te foi dado pelo

Espírito do Pai. A fôrça do bem-querer cria em teu redor um círculo capaz de destruir a ação nociva do mal, ou a atenua consideravelmente, do mesmo modo que a camada de ar protege a Terra. A fôrça do bem-querer, porém, êsse anteparo poderoso, é estimulada e reforçada pelo poder do silêncio.

Por êsse motivo, com empenho, advirto mais uma vez aos que procuram:

Conservai pura a séde de vossos pensamentos, praticando antes de tudo o grande poder do silêncio, se quiserdes progredir.

O Pai já vos deu em mãos a Fôrça apropriada! Basta sòmente saberdes utilizar-vos dela.

## ASCENSÃO

**A**bri os olhos, oh! vós que vos esforçais para o conhecimento; abandonai êsse emaranhado que vos entrava!

Pesa sôbre vós o lastro inamovível da expiação, a que não podeis fugir nem passar a outra pessoa, lastro que vós próprios acumulais por palavras, atos, ou pensamentos. Refleti na verdade dessa asserção, porque se fôsse por outro modo a Justiça Divina seria uma simples casca sem conteúdo, o que reduziria tudo o mais a ruínas.

Por isso libertai-vos! Ponde imediatamente em prática a decisão de dar um fim a essa necessidade de expiação, porque a vontade sincera conduz à libertação, a vontade para o bem, para o melhor, reforçada pela oração verdadeiramente sentida.

Sem essa vontade sincera e firme para o bem jamais poderá dar-se a expiação. Tudo o que é inferior persistirá, alimentando-se continuamente, o que dará como resultado a necessidade de novas expiações, de fôrma que isso que se renova nos parecerá um *único* vício ou sofrimento. No entanto não passa de uma cadeia sem fim, com elos que se sucedem sem haver interrupção. Não poderá haver libertação porque sempre a expiação será exigida como necessidade. E' como uma cadeia que vos traz presos ao solo, donde o perigo de que vos aprofundais ainda mais. Por êsse motivo decidí-vos logo para as boas ações, oh! vós que

ainda vos encontrais aquí ou quantos, pelo vosso conceito, já se encontram no Além! A boa vontade persistente *tem* que dar um fim à expiação, não dando, o que se esforça com boa vontade e com bons atos, motivo para nova expiação. Daí a libertação que conduz à ascensão para a Luz. *Ouvi a advertência! Não ha outro caminho para vós! Para ninguém!*

Com isso também cada um adquire a certeza de que nunca é tarde demais. Os fatos isolados por certo precisam ser expiados, mas desde o momento em que iniciais com sinceridade o caminho do bem, terá comêço a vossa ascensão e afirmais o marco para o fim da expiação de vossas culpas; confiai: êsse fim terá que vir. Então podereis entregar-vos com alegria ao trabalho da neutralização das culpas, porque tudo o que vos acontecer contribuirá para a salvação, para que fique mais próxima a hora da libertação.

Compreendeis agora o valor do conselho de iniciar com todo ardor o caminho dos pensamentos puros e do bem-querer? De não abandonar a emprêsa em meio, senão persistir com energia? Contribue para elevar-vos! Transforma-vos a vós e ao vosso ambiente. Refletí que a passagem pela Terra é uma curta aprendizagem que não termina com a morte do corpo. Ou tereis morte eterna, ou vida eterna! Felicidade perene ou sofrimento sem fim! Prossiga em seu caminho quem julgar que com o sepultamento terreno está tudo acabado; só conseguirá iludir-se a si mesmo, até que se veja com pavor ante a Verdade... obrigado a começar o caminho do sofrimento! Seu próprio ser, desprovido do invólucro corpóreo, cujo espessamento o contornava com um muro, será então atraído pelos de igual-especie, envolvido e detido.

Será mais difícil e por algum tempo impossível a decisão para o bem e para o melhor, que ha-de levar-vos à felicidade superior, porque vos encontrais sob as influências

do meio onde não ha pensamentos luminosos que vos possam amparar e dar incremento. O sofrimento será duplo em tais condições.

Por essa razão o progresso é muito mais difícil do que em se tratando da carne e do sangue, onde o bem e o mal andam a par, o que só é possível pela proteção do corpo terreno porque... a vida terrena é uma escola na qual o “eu” encontra em sua própria deliberação autônoma a possibilidade de progredir. Por isso: decidi-vos! Os frutos de vossos pensamentos vos atingirão, aquí ou além; vós os saboreareis; ninguém escapará da veracidade de semelhante asserção. De que vos serve diante desta realidade esconder tímidamente, como o avestruz, a cabeça na areia? Encarai os fatos com coragem, porque com isso facilitais a emprêsa pois aquí é mais fácil progredir. Iniciai-a logo, mas conscientes de que precisais saldar todo o passado. Não convém seguir o exemplo dos tolos que julgam que a felicidade nos entra imediatamente pela janela. Quantos de vós não têm uma cadeia enorme a saldar! A demora, porém, redundará em prejuizo próprio porque nada lhes será descontado ou diminuído. Apenas fica tudo mais difícil, ficando a solução impossível talvez por muito tempo. O pensamento de que não devemos perder um só momento lhes deve servir de estímulo porque com o primeiro passo começará para êles a verdadeira vida. Felizes dos que se decidem, pois se verão livres, elo a elo, podendo progredir a passos de gigante, cheios de júbilo e de agradecimento até vencer os últimos obstáculos, porque se libertarão.

Não serão afastadas do caminho as pedras que suas ruins ações acumularam como um muro, impedindo-lhes a marcha; pelo contrário, ser-lhes-ão apresentadas cuidadosamente, para que as reconheçam e as vençam, visto necessitarem neutralizar todos os erros. Mas será com espanto e admiração que lhes será revelado o amor que os ampara logo



que demonstrarem boa vontade. O caminho lhes será aliviado com zelo delicado, do mesmo modo que as mães quando seus filhos iniciam os primeiros passos. Se ha certas coisas no passado que os atemorizam intimamente e que preferiam deixar em esquecimento... ei-las em frente! Urge decidir, agir. Visivelmente são forçados a assim proceder; e uma vez encorajados a dar o primeiro passo com a confiança na vitória da boa vontade, desmanchar-se-á o nó fatídico e proseguirão libertados.

Mal, porém, seja apagada uma das culpas, surgirá outra sob fôrma diferente, que também reclama a sua parte. E dêsse modo serão vencidas as séries que tendiam a angustiá-los e oprimí-los. Sentir-se-ão tão aliviados! O sentimento de leveza que certamente já experimentastes, não é illusório mas efeito de um fato real. O espírito assim liberto da opressão subirá fácil e rapidamente segundo a Lei da Gravidade espiritual à região a que por sua própria natureza pertence. E dêsse modo progredirá constantemente ao encontro da Luz suspirada. As más ações oprimem o espírito e o tornam pesado; as boas elevam-no.

Jesus, o grande Mestre, já vos mostrou o singelo caminho que conduz infalivelmente à meta; pois profunda Verdade encerram as palavras: *Ama o teu próximo como a ti mesmo.*

Com isso Jesus entregou-nos a chave para a Verdade, para a ascensão. Como assim? Com a veracidade da asserção de que o que fizerdes ao próximo fazeis de fato a vós próprios, a vós somente, pois tudo retorna sobre vós, quer bons ou maus efeitos, nesta ou noutra vida. Não ha como evitar isso, sendo-vos apontado o caminho mais simples, o caminho das boas ações. Dareis ao próximo vosso próprio ser, vosso modo particular de existir, e não o que porventura ofertais, dinheiro, por exemplo, ou bens. Se assim não fôsse ficariam excluídos os pobres; e nesse ser que *se dá* no con-

vívio com o próximo, nas atenções, no aprêço que voluntariamente lhes dispensais, encontra-se o “amor” de que nos fala Jesus, encontra-se também o auxílio que prestais ao próximo, visto tornar-se com isso apto para modificar-se ou para prosseguir na ascensão fortificado.

As irradiações de retroação vos farão progredir com rapidez. Com elas vos fortificais constantemente, sendo-vos possível, num susurro de asas, dirigir para a Luz entrevista ao longe...

Tolos os que ainda perguntam: “E que lucro terei eu por modificar-me, abandonando tantos hábitos antigos?” Trata-se, porventura, de algum pacto comercial que precise ser firmado? Mesmo que o lucro fôsse apenas humano, elevando-os a camadas mais altas, já seria apreciável. Mas é infinitamente maior! Repito: com a resolução do bem-querer todos nós afirmamos a pedra final da expiação inevitável. Ninguém nos poderá substituir. Quem tal fizer marcará um fim calculável a essa necessidade de expiação, o que só por si ultrapassa em valia todos os tesouros do Mundo. Libertai-vos dos grilhões a que se ligara. Despertai do sono que enerva!

Despertai, portanto, dêsse entorpecimento! Libertai-vos da ilusão que vos paraliza a imaginação, de que a libertação por intermédio do Salvador constitue uma carta branca para levar vida descuidada, uma vez que ficais crentes no último momento, que vos converteis e morrereis na fé do Salvador e de sua Obra! Tolos! Esperar da Divindade tanta insuficiência e imperfeição! Seria isso cultivar a maldade! Pensai nisso; libertai-vos!

## RESPONSABILIDADE

O Problema da responsabilidade é de magna importância. Em geral a maioria das pessoas procura tirar de si a responsabilidade, para lançar a carga em cima de qualquer outra, contanto que se veja aliviada. Pouco importa se semelhante proceder redunde em uma desvalorização própria. Neste particular mostram-se bem modestos e humildes, mas isso somente para que possam prosseguir no modo de vida alegre e desenfreado.

Seria muito belo poder realizar todos os desejos e apetites, até mesmo em detrimento de outrem, sem que nenhum castigo resultasse de tudo isso. As leis terrenas podem ser facilmente burladas e conflitos evitados, quando a necessidade o requer. Os espertalhões podem mesmo, à socapa, emprender trapaças que escapam ao mais acurado exame. Chegam até a adquirir fama de pessoas de grande reputação. Tudo isso mostra que com um pouco de habilidade poderíamos levar uma vida folgada, de acôrdo com nossos próprios caprichos, se... se não fôsse haver em qualquer parte uma qualquer coisa que desperta em nós uma sensação de mal-estar, e se de vez em quando uma inquietação crescente não se fizesse sentir, como a provar que muita coisa deve ser conformada por maneira diversa da que os desejos pessoais o concebem.

E, de fato, assim é. A realidade é séria e inexorável. Os desejos dos homens não podem neste particular trazer nenhuma modificação. Como uma construção de aço, man-

têm-se a Lei que nos admoesta: “O que o homem semeia, colherá aumentado muitas vezes!”

Essas poucas palavras têm um significado muito mais profundo do que em geral se pensa. Correspondem com a máxima precisão aos processos do efeito recíproco que se firmam na Criação. Seria difícil encontrar expressão mais adequada para o fato. Exatamente como uma colheita dá o múltiplo duma sementeira, da mesma forma o homem vai encontrar muitas vezes aumentado o que êle despertou e expediu em seus próprios sentimentos intuitivos, tudo conforme a natureza de seu modo de pensar.

O homem, portanto, acarreta espiritualmente a responsabilidade de tudo o que faz. Esta responsabilidade começa no momento da resolução, e não depois de concluído o ato que não passa de uma consequência daquela. A resolução é o despertar de um querer sincero.

Não ha separação entre êste Mundo e o denominado Além, porém tudo é um Ser único e grandioso. A Criação grandiosa que o homem percebe como sendo parte visível e parte invisível, engrena-se como algo maravilhoso e eficaz que jamais vem a falhar. Trata-se de uma compenetração e não de uma simultaneidade no espaço. *Leis uniformes* mantêm o todo, as quais, do mesmo modo que um sistema nervoso, penetram por toda parte, tornando-as coesas e de ação recíproca constante.

A Igreja e a Escola falam a verdade quando se referem a Céu e Inferno, a Deus e ao Diabo. O equívoco está na explicação de fôrças boas e más, o que leva à dúvida e ao erro qualquer investigador sincero; porque onde ha *duas* fôrças devem lógicamente existir dois soberanos, que neste caso seriam dois Deuses, um bom e outro mau.

*E isto não é o caso!*

Existe sómente *um* Criador, um Deus, e, por consequên-

cia, *uma* só fôrça que se transmite a todos os seres, os anima e os faz progredir!

Esta pura Força Divina criadora circula constantemente em toda a Criação, incorpora-se nela, sendo-lhe inseparável. Encontra-se em toda a parte, no ar, em cada gota d'água, nos rochedos que se formam, nas plantas que crescem, nos animais, e, naturalmente, também no homem. Nada existe sem ela.

E como circula por tudo, assim percorre o homem sem interrupção. O homem, porém, é por tal modo constituído que se assemelha a uma lente. Assim como esta concentra os raios solares que a atravessam, imprimindo-lhes determinada direção, de fôrma que os raios caloríficos ao se reúnem em um só ponto produzem fogo, — da mesma fôrma o homem, graças à sua constituição especial, acumula a Fôrça Divina por meio de sua intuição, e a canaliza concentrada por intermédio de seus pensamentos.

De acôrdo com a conformação dessa faculdade intuitiva e dos pensamentos que dela derivam, essa Fôrça Divina é *dirigida* para boas ou más ações.

*Eis a responsabilidade com que o homem tem de arcar!*

Para que acumular tantas dificuldades no caminho, oh! vós que vos esforçais por maneira tão penosa! Imaginai em toda sua simplicidade o fenômeno da circulação da Fôrça pura do Criador através de vosso ser, e que a estais guiando por meio de vossos pensamentos para boas ou más direções. Eis tudo! Considerai que depende da simplicidade de vosso pensar e dos sentimentos intuitivos que vos caracterizam vir a produzir essa fôrça bons ou maus efeitos. Que poder vos é dado, benéfico ou nocivo ao mesmo tempo!

Não ha necessidade de esforços extremados; não tendes de recorrer às chamadas práticas do ocultismo para que através de deformações possíveis e inconcebíveis possais fi-

nalmente atingir a camada necessária a vosso desenvolvimento espiritual.

Abandonai essas brincadeiras que vos roubam tanto tempo e que muitas vezes têm redundado em tormentos aflitivos. Não passam de uma nova feição dos antigos enclausuramentos e mortificações que não vos poderão proporcionar a mínima vantagem.

Os chamados mestres e os adeptos do ocultismo são modernos fariseus, na mais lata expressão do termo. Reproduzem fielmente os fariseus do tempo de Jesus de Nazareth.

Considerai com pura alegria que depende de vós imprimir direção à fôrça criadora, sem nenhum esforço, graças ao vosso singelo e bondoso sentimento intuitivo. *Age por si*; deveis simplesmente guiá-la, o que pode ser feito com a máxima simplicidade e lisura. Não se faz mister erudição, nem mesmo saber ler e escrever. Todos *possuís* igual quinhão.. não ha a mínima diferença.

Da mesma fôrma que uma criança pode ligar brincando a corrente elétrica por meio do comutador, ocasionando efeitos tremendos, assim também vos é dada a faculdade de guiar a Fôrça Divina por meio de vossos pensamentos simples. Regozijai-vos e orgulhai-vos, uma vez que a utilizais a bom fim. Mas, ai de vós, se a desperdiçais ou se a empregais em práticas profanas! Então não podereis fugir às Leis do efeito da reciprocidade em que se firma tudo o que existe. Mesmo que fosseis dotados de asas da Aurora, a mão do Senhor, cuja Fôrça abusastes, vos atingiria por intermédio dêsse efeito recíproco que atúa automaticamente, onde quer que vos ocultasseis.

O bem e o mal são praticados pela mesma Fôrça Divina.

O livre arbítrio na aplicação dessa Fôrça Divina uniforme encerra em si a responsabilidade da qual ninguém

foge. Por isso advirto aos que procuram: “Conservai puro o foco de vossos pensamentos. Dêste modo estabelecereis a paz a sereis felizes!”

Regozijai, ignorantes e fracos, porque vos é dado o mesmo poder que aos fortes! Nada de desânimo! Lembrai-vos sempre que a Fôrça Divina criadora também circula através de vós e de que como homem estais apto para imprimir determinada direção a essa Fôrça, de acôrdo com a conformação de vosso íntimo, logo, de vossa vontade, semeando o bem ou o mal, devastando ou construindo, espalhando alegria ou sofrimento.

A existência dessa única Fôrça Divina vem esclarecer o segrêdo por que em toda luta vence afinal a Luz sôbre as Trevas, o bem sôbre o mal. Guiai a Fôrça Divina para o bem. Com isso ela conservará sua pureza primitiva, desenvolvendo dêsse modo uma potência muito mais eficaz; ao passo que se a guiardes para a impureza, turvar-se-á, enfraquecendo sua atividade. Dêsse modo vencerá sempre de maneira decisiva e radical a pureza da fôrça numa luta final.

E' desnecessário explicar o que seja o bem ou o mal; todos o sentimos com a máxima clareza e distinção. Comentários trariam confusão. Sofismas inadequados e obtusos são desperdício de energia, como o pântano cheio de lodo viscoso que afoga tudo o que está a seu alcance, ao passo que a alegria sã desfaz êsses liames do pensamento. Não precisais ser tristes e acabrunhados. A todo momento podeis iniciar o caminho que conduz às alturas e reparar o passado, seja êle qual fôr. Bastar-vos-á pensar na existência dessa pura Fôrça Divina que vos percorre constantemente. Então vós mesmos vos envergonhareis de canalizá-la pelos caminhos imundos dos maus pensamentos, pois sem maior esforço podereis da mesma fôrma alcançar o que ha de mais eleva-

do e sublime. Basta-vos servir de *guia*. A fôrça agirá sòzinha na direção traçada por vosso pensamento.

Tendes, portanto, em vossas próprias mãos a felicidade ou a infelicidade. Elevai por consequência a cabeça, num gesto de audácia e liberdade. Só vos acontecerá o que *quiserdes!*



## DESTINO

**O**s homens falam de destino merecido e imerecido, recompensa e castigo, remuneração e Karma.

Tudo isso são designações dos componentes de uma Lei da Criação: *a Lei da Reciprocidade*.

Uma Lei que existe em toda a Criação desde a origem primordial, tramada inextricavelmente no íntimo dêsse grande e infinito ser que continuamente se transforma, como parte integrante da própria Criação e da evolução. Igual a um sistema gigantesco de nervos finíssimos ela mantém e alimenta o poderoso Universo, dando-lhe movimento constante. É um eterno dar e receber, sem trêguas!

Com simplicidade e singeleza, porém tão acertado, Christo Jesus, o grande Portador da Verdade, já disse: “O que o homem semeia, isso colherá!”

Essas poucas palavras ilustram por modo tão brilhante a atividade e a vida de toda a Criação, que seria difícil encontrar outras mais adequadas. O sentido das palavras se encontra ferrenhamente entrelaçado com o Ser: inabalável, constante, incorruptível em seu alcance permanente.

Podereis vê-la, se o quiserdes! Começai pelo que visivelmente vos cerca. O que chamais Leis da Natureza são as Leis Divinas, é a Vontade do Criador. Reconhecereis rapidamente que essas Leis são imutáveis em suas manifestações permanentes, pois que semeando trigo não colhereis centeio, e semeando centeio não podereis colher arroz! Tudo isto parece tão natural que ninguém liga a mínima importância. Ninguém percebe, por consequência, a grandiosa e severa Lei em que tudo se baseia. No entanto a chave do eni-

gma aí está, sem que haja necessidade de que o enigma continue como tal.

Essa mesma Lei que fostes capaz de observar neste domínio particular, atua com a mesma conseqüência e força nas coisas mais delicadas, como as que só podem ser alcançadas com o auxílio de lentes, e mais amplamente na matéria fina de toda Criação, aliás a porção mais extensa da mesma. Encontra-se irrevogável em todos os domínios, até mesmo na evolução mais delicada de vossos pensamentos possuídores, observe-se de passagem, de certa materialidade, sem o que seriam incapazes de atuação.

Como é possível que chegasteis a pensar que as coisas se passassem de outro modo, onde o quereis? Vossas dúvidas, de fato, não são mais do que desejos intimamente formulados.

Em todo ser visível ou invisível tudo se firma neste princípio de que cada espécie sempre dá origem à mesma espécie, indiferente qual a matéria. São igualmente perduráveis os processos de crescimento e de frutificação, desenvolvimento e de reprodução da mesma espécie. Êste fato se processo *uniformemente* em todas as coisas, sem exceção ou falha, sem lacunas, sem se deter em qualquer parte da Criação, levando sempre àvante sua atuação como fio ilacerrável, sem descanso ou interrupção. Se a maioria da humanidade, por falta de inteligência ou por arrogância se insulou do Universo, as Leis Divinas ou naturais não deixam de considerá-la por êsse motivo como pertencente ao mesmo Universo, continuando sua ação do mesmo modo, calma e regularmente.

A Lei da ação recíproca condiciona também que tudo o que o indivíduo semeia, o que quer dizer, todo efeito de determinada causa por êle motivada, *assim terá que colhêr*.

O homem só dispõe da resolução livre, a decisão no comêço de cada ato, quanto à orientação que deve ser dada à

Fôrça Divina que circula por todo seu ser. Êsse *terá* que sofrer então as conseqüências da direção por êle dada à fôrça. *Suas* serão as conseqüências. No entanto ha ainda quem se aferre à idéia de que o indivíduo não tem livre arbítrio quando sujeito a determinado destino!

Semelhante tolice só pode visar uma espécie de auto-atordoamento, ou uma rendição rancorosa, ou sujeição à conjuntura inevitável, sendo principalmente uma auto-justificação, porque cada uma dessas reações de retôrno teve um início, e é *nesse início* justamente que se encontra a causa do efeito ulterior a *qualquer* ação de retôrno, logo, a qualquer destino! Com o primeiro ato volitivo o indivíduo dá origem a algo que virá a influir mais tarde em sua existência, com mais ou menos demora. É questão inteiramente diversa saber quando isso se dará. Pode ser nesta vida terrena, séde do início do ato volitivo, mas pode ser também depois de despido o invólucro material, no mundo de matéria fina, ou mais tarde novamente ainda em uma existência na matéria grosseira. As variações não representam nenhum papel neste particular; não isentam o indivíduo de seu efeito. Sempre o homem carrega em si os ligamentos inevitáveis até conseguir livrar-se dos mesmos, isto é “libertar-se”, pelo último efeito conseqüente à Lei da ação recíproca ou de retôrno.

*O indivíduo criador está ligado à sua criação, mesmo que a tenha dedicado a outrem!*

Quando, por conseqüência, uma pessoa resolve fazer um mal a qualquer outra pessoa, seja em pensamento ou por palavras e atos, “coloca com isso alguma coisa no mundo”, sendo de nenhuma importância se essa alguma coisa é comumente visível ou não, de matéria fina ou grosseira. Trata-se de algo vivo, dotado de fôrça que continua a se desenvolver e agir conforme a direção determinada.

O modo por que o efeito se dá na pessoa almejada depende de sua conformação psíquica, podendo ser de mais

ou menos intensidade, talvez mesmo de maneira diversa da que foi intentada, ou até de nenhum efeito. O que decide neste particular é somente o estado psíquico do paciente. Ninguém se encontra, portanto, desarmado em semelhantes ocorrências.

O mesmo, porém, não se dá com o causador do movimento. O produto de sua resolução e vontade lhe fica intimamente ligado, voltando ao ponto de partida depois de maior ou menor digressão pelo Universo, assim como uma abelha carregada volta atraída por seus semelhantes. É quando se manifesta a Lei da Reciprocidade, atraindo cada produto sua igual-espécie em todo o percurso ou sendo atraído por êles, de cuja união se origina uma fonte de energia que irradia força da mesma espécie, como de uma estação central, em direção a todos os que por suas ações se ligam a êsse ponto central. Graças a êsse reforço produz-se uma condensação cada vez maior, até que afinal se forma disso um sedimento de matéria grosseira no qual o primitivo plasmador terá que viver, de acôrdo com sua própria determinação, para que posteriormente consiga libertar-se. É *esta* a origem e a marcha do tão temido e desconhecido destino! É justo até à mais ínfima e à mais fina gradação porque só poderá ocasionar em sua ação de retôrno o *mesmo* que motivou a ação. Pouco importa se individual ou coletivo; porque o processo é idêntico, quer o indivíduo vise com seus atos determinada pessoa, ou mais de uma, quer queira algo de modo geral.

A qualidade do ato volitivo é que decide dos frutos da colheita. Dessa maneira fica o indivíduo preso por fios de matéria fina que fazem refluir sôbre êle os resultados daquilo que outrora determinou sèriamente. Essas correntes dão origem a uma mistura que com o decorrer do tempo adquirem influência decisiva na formação do caráter individual.

Dêste modo são inúmeras as coisas no poderoso me

canismo do Universo que atuam no “destino” das pessoas; mas não ha nada que não haja sido ocasionado primitivamente por essa mesma pessoa.

É ela que fornece os fios para ser tecido no infatigável tear do Ser o manto com que ha-de vestir-se.

Christo exprimiu a mesma coisa, clara e enèrgicamente, quando disse: “O que o homem semeia, isso colherá”. Não disse “*poderá*” colhêr, mas “*terá*” que colhêr. É o mesmo que se dissesse: é obrigado a colhêr o que semeia.

Quantas vezes não ouvimos de pessoas ajuizadas: “Não posso compreender como Deus consente nisso ou naquilo!”

O que é incompreensível é haver quem pense tais absurdos. Que noção mesquinha a que têm de Deus! O que dão provas é que concebem Deus como um ser que age *arbitrariamente*.

Deus, porém, não toma parte direta nessas ocupações humanas, grandes ou pequenas, como guerras, miséria, e o que mais houver. Êle imprimiu de início suas Leis Perfeitas na Criação, as quais eternamente desempenham seu trabalho automaticamente e sem desconcerto, de fôrma que tudo se realiza com a maior perfeição, não havendo preferências ou prejuízos, sendo impossível a menor injustiça. Deus, por consequência, não tem necessidade de incomodar-se com semelhantes coisas. Sua Obra é Perfeita.

O erro principal de muitos indivíduos é formarem seus juízos segundo as normas da matéria grosseira, considerando-se como ponto central, como também só contarem com *uma* vida terrena, quando na verdade já tem atrás de si *várias* existências terrenas. Estas existências juntamente com os intervalos no mundo da matéria fina formam um ser *unificado* através do qual tesos fios se distendem sem que se rompam, de fôrma que na evolução de uma vida terrena só fica perceptível uma parte dêsses fios. É um grande

erro admitir que com o nascimento principia uma existência inteiramente nova, que uma criança, por conseguinte, é “inocente”, (\*) e que todos os acontecimentos ficarão adstritos apenas à fugace passagem pela Terra. Se assim fôsse, as causas, os efeitos e as reações deviam atuar naturalmente, havendo justiça, no curto espaço dessa existência terrena.

Desviai-vos de semelhante concepção, e descobrireis imediatamente em tudo o que se passa a lógica e a justiça de que tanto carecemos.

Muitos se atemorizam e tremem diante do que ainda lhes tocará de acôrdo com essa Lei da reação de retôrno.

Vãos receios para os que se empenham sèriamente nas normas da boa vontade: *pois nas Leis automáticas está incluída simultâneamente a garantia da graça e do perdão!*

Abstraindo o fato de que com a firme resolução para a boa vontade fica levantada imediatamente uma barreira ao afluxo das más reações no ponto em que deve terminar o cordão que lhe está indissolúvelmente ligado. — entra em cena mais um acontecimento de imenso valor. Pela constância do bem-querer em todos os atos e pensamentos forma-se igualmente uma ação constante de refôrço na mesma fonte de energia, de fórmula que o bem se implanta cada vez com mais firmeza no homem, transborda, conformando em primeiro lugar o ambiente de matéria fina que o cerca como um manto protetor, do mesmo modo que a atmosfera protege o globo terrestre.

Mesmo que venham efeitos reativos do passado sôbre a referida pessoa, terão que esbarrar na pureza dêsse invólucro, sendo por êle desviado. Se as irradiações conseguem atravessar a camada, serão desfeitas imediatamente, ou pelo menos enfraquecidas, com o que a ação nociva se atenua ou neutraliza.

---

(\*) Vide dissertação n.º 15: *O mistério do nascimento*.

Além disso, em virtude da transformação operada já não se trata da mesma pessoa, pois graças ao esforço constante para o bem se tornou muito mais leve e purificada, de fôrma que não poderá ser contraposta à densidade de correntes nocivas e inferiores, por achar-se já num plano mais elevado, do mesmo modo que um aparelho de telégrafo sem fio quando o receptor não corresponde à fôrça emissora.

A consequência natural disso é que as irradiações mais densas, porque de natureza diversa, não se podem implantar, tornando-se consequentemente inócuas.

Por êsse motivo, mãos à obra sem perda de tempo! O Criador vos entregou, na Criação, tudo nas próprias mãos! Aproveitai o tempo! Cada segundo representa para vós a ruína ou lucro!

## A CRIAÇÃO DO HOMEM

<< **D**eus criou o homem à sua semelhança e o animou com o seu alento”. Trata-se de dois acontecimentos: a criação e a doação da vida!

Ambos estavam severamente submetidos às Leis Divinas, como tudo o que existe, sem que nenhuma coisa possa ultrapassar o âmbito das mesmas. Não é possível que um ato volitivo de Deus se opusesse a essas Leis que são igualmente portadoras de sua Vontade! Necessário é que cada revelação e promessa se realizem de acôrdo com elas, manifestando-se por intermédio dessas Leis e não por outra maneira.

Assim se deu com a criação do homem sôbre a Terra, o que constitúe um progresso da grandiosa Criação, a passagem da matéria grosseira para um estado evolutivo novo e elevado.

Para poder falar da criação do homem é necessário conhecer o mundo da matéria fina, porque o indivíduo de carne e osso é com um proveitoso vínculo que se encontra entre as porções grosseira e fina, permanecendo suas raízes no que é puramente espiritual.

“Deus criou o homem à sua imagem!” Essa criação constitúe uma comprida cadeia na evolução que se processa rigorosamente dentro das Leis da Criação, estabelecidas por Deus mesmo, que atúam com fatalidade férrea na realização de sua Vontade, autônomas como um elemento de sua essência que marcha no caminho da perfeição.

O mesmo se deu com a criação do homem que á a coroa de sua Obra, na qual todas as espécies existentes da Criação



deveriam se reunir. Por isso formou-se pouco a pouco progressivamente no mundo da matéria grosseira, a visível e terrena, o vaso, no qual podia ser mergulhada a faísca imortal do puramente espiritual. As fôrmas que continuamente se esforçam e transmudam, produziram com o tempo o animal de desenvolvimento superior que com o pensamento sabe utilizar-se de vários meios que sirvam para o seu sustento e defesa. Ainda podemos observar atualmente espécies de animais inferiores que se utilizam de alguns meios para adquirir e conservar o alimento, e que muitas vezes demonstram, na defesa, astúcia de admirar.

Êsse animal de desenvolvimento superior acima mencionado, que desapareceu com a transformação operada na Terra, é designado atualmente como “homem primitivo”. É um grande erro, porém, dizer que êsse era o *antepassado do homem*. Nesse caso seria acertado também dizer que as vacas também são “partes maternas” da humanidade, visto a maioria das crianças se alimentar nos primeiros meses de vida com leite de vaca, base de seu sustento e crescimento. Nada! Mas que o animal “homem primitivo”, superior e dotado de pensamento, não tinha relação com o homem, porque o corpo da matéria grosseira do homem não passa de um instrumento indispensável de que se utiliza para agir em todas as direções e fazer-se compreendido.

A asserção de que o homem descende do macaco demonstra de mais; é, como em linguagem vulgar se diz, “jogar fora a criança juntamente com a água do banho”. Generaliza-se uma parte do processo, mas o principal fica excluído. Seria adequado se o corpo do homem fôsse de fato “o homem”, em vez de ser, como é, simples invólucro que êle dispensa logo que volta à matéria fina.

Como se deu, então, a criação do homem?

Depois de atingido o pondo culminante no mundo da

matéria grosseira com o aparecimento do mais perfeito animal, era necessário que houvesse uma modificação no desenvolvimento progressivo, para que a parada não se estabelecesse, e, com esta, o perigo do retrocesso fôsse evitado. Semelhante modificação estava prevista e deu-se na ocasião: originado da faíca espiritual que tudo renova e eleva no mundo da matéria fina, surgiu em seus limites no momento em que o receptáculo térreo da matéria grosseira atingira sua mais alta possibilidade — o homem de matéria fina e espiritual, igualmente capaz de ligar-se com a matéria grosseira e de beneficiá-la, exaltando-a.

Enquanto, por conseqüência, o receptáculo da matéria grosseira atingira a madureza apropriada, a alma se desenvolvera na matéria fina a ponto de ficar com fôrça suficiente afim de conservar sua autonomia com a entrada para o invólucro grosseiro.

A união destas duas partes significa uma interpenetração dos mundos grosseiro e fino, até o espiritual.

*Sòmente este processo foi o nascimento do homem!*

Até hoje a geração ainda é no homem um ato puramente animal. Sentimentos mais ou menos elevados nada têm quer ver com êsse ato, mas condicionam soluções espirituais de máxima importância pela *atração* inevitável dos de igual espécie. É também processo puramente animal o desenvolvimento do corpo até a metade da gestação. Semelhante modo de dizer — puramente animal — não é o mais adequado, senão o de processo operado na matéria grosseira.

Sòmente no meio da gravidez, quando o corpo atinge determinado grau de madureza, dá-se a encarnação do espírito predeterminado que até então se conservára muito nas proximidades da gestante. A entrada do espírito faz as primeiras palpitações do corpo grosseiro que se desenvolve, isto é, os primeiros movimentos da criança. Origina-se do

mesmo modo o sentimento particularmente ditoso da próxima mãe que daí por diante se sente como modificada por completo: a consciência da proximidade dêsse segundo espírito, variando seus sentimentos de acôrdo com as qualidades que o caracterizem.

É isso que se dá com o nascimento dos homens. Voltemos, porém, à criação do primeiro homem.

Realizou-se o grande ato no desenvolvimento da Criação: de um lado, no mundo da matéria grosseira, o animal de desenvolvimento superior que deveria fornecer o receptáculo para o futuro homem — no mundo da matéria fina a alma humana desenvolvida que ansiava por aquele receptáculo afim de dar-lhe o impulso necessário para a espiritualização.

Quando por conseqüência, se processou um ato gerador no mia nobre par dêsses animais superiores, não surgiu no momento da encarnação, como até aquele momento acontecera, uma alma animal <sup>(1)</sup>, mas em seu lugar a alma humana se encarnou, já na expectativa dêsse momento, portadora da fagulha imortal. A alma humana de matéria fina com qualidades de desenvolvimento predominantemente positivas encarnou-se conforme sua espécie num corpo animal masculino correspondente; a de qualidades mais negativas e delicadas no corpo feminino que lhe fôsse adequado <sup>(2)</sup>.

Não ha, por conseqüência, em tudo isso o menor ponto de apôio para a asserção de que o homem, cuja origem real se encontra no Espiritual, provenha do animal “homem-primitivo”, o qual só podia dar-lhe o receptáculo de transição

---

<sup>(1)</sup> Dissertação n.º 49: *Diferença de origem entre o homem e o animal.*

<sup>(2)</sup> Dissertação n.º 78: *Sexo.*

Composto de matéria grosseira. Os mais convictos materialistas não admitiriam naturalmente a idéia de se considerarem aparentados diretos dos animais. No entanto hoje, como outrora, ha íntima afinidade na fôrma do corpo, o que quer dizer uma igual-espécie da matéria grosseira, ao passo que o homem realmente “vivo”, isto é, o “eu” pròpriamente espiritual não se encontra na mesma igual-espécie nem deriva do animal.

O primeiro homem terrestre, depois de seu nascimento, apresentou-se de fato sòzinho, sem pais, uma vez que não podia reconhecer como pai o animal anterior, a-pesar-de seu desenvolvimento elevado, nem podia manter convivência com o mesmo.

A mulher, por suas qualidades espirituais mais valiosas deveria ter sido e poderia ter sido mais perfeita do que o homem se se houvesse esforçado por clarificar harmonicamente as intuições que lhe foram dadas, o que faria das mesmas um poder capaz de agir na Criação da matéria grosseira, modificando-a completamente, e fazendo-a progredir. Infelizmente foi a primeira a fracassar, servindo de juguete às poderosas forças sensitivas que lhe eram pròprias, turvando-as ainda mais e desvirtuando-as pela sensibilidade e pela fantasia.

A narrativa bíblica encerra profundo significado de como foi provado o fruto da árvore do conhecimento. A mulher, tentada pela serpente, oferece a maçã ao homem. Não era possível representação simbólica mais adequada.

O oferecimento da maçã pela mulher constitue a consciência adquirida por esta de seus atrativos em relação ao homem, e a *utilização voluntária* dos mesmos. O fato do homem haver aceito e comido foi a concordância e é o início do impulso a que se entregou de atrair a si exclusivamente a

atenção da mulher, começando a se fazer desejado pelo acúmulo de tesouros e de outros diferentes valores.

Com isso começou o cultivo do entendimento com todo seu séquito de cobiça, fraudes, opressões, a que os homens acabaram por se submeterem completamente, tornando-se dêsse modo escravos voluntários do que era apenas seu instrumento. Estando, porém, o entendimento, como dominador absoluto, ficaram os homens como sequência inevitável de sua conformação, presos indissolúvelmente ao tempo e ao espaço, perdendo dêsse modo a faculdade de sentir ou apreender tudo o que ultrapassa o espaço e o tempo, como o Espiritual, a matéria mais fina. Foi a *expulsão* do Paraíso pròpriamente e do mundo da matéria fina, o que êles próprios ocasionaram, porque tornou-se inevitável ficarem impossibilitados de “compreender” no círculo limitado de sua faculdade cognitiva muito adstrita pelo entendimento ao tempo e ao espaço todo o espiritual e fino que desconhece ambos. Dêsse modo a visão e a vida particular dos homens de sentimento assim como as tradições que se haviam tornado incompreensíveis, ficaram transformadas em “lendas” para os homens de entendimento. Os materialistas, cujo número cresce a todos os momentos, isto é, os indivíduos que só são capazes de reconhecer a matéria grosseira ligada ao tempo e ao espaço, zombaram dos idealistas para os quais ainda não se encontrava trancado o caminho que conduz ao mundo da matéria fina, em virtude de sua vida interior mais ampla e mais intensa. Êstes passavam a ser denominados os sonhadores, quando não tolos ou charlatães.

Estamos, porém, bem próximos da hora em que ha-de aparecer a próxima grande fase da Criação, incondicionalmente superior, o que já poderia ter acontecido com a fase inicial da criação do homem: o nascimento do homem completo e espiritualizado, o homem que atúa na criação da matéria grosseira estimulando-a e enobrecendo-a, finalidade

própria do homem sôbre a Terra. Então não haverá lugar para os materialistas retardados que se encontram acorrentados ao tempo e ao espaço. Ficarão estrangeiros em todas as terras, um despatriado. Secarão e desaparecerão como as cascas separadas do trigo. Acautelai-vos, para que na hora dessa separação não vos encontreis demasiado leves!

## O HOMEM NA CRIAÇÃO

O homem não deve continuar a viver segundo os conceitos até agora dominantes, mas tornar-se em maior proporção *homem de intuição*. Com isso passará a constituir o elo necessário na evolução do conjunto da Criação.

Pelo fato de reunir em si a matéria fina do Além e a grosseira dêste mundo, é o homem capaz de sentir os dois mundos a um só tempo, de considerá-los simultaneamente. Para isso dispõe ainda de um instrumento que o coloca à frente de toda a Criação grosseira: o entendimento. Com êste instrumento torna-se apto para dirigir, logo, para conduzir.

O entendimento é o que ha-de mais elevado na Terra, devendo ser neste vida o leme, ao passo que a *fôrça impulsiva* é a intuição, que se origina no mundo espiritual. O terreno do entendimento é, por consequência, o corpo; mas o da intuição é o espírito.

O entendimento está ligado ao tempo e ao espaço, como tudo que é terreno, sendo além disso apenas produto do cérebro que está incluído entre os corpos de matéria grosseira. Jamais poderá o entendimento agir fora do tempo e do espaço, conquanto seja de matéria mais fina do que os corpos; mas ainda assim é demasiadamente espêsso e pesado para que possa elevar-se acima do espaço e do tempo. Está por consequência, inteiramente preso à terra.

A intuição, porém, (não a sensibilidade) se encontra fora do tempo e do espaço. Provém portanto do Espiritual.

Armado dêsse modo pode o homem entrar em intimas ligações com a matéria mais fina e até mesmo sentir o puramente Espiritual, vivendo e atuando no entanto por entre as coisas terrenas. Sòmente o homem é conformado por essa maneira.

Êle sòmente podia e devia fornecer o elo sadio e fresco como a única ponte que liga as alturas da matéria fina com a grosseira-terrena. *Sòmente por intermédio do homem e de sua constituição particular é que se tornou possível a interação harmônica e admirável entre a vida pura que baixa da fonte luminosa às profundezas da matéria grosseira, ascendendo novamente para aquela!* E' o elo que liga os dois mundos, de fórmula que por seu intermédio os dois possam constituir um só mundo.

O homem, porém, não cumpriu sua missão. *Separou-os, em vez de uní-los intimamente. E é isto que constituiu o pecado original!*

O homem, pelas propriedades acima explicadas, foi colocado, de fato, como o senhor do mundo da matéria grosseira, porque êste depende de sua mediação, por ter que padecer a seu modo ou ser elevado por intermédio do homem, segundo a corrente da fonte de Luz ou de vida que o atravessa, *pura ou impuramente.*

Mas o homem obstruiu a passagem necessária dessa corrente recíproca entre os dois mundos. Do mesmo modo que uma boa circulação sanguínea mantém o corpo sadio e fresco, assim também se processa na circulação da Criação. Uma obstrução ocasionaria transtornos e doenças que terminariam em catástrofes.

Essa falha desastrosa do homem se deu porque êle não se utilizou, apenas como um instrumento, do entendimento que se origina exclusivamente da matéria grosseira, mas se submeteu a êle por completo, colocando-o como senhor de todas as coisas. Tornou-se, dêsse modo, escravo de seu ins-



trumento, ficando homem de entendimento que costuma denominar-se com orgulho: Materialista!

Submetendo-se por maneira tão completa ao entendimento ligou-se o homem à matéria grosseira. Por isso mesmo que o entendimento não pode compreender nada que ultrapasse o tempo e o espaço, é evidente que também não o poderão todos os que se lhe submetem dêsse modo. Seu círculo visual, seu poder cognitivo, se constringe com o pequeno alcance do entendimento. Ficaram dêsse modo desfeitos os laços que vão dar à matéria fina; levantou-se um muro que se tornou cada vez mais compacto. Uma vez que a Fonte da Vida, a Luz primordial, Deus, se encontra muito acima do espaço e do tempo, e mais ainda da matéria fina, é natural que com as restrições do entendimento fique cercado o contacto com tudo aquilo. Por êsse motivo não poderão jamais os materialistas reconhecer Deus.

Provar da árvore do conhecimento não é mais do que cultivar o entendimento. A separação da matéria fina que a isso se liga teve como consequência natural a expulsão do Paraíso. Os próprios homens se excluiram ao se entregarem completamente por meio do entendimento à matéria grosseira, humilhando-se e, voluntários ou por escolha própria, forjando os elos de sua escravidão.

Aonde vai dar tudo isso? O entendimento puramente materialista, isto é, baixo e terreno, com todo seu séquito de cobiça e lucro, fraudes, mentiras e opressões... *tinha* que ocasionar a ação recíproca inexorável dos de igual-espécie, a princípio no espírito, passando depois para a matéria, a conformar tudo em seus moldes, arrastando os indivíduos e, finalmente, a se desencadeiar sôbre todas as coisas como... destruição!

Compreendeis agora como *deviam* mesmo dar-se os acontecimentos dos últimos anos? Como dêsse modo prosseguirá até à destruição? Trata-se de um julgamento mundial

inevitável, de acôrdo com as Leis do Karma<sup>(1)</sup> existentes, do mesmo modo que uma tempestade que se concentra para depois despejar levando a destruição... mas ao mesmo tempo purificando!

O homem não serviu de elo necessário entre as partes grosseira e fina da Criação; não serviu de intermédio por onde corresse a linfa refrescante, viva e estimulante que em tudo se encontra, mas separou a Criação em dois mundos ao se furtar da ligação, unindo-se por completo à matéria, o que trouxe como consequência ficarem pouco a pouco ambas as partes afetadas. Aquela que se viu completamente privada da fonte de Luz — ou mesmo recebendo escassos estímulos por intermédio dos poucos indivíduos que ainda mantinham o contacto — tornou-se naturalmente mais doentia: foi a parte da matéria grosseira que por êsse motivo marcha em direção à uma crise espantosa e que dentro de pouco tempo será abalada por violentos acessos de febre até que todos os elementos mórbidos sejam destruidos e possa ser vivificada pela corrente nova e poderosa da fonte primordial.

Quem será consumido em tudo isso?

A resposta se encontra nos próprios acontecimentos: todo pensamento *sentido* adquire imediatamente, em virtude da força criadora que os anima, uma fôrma na matéria fina correspondente ao conteúdo do pensamento; mantém-se ligado ao seu gerador como por um cordão, mas é forçado de um para outro lado por todo o mundo de matéria fina, em virtude da força atrativa da igual-espécie, impulsionada através do todo pela corrente que o percorre constantemente, e que, como tudo na Criação, se movimenta oviformemente. Dêsse modo chega o tempo em que os pensamentos nascidos para a vida e realidade na matéria fina — aumentados em caminho pelos de igual-espécie — *recaem no ponto de par-*

---

<sup>(1)</sup>Do destino

*tida*, visto se haverem conservado em contacto com os mesmos, a-pesar-da digressão, para finalmente se descarregarem e dissolverem.

A destruição atingirá *em primeiro lugar* com seus efeitos previstos os que pelos seus pensamentos e sentimentos geraram-na e alimentaram-na continuamente; logo, os materialistas. É inevitável também que essa fôrça de retôrno devastadora faça sentir seus efeitos em maiores círculos, castigando até os que apenas se assemelham aproximadamente a êsses indivíduos. Mas então os homens realizarão cabalmente sua missão natural: serão os elos que ligam; com suas aptidões hão-de abeberar-se do Espiritual, logo, deixar-se-ão guiar pela intuição purificada, canalizando-a para a matéria grosseira, isto é, para o que é terreno, valendo-se do entendimento e das experiências adquiridas sòmente como de um instrumento, afim de prolongar aquelas intuições puras até mesmo na vida da matéria, com o que a Criação grosseira se verá perenemente purificada e auxiliada para a ascensão. Com isso poderão também pelo efeito recíproco retornar elementos sadios da matéria grosseira para a fina, surgindo um mundo novo, uniforme e harmônico. Os homens, na verdadeira realização de sua atividade, serão os almejados homens completos e nobilitados, porque êles próprios receberão também, em virtude da colocação adequada na grande obra da Criação, fôrças bem diversas do que as de até agora, as quais lhes proporcionarão perenemente contentamento e felicidade.

## O PECADO ORIGINAL

O pecado original teve seu comêço pelo primeiro pecado do homem.

O pecado original, isto é, o ato falso, foi o resultado do cultivo exagerado do entendimento que, devido à sua voluntária escravização ao tempo e ao espaço, acarretou como efeitos inevitáveis, a cobiça, a fraude, a opressão, etc., que arrastam após si muitos, ou melhor, todos os outros males.

Semelhante acontecimento fez sentir, como é natural, seus efeitos no homem que começava a se desenvolver como homem de puro entendimento, adquirindo aos poucos influência cada vez mais poderosa na formação do corpo de matéria grosseira. O cérebro anterior, gerador do entendimento, pelo esforço continuado, tornou-se cada vez maior e parcial, e era natural que na geração essas fôrmas modificadas se fizessem sentir na propagação do corpo terreno, nascendo a criança já possuidora de um cérebro anterior cada vez mais desenvolvido e forte.

Nesse fato se encontrava, e ainda hoje se encontra, a disposição para o poder do entendimento que domina sôbre todas as coisas, o que encerra em si o perigo de não sòmente aprisionar fortemente no tempo e no espaço o portador do cérebro, ao seu completo despertar, isto é, em todo o grosseiro e terreno, de fôrma que se torna inteiramente incapaz de compreender o que é puramente espiritual e de matéria fina, — como também o emaranha em todos os males inerentes ao predomínio do entendimento.

Ser possuidor de um cérebro anterior voluntariamente

desenvolvido, no qual se encontra o perigo do predomínio do entendimento com todo o seu cortejo inevitável de males — eis o *pecado original!*

Portanto a hereditariedade corpórea da parte aludida com o grande desenvolvimento artificial do cérebro anterior, torna o homem desde o nascimento portador de um perigo que fàcilmente o envolve em suas teias apropriadas.

Isso, porém, não o priva de responsabilidade. Conserva-a, porque apenas é herdeiro do perigo, não do próprio pecado. Não é absolutamente indispensável deixar que domine incondicionalmente o entendimento, submetendo-se-lhe. Pode, pelo contrário, utilizar-se da grande fôrça de seu entendimento como de um gume afiado para abrir caminho na engrenagem terrena, conforme a sua intuição o indica, o que também tem o nome de voz interior.

Se o entendimento é elevado à categoria de árbitro absoluto quando se trata de educar uma criança. ficará esta livre de parte da culpa, ou melhor, a ação de retôrno em virtude da Lei da Reciprocidade atingirá o educador ou mestre que ocasionou tal coisa. Ficará desde êsse momento preso à criança até que esta se liberte dos erros e de suas conseqüências, mesmo que necessite para isso de séculos e milênios. Attingirá, porém, exclusivamente a criança tudo o que fizer depois que lhe fôr oferecida oportunidade para a conversão adequada. Semelhantes oportunidades se oferecem pela palavra escrita ou falada, por grandes abalos no decurso da vida, ou por acontecimento análogos que obrigam a momentos de profunda e sentida meditação. Não se farão esperar. —

Seria falar em pura perda prosseguir na mesma ordem, repetir o mesmo a propósito de todas as culpas. Quem quer que medite sôbre a questão se verá aliviado de uma venda que lhe perturbava a visão, terá com isso resolvido inúmeros problemas em seu íntimo.

## FILHO DE DEUS E FILHO DO HOMEM

Desde milênios corre como verdade um grande erro: a suposição de que Jesus de Nazareth foi simultaneamente Filho de Deus e o Filho do Homem tantas vezes nomeado. Encarnou-se <sup>(1)</sup> em Jesus de Nazareth uma parte da Divindade para que dêsse modo fôsse lançada uma ponte sôbre o abismo que separa a humanidade da Divindade, abismo formado pelos próprios homens com o cultivo do entendimento adstrito ao tempo e ao espaço. De maneira que Jesus era o *Filho de Deus*, como uma parte do mesmo, que cumpria sua missão entre a humanidade, o que só era possível sob a fôrma humana, isto é, em carne e sangue. Logo, mesmo encarnado, continuava como Filho de Deus.

Mas se era Filho de Deus não podia ser Filho do Homem, por se tratar de dois fatos diversos. Era, e, é ainda o Filho de Deus! Quem é então o Filho do Homem? <sup>(2)</sup>

Já os Discípulos haviam notado que Jesus falava na terceira pessoa quando se referia ao Filho do Homem, e o interrogaram a respeito. As tradições foram assentes na pressuposição de que Jesus, o Filho de Deus e o Filho do Homem eram uma única pessoa. Por êsse motivo deturparam-nas de início os que a escreveram, propagando erros inciente ou involuntariamente.

Quando Jesus falava sôbre o Filho do Homem fazia-o com a previsão de sua vinda. Êle próprio anunciou que a

---

<sup>(1)</sup> Entrada na matéria grosseira.

<sup>(2)</sup> Dissertação n° 60: O Filho do Homem

vinda do Filho do Homem está em íntimas conexões com a ação do Filho de Deus. Dizia “Quando vier o Filho do Homem...” etc.

É um círculo em movimento, como tudo na Criação. A Divindade desceu por intermédio de Jesus à humanidade, afim de trazer-lhe a Verdade e de semeá-la. As sementes produziram; os frutos estão no ponto de serem colhidos, e agora a humanidade, para completar o círculo, deve elevar-se à Divindade no Filho do Homem, por meio da Verdade trazida pelo Filho de Deus, afim de religar-se intimamente com Deus.

Tudo isso não deve ser tomado apenas como um símbolo, como muitos supõem; senão que o dito deverá ser literalmente cumprido por intermédio de uma pessoa, como se deu com Jesus. Entre as duas personalidades de Jesus, o Filho de Deus e Filho do Homem, ha o *poderoso Karma da humanidade*.<sup>(1)</sup>

Jesus dirigiu-se à festa da Páscoa de Jerusalem, onde se achavam representados muitos povos. Os homens enviaram emissários a Gethsemane afim de buscá-lo. Era no tempo em que os homens cheios de ódio e de grosseria terrena procuraram o Enviado de Deus por meio de seus emissários. Observai o momento em que êle saiu do Jardim, estando êles postados em sua frente com armas e archotes, e com pensamentos de destruição.

Quando o Filho de Deus pronunciou as palavras: “Eu o sou!”, entregando-se à humanidade, teve início o poderoso Karma provocado pela própria humanidade; o qual desde êsse momento pesa sôbre seus ombros, forçando-a pelas leis inexoráveis do Universo cada vez mais para a Terra, até a solução final. Já nos encontramos perto dessa solução!

Terá que completar-se como um círculo oviforme que se fecha. A libertação vem pelo *filho do homem!*

---

<sup>(1)</sup> O destino da humanidade.

Quando, sob o lastro de graves acontecimentos, os homens se tornarem desanimados e lassos, cheios de desespero e diminuídos, mínimos mesmo — eis a hora em que anelam pelo Emissário de Deus prometido e em que o procurarão. Se sabem onde se encontra, do mesmo modo que outrora, enviarão emissários à sua presença. Êstes, então, não são portadores de pensamentos de ódio e de destruição, senão que a humanidade se apresenta agora por seu intermédio esfalfada, humilde, implorando cheia de confiança ao que foi escolhido pelo que dirige todos os mundos para libertá-los da excomunhão a que se reduziram, trazendo-lhes auxílio e livrando-os das necessidades tanto espirituais como terrenas.

Êsses emissários também hão-de perguntar. E do mesmo modo que o Filho de Deus já disse em Gethsemane “Eu o sou”, o começo do Karma da humanidade, da mesma fôrma o Enviado de Deus responderá as mesmas palavras “Eu o sou”, desfazendo êsse pesado Karma. As mesmas palavras que lançaram a culpa na humanidade rancorosa de então, hão-de aliviá-la, pois voltará com a mesma pergunta, receiosa, mas todavia confiante e súplice.

Ê poderoso o percurso dêsse Karma, como dirigido com tanta segurança e precisão que as profecias nele se realizam, tomando a direção ascendente desde o momento em que sejam pela segunda vez ditas essas palavras por um Enviado de Deus à humanidade. Sòmente então (e nunca antes!) se estabelecerá o Reino da Paz, de acôrdo com a Vontade do Supremo.

Vêdes de um lado os emissários da humanidade rancorosa aproximarem-se do Filho de Deus, atando-o e maltratando-o, aparentemente vencedores. A seguir instala-se a contínua degradação ocasionada pela ação recíproca inevitável, mas ao mesmo tempo a maturação e robustecimento das sementes lançadas por Jesus. Depois aproxima-se o Fi-



lho do Homem anunciado pelo próprio Jesus como sendo o Emissário de Deus, que continua e completa o serviço de seu Filho, separando na colheita o joio do trigo, segundo a Justiça Divina.

Jesus, o Filho de Deus, desceu aos homens por amor, afim de estabelecer novamente os laços que a humanidade romperá. O Filho do Homem é o homem que está em Deus, dando remate a êsse movimento circular, de fôrma que a harmonia pura possa percorrer toda a Criação.

## DEUS

**P**orque motivo os homens se mostram tão acanhados sempre que se pronuncia essa palavra que, mais do que qualquer outra, lhes devia ser familiar? Que motivo os impede de meditar profundamente a seu respeito, senti-la em toda sua plenitude, apreendê-la acertada e cabalmente?

Reverência? Não. Será êsse original “não atrever-se” algo grandioso, digno de ser anotado ou profundo? Absolutamente. Considerai apenas o seguinte: orais, e no entanto não possuíis na oração uma representação adequada daquele a quem vos dirigís. Pelo contrário: ficais tomados de confusão, pois nunca, quer nas escolas quer na igrejas, vos ministraram noções claras que acalmassem a sêde que vos agita pela Verdade. A verdadeira Trindade continuou sendo para vós um mistério ante o qual tendes por fim de condescender e capitular.

Nestas condições poderá a oração ser intimamente sentida e plácida como o deveria? Impossível. Se conhecerdes, porém, o vosso Deus, tornando-se êle mais unificado com vosso íntimo, não será a oração acompanhada de sentimentos profundos, não será mais interior e direta?

Deveis e precisais aproximar-vos mais do vosso Deus. Que tolíce dizer que não fica bem tratar a Deus por êsse modo! Mais ainda: o comodismo e a preguiça vão a ponto de chamar a isso de injúria! Digo-vos, no entanto: *Deus o quer*. As bases da aproximação se encontram no conjunto da Criação, razão porque não é mostra de humildade frustrar-se a

essa aproximação, mas presunção ilimitada. Intentam com isso que Deus os procurem para que possam compreendê-lo, em vez de procurarem aproximar-se de Deus para conhecê-lo. Por toda a parte só vemos e ouvimos hipocrisia e comodismo, e tudo sob a capa de falsa humildade.

Vós, porém, que não desejais prosseguir dormindo, que vos esforçais para a Verdade com sinceridade e fervor, esforçai-vos por aprender a Verdade:

Que é o teu Deus? Bem sabes que êle disse: “Sou o Senhor teu Deus! Não terás outros Deuses a meu lado.”

Ha apenas *um* Deus, *uma* única Fôrça. Que é então a Trindade? A Tri-idade? Deus Pai, Deus Filho, O Espí-rito Santo?

Quando a humanidade se excluiu a si própria do Paraíso— por haver abandonado a guia segura da intuição, que é puramente espiritual e, por conseqüência se encontra próxima de Deus, cultivando pelo contrário o entendimento térreo e a êle se submetendo, com o que se rebaixava à condição de escravo do próprio instrumento — afastou-se mais e mais, muito naturalmente, de Deus. Ficou completa a cisão ao se entregar a humanidade predominantemente à parte terrena que está condicionada ao espaço e ao tempo e que Deus em sua espécie desconhece, razão por que a humanidade não poderá apreendê-lo. Cada geração que passava deixava mais escancarado o abismo, ficando os homens cada vez mais presos à terra. Tornaram-se os homens do entendimento que se encontram presos à terra e que aceitam o nome de materialistas até mesmo com um certo orgulho, porque não têm consciência das cadeias que os prendem e pelo fato de terem o horizonte mais estreitado em virtude das restrições do tempo e do espaço. Como era possível que nessas condições fôsse encontrado novamente o caminho para Deus? Nunca!

Impossível, se o auxílio não viesse do próprio Deus. A haver qualquer auxílio deveria êste partir de Deus, que então

lançaria uma ponte para que o abismo pudesse ser transposto. E êle se comiserou. Era impossível a Deus, em sua Pureza, revelar-se aos homens de entendimento que se achavam em plano tão inferior, porque êsses se tornaram incapazes de sentir, ver ou ouvir seus Mensageiros, sendo levados a ridículo os poucos que ainda o conseguiam, porque o círculo visual dos materialistas, excessivamente adstrito ao tempo e ao espaço, afastava como impossível, porque incompreensível, qualquer pensamento que transcendesse aos âmbitos de sua capacidade. Por êsse motivo nem os próprios profetas bastavam, sendo suas fôrças incapazes de penetração, uma vez que se haviam tornado puramente materialistas todos os pensamentos fundamentais das preocupações religiosas. Por isso fazia-se mister de um mediador entre a Divindade e a humanidade transviada, mediador que possuísse mais fôrça que todos os demais, afim de que sua ação fôsse eficaz. Poderéis perguntar: e isso por amor dos poucos que ainda alimentavam anelo pela Divindade sob a opressão do materialismo? Sim; mas isso mesmo seria taxado pelos inimigos como presunção dos crentes, em vez de reconhecerem nisso demonstração do grandioso Amor Divino forrado da mais estrita Justiça que com a recompensa e o castigo lhes oferece ao mesmo tempo libertação.

Mas o mediador capaz de penetrar na desordem deveria ser também Divino, porque os elementos inferiores por tal modo se haviam concretizado que os próprios profetas eram insuficientes. Por êsse motivo Deus em seu Amor tirou voluntariamente uma *parte* de si próprio, encarnando-a <sup>(1)</sup> num corpo humano masculino: Jesus de Nazareth, daí em diante Verbo encarnado, Amor Divino encarnado, o Filho de Deus!

---

<sup>(1)</sup> Fazendo baixar à matéria grosseira.

Essa porção assim separada, mas a-pesar-disso espiritualmente ligada, tornou-se *pessoal*. Mesmo depois de haver despido o corpo terreno, quando da união íntima com Deus-Pai, continuou individual em virtude de sua humanização.

Deus- Pai e Deus-Filho são, por consequência, dois e, na realidade, apenas um! E o “Espírito Santo”? O próprio Christo disse que os pecados contra Deus- Pai ou Deus-Filho poderiam ser perdoados, jamais porém, os que ofendessem o “Espírito Santo”.

E’, portanto, o “Espírito Santo” mais, ou mais elevado que Deus- Pai e Deus-Filho? Semelhante pergunta tem dado preocupações e pesado em muitos ânimos; já desnortou muitos espíritos infantis.

O “Espírito Santo” é o Espírito do Pai que atúa na Criação, separado e , ao mesmo tempo, como o Filho, íntimamente ligado a êle, constituindo um Todo único. As Leis férreas da Criação que se estendem pela totalidade universal como uma rêde de nervos, ocasionando ação recíproca inevitável, o destino humano ou seu Karma... são do “Espírito Santo” <sup>(1)</sup>, ou, mais claramente: são seus efeitos.

Por êsse motivo disse o Salvador que ninguém se atreveria a pecar contra o Espírito Santo sem que fôsse castigado, porque na inexorável e inalterável ação recíproca a recompensa volta ao ponto inicial do autor do ato, seja êste bom o mau. E assim como Deus-Filho é do Pai, do mesmo modo o é o Espírito Santo. Ambos, portanto, partes dêle próprio pertencendo-lhe inteiramente, inseparáveis porque do contrário ficaria mutilado. Do mesmo modo que os braços são capazes de executar ações autônomas, pertencendo porém ao corpo para que êste possa ser considerado como completo—assim também aqueles só podem agir au-

---

<sup>(1)</sup> Dissertação n° 52: Desenvolvimento da Criação.

tonômicamente em conexões com o Todo, logo, unificados e identificados com Êle.

Assim é Deus-Pai em sua Onipotência e Sabedoria, tendo à direita como uma parte de si próprio, Deus-Filho, o Amor, e à esquerda, Deus- Espírito Santo, a Justiça. Ambos partem de Deus-Pai, e ambos estão unificados com êle. E' esta a Trindade do Deus *único*.

Antes da Criação Deus era um. Durante a Criação separou êle uma parte de sua Vontade, fazendo-a atuar autonomicamente na Criação, ficando dessa maneira duplo. Quando se fazia necessário dar um mediador à humanidade transviada, porque era impossível a menor ligação entre a Pureza de Deus e a humanidade que a si própria se acorrentara, a não ser pela humanização—movido de amor, tirou êle um pedaço de si próprio para essa humanização transitória, afim de se tornar novamente acessível à humanidade, ficando, com o nascimento de Christo, *triplo*.

Muitos já tiveram noções claras do que fôsse Deus-Pai e Deus-Filho; mas o “Espírito Santo” continuava sendo um conceito obscuro. E' a justiça atuante, cujas Leis eternas, inamovíveis e irredutíveis compenetraram o Universo, e até agora só pressentidas como sendo: Destino...Karma... a Vontade Divinal!

## A VOZ INTERIOR

**A** Chamada “voz interior”, que é o espiritual no homem, a cujo comando deve estar atento, é a intuição.

Não é sem razão que a sabedoria popular diz que “a primeira impressão é sempre a verdadeira”. Ha profunda verdade nesta como em todas as asserções congêneres. Por impressão compreende-se a faculdade intuitiva. O que um indivíduo, por exemplo, sente ao ser apresentado pela primeira vez a um outro é, ou uma espécie de advertência para precaver-se, o que pode ir até ao sentimento de repulsa, ou algo agradável, indo até à completa simpatia; ou, em muitos casos, indiferença. Quando, no decorrer da conversa ou no trato ulterior, essa impressão é afastada ou apagada pelas decisões do entendimento, de modo a surgir a idéia de que a intuição primitiva era falsa — o resultado final de semelhantes relações se incumbe de demonstrar a veracidade da mesma intuição, muitas vezes com grande dor dos que se deixaram transviar pelo entendimento que se iludira com as falsas aparências.

A intuição desligada do espaço e do tempo, em íntimas conexões com o de igual-espécie, o Espiritual e o eterno, reconhece imediatamente a essência verdadeira das pessoas sem deixar-se iludir pelas acrobacias do entendimento.

Equívoco é impossível na intuição.

Sempre que os homens se enganam, duas podem ser as fontes de semelhante erro: ou o entendimento ou a sensibilidade.

Quantas vezes ouvimos dizer: “Deixei-me guiar nisto ou naquilo por minha sensibilidade, e só tive a perder! Só devemos confiar no entendimento!” Êstes tais cometeram o erro de tomar a sensibilidade pela voz interior. Atribuem merecimentos ao entendimento, sem se aperceberem de que êste tem papel importante junto à sensibilidade.

Cuidado, portanto! Sensibilidade não é intuição! A sensibilidade provém do corpo de matéria grosseira. Êste dá nascimento a impulsos que dirigidos pelo entendimento fazem nascer a sensibilidade, o que é bem diferente da intuição. O trabalho em conjunto, porém, de ambos, sensibilidade e entendimento, produz a fantasia.

Temos, por conseqüência, da parte espiritual, a intuição que se encontra acima do espaço e do tempo<sup>(1)</sup>, e da parte terrena, em primeiro lugar, o corpo de matéria grosseira adstrito ao espaço e ao tempo. Partem dêsse corpo impulsos, que, elaborados pelo entendimento se transformam em *sensibilidade*.

O entendimento, produto do cérebro adstrito ao tempo e ao espaço, consegue produzir a *fantasia* como o mais puro e elevado da matéria em colaboração com a sensibilidade. A fantasia é, portanto, conseqüência do trabalho em conjunto da sensibilidade e do entendimento. E' da matéria fina, mas *sem* fôrça espiritual. Por êsse motivo só tem ação *regressiva*. Só consegue influir sôbre a sensibilidade de seu próprio gerador, jamais podendo fazer brotar de si uma fonte de energia que tenha influência sôbre outrem. Só age, por conseqüência, *regressivamente* sôbre a sensibilidade da-quele a quem pertence; só pode servir para o entusiasmo *próprio*, nunca para atuar no sem ambiente. Nisto se reconhece a marca de inferioridade. Com a intuição passa-se de modo diverso. E' portador de fôrça espiritual, criadora e

---

(1) Dissertação n.º 86: *Intuição*.



vivificante, agindo por transbordamento nos demais, arrasando-os e convencendo-os.

Temos, por conseqüência, de um lado a intuição; e de outro corpo-impulsos-entendimento-sensibilidade-fantasia.

A intuição é puramente espiritual; está acima do espaço e do tempo. A sensibilidade é parte fina da matéria grosseira, dependente dos impulsos e do entendimento, logo, pertencente a um plano inferior.

A-pesar-de tratar-se de porção fina da matéria grosseira, *jamaiz*, em se tratando da sensibilidade, pode haver *mistura* com a intuição espiritual, logo, nenhuma turvação desta última. A intuição permanece sempre clara e pura porque é espiritual. E' sempre claramente sentida pelo homem, ou "ouvida" quando... é realmente ela quem fala. Mas a maioria dos homens se privou dessa intuição por lhe haver anteposto o muro da sensibilidade, aceitando erroneamente esta como a voz interior, o que lhe foi causa de inúmeros erros, entregando-se cada vez mais aos ditames do entendimento, sem ver que justamente a cooperação deste último era a causa dos equívocos. Como conseqüência deste erro afastarem de si os homens tudo o que é espiritual, com o que não se relaciona em absoluto sua experiência, apegando-se cada vez mais às coisas desvaliosas.

O mal original é, como em muitos outros casos, a submissão voluntária desses indivíduos ao entendimento adstrito ao tempo e ao espaço. Todo aquele que se submete completamente ao seu entendimento, submete-se da mesma forma às *resrições* do entendimento que, como produto do cérebro de matéria grosseira, se encontra preso ao espaço e ao tempo, o que quer dizer: submete-se por completo à matéria grosseira.

Tudo o que o homem faz, origina-se de si próprio e voluntariamente. Por esse motivo o homem não é aprisionado, mas prende-se a si próprio! Deixa-se dominar pelo entendi-

mento (porque se o não quisesse jamais chegaria a êsse ponto) que o amolda à sua feição, ligando-o ao tempo e ao espaço e privando-o do conhecimento de tudo que se acha acima daquelas categorias. Por esse motivo deita-se um invólucro sôbre a intuição, que está acima do espaço e do tempo, em virtude da estreitura da faculdade cognitiva, barreira essa que impede os homens de ouvir, abafando a sua “voz interior e pura”, ou permitindo apenas que “ouçam” em lugar da intuição a sensibilidade que se encontra em conexões com o entendimento.

Será um conceito falso se dissermos: a sensibilidade subjuga a intuição pura; porque nada é mais forte do que esta. E’ a mais elevada fôrça do homem; jamais poderá ser influenciada ou subjugada por algo diferente. Será mais acertado dizermos: o homem se fez incapaz de reconhecer a intuição.

O falhar é sempre do próprio indivíduo, não da maior ou menor intensidade de dotes particulares, porque o dote fundamental justamente, a fôrça pròpriamente dita, o que ha de mais possante no homem, imortal e portador de vida é dado igualmente a todos os indivíduos. Nisso ninguém leva vantagens a seus semelhantes. Toda diferença consiste na *aplicação*.

De igual modo jamais poderá ser turvado ou enlameado êsse dote fundamental, a centelha imortal. Conserva-se pura em mio das maiores imundícies. Basta que desfaçais o invólucro em que vós próprios vos envolvestes com a limitação voluntária da faculdade cognitiva — e sem transição ela arderá como no princípio em toda sua pureza, fresca e robusta desenvolvendo-se, ligada à Luz e ao Espírito. Alegrai-vos por êsse tesouro que se encontra intangível em vosso íntimo, importando pouco se o próximo vos dá muito ou nenhum aprêço. Todo êsse dique de imundícies que se concretizou em tórno da faísca espiritual, pode ser arreben-

tado pela vontade honesta e bem intencionada. Uma vez que trabalhastes e que trouxestes à luz o tesouro novamente, tendes o mesmo merecimento que os que nunca o soterraram.

Mas ai dos que por comodismo se abstêm constantemente da vontade para o bem! Ser-lhes-á na hora do Juízo tomado êsse mesmo tesouro, deixando êles de existir!

Por êsse motivo acordai, oh! Vós que vos segregastes, vós que pusestes como as retrições da faculdade cognitiva a camada do entendimento sôbre vossa intuição. Velai e atendei ao brado que chega até ao ponto em que vos encontrais. Não deixeis desaproveitado nada que possa fazer saltar essa camada obscura da sensibilidade inferior — quer seja uma grande dor, um poderoso abalo espiritual, o sofrimento ou alegria pura e sublinhada. Trata-se de auxílios que vos apontam o caminho a ser seguido. Mas será melhor se não esperardes por isso, iniciando imediatamente a ascensão espiritual para todo o bem com deliberação sincera. Com isso se tornará logo mais fina e livre a camada separadora, até ao completo desmoronamento, abrindo-se novamente a chama em fulgor imaculado. Êste primeiro passo, porém, *só pôde e deve ser dado pelo próprio indivíduo*, do contrário não lhe poderá ser dado ajuda.

Neste particular deveis distinguir acuradamente entre os desejos e o querer. Os desejos em nada adiantam; o querer, sim; condiciona o ato, já o traz em si. O ato já tem início com o querer sincero.

Se fôr mister entrar por muitos desvios — em virtude das peias do entendimento — nada de hesitações. Também lucrará! Tratará então essa pessoa de clarificar seu entendimento, de desfazer aos poucos todos os obstáculos com a experiência colhida nessas digressões.

Portanto, avante sem hesitações. Pela vontade sincera cada caminho conduz ao alvo almejado.

## A RELIGIÃO DO AMOR

A religião do amor é falsamente compreendida pelas várias distorções e deturpações por que tem passado o conceito *amor*; porque a parte maior do verdadeiro amor é severidade! O que *atualmente* é denominado amor, é tudo menos amor. Analisando inexoravelmente todos os assim chamados amores não ficará mais do que egoísmo, vaidade, fraqueza, comodismo, arrogância ou instinto.

O verdadeiro amor jamais pergunta o que pode agradar a outrem, o que lhe poderá proporcionar alegria, mas cuidará apenas do que pode *ser de utilidade* a essa pessoa, pouco importando se com isso causa ou deixa de causar-lhe alegria. Nisto consiste o verdadeiro amor e préstimo.

Se está escrito, portanto: “Amai vossos inimigos!” quer dizer: “Fazei o que lhes fôr útil; castigai-os também, se por outros modos não poderem adquirir o conhecimento de que carecem!” Isso é ser-lhes prestimoso. Porém deverá reinar justiça, porque esta não se separa do amor; são inseparáveis! Concessões descabidas só tenderiam a aumentar os erros dos inimigos, deixando-os cair sempre mais. Seria isso amor? Ao contrário! Assim procedendo incorreríamos no encargo de uma culpa.

A religião do amor, devido aos desejos dos homens, foi transformada em religião de indolência, do mesmo modo que ficou deturpada a pessoa de Jesus Christo, com os traços de tibieza e indulgência que jamais possuiu. Por ser todo amor foi Jesus Christo justamente severo e rigoroso no meio de homens do entendimento. A tristeza de

que muitas vezes era apossado é compreensível se tivermos em vista sua elevada missão e do outro lado o material humano. Nada tinha de comum com a moleza.

A religião do amor — afastadas todas as deformações e estreitezas dogmáticas <sup>(1)</sup> — se transformará em uma doutrina da mais rigorosa consequência, da qual ficarão excluídas todas as fraquezas e todas as condescendências ilógicas.

---

<sup>(1)</sup> Referentes às doutrinas das Igrejas.

## O SALVADOR

O Salvador na Cruz! Aos milhares estão estas cruzes erigidas com prova de que Christo sofreu e morreu por causa da humanidade. De todos os lados admoestam aos crentes: “Pensai nisso!” Em paragens remotas; nas ruas movimentadas dos grandes centros; no silêncio dos quartos; nas igrejas; nos túmulos; nos casamentos — em toda a parte serve a Cruz de confôrto, de estímulo, de advertência. Pensai nisso! Foi por causa de vossos pecados que o Filho de Deus, o portador da Salvação à Terra, sofreu e morreu na Cruz!

E avança o crente cheio de estremecimento interior, com profunda reverência e reconhecimento, para deixar em seguida o lugar cheio de contentamento, com a consciência de que com o sacrifício da morte se aliviara também de seus pecados.

Tu, porém, investigador sincero, adianta-te! Apresenta-te ante o signo da santa severidade e esforça-te por compreender o teu Salvador. Lança fora o cômodo manto da rotina que te aquece por modo tão agradável e produz uma sensação de bem-estar e segurança, mas que te traz enclausurado até os últimos momentos terrenos, quando fôres de súbito arrancado dessa sonolência, livre das prisões corpóreas e apresentado à Verdade resplendente. E teu sonho, a que tanto te havias aferrado, e com o qual tu mergulhaste nos abismos da inércia, terá sido ràpidamente sonhado.

Acorda. São preciosos os minutos que tens sôbre a Terra. E' literalmente certo e inviolável que o Salvador

veiu por causa de nossos pecados, assim como é certo que morreu pela culpa da humanidade.

*Mas isso não te livra de teus pecados!* A obra de libertação do Salvador consistiu em lutar com as Trevas afim de trazer a Luz à humanidade, *abrir-lhe caminho para o perdão de todos os pecados*. Mas êsse caminho tem que ser percorrido individualmente por todos, segundo as Leis imutáveis do Criador. Christo, também não veiu para desfazer as Leis, mas para cumprí-las. Acautela-te, portanto, para que não passe desconhecido o que deve ser o teu melhor amigo! para que não emprestes significação errônea a palavras verdadeiras!

Quando é dito muito acertadamente: tudo isso aconteceu pelos pecados da humanidade — só significa que a vinda de Jesus só era necessária porque a humanidade se tornara incapaz de libertar-se por si própria das tenazes das Trevas que ela mesma criara. Era preciso que Christo abrisse novamente o caminho e o mostrasse à humanidade. Se esta não se encontrasse tão profundamente enleada em suas culpas, isto é, se a humanidade não houvesse tomado o caminho *falso*, — a vinda de Jesus não se teria tornado necessária; ter-lhe-ia sido poupada a passagem pela luta e pelo sofrimento. Por isso é perfeitamente acertado dizer que êle devia vir somente por causa dos pecados dos homens, para que êstes não fôssem precipitados, pelos desvios tomados, aos abismos das Trevas.

E' errôneo pensar que qualquer indivíduo pode de *um momento para outro* ser aliviado de suas culpas pessoais, uma vez que apenas creia de fato nas Palavras de Jesus e que paute sua vida por elas. Se viver de acôrdo com essas máximas, os seus pecados lhe *serão perdoados*, mas isso aos poucos, quando a libertação se operar pela causalidade recíproca, graças ao trabalho da vontade bem intencionada, conformada à Palavra de Jesus. De outro modo será im-

possível. Diferentemente a êsses, porém, dar-se-á com os que não vivem de acôrdo com essas palavras, porque lhes será absolutamente impossível alcançar o perdão.

Isto não que dizer que sômente os adeptos da Igreja cristã o possam alcançar.

Jesus annunciou a *Verdade*. Suas Palavras, por conseguinte, devem encerrar todas as verdades das outras religiões. Não era intenção sua fundar uma Igreja, mas mostrar à humanidade o verdadeiro caminho, o que pode ser igualmente conseguido pelas verdades de outras religiões. E' por isso que encontramos em suas Palavras tantas consonâncias das religiões que até seu tempo existiram. Jesus nada tirou dessas religiões; mas por isso mesmo que era Portador da Verdade, é natural que nela re-encontremos o que de verdade existe já nas outras religiões.

Até mesmo os que desconhecem as Palavras de Jesus mas que se esforçam com sinceridade pela Verdade e pelo enobrecimento próprio, já vivem inteiramente de acôrdo com o sentido dessas Palavras, e marcham com segurança em direção à uma crença pura e à absolvição dos pecados. Cuidado, portanto, com as concepções unilaterais. Desvalorizam a obra do Salvador, degradam o Espírito Divino.

Não faltará o amor a quantos se esforçam sinceramente pela Verdade e pela Pureza. Conquanto através de dúvidas e de lutas inumeráveis, subirão de degrau em degrau, *seja qual for a religião a que pertençam*, encontrando o Espírito de Christo neste ou no mundo do Além, o qual os conduzirá no *último fim* ao Pai, cumprindo-se dêsse modo as suas Palavras: "Ninguém poderá chegar ao Pai a não ser por meu intermédio."

O "último fim", porém, não começa com a última hora da existência terrestre, mas em certo grau do desenvolvimento espiritual do homem, para o qual a passagem do



mundo da matéria grosseira para o da matéria fina não passa de uma transformação.

E agora quanto à própria grande obra de libertação: a humanidade desviou-se pelo caminho das Trevas espirituais. Ela própria deu origem ao se submeter de maneira crescente ao entendimento cultivado a princípio penosamente. Com isso tornaram-se cada vez mais angustiosos os limites da faculdade cognitiva, até ficarem, como o cérebro, incondicionalmente adstritos ao tempo e ao espaço, sem mais poderem reconhecer o caminho para o infinito e para o eterno.

Dêsse modo o conhecimento ficou inteiramente ligado à terra, limitado ao espaço e ao tempo, sem nenhuma ligação com a Luz, com o que é puro e espiritual. A vontade dos homens só sabia dirigir-se pelo que é terreno, com exceção de poucos que como profetas não possuíam força para atravessar os obstáculos, abrindo caminho desimpedido para a Luz.

Semelhante estado de coisas abriu largas portas a todos os males. As Trevas espirituais jorraram nocivas pela Terra. Isto só poderia conduzir a *um* fim: à morte espiritual, o que de mais terrível se pode conceber para os homens.

Mas a culpa de semelhante miséria estava nos próprios homens. Ocasionalmente, escolhendo voluntariamente essa direção. Desejaram-na e cultivaram-na; chegaram mesmo a se orgulharem de suas conseqüências (cegos!) sem que a estreiteza em que se colocaram lhes permitisse compreender o terrível que resultaria de tudo isso. Não era possível nenhum caminho que conduzisse semelhante humanidade à Luz. A estreiteza voluntária era enorme.

Auxílio, a haver, teria que vir da Luz, para que fôsse possível sustar o ocaso da humanidade que já se fazia sentir.

As Trevas, pela sua impureza, são mais espessas e, espiritualmente, pesadas. Por motivo dêsse peso só conseguem atingir um determinado limite, necessitando para a

ascensão de atração auxiliar. A Luz, porém, tem a leveza correspondente a seu estado puro, o que a torna inapta para descer até essa escuridão.

Ha, por conseqüência, entre ambas um abismo intransponível, e, nesse abismo, o homem com a sua Terra!

Está na vontade do homem, conforme orientar seus desejos, dirigir-se ao encontro da Luz ou das Trevas, abrir portas e alhanar estradas para que uma ou outra se derrame pelo mundo. Êles próprios constituem o mediador cuja força de vontade fornecerá apôio adequado à Luz ou às Trevas, de onde possa atuar com mais ou menos eficácia. Quanto mais força adquirir sôbre a Terra a Luz ou as Trevas, tanto mais se verá a humanidade inundada com o que lhes é inerente: bens ou males; salvação ou infortúnio; a felicidade ou a desgraça; a paz do paraíso ou tormentos do inferno.

A vontade pura dos homens enfraquecera bastante para poder, no meio das Trevas que, tudo sufocando, assoberbavam, oferecer à Luz um ponto de apôio a que se pudesse ligar, de tal fôrma que com sua pureza e força conseguisse apartar as Trevas e libertar a humanidade, capaz, daí por diante, de tonificar-se na fonte constituída e de iniciar os caminhos para as alturas.

Era impossível à própria Luz, sem êsse forte ponto de apôio, baixar tanto na impureza. Por isso fazia-se mister de um mediador. Sômente um Emissário das alturas luminosas, ao se humanizar, conseguiria fazer saltar o muro de trevas elevado pela vontade dos homens e assentar no meio das maldades o fundamento de matéria grosseira para a Luz Divina, que se apresenta firme na espessura da escuridão. Dessa base então podiam os puros raios de Luz partir, abrindo e desfazendo a massa compacta e tôrva para que a humanidade não se asfixiasse por completo.

Assim *veiu* Jesus, por causa da humanidade e de suas culpas!

Dada a Pureza e a Fôrça do Emissário, não era mais possível às Trevas desfazer essa nova ligação com a Luz. Com isso foi aberto aos homens um novo caminho para as alturas espirituais. Dêsse ponto de apôio terreno consequente à humanização de Jesus partiram raios por meio da Palavra viva portadora da Verdade. Era possível transmitir a Verdade sem mácula, porque seus laços com a Luz eram fortes e estavam a coberto da ação perturbadora das Trevas.

Foram então os homens abalados em sua sonolência pelos milagres que ao mesmo tempo se operaram. Seguindo-os encontraram a Palavra. Ouvindo a Verdade enunciada por Jesus e meditando nela, nasceu em milhares e milhares de indivíduos o desejo de acompanhar essa Verdade e de melhor compreendê-la. E aos poucos encaminharam-se para a Luz. Semelhante desejo tornou menos densas as Trevas ambientes, penetrando vitoriosos raio após raio à medida que os homens meditavam e se compenetravam da Verdade. a claridade se tornou cada vez mais resplendente, e as Trevas não mais encontraram onde apoiar-se, perdendo consistência e fugindo dos homens. Dêsse modo atuou a Palavra da Verdade nas Trevas, como grão de mostarda e como fermento na massa.

Eis a obra libertadora de Jesus, o Filho de Deus, o Portador da Verdade e da Luz!

As Trevas que já se imaginavam senhoras da humanidade contorceram-se em luta desesperada, afim de impossibilitar a obra de libertação. Jesus era inatingível; sua intuição pura o resguardava. Portando era evidente que lançaram mão de seus instrumentos voluntários, o de que dispunham para o combate.

Êsses instrumentos eram os homens que com acêrto se denominavam “homens do entendimento” por se valerem

dêste último, ficando, por conseqüência, adstritos ao espaço e ao tempo, incapazes de apreender os conceitos elevados e espirituais que os transcendem. Era-lhes por isso impossível acompanhar a doutrina da Verdade. Suas convicções os puseram no solo demasiadamente “real”, como se dá ainda hoje como muitos indivíduos. Solo real, porém, é excessivamente limitado. Êsses homens eram a maioria dos que tinham em mãos o poder magistrático e religioso.

Dêsse modo as Trevas os acutilaram até à violência que exerceram sobre Jesus com o poder terreno de que dispunham.

As Trevas esperavam com isso abalar e destruir por fim a obra libertadora de Jesus. Semelhante passo só foi possível por culpa da humanidade que deu mão forte às Trevas graças à falsa atitude voluntária do conhecimento.

Essa culpa foi o pecado da humanidade, ocasião de todos os outros males.

*Por causa dêsse pecado da humanidade Jesus devia sofrer!* As Trevas levaram seu ataque ao extremo; Jesus seria crucificado se persistisse em ser o Portador da Verdade e da Luz. Urgia uma resolução. Uma deserção, o retraimento completo, o livraria dessa morte. Mas isso importava em vitória da violência das Trevas que se derramariam sôbre tudo, ficando então frustrada toda a ação de Jesus, não realizada sua missão, inacabada a obra de libertação.

A luta interior de Gethsemane foi intensa, porém, curta. Jesus não recuou diante da morte terrena, tendo persistido sereno ao lado da Verdade por êle trazida. Seu sangue na Cruz foi o sêlo que asseverou a veracidade de sua vida e de suas palavras.

Com semelhante ato venceu Jesus completamente as Trevas em sua batalha decisiva. Venceu. Venceu por amor do Pai, a Verdade por amor à humanidade que adquiriu com

isso cominho para a liberdade na Luz, porque com essa vitória foi ela reforçada em sua crença na veracidade das Palavras de Jesus.

A fuga e a deserção com a conseqüente renúncia à sua missão, deveriam trazer dúvidas.

Jesus morreu, portanto, pelos pecados dos homens. Sem êsses pecados — o afastamento de Deus por meio do entendimento — houvera sido dispensada a vinda de Jesus, e, conseqüentemente, seus sofrimentos e sua morte na cruz. E' justo, portanto, dizermos: foi por nossos pecados que Jesus veio, sofreu e foi crucificado.

*Isso, porém, não implica que não necessites remir tu mesmo teus próprios pecados.*

Encontras facilidade agora, uma vez que Jesus apontou o caminho com sua Palavra. A morte de Jesus não consegue, só porisso, apagar todas as tuas culpas. Se assim fôra, ruiariam primeiramente todas as Leis do Universo. Isso, porém, não se dá. O próprio Jesus se reporta, freqüentemente “ao que está escrito”, logo, ao que existe. O novo Evangelho do Amor não intenta opor-se ou derrubar o velho da Justiça, mas completá-lo.

Não esqueças, portando da Justiça do Criador de todas as coisas, ciosa das menores minúcias, inabalável desde o comêço ao fim do mundo. Seria impossível que essa Justiça consentisse que alguém tomasse a si os pecados de outrem para remí-los. Jesus poderia ter vindo por causa das culpas alheias, apresentar-se como lutador pela Verdade, padecer, morrer — mas em sua essência permaneceu puro dessas mesmas culpas, razão por que não poderia tê-las tomado sôbre si.

Isso, porém, não desvaloriza a obra da libertação. Pelo contrário: trata-se de um sacrifício imenso. Jesus desceu das alturas luminosas por tua causa; baixou à lama; lutou,

sofreu e foi crucificado por ti, afim de alumiar-te o caminho da ascensão, afim d que não te perdesse ou fôsse precipitado nas Trevas!

Assim está em tua frente o Salvador, isso foi sua admirável obra de amor.

A Justiça Divina se conservará com todo o seu rigor nas Leis do Universo, porque o homem colhe o que semeou, disse o próprio Jesus em sua Mensagem. Nenhum ceutil lhe será perdoado de conformidade com a Justiça Divina.

Medita em tudo isso, sempre que te encontrases ante o signo da Verdade. Concentra-te no pensamento de que o Salvador te mostrou o novo, com suas Palavras, o caminho para te serem perdoados os pecados, e deixa o lugar dessa meditação com o intento firme de enveredar por êsse caminho para que possas alcançar a remissão desejada. Seguir o caminho, porém, não é sômente aprender as palavras ou crer em seu significado, senão vivê-las! De nada te serviria acreditar nelas e considerá-las verdadeiras, uma vez que não pautasses tua vida por suas normas. Ao contrário: estarias em pior situação do que os que desconhecem a Palavra.

Desperta, portanto! São preciosos os minutos de que ainda dispões sôbre a Terra!

## O MISTÉRIO DO NASCIMENTO

**O**s homens não sabem o que dizem quando afirmam que reina grande injustiça na partilha dos nascimentos.

Alguns persistem: “Se ha justiça, como é possível nascer uma criança já com o fardo de uma doença hereditária? Passarem os pecados dos pais a um inocente!”

Outros: “Esta nasce na riqueza; aquela na mais negra miséria. Como acreditar na justiça?”

Ou então: “Admitindo mesmo que os pais necessitem de castigo, não é justo que isso se dê sob a forma de doença e de morte de uma criança. Sofrerá inocente.”

Essas e semelhantes asserções pululam aos milhares por entre os homens. Até mesmo investigadores sinceros se consomem infrutiferamente a respeito.

Nada também se adianta com o recurso dos “caminhos imperscrutáveis de Deus que tudo dispõe pelo melhor.” Contentar-se com semelhante explicação é alimentar-se de no-nadas ou abafar em seu íntimo qualquer pensamento inquiridor.

O pensamento, porém, necessita de outros processos: os homens encontram a verdadeira estrada justamente pelas perguntas. Apatia ou abstinência forçada faz pensar em escravidão que é o que Deus não deseja. Não deseja o re-tratamento embrutecedor senão a visão livre e conciente para as alturas. Suas disposições admiráveis e sábias nada lucram em se conservarem envoltas na escuridade mística, mas aumentam de elevação e perfeição quando se patenteiam livres em nossa frente. Imutáveis e incorruptas, com sere-

nidade e firmeza uniformes, trabalham incessantemente em sua atividade eterna. Não se preocupam com os agradecimentos ou os resmungos dos homens, ou de sua ignorância, mas restituem a todos, na colheita — com a maior fidelidade — o que lhes confiara como semente.

“O moinho de Deus é demorado, mas seguro”, diz a sabedoria popular com acêrto, em referência a essa trama inevitável de reciprocidade da Criação, portadora da Justiça Divina. Corre de manso, precipita-se, despenca-se em cataratas sôbre todos os homens, sem atender a seus desejos particulares, se se opõem ou consentem, se a recebem como castigo justo e remissão, ou como recompensa na libertação.

Os incrédulos ou os que murmuram reconheceriam imediatamente, repassados de vergonha, o quanto de pre-sunção existe em suas asserções, se lhes fôsse possível uma vez sequer lançar os olhos na trama do mundo da matéria fina que se acha todo penetrado do espírito — que envolve toda a Criação, nela repousa, sendo ao mesmo tempo uma parte dessa Criação, viva como um tear divino que não descansa... Tais indivíduos se prostrariam no solo, ante a serena elevação e a certeza que divisaram! Que pensamento mesquinho faziam de Deus até então! e que grandiosidade descobrem em sua atividade! E se compenetrariam que com seus mais altos conceitos terrenos nada mais conseguiam a não ser diminuir a Grandeza Divina, a Perfeição da Grande Obra, com o esforço inútil de encerrá-la nos moldes estreitos do entendimento que é incapaz de elevar-se acima do espaço e do tempo. Os homens não devem esquecer que êles próprios são *obra* de Deus, parcelas de sua Obra e que por conseqüência estão sujeitos incondicionalmente às mesmas Leis válidas para ela.

A Obra, porém, não compreende apenas as coisas sensíveis aos olhos terrenos, mas também o mundo de matéria



fina, mundo êsse que abrange a maior parte da essência própria do homem e de sua atividade. A vida terrena ocasional é parte mínima, *mas sempre ponto decisivo e importantíssimo*.

O nascimento corpóreo é apenas o começo de uma fase determinada na existência humana, não porém o início propriamente dito.

Começando o homem, como tal, sua passagem pela Criação, encontra-se livre, sem os laços do destino que se estendem para o mundo da matéria fina, mas que pela atração da igual espécie se formam em caminho cada vez mais fortes, cruzando-se e entremeando-se com outros, agindo retroativamente na pessoa que lhes deu origem — com a qual conservaram ligações — e, por consequência, portadores do Destino ou do Karma. Faz-se concomitantemente sentir a ação de outras correntes de retôrno, emprestando dêsse modo cambiantes a côres originariamente bem definidas para, em conjunto, formarem novos quadros <sup>(1)</sup>. Êsses fios insulados formam o caminho de retôrno até que não mais oferecem as pessoas originárias em seu íntimo nenhum ponto de apôio para sua igual-espécie, não mais alimentando por consequência aqueles modelos, com o que os fios dão de afrouxar — por faltar-lhe um ponto em que se firmem — abandonando-os por fim, quer se trate de boas ou más obras.

Todo fio do destino, por consequência adquire fôrma no mundo da matéria fina pelo ato volitivo na resolução; mas se conserva intimamente preso à pessoa que o gerou, oferecendo dêsse modo entrada para os semelhantes, fortificando-os e sendo fortificado por êles. E' nisso que se baseia o auxílio que sempre recebem os que se esforçam para o bem — conforme está prometido — ou a asserção de que “o mal com o mal se paga” <sup>(2)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> Dissertação n° 6: *Destino*.

<sup>(2)</sup> Dissertação n° 30: *O homem e sua livre vontade*.

Todo homem recebe portanto, pela ação de retôrno dos fios a que diariamente liga novos, seu destino, destino criado por êle próprio e ao qual está submetido. Ficam excluídos por consequência a arbitrariedade e a injustiça. O Karma que o indivíduo traz consigo e que se assemelha a uma predisposição, não passa de fato de uma *consequência* incondicional de seu passado, dependendo do grau da maior ou menor libertação atingida durante as ações de reciprocidade por que tenha atravessado.

O comêço real do ser de um indivíduo qualquer é *sempre* bom, como também o fim de muitas pessoas, excluídas as que se perdem voluntariamente ao se entregarem ao mal por deliberação própria, que as arrasta para a perdição. As vicissitudes se dão sempre na fase de transição, na época da formação e do amadurecimento interior.

Dêsse modo o homem é sempre o autor de sua vida futura. E' êle quem fornece os fios e determina as côres e o padrão do tecido que ha-de ser fiado no tear de Deus pelas Leis da reciprocidade.

Freqüentemente se encontram muito distantes as causas que determinam as relações ao nascimento de uma alma, assim como quanto à época sob cujas influências nasce uma criança, influências que o envolvem depois por toda a duração de sua passagem pela Terra, visando justamente o que é necessário para a libertação, purificação e desenvolvimento ulterior dessa alma.

Mas isso não se dá de modo parcial só com a criança. Ao contrário: os fios se entrelaçam automaticamente de fórmula que fica também subentendida uma ação recíproca na Terra. Os pais dão aos filhos o de que necessitam para seu desenvolvimento ulterior, assim como pelo modo inverso: os filhos quanto aos pais, quer se trate do bem quer do mal, porque para que haja desenvolvimento e elevação é neces-

sário que o mal seja reconhecido e afastado depois de sua ação individual e própria. Semelhantes oportunidades ocasionam sempre a ação recíproca. Sem elas jamais os homens se poderiam libertar do acontecido. Logo, nessa Lei da reciprocidade encontra-se como grandioso mimo o caminho para a liberdade ou para a ascensão. Não podemos, por consequência, falar em castigo. Seria expressão errônea, porque em tudo isso ha a mais alta fórmula do amor, a mão que o Criador estende para oferecer-nos a remissão e a libertação.

A entrada do homem na Terra é uma combinação de vários processos: geração, encarnação e nascimento. A encarnação é a entrada propriamente do indivíduo na existência terrestre <sup>(1)</sup>.

Contam-se por milhares os fios que atuam na determinação da encarnação, mas até nesse fato da Criação ha sempre justiça que se manifesta nas maiores minúcias, agindo e contribuindo para o progresso de *todos* os elementos.

Por êsse motivo o nascimento de uma criança é de muito mais importância e, digamos, muito mais sagrado do que vulgarmente se considera. Com sua entrada no mundo manifesta-se simultâneamente nova e especial Graça do Criador, que facilita à criança ou a seus pais ou até mesmo a irmãos ou demais pessoas que a cercam, oportunidade de progredir. Os pais têm essa oportunidade espiritual pelos cuidados de saúde indispensáveis, pelas preocupações ou desgostos — seja como remédio, simples meio para um determinado fim, seja como liquidação de antiga culpa ou até de um Karma ameaçador. Porque muitas vezes acontece em quem já iniciou o caminho da boa vontade que uma doença grave que devia *atingi-lo* como Karma pela Lei da reciprocidade — acontece ser prêviamente saldada em consequência dessaboa intenção, graças à deliberação voluntária de se desvelar pelo próprio filho ou pelo de outra pessoa. A ver-

---

<sup>(1)</sup> Dissertação n° 7: *Criação do homem*.

dadeira redenção só pode ser passada no sentimento íntimo, no viver completo, e êste é muitas vezes mais intenso no desvêlo por outrem do que em suas próprias doenças. A dor e a ansiedade atingem expressões profundas durante essas ocasiões, quando consideramos a criança ou a pessoa afetada como nosso próximo amado. Igualmente profunda é a alegria pelo restabelecimento. Êsses momentos deixam marcas indeléveis no sentimento íntimo, no homem espiritual, conformando-o por outro modo e desfazendo com esta transformação os fios do destino que, sem essas circunstâncias, o atingiriam. Semelhante cessionamento ou afastamento dos fios faz que êstes voltem para o ponto oposto — como fios de borracha estendidos que se retraem — atraídos para os pontos de reünião na matéria fina dos de igual-espécie que, por sua força tornada predominante, os absorvem. Fica excluída qualquer ação ulterior no indivíduo assim transformado, visto faltar o caminho da ligação.

Desta fórma ha milhares de redenções que se realizam quando alguém toma a si obrigações perante outrem, voluntariamente, por amor ou pela compaixão que lhe é afim.

Jesus mostrou em suas parábolas os melhores modelos das boas conseqüências de semelhantes práticas, assim como no sermão da montanha e em outras ocasiões. Sempre se referia ao “próximo”, apontando por êsse modo o melhor caminho para a remissão do Karma e para a ascensão espiritual. Fê-lo por modo simples e adequado às condições da vida. “Ama ao próximo como a ti próprio”, advertia-nos, dando-nos a chave que abre a porta para a ascensão espiritual. Não é preciso que seja apenas por ocasião de doenças. As crianças oferecem tantas oportunidades dessas, com os cuidados de que carecem e com a educação, que podemos dizer encerrarem elas *tudo* o que se faz mister para a absol-

vição. Por êsse motivo as crianças são sempre portadoras de bençãos, importando pouco como nascem e como se desenvolvem.

O que serve em relação aos pais, serve também aos irmãos e a quantos convivem com as crianças. Todos têm também a oportunidade de lucrar com o novo cidadão da Terra, pelo esforço que fazem, já para se libertarem de ruins hábitos, já pela paciência, pelos auxílios de várias espécies.

A criança também não lucra menos. O nascimento dá a todos a possibilidade de progredir uma boa parte do caminho, revertendo em própria culpa quando tal não acontece. Não progride quem não quer. Por isso o nascimento deve ser considerado um presente de Deus, distribuído igualmente a todos. Os que não têm filhos, mas adotam filhos alheios não se vêm privados de semelhante benção, senão que tem-na aumentada pelo fato da adoção, uma vez que esta se dê por causa da criança, não por satisfação própria.

E' portanto, de suma importância numa encarnação comum a fôrça atrativa da igual-espécie espiritual que age preponderantemente em conjunto com a reciprocidade. Propriedades que à primeira vista parecem hereditárias são, de fato, conseqüências daquela fôrça de atração. Nenhuma porção do espírito do pai ou da mãe foi transmitida, porque a criança constitui igualmente uma individualidade definida como aqueles. E' apenas portador da igual-espécie pela qual se sente atraída.

Mas não é somente essa atração da igual-espécie o fator decisivo na encarnação, senão que se fazem valer também outros fios do destino a que se encontra ligada a alma a ser encarnada e que talvez estejam por qualquer modo em conexões com pessoas da família a que essa alma é conduzida. Tudo isso atúa, tendo como resultado final a encarnação.

Por outro modo se processa sempre que uma alma abraça voluntariamente uma missão — quer seja para ajudar determinadas pessoas dêste mundo, quer para colaborar em alguma obra de auxílio a toda a humanidade. Nesse caso a alma toma prévia e conscientemente tudo que ha-de atravancar-lhe o caminho, razão por que não podemos dizer que se trata de uma injustiça. A recompensa lhe virá como consequência de uma ação recíproca — quando tudo é fruto do amor, que não mede sacrifícios, amor que por sua vez é desinteressado. Em famílias em que ha doenças hereditárias encarnam-se almas que têm necessidade dessas doenças para se libertarem, purificarem e progredirem por efeitos de reciprocidade.

Os filamentos condutores não permitem que se processe uma falsa, portanto injusta encarnação. Excluem todos os erros. Seria como experimentar alguém nadar contra a corrente que segue seu curso natural com força irresistível, o que exclue sequer a possibilidade da experiência. Acompanhando, porém, suas qualidades, só bençãos resultarão.

O mesmo lucrará todo aquele que na encarnação aceita as doenças também voluntariamente para atingir um determinado fim. Se por ventura os pais adoecem por culpa própria — embora se desse isso só por haverem desatendido às Leis Naturais que exigem cuidados incondicionais pela conservação da saúde — a dor de ver novamente essa doença na criança já constituirá uma expiação que conduz à purificação, uma vez que essa dor seja sincera.

Exemplos seriam de pouca utilidade, porque todo nascimento dá origem a um novo quadro em virtude da trama enleadíssima do destino, quadro que se diferencia dos demais, apresentando até mesmo os da mesma-espécie uma infinidade de matizes por causa da ação recíproca e da variedade de suas combinações.

Apenas um exemplo simples: certa mãe tem tal amor por seu filho que emprega todos os recursos para impedir que se case. Tudo isso para não se separar d'ele. Prende-o por muito tempo. Esse amor é falso, puramente egoísta, interesseiro, mesmo que essa mãe procurasse prover o filho de tudo que julgasse necessário para fazer sua vida tão bela quanto possível. Levada por seu amor egoísta teria entrado, além do que é permitido, na vida de seu filho. O verdadeiro amor nunca pensa em si próprio mas sempre no objeto amado, agindo até com renúncia de si mesmo. Chega a hora da mãe; foi chamada. O filho então fica sòzinho. Mas é tarde demais para elevar-se na realização de seus próprios desejos, os desejos inerentes à mocidade. A-pesar-de tudo sempre lucrou alguma coisa com a renúncia praticada, seja alguma igual-espécie de sua existência primeira, ao que se furtou pelo isolamento interior num matrimônio que o atingiria caso fôsse casado, ou fato análogo. Tais coisas importam sempre em lucro. Mas a mãe levou consigo seu amor egoísta. A fôrça atrativa dos semelhantes espirituais leva-a irresistivelmente a criaturas da mesma natureza, porque tem possibilidade de viver pequena parte de sua paixão no ambiente formado por tais pessoas, quando estas exercem seu amor egoísta em outros. Com isso mantém-se presa à terra. E quando se produz a fecundação em algumas dessas pessoas encarna-se a mãe em virtude do entrelaçamento espiritual existente. Mas nessa ocasião ha inversão dos papeis. Terá que sofrer como criança por causa de qualidades paternas inteiramente idênticas às que foram anteriormente causa do sofrimento de seu filho. Não poderá libertar-se da casa de seus pais, a-pesar-do desejo e das oportunidades para isso. E dêsse modo a culpa é sanada porque experimentou em si própria quanto injustas são semelhantes propriedades.

Ao entrarem novamente nos corpos de matéria grosseira são os homens dotados de uma venda que os impede de tomar conhecimento de sua existência anterior. Isso, como tudo que se passa na Criação, é somente vantagem dessas pessoas. Reconhece-se nisso novamente a Sabedoria e o Amor do Criador. Se um indivíduo qualquer conservasse a memória de sua vida anterior permaneceria em sua existência nova apenas como um observador sereno, à parte, conciente de realizar algum progresso ou de neutralizar alguma culpa anterior, que, do mesmo modo, é progredir. Semelhante atitude, porém, muito longe de condicionar progresso, poderia ser de efeito nocivo e retrogradante... A vida terrestre, para que sua finalidade seja preenchida, precisa ser *vivida* de fato. O indivíduo só se apropria do que sentiu e viveu em sua plenitude. Se uma pessoa conhecesse com antecedência a direção que lhe ha-de ser útil, não haveria escolha nem resolução, razão por que não lucraria em força e autonomia que lhe são absolutamente necessárias. Por êsse outro modo, porém, aceita a vida em toda sua realidade, cada ação realmente vivida deixa impressões indeléveis na intuição, no imperecível, no que acompanha o indivíduo em sua e peregrinação como porção própria dêsse indivíduo, modificado por essas mesmas impressões. *Apenas* o que é de fato vivido, porque tudo o mais é apagado pela morte. O que essa pessoa *viveu* fica sendo o lucro transfigurado de sua existência. Mas o que se vive não é tudo o que se aprende, senão o que foi tornado próprio pela experiência da vida. Todo o restante do que foi aprendido — ao que tantas pessoas sacrificam sua existência — é deixado como lixo imprestável que é. Por êsse motivo todos os momentos da vida devem ser sè-riamente aproveitados, para que a vida flúa pujantemente pelos pensamentos, pelas palavras, pelas ações, escapos do abismo vazio constituído pelo hábito.



O recém-nato — em virtude dessa faixa posta no momento da encarnação — parece inteiramente inconciente de tudo, sendo erroneamente considerado inocente. Muitas vezes é portador de um poderoso Karma que lhe facilita oportunidade de alcançar com o viver a absolvição de culpas anteriores. O Karma é na predestinação apenas a seqüência coerente das coisas, e na missão o encargo voluntário para que seja alcançado o conhecimento terreno e o grau de desenvolvimento apropriado a essa missão, caso não seja concernente a própria missão.

Por isso ninguém deve murmurar das injustiças do nascimento, mas elevar os olhos cheios de reconhecimento para o Criador que a cada nascimento distribúe novas graças.

## SERÁ ACONSELHÁVEL A PRÁTICA DO OCULTISMO?

Semelhante pergunta deve ser respondida com um “Não” redondo e absoluto. As práticas do ocultismo entre as quais se enumeram exercícios para adquirir visão e audição sonambúlicas etc., constituem obstáculo ao livre desenvolvimento interior e à verdadeira ascensão espiritual. Só se consegue com isso atingir o que nos tempos decorridos tinha a denominação de “Mago”, quando essas práticas tinham decorrido favoravelmente.

Anda-se às apalpadelas, de baixo para cima, sem que se consiga ultrapassar os limites terrenos. Sejam quais forem as conseqüências trata-se sempre de processos inferiores que jamais poderão tornar mais ricos interiormente os homens, podendo, pelo contrário, transviá-los.

O que essas pessoas conseguem é apenas penetrar no ambiente mais próximo da matéria fina cujos seres são muitas vezes mais ignorantes do que os próprios homens terrenos. Com isso abrem entrada a perigos desconhecidos de que até então estavam resguardadas.

Um indivíduo que adquiriu visão e audição almejadas, com semelhantes práticas, ha-de ouvir ou ver em tais condições inferiores coisas que têm a aparência elevada ou pura quando, de fato, estão longe de possuírem êsse valor. Acrescentemos a fantasia pessoal, mais exacerbada ainda pelo exercício, levando o aluno a ver e ouvir o que tanto deseja — e teremos a confusão. Dêsse modo um indivíduo que por seus métodos artificiais se encontre em bases pouco

firmes, não será capaz de distinguir, nem com a melhor boa vontade poderá traçar um a linha divisória entre a verdade e a ilusão, assim como entre a força configuradora multiforme do mundo da matéria fina. Temos ainda as influências inferiores que lhe são excessivamente nocivas, influências a que voluntariamente se entregou com tanto trabalho, e ao que nada tem que opor— e ei-lo náufrago sem bússola em mares desconhecidos, tornando-se sério perigo a tudo que se lhe deparar.

A situação de um indivíduo que não sabe nadar é perfeitamente idêntica. Poderá atravessar inteiramente res-guardado num barco o elemento a que não é afeito. Com-parável à vida terrena. Mas se êsse indivíduo durante a viagem tirar uma tábua do barco protetor, abrirá com isso uma brecha por onde a água ha-de penetrar, privando-o do asilo e precipitando-o no abismo. Por não saber nadar será uma vítima do elemento que desconhece.

*E' isso que se passa em relação à pratica do ocultismo. A pessoa o que faz é tirar uma tábua do navio que a protege, mas não aprende a nadar!*

Ha nadadores que se denominam mestres; são os que já possuem uma certa disposição, cultivando-a para que adquira relêvo, procurando por todos os modos ampliá-la. Em tais casos ha sempre uma liga de disposições naturais e exercícios artificiais, mas mesmo para os melhores nadadores os limites são bastante circunscritos. Transpostos êstes, faltar-lhes-ão as forças, ficando perdidos do mesmo modo como o que não sabe nadar, se... como no caso dêste último, não lhes vier auxílio a tempo.

Semelhante auxílio para o mundo da matéria fina só lhes poderá vir das alturas luminosas, do Espiritual puro, e sômente quando a pessoa que periga atingiu determinado grau de pureza em seu desenvolvimento interior, oferecendo assim um ponto de apôio. Mas semelhante pureza não po-

derá ser alcançada pelas práticas do ocultismo mas apenas pela elevação da verdadeira moral interior em contemplação constante da Pureza da Luz.

Seguindo qualquer pessoa *êsse* caminho — o qual aos poucos a levará à pureza interior, refletida então naturalmente em suas palavras como em seus pensamentos e ações — entrará gradualmente em contacto com as alturas da pureza, e, pela reciprocidade, se fortalecerá. Em todas as fases intermédias terá um nexo que a sustém e em que se poderá firmar, não se passando muito tempo sem que possa alcançar sem o menor esforço tudo o que tentaram debalde os nadadores. Isso, porém, será com precaução e aos poucos, segundo os fundamentos da Lei da Reciprocidade que só lhe concederão na medida de sua própria força contraposta, o que exclui qualquer perigo. Por fim se tornará cada vez mais delgado o tabique separador — comparado acima com as tábuas da embarcação — acabando por desaparecer: é chegado então o momento em que *êsse* indivíduo — como o peixe na água — se sentirá como em seu próprio elemento no mundo da matéria fina, até as alturas luminosas. E' o único caminho verdadeiro. Todo amadurecimento apressado por exercícios artificiais é falho. A água só não é perigosa para o peixe por ser justamente “seu elemento”, visto possuir aparelhagem apropriada, o que o nadador com seus exercícios *já* *jamais* *poderá* *adquirir*.

A prática de semelhantes exercícios é precedida sempre de uma livre resolução, cujas conseqüências atingirão fatalmente o indivíduo em aprêço. Portanto não poderá contar que lhe *deverá* vir auxílio. Teve a liberdade de escolha.

E todo aquele que dá ocasião para que outra pessoa se entregue a *êsses* exercícios com toda a sorte de perigos inerentes, ficará culpado grandemente por tudo o que acontecer a essa pessoa. Ficará ligado a ela por laços de matéria fina. Será arrastado sem apêlo, depois de sua partida

terrena, para os que o precederam, os que incorreram na mesma falta, até aos que mais profundamente se encontram. Não poderá subir enquanto não houver auxiliado em sua ascensão todos os outros, enquanto não houver apagado o transvio, e, com isso, seu descuido anterior. É o equilíbrio da ação recíproca, ao mesmo tempo, a graça que lhe permite sanar o erro e progredir.

Se semelhante homem além de agir pela palavra valeu-se também da escrita, maior será seu castigo porque seus escritos poderão continuar em sua ação nociva até mesmo depois da sua morte terrena. Terá que esperar na vida da matéria fina até haver cessado o cortejo dos que se deixaram transviar por seus escritos, tendo que auxiliá-los novamente. Isso poderá durar séculos.

Isso não quer dizer, porém, que durante a vida terrena não possamos ter acesso no mundo da matéria fina.

Os que atingem o amadurecimento interior alcançam no momento propício com muita naturalidade o que para outros é perigoso. Contemplarão a Verdade e transmiti-la-ão. Mas com isso poderão também discernir o perigo em que incorrem os que se entregam às práticas do ocultismo, tentando — insuficientemente preparados — penetrar nas regiões desconhecidas. Jamais hão-de aconselhar e facilitar semelhantes exercícios.

## ESPIRITISMO

**E**spiritismo! Poder mediúnico! Trava-se acalorada luta, contra e a favor. Não é meu intuito dizer algo sobre os que negam essas questões. Seria perder tempo, porque bastará a qualquer indivíduo dotado de pensamento lógico ler em que consistem as chamadas provas ou investigações para se convencer de que atestam completo desconhecimento e decidida incapacidade dos “investigadores”. Porque? Se pretender examinar a terra terei necessidade de estudá-la em sua constituição. Se, pelo contrário, quiser investigar o mar, não terei outro caminho a não ser o estudo das propriedades da água e dos meios adequados a essas propriedades. Por certo não me seria muito proveitoso se quisesse aplicar à água perfuradores, ou enxadas, ou pás... Deverei, por acaso, negar a água por não opor resistência à passagem da pá, por haver fracassado com meus processos que haviam provado tão bem na terra firme e habitual? Ou por não me ser possível andar sobre a água? Os adversários dirão: ha uma diferença, porque vejo e sinto a água, o que prova sua existência, que ninguém negará.

Quanto tempo faz que deixaram de negar a existência de milhões de seres em uma gota d'água, o que atualmente qualquer criança não ignora? E porque o negaram? Sòmente porque não viam. Sòmente depois de descoberto um instrumento adequado à constituição desses seres, puderam os homens reconhecer e observar o novo mundo.

O mesmo se dá com o mundo extra-material, com o chamado Além. Adquirí a visão, e só então enunciai juí-

zos! Depende de *vós*, e não do “outro mundo”. Além do corpo de matéria grosseira tendes em *vós* a matéria do outro mundo, ao passo que os seres do Além não mais encerram vossa matéria grosseira. Exigís e esperais que êsses — assim desprovidos de matéria grosseira — se aproximem de *vós*, dando-vos sinais, etc., que vos demonstrem sua existência, enquanto vos quedais na expectativa com gestos de juiz, *vós* que dispondes dos dois elementos!

Construí *vós* a ponte que *podeis* construir, trabalhai finalmente com o elemento igual que se encontra à vossa disposição, e adquirí a visão apropriada! Ou, se não compreendeis, calai-vos, circunscrevendo-vos à matéria grosseira que só serve para tornar pesada a matéria fina. Chegará o dia em que os elementos finos se separarão dos grosseiros, tornando-se extenuados por se haverem deshabituaados do vôo, pois tudo se encontra submetido às leis terrenas como os corpos materiais. Sômente o movimento produz fôrça. Não tendes necessidade de médiuns para alcançardes o conhecimento do Além. Basta observar a vida que encerra a vossa parte de matéria fina. Emprestai-lhe com vossa vontade o que necessita para fortalecer-se. Ou pretendeis por ventura negar também a existência dessa vontade, visto não ser possível vê-la e apalpá-la?

Sentís freqüentemente os efeitos dessa vontade. Sentís; mas não podeis vê-la nem apalpá-la. Quer seja nos momentos de elevação, alegria ou sofrimento, indignação ou inveja — sempre que a vontade atua, precisará ter fôrça para dar nascimento a uma pressão, porque sem pressão não ha efeito, nada poderemos perceber. E onde ha pressão é de necessidade haver um corpo que atue, algo resistente e da mesma matéria, sem o que não haverá pressão.

Deve, por consequência, haver fôrmas firmes de uma determinada matéria que não podem ser nem vistas nem apalpadadas por vossos corpos grosseiros. Assim se passa

com os elementos do Além que só podem ser reconhecidos pela igual-espécie que se abriga em vosso íntimo.

E' freqüentemente ridícula a disputa travada acêrca da vida depois da morte. Quem quer que examine calma e imparcialmente ha-de concluir logo que *tudo*, mas *tudo* mesmo, fala a favor da probabilidade de um mundo diferente do da matéria, mudo que o homem medíocre não percebe. Ha um sem-número de fatos que inculcam sua existência, fatos que não podem ser posto à margem como de somenos importância; ao passo que a favor da cessação da existência depois da partida dêste mundo só ha o desejo de muitas pessoas que esperam como isso furtarem-se à responsabilidade espiritual. Mas neste passo não vale astúcia e habilidade, senão exclusivamente a verdadeira faculdade intuitiva. —

Mas agora passemos aos *adeptos* do espiritismo, espiritualismo, etc., ou como êles o queiram denominar e que, seja como fôr, serão sempre uma única coisa, isto é, grandes erros.

Os adeptos muitas vezes são mais nocivos e perigosos à Verdade do que seus inimigos.

Pouquíssimas pessoas entre milhões desejam saber a Verdade. A maioria vive envolvida num tecido gigantesco de pequenos erros que a impede de encontrar o caminho direito para a Verdade. De quem a culpa? Será do Além? Não! Dos médiuns? Também não, mas *sòmente dos próprios indivíduos!* Não são suficientemente sinceros e rigorosos consigo próprios; receiam derrubar opiniões preconcebidas, imagens do Além que imprimem em suas fantasias um *terror sacro e um certo sentimento inefável*. E ai dos que nisso tocam! Todos os adeptos se encontram com a pedra pronta a atirar. Êles se afixam nisso, preferem acoimar os seres do Além como mentirosos e motejadores, e aos médiuns de insuficiência, do que examinarem-se a si próprios e verifi-



carem serenamente se seus conceitos não são porventura falsos.

Por onde devo principiar para arrancar tanta erva daninha? Seria um trabalho sem fim. Por isso só me dirigirei aos que procuram com sinceridade, porque somente êstes encontrarão.

Um exemplo: certo indivíduo procura um médium, seja êste ou não de competência comprovada. Outras pessoas se congregam. Começa a “sessão”. O médium “falha”. Resultado: nulo. Quais as conseqüências? Uns dizem: o médium de nada vale. Outros: o espiritismo é uma burla. E lá saem êles anunciando que as qualidades mediúnicas do experimentador não passam de um embuste, desfeito apenas com a presença *dêles*... calaram-se os espíritos! Os crentes, porém, os que têm convicções, afastam-se acabrunhados. A fama do médium fica abalada, podendo ser desacreditada se os “fracassos” se repetirem. Se porventura houver um empresário e capitais empenhados — eis que aquele se mostrará nervoso, aconselhando o médium a se esforçar, que ha dinheiro em jôgo, etc. Em suma: dúvidas, zombaria, descontentamento, procurando o médium em novas experiências forçar-se a um estado medial, o que talvez faça que se estabeleça um espécie de fraude inconciente, dando testemunho do que julga de fato ouvir — quando não se vale diretamente de processos falsos, o que não apresenta dificuldade, tratando-se de um médium oral. Conseqüência: embuste; negação do espiritismo; e isso porque nas circunstâncias determinadas alguns médiuns recorreram à fraude para evitarem objeções. Façamos algumas perguntas:

1.) Em que associação humana — seja ela qual fôr — não ha embusteiros? Condenaremos por causa dêstes a capacidade dos trabalhadores honestos?

2.) Porque motivo só neste particular procederemos desta maneira?

Qualquer pessoa poderá fãcilmente responder.

De quem será a principal culpa de tão indigno estado? Dos médiuns evidentemente não, mas dos próprios homens! São êstes que obrigam os médiuns, por causa de suas idéias preconcebidas e, principalmente, por causa de sua ignorância completa, a escolher entre a inimizade injusta e a fraude.

Não lhes concedem meio termo.

Refiro-me apenas aos médiuns sinceros, não aos inúmeros que se apresentam como tal, esforçando-se por fazer alarde de suas habilidades diminutas. Longe de mim a intenção de defender a confraria numerosa dos médiuns, raramente dignos de aprêço, com exceção de investigadores sinceros, que se aproximam do novo mundo não como juizes ignorantes, mas como *aprendizes*. Semelhante visitas ou “sessões” são de nenhuma vantagem para a maioria dos chamados crentes; antes ocasionam estãgio ou regresso. Perdem por tal modo a autonomia que se tornam incapazes da menor decisão, recorrendo para as menores coisas aos concelhos dos “espíritos”, e isso em assuntos irrisórios ou fúteis.

Qualquer investigador sincero ha-de revoltar-se com a curteza de inteligênciã dêsse tais que por anos e anos são fraqüentadores assíduos de médiuns. Ei-los com ar sisudo e grave, a enunciarem enormidades, repassados de hipocrisia sòmente para sentirem as sensações que o convívio com as fôrças ocultas oferece à fantasia. Muitos médiuns se comprazem na convivência aduladora, dêsses antigos fraqüentadores que, de fato, só dão mostras do desejo egoísta de experimentar fortes sensações. “Viver” estas coisas é, para êles, o mesmo que ouvir e ver, isto é, divertir-se. De “vida” é que nada possuem.

Que deve concluir de tudo isso um indivíduo *sincero*?

1.) Que um médium de fôrma alguma pode contribuir para o “êxito” a não ser abrindo seus portões interiores, ficando na expectativa, porque não passa de um instrumento a ser utilizado, instrumento que só poderá produzir som quando tocado. Não pode haver, pois, nestas condições, nenhuma *falha*. Quem fala em tal coisa só demonstra curteza; será melhor abandonar o assunto, porque não está em condições de emitir opiniões, justamente como que abandona a Universidade por não possuir capacidade para acompanhar os estudos. O médium, é, portanto, simplesmente uma ponte, um meio para um fim determinado.

2.) Que os *frequentadores* também representam papael fundamental, e isso não em virtude de suas posições externas ou mundanas, *mas por sua vida interior*. A vida interior — como os maiores zombadores o reconhecem — é um mundo àparte. Não pode ser um nada em relação com suas intuições, com seus pensamentos nutritivos e geradores, mas deve necessariamente haver corpos ou coisas de matéria fina que por sua ação despertem intuições, sem o que não existiriam. Tão pouco poderemos vêr imagens no espírito, quando nada ha. A prevalecer semelhante concepção, constituiria uma grande lacuna nas ciências exatas... Logo, *deve* existir alguma coisa, como de fato *existe*, porque o pensamento gerador cria imediatamente fôrmas correspondentes no mundo da matéria fina, isto é, no Além, cuja consistência e vitalidade dependem da fôrça de intuição do pensamento gerador. Dêsse modo se origina com o que é denominado a “vida interior” de uma pessoa, o ambiente de matéria fina correspondente.

E’ com êsse ambiente, justamente que o médium com relações fortes com o mundo da *matéria fina* terá que entrar em contacto, colhendo agradáveis ou desagradáveis impressões, algumas vezes mesmo dolorosas. Pode dar-se, porém,

que não possam ser transmitidas com tanta pureza informações reais do mundo da matéria fina, quando o médium se encontra constrangido ou perturbado pela presença de pessoas de vida interior de matéria fina ou espiritual impura. Mas, ainda continua. Semelhante impureza constitui um muro que impede a passagem de elementos mais puros da matéria fina, mesmo que êsses elementos sejam guiados por um espírito pessoal de intercâmbio livre nessas paragens. Em semelhantes condições é impossível qualquer aviso ou, quando muito, apenas por elementos de matéria fina de igual impureza.

Quando o ambiente é formado por visitantes de vida interior *pura*, a comunicação com o Além de pureza correspondente é possível muito naturalmente. A menor modificação, porém, já patenteia um abismo intransponível. Daí o insucesso das sessões aludidas, ou a confusão resultante. tudo tem sua justificação em Leis físicas imutáveis, válidas tanto neste como no outro mundo.

Tudo isso faz aparecer sob perspectiva bem diferente as opiniões negativas dos “peritos”. Quem quer que esteja em condições de acompanhar com acêrto os acontecimentos do Além, ha-de sorrir ao ver que tais peritos com suas opiniões enunciam seu *próprio* juízo, descobrem sua vida interior, censuram apenas *seu* estado de alma.

Um segundo exemplo: certo indivíduo faz uma visita a um médium. Acontece-lhe falar por intermédio dêste com algum parente falecido. Pede-lhe conselhos sobre assuntos terrenos talvez da máxima importância. O habitante do outro mundo dá-lhe algumas sugestões que são recebidas como um evangelho, verdadeiras revelações do Além, seguindo-as o paciente à risca... para, muitas vezes, ter grandes prejuízos.

Conseqüências? Em primeiro lugar o visitante duvidará do médium. Levado pela decepção e pela raiva do pre-

juízo sofrido começa a trabalhar contra êle, sentindo-se muitas vezes na obrigação de agredí-lo públicamente afim de prevenir outras pessoas contra idênticas conjunturas. (Baseado na vida do Além poderia explicar neste passo como tal indivíduo abre por êsse modo a porta a fôrças do Além, pela atração da igual-espécie espiritual, e como se torna instrumento dessas contra-correntes, entusiasmado e levado pela ilusão de que trabalha para a Verdade e de prestar com isso um grande serviço à humanidade, quando, de fato, não passa de um escravo das Trevas, tomando sôbre si um Karma para cujo resgate necessitará uma ou mais vidas. Os fios se sucedem; forma-se finalmente uma rêde que o envolve e prende, tolhendo-o por completo e deixando-o cada vez mais furioso...)

Ou então — outra conseqüência — o frequentador desapontado se não chegar a ponto de considerar o médium como charlatão, pelo menos assumirá um certo cepticismo em relação ao Além, ou seguirá o caminho cômodo palmilhado por milhares de pessoas, dizendo consigo mesmo: “Que me importa o Além! Os demais que dêem tratos à bola; eu tenho coisa melhor que fazer!” Êsse “melhor” é sômente ganhar dinheiro e servir ao corpo, afastando-se com isso ainda mais do Além. De quem afinal, é a culpa? *Dessa pessoa, novamente!* Apegou-se a uma imagem *falsa*, aceitando o dito como evangelho. O erro foi exclusivamente *seu*, não de outros por admitir que um habitante do outro mundo só por isso houvesse ficado oniciente ou, pelo menos, mais entendido que os de cá. E’ êste o erro de milhares e milhares de pessoas. O que a morte aumenta nos conhecimentos de quem morre é ficar sabendo essa pessoa que de fato não deixou de viver.

E’ tudo, enquanto não aproveita a oportunidade para progredir no mundo da matéria fina, o que depende igualmente de sua livre deliberação exclusiva. Dará, por con-

seqüência, sua opinião acêrca de questões terrenas com a melhor boa vontade de acertar; mas não se encontra (inconscientemente) em condições de ajuizar com acêrto das coisas terrenas, como o pederá uma pessoa ainda viva, de carne e osso, por faltar-lhe justamente o material grosseiro indispensável para êsse juízo. Seu ponto de vista deve ser, por conseqüência, bem diverso. Mas dá o que pode, e fá-lo com a melhor boa vontade. Ambos — êle e o médium — não merecem censuras. Não é também um espírito mentiroso, pois sòmente devemos distinguir espíritos sabidos e não sabidos; porque uma vez que o espírito cai, isto é, se torna impuro e pesado, fica muito naturalmente com seu horizonte visual mui reduzido. Só dá o que sente, *vive apenas da intuição*, não do entendimento calculador, de que carece, por pertencer êste ao cérebro, e conseqüentemente, ao espaço e ao tempo. Uma vez desaparecidos êstes com a morte, não poderá mais pensar e raciocinar, mas apenas sentir intuitivamente: um *viver imediato e perene!*

O erro está nos que, ainda se encontrando ligados à terra, isto é, ao espaço e ao tempo, intentam receber conselhos dos que já se libertaram dessas prisões, não podendo, por êsse motivo, alcançar as razões dos fatos.

E' certo que os do Além podem chegar ao conhecimento de qual seja o verdadeiro, qual o falso caminho a respeito de assuntos terrenos, mas então o homem precisará com os meios terrenos de que dispõe, isto é, com o entendimento e sua experiência própria, ponderar como poderá seguir êste caminho. Deverá harmonizá-lo com as possibilidades terrenas, sendo isto *seu* trabalho.

Mesmo quando um espírito que desceu muito encontra oportunidade de falar, ninguém poderá dizer que mente ou pretende iludir, porque fala d acôrdo com as condições em que vive, procurando convencer os outros do que julga ser a verdade. não pode proceder por outra fórmula.

Por êsse motivo os erros pululam na concepção dos espíritas.

O “espiritismo” não goza de muito boa reputação, e isso não por culpa própria mas pelo grande número dos adeptos que por alguns fatos insignificantes já presumem que o véu do mistério não existe para êles, desejando que outros adquiram também a ventura do conhecimento do Além, conhecimento imaginado por êles próprios, alimentado por uma fantasia desregrada e que, antes de tudo, corresponde perfeitamente a seus desejos. Raramente, porém, semelhantes quadros correspondem à verdade das coisas!

## PRESO À TERRA

**E**xpressão muito usada. Quem, porém, lhe alcançará o significado? “Preso à terra” sôa como um castigo terrível. A maioria dos homens sente uma espécie de medo ante os que ainda se encontra presos à terra. No entanto o significado do termo não é dos piores. É certo que ha muitos fatores sombrios que contribuem para que esta ou aquela pessoa adquira prisões terrenas, mas, em geral trata-se de coisa bem simples.

Tomemos um caso simples: as culpas dos pais atingem até a terceira e quarta geração!

Certa criança faz uma vez em família uma pergunta qualquer sôbre o outro mundo ou sôbre Deus, por ter ouvido falar a respeito na escola ou na Igreja. O pai corta sucintamente o assunto: “Que tolice! quando eu morrer, está tudo acabado!” A criança se cala, e é acometida de dúvidas. As observações negativas do pai ou da mãe se repetem; ouve-as igualmente de outras pessoas, aceitando por fim êsse modo de ver.

Chega, porém, o momento da passagem do pai, êle, reconhece com pavor que não deixou de existir. É tomado, então, do desejo ardente de transmitir êsse conhecimento ao filho. Êsse desejo o prende à criança. Esta, porém, não o ouve, nem percebe sua proximidade porque vive na convicção de que o pai não mais existe, o que se interpõe entre ambos como um muro impenetrável que frustra os esforços paternos. O sofrimento do pai por ter que observar que a criança é levada por caminhos falsos em virtude da repulsa ini-



cial; que se afasta cada vez mais da Verdade; o medo de que por êsse falso caminho não consiga escapar de perigos da degradação decorrente, à qual está muito mais exposta — tudo atua simultâneamente como um castigo por ser êle a causa do transvio do filho. Raramente consegue comunicar ao filho tais noções. Terá que ver como as falsas idéias se transmitem aos filhos do seu filho, e assim sucessivamente, como conseqüência de seu erro inicial. Não terá sossego enquanto um de seus descendentes não reconhecer o verdadeiro caminho e não o percorrer, influenciando com isso em todos os outros, o que contribui aos poucos para sua libertação, quando, portanto, poderá pensar na solução de seu próprio caso.

Outro exemplo: um fumante habitual leva consigo o impulso incontido de fumar, porque se trata de um *sentimento intuitivo*, logo, espiritual. Êsse impulso se transforma em desejo ardoroso, e o pensamento para a satisfação dêsse desejo o retém onde possa encontrar essa satisfação... na Terra. Encontra-a acompanhando fumantes, *partilhando de seus sentimentos*. Se nenhum Karma o detém em outro lugar, raramente adquirirá consciência dêsse castigo, porque sentir-se-á bem. Sômente quem pode abranger a totalidade do ser é que reconhecerá o castigo na reciprocidade inevitável consistente em não consentir que essa pessoa ascenda enquanto o desejo duradouro para essa satisfação o prende à “vida” de outros indivíduos sôbre a Terra em cujos sentimentos sômente encontra satisfação.

O mesmo se dá com o desejos sexuais, com a bebida e até mesmo com o gôsto imoderado pelos alimentos. Muitas pessoas se vêem forçadas a andar em tôrno das cozinhas e adegas, para adquirirem parte da sensação por intermédio da sensibilidade de terceiros. Considerando bem, trata-se de um “castigo”, conquanto o desejo ardente dos que se encontram “presos à terra” não lhes permita reconhecer como tal,

sobrepujando tudo o mais: por isso o anelo para o mais nobre e alto não poderá fortificar-se tanto para que se torne “viver capital”, libertando-se e auxiliando-os na ascensão. Não têm consciência do que descuidam, até que o desejo de satisfação, que aos poucos se sacia por intermédio de outros, afrouxa e cede gradualmente, de fôrma que outros sentimentos intuitivos sopitados adquirem aos poucos preponderância, despertando para a vida e para a fôrça da realidade. A natureza dêses sentimentos intuitivos predominantes os leva ao nível de sua igual-espécie — seja mais ou menos elevado — até que como o primeiro se deshabitue e desfaça, dando lugar ao imediato. Dêsse modo se libertam aos poucos das inúmeras peias que os ligavam... Permanecerão porventura retidos algures com um último sentimento intuitivo? Ou ficarão desfalcados no anelo para a subida? Não! porque quando os sentimentos inferiores cedem de todo e essas pessoas se elevam, nasce nelas o desejo incontido pelo que é mais puro e elevado, o que as impulsiona cada vez mais. Eis aí o processo *normal*. Ha, porém, mil imprevistos. O perigo da queda ou do estacionamento é muito maior do que nos corpos terrenos de carne e sangue. Se já te encontras em cima e cederes um só momento a um sentimento intuitivo inferior, imediatamente êsse sentimento adquire vida e realidade. Ficas mais pesado e concreto, descendo à região correspondente. Teu horizonte diminue, sendo necessário que trabalhes novamente para a ascensão, quando não acontece que desças ainda mais. “Velai e orai!” não é frase destituida de sentido. Agora os elementos finos em ti ainda têm a proteção de teu corpo que, como âncora firme, os sustenta; mais depois da denominada morte e da decomposição do corpo ficarás sem êsse abrigo, tornando-te, como matéria fina, atraído irresistivelmente pela igual-espécie — mais alto ou mais profundamente — inevitável! Sòmente uma grande fôrça impul-

siva te poderá ser de auxílio a saber: a vontade forte para o bem, para o elevado, o que acaba por se transformar em anelo e intuição e, com isso, em vida e realidade, segundo as Leis do mundo da matéria fina que só conhece intuição. Por êsse motivo apresta-te desde já com essa vontade, para que na passagem para o Além, que a toda hora pode sobrevir, não seja ela sobrepujada por desejos terrenos demasiadamente fortes! Defende-te, homem, e vigia!

## É NECESSÁRIA OU ACONSELHÁVEL A ABSTINÊNCIA SEXUAL?

**H**averia menos infelicidade se os homens conseguissem libertar-se do erro de que a abstinência sexual é vantajosa. A abstinência forçada é exagêro que custa caro. As Leis em toda a Criação estão a mostrar claramente qual o caminho a ser seguido. Toda opressão é antinatural, e tudo que é antinatural é uma revolta contra o natural — as Leis Divinas, por consequência — o que, como em tudo, não pode dar bons resultados. Não ha, justamente neste ponto, exceção. Basta que o indivíduo não se deixe dominar pelo instinto sexual, tornando-se escravo desse mesmo instinto, o que lhe dará proporções indevidas, mudando o natural em um vício mórbido.

O homem deve colocar-se *acima*, isto é, não forçar abstinência completa, mas exercer uma vigilância moral pura e interior, para evitar os escolhos para êle e para os outros.

Quando um indivíduo imagina progredir espiritualmente por meio da abstinência, pode dar-se muito bem o contrário. De acôrdo com sua disposição, ficará em luta mais ou menos duradoura com êsse impulso natural. Essa luta absorve grande parte de suas energias espirituais, de fôrma a impedir-lhes outra aplicação. Assim impede-se um desfraldar livre das fôrças espirituais, e, às vezes, se estabelece um certo acabrunhamento que o priva de alegria interior.

O corpo é uma dádiva concedida pelo Criador, o que

o homem tem obrigação de cultivar. Do mesmo modo que não pode furtar-se sem prejuizos às necessidades corpóreas do comer e beber, do repouso e do sono, do esvaziamento da bexiga e dos intestinos, sendo também que a falta de ar fresco e pouco movimento corpóreo se fará sentir desagradavelmente, — do mesmo modo não poderá deixar de presudicar-se se tentar artificialmente abafar a atividade sexual sadia de um corpo de desenvolvimento completo.

A satisfação dessa natural necessidade corpórea só poderá ser útil e nunca prejudicial ao homem interior, isto é, ao desenvolvimento espiritual, sem o que não teria sido instituída pelo Criador. Mas, como em tudo, o excesso aquí também é prejudicial. Faz-se mister bastante cuidado para saber se êsse apetite não é consequência da fantasia exaltada por leituras ou causas análogas — do enfraquecimento do corpo ou excitação nervosa. Deve ser sempre a exigência de um organismo são, o que entre os homens é pouco freqüente.

*Isso se dá sòmente quando ha completa harmonia espiritual entre os dois sexos, que algumas vezes terminam por desejar também a união corpórea.*

Todas as demais causas — até mesmo no casamento — são para ambas as partes degradantes, impuras e vergonhosas. Onde não ha harmonia espiritual, a continuação do matrimônio tornar-se-á uma absoluta imoralidade.

Se os homens ainda não encontraram o verdadeiro caminho neste particular, isso não altera em coisa alguma quanto às Leis Naturais que jamais se incomodam com o que os homens errôneamente pensam e determinam. Não restará por fim aos homens mais do que amoldarem a sua legislação e seus costumes às Leis da Natureza, isto é, às Leis de Deus, se quiserem realmente alcançar a paz interior e saúde.

A abstinência sexual nada tem que ver com a castidade. Aquela, quando muito, pode ser incluída no conceito de “disciplina”, deduzido de disciplina, educar ou educar-se.

Por verdadeira castidade entende-se *pureza de pensamento*, pureza em *tudo*, até aos pensamentos que se relacionam com as coisas profissionais. Castidade é uma propriedade puramente espiritual, não corpórea. Mesmo na realização do instinto sexual a castidade pode ser mantida com a pureza recíproca de pensamento.

Além disso a união corpórea não visa apenas a fecundação, senão que tem como conseqüência uma não menos valiosa e necessária fusão íntima e um intenso desenvolvimento de fôrças.

## O JUÍZO FINAL

O Mundo! Sempre que os homens se utilizam dêste vocábulo o fazem despreocupadamente, sem uma imagem de *como* seja de fato êsse mundo a que se referem. Muitos que se esforçam por emprestar conteúdo a êsse termo, vêem em espírito inúmeros astros de grandeza e conformação variadas, ordenados em sistemas solares, a percorrerem suas trajetórias no Todo universal. Sabem que por mais aperfeiçoados que sejam os instrumentos de exame, mais corpos são descobertos nos espaços sidéreos. O indivíduo medíocre se satisfaz então com a palavra “infinito”, ganhando com isso uma noção *falsa*.

O mundo não é infinito. E' a Criação; logo, *obra* do Criador. Como todas as obras, encontra-se *ao lado* de seu Criador, sendo, por consequência, limitada.

Os tais progressistas muitas vezes se orgulham do conhecimento de que Deus repousa em toda Criação, em cada flor, em cada pedra; de que a fôrça impulsiva da Natureza é Deus, isto é, todo o imperscrutável, o que se percebe mas não se apreende em sua essência, fôrça primordial de atuação perene, fonte de energia que continuamente se renova, Luz inenteal primordial. Julgam-se muitíssimo adiantados por conceberem Deus como impulso que tudo penetra e que em tudo se encontra, atuando sempre com o fito da evolução para o aperfeiçoamento.

Isso só é verdadeiro parcialmente. Encontramos na Criação apenas sua Vontade, e, consequentemente, seu Espírito, sua Fôrça. Êle próprio, porém, se encontra muito

além da Criação. Esta, como obra sua, como a expressão de sua Vontade, encontra-se pelas Leis inevitáveis do desenvolvimento já desde origem fadada ao declínio, porque o que denominamos Leis naturais é a Vontade criadora de Deus, que atua perenemente, fazendo e desfazendo mundos. Essa Vontade criadora é *uniforme* em toda a Criação, que abrange num todo *único* os mundos das matérias fina e grosseira; e, como *obra*, toda a Criação não somente é limitada como, do mesmo modo, transitória. A uniformidade incondicional e inalterável das Leis primordiais, isto é, da Vontade primordial, exige que nos menores acontecimentos da Terra de matéria grosseira se processe tudo pela mesma norma válida para os grandes casos e até mesmo para o ato da Criação.

E' simples a fôrma dessa Vontade primordial. Encontramo-la fàcilmente — uma vez reconhecida — em todas as coisas. a complexidade e a incompreensibilidade de muitos processos são devidas exclusivamente ao emaranhado dos caminhos e rodeios traçados pelas diferentes vontades dos homens.

A Obra de Deus, o Mundo, está, portanto, como Criação, submetida às Leis Divinas uniformes e perfeitas — delas se originando e nelas encontrando sua delimitação.

O artista também (para exemplificar), identifica-se com sua obra, mas está colocado ao lado da mesma. A obra é limitada e perecível; as possibilidades do artista, por isso ainda não. O artista, isto é, o criador da obra, poderá destruir esta última, veículo de sua vontade, sem que por isso seja atingido. Continuará sendo o artista. Reconhecemo-lo e encontramos-lo em sua obra, chegando mesmo à intimidade, sem que precisemos vê-lo pessoalmente. Temos sua obra; sua vontade nela se encontra e atua sôbre nós; falamos por seu intermédio, podendo a-pesar-disso viver à parte e independente.

O artista, o criador autônomo, e sua obra nos dão uma



idéia apagada das relações existentes entre o Criador e a Criação.

Sòmente a *circulação* que no seio desta se opera — em seu contínuo vir-a-ser nas transformações e reconstruções — é eterna e infinita.

Nesse processo se realizam também todas as revelações e promessas; até que se cumpre o “Juízo Final” prometido a êste mundo!

O Juízo Final, o último juízo, atinge uma vez cada astro, mas não se dá simultâneamente em toda a Criação.

E’ um processo necessário para cada porção determinada, as que em seu desenvolvimento atingiram o ponto em que deve iniciar-se sua dissolução, afim de que possam reconformar-se por novos caminhos.

Por circulação eterna não se entende o percurso da Terra e de outros astros em tórno do seu Sol, mas apenas o grandioso, mais poderoso círculo que todos os sistemas solares são obrigados a percorrer, realizando em si ainda seus movimentos particulares.

O ponto em que deve começar a dissolução de cada corpo celeste está exatamente determinado, e isso, mais uma vez, pela consequência das Leis naturais, ponto em que *deve* começar essa dissolução, independente do estado do corpo correspondente e de seus habitantes. Irresistivelmente a circulação dirige cada corpo a êsse ponto. Virá fatalmente a hora da decomposição, a qual, como tudo na Criação, não passa de uma transformação que tem o valor de ser a oportunidade para novo desenvolvimento. Soará então para os homens a hora do “ser ou não ser”. Ou será elevado à Luz — se se esforça para o Espiritual — ou ficará preso à matéria — se suas convicções só dão valor às coisas materiais. Neste caso não poderá elevar-se acima da condição material — como consequência fatal de sua própria vontade — sendo arrastado com ela aos últimos meandros da disso-

lução. E' a morte espiritual, o que equivale a ser riscado do Livro da Vida! Êsse processo tão evidente em si mesmo é também designado por condenação eterna, por "deixar de existir" quem é dêsse modo arrastado à decomposição. Será desparzido e misturado à semente primordial, cedendo a esta, depois da decomposição, as fôrças espirituais. Nunca mais adquirirá existência "pessoal", o que de mais terrível pode atingir a um indivíduo. Vale como "pedra jogada fora" que é imprópria para uma construção espiritual, tendo que ser por isso triturada.

E'essa separação entre o espírito e a matéria, firmada em processos e Leis naturais, que tem o nome de "Juízo Final", estando ligado a grandes transformações.

Todos compreenderão fâcilmente que semelhante decomposição não pode realizar-se apenas em *um* dia terreno, porque nos acontecimentos cósmicos os dias se contam por milênios.

Encontramo-nos, porém, no meio do início dessa época. A Terra atingiu o ponto em que terá que afastar-se da órbita costumada, processo que se fará sentir também muito na matéria grosseira. Depois começará a separação entre todos os homens, com intensidade crescente, a qual já está se anunciando nas "opiniões e convicções" por enquanto.

As horas da existência terrena são por conseqüência preciosas, agora mais do que nunca. Toda pessoa que procura estudar com sinceridade, abandone imediatamente os pensamentos baixos que a trazem presa à matéria. Se o não fizer, correrá o perigo de ficar definitivamente presa à matéria, sendo com ela arrastada à dissolução completa. Os que se esforçam para a Luz, porém, são libertados aos poucos da materialidade, sendo por fim alçados à Pátria de todo o Espiritual.

Ficará então definitivamente completa a separação das Trevas e da Luz, estando consumado o Juízo.

Mas o “Mundo, isto é, toda a Criação, não perece. Os corpos celestes só são atraídos ao processo da decomposição quando atingiram em seu percurso o ponto em que tem que se iniciar a decomposição e, com esta, a separação antecedente acima indicada. A Terra já atingiu êsse ponto; em pouco tempo tudo marchará a passos de gigante.

A realização se processa pelos efeitos naturais das Leis Divinas que repousam desde o comêço na Criação, não sendo esta mais que sua manifestação, Leis que veículam hoje, como em futuro, irremessivelmente, a Vontade do criador. Na eterna circulação ha um perene criar, semear, amadurecimento, colheita e declínio final — para dotar mais adiante novas fórmãs pela troca das relações, em marcha para um novo círculo que se inicia.

Podemos imaginar na circulação das coisas como sendo um funil ou uma cavidade gigantesca de matéria fina, de onde a semente primitiva igualmente de matéria fina jorra incessantemente, em movimentos circulares ansiando por novas ligações e crescimento, justamente como está descrito pela ciência. Nebulosas ainda incompletas, mas que se formam, compactas e informes que se congregam pelo atrito para formar corpos siderais que se agrupam por Leis inamovíveis em sistemas solares com coerência imperturbável, e que acompanham em seus próprio ciclo a grandiosa circulação das coisas, eterna e inalterável. Na ordem cósmica se dá justamente do mesmo modo que nos acontecimentos terrenos visíveis ao olhos do corpo, nos quais o crescimento vem da somente, a fórmula, o amadurecimento, a colheita ou o declínio, o que condiciona transformação ou decomposição para que haja novos crescimentos — quer se trate de plantas, animais ou do organismo humano. Os corpos sidéreos visíveis, de matéria grosseira — que arrastam consigo um ambiente de matéria fina ainda muito maior, mais delicado, que não pode ser apreendido pelos olhos terrenos — se en-

contram submetidos em seu ciclo eterno a essas mesmas Leis, por serem por elas próprias constituídas.

A existência dessa semente primitiva não pode ser negada nem pelo mais fanático dos cépticos. No entanto não pode ser percebida pelos olhos terrenos por ser de outra matéria, do “Além”. Digamos de novo: por ser de matéria fina.

Não é difícil portanto compreender que o *primeiro* mundo a ser formado tem que ser desta matéria fina, invisível aos olhos. Só *depois* de formar-se o sedimento *grosso*, originado e dependente do mundo de matéria fina, é que aos poucos se constitue o mundo material com seus corpos grosseiros, e é *isso só* que se pode observar, desde os mais ínfimos inícios, por intermédio dos olhos terrenos e todos os meios auxiliares de matéria grosseira que vêm em sua ajuda. Quer se trate de moléculas, elétrons ou o que quer que seja, sempre ha-de ser parte do sedimento mais grosseiro do mundo de matéria fina já anteriormente existente, com fórmulas e vidas determinadas.

Não por outro modo se dá com o invólucro do homem pròpriamente dito em sua espécie espiritual, de que passo a falar. Em sua passagem pelos diferentes mundos sua roupa, ou manto, ou camada, ou corpo, ou instrumento — pouco importa o nome que damos a êsse invólucro — adquirirá a consistência material do ambiente em que penetra, afim de se utilizar dêle como protetor e instrumento necessário, se quiser ter a possibilidade de agir *diretamente* com eficiência. Mas como o mundo grosseiro se origina e depende do de matéria fina, segue-se a ação de retôrno de todos os acontecimentos no mundo de matéria grosseira para o de matéria fina.

Êsse grandioso invólucro de matéria fina criado também da semente primitiva, acompanha a circulação eterna, sendo por fim arrastado também pelo turbilhão do funil gi-

gantesco mencionado acima que precede à decomposição, e sendo do outro lado novamente aproveitado como semente primitiva para nova circulação. Êsse funil é para a Criação como a atividade do coração para a circulação sanguínea. A decomposição atinge, portanto, toda a Criação, até mesmo a parte de matéria fina, porque *tudo* se desmancha em sementes primitivas para que sejam iniciadas novas evoluções. nada ha de arbitrário, mas tudo se desenvolve segundo a coerência da Lei primitiva que não permite escolha no caminho a ser seguido. Ha um momento na grande circulação em que o processo de decomposição se prepara pra finalmente iniciar-se na natureza, quer seja a de matéria grosseira ou a de matéria fina.

Êsse mundo da matéria fina é o lugar de estágio para os que parte daqui. E' o denominado Além. Está intimamente ligado com o mundo de matéria grosseira, que lhe pertence; é um só conjunto. No momento da partida penetra o indivíduo com o seu corpo de matéria fina, que êle conduzia juntamente com o de matéria grosseira, no ambiente de matéria fina de igual-espécie que contorna o mundo de matéria grosseira, deixando a êste seu corpo de matéria grosseira. Êsse mundo delicado, a saber, o Além, que faz parte da Criação, está submetido às mesmas Leis do desenvolvimento e da dissociação contínuas. Ao instalar-se a decomposição processa-se por meios naturalíssimos a separação entre o espiritual e o material, e de acôrdo com o estado espiritual da pessoa nos mundos de matéria grosseira e fina será elevado o homem espiritual, o verdadeiro "eu", ou ficará preso à matéria. O desejo sincero pela Verdade e pela Luz torná-lo-á, por essa modificação, mais puro e leve, de fôrma que será naturalmente elevado das espessuras materiais para a altura correspondente à sua pureza. Por êsse motivo os que só crêm na matéria prendem-se êles mesmos a esta devido a suas convicções, não podendo ser impulsio-

nados para cima. Pela resolução voluntária de cada um, então estabelece-se a separação entre os que se esforçam para a Luz e os que continuam presos às Trevas, tudo segundo as Leis naturais existentes da gravitação espiritual.

*Essa separação é o Juízo Final.*

Isso vem explicar que deve haver um *fim real* para as possibilidades de desenvolvimento também dos que partem da Terra para a purificação do Além. Decisão final! Os indivíduos de ambos os mundos ou são purificados a ponto de poderem ser elevados às regiões luminosas, ou permanecem de acôrdo com sua qualidade nas camadas inferiores condicionada pela vontade própria, sendo por fim lançados à “condenação” eterna, isto é, padecem a decomposição da matéria de que não puderam libertar-se; sofrem com dores essa decomposição, cessando por fim de existir pessoalmente. São como poeira tocada pelo vento, e, com isso, riscados do Livro de ouro da Vida.

O chamado Juízo Final, isto é, o Último Juízo, é, portanto, igualmente um processo que se realiza pela ação das Leis que constituem o conjunto da Criação, de fôrma que tudo se passa como é de necessidade que o seja. Cada pessoa recebe os frutos do seu próprio querer, resultado de suas próprias convicções.

Não diminua a Grandeza do Criador, antes contribua para que êle se nos afigure mais elevado, o conhecimento de que tudo se processa na Criação sob a mais rígida consequência, que o fio condutor do destino humano está nas próprias mãos dos homens pelo que desejam e querem, e que o Criador não se intromete observando nos acontecimentos com seus castigos ou recompensas. A Grandeza está na *Perfeição* de sua Obra, o que nos obriga a contemplá-la reverentemente, por imperar assim nos maiores acontecimentos como nos mínimos o Amor máximo e a Justiça inabalável. O homem também é grande, colocado como

tal na Criação como senhor de seu próprio destino! Consegue por meio de sua vontade salientar-se na obra e contribuir para seu progresso; ou então degradá-la e enleiar-se nela, sem poder mais livrar-se, acompanhando-a em sua dissolução, seja no mundo da matéria grosseira, seja no da matéria fina. Libertai-vos, portanto, das peias dos sentimentos inferiores, que já é tempo! Aproxima-se a hora decisiva. Despertai em vosso íntimo a anelo pelo que é puro, verdadeiro e nobre! —

Muito acima do eterno circular da Criação paira no centro, como uma coroa, uma “ilha azul”, a mansão dos bem-aventurados, dos espíritos purificados que já podem permanecer nas regiões luminosas. Essa ilha está separada do mundo; não lhe acompanha o ciclo, mas constitui, a-pesar-da elevação em que se encontra relativamente ao envolver das coisas, o ponto central onde irradiam as forças espirituais. E’ a ilha que encerra em sua altura a mui celebrada cidade de ruas de ouro, a Jerusalem celeste. Aquí não mais imperam as transmutações; não mais ha que receiar juízo final. Estão na “pátria” os que lá podem habitar. Mas como último ponto dessa ilha azul, como paragem culminante, encontra-se inacessível para os que não são escolhidos, o... “Burgo do Gral”, tão memorado na Poesia!

Envolvido na fímbria das lendas, anelo de um número infinito de pessoas — ei-lo em meio de resplendor da mais elevada magnificência com o vaso sagrado, símbolo do Amor puro do Todo-Poderoso, o Gral.

Como guardas são instituídos os mais puros dos espíritos, os que se encontram mais perto do trono do Altíssimo. São êles os Portadores do Amor Divino em sua fôrma mais pura, essencialmente bem diverso do que os homens na Terra imaginam, conquanto experimentem seus efeitos a todas as horas. Êsse Burgo constitue o portão para os degraus do

Altíssimo. Ninguém pode alcançar dos degraus sem haver primeiro atravessado o Burgo do Gral. A guarda que aí se encontra é severa e inexorável, para que possa ser mantida a pureza do Gral, derramando suas bênçãos sôbre todos os que o procuram.

Notícias da existência dêsse Burgo conseguiram por meio das revelações descer o comprido caminho que vem da ilha azul, através do mundo da matéria fina, até alcançar os homens da matéria grosseira, graças à inspiração de alguns poetas. Mas essa descida, de degrau em degrau, fez que involuntariamente a Verdade sofresse diversas alterações, a ponde de ser a última reprodução um pálido reflexo da mesma, o que foi causa de inúmeros equívocos.

Sempre que de uma parte da grande Criação sobe ao Criador alguma súplica fervorosa nascida da opressão do sofrimento — é enviado um servo do Santo Vaso, afim de auxiliar como Portador dêsse Amor, penetrando na necessidade espiritual. Eis que penetra vivo na Criação o que pairava sôbre ela como lenda sômente ou como saga. Tais missões, porém, não são freqüentes. São sempre acompanhadas de grandes e decisivas transformações. As vezes medeiam milênios entre uma e outra. Tais Mensageiros são Portadores de Luz e de Verdade aos transviados, Paz aos desesperados, estendem com sua Mensagem a mão a todos os que se esforçam, congregam todos os crentes para dar-lhes novas fôrças e coragem, afim de auxiliá-los através de todas as trevas na ascensão para a Luz.

Só são enviados aos que anseiam pela Luz, não para os presunçosos e zombadores. A próxima vinda de um tal Mensageiro do Gral deve ser para os que procuram advertência para se orientarem enêrgicamente para o bem e para a nobreza, pois adverte-nos do Juízo inevitável que algum dia ha-de realizar-se como Juízo Final. Felizes os que não mais se encontram presos à matéria pela estreiteza da compreensão, podendo ser elevados para a Luz!



## A LUTA

Pròpriamente, não tem havido até o presente, uma oposição séria entre duas concepções universais. “Luta” é, portanto, expressão inadequada para o que de fato se processa entre os homens de entendimento e os que se esforçam sèriamente para a Verdade. Até agora os ataques têm sido unilaterais, partindo dos homens do entendimento, o que para os observadores serenos aparece claramente infundado e, muitas vezes, ridículo. Ha sempre uma grande reserva de inimizade, zombaria e até mesmo perseguição contra todos os que procuram elevar-se espiritualmente, mesmo que o façam com reserva e retraimento. Ha sempre quem procure à força ou por troça reter os que se esforçam por progredir, atirando-os ao pântano crepuscular ou à hipocrisia das massas. Muitos foram obrigados a se tornarem verdadeiros mártires, porque não sòmente a grande maioria dos homens, como também a autoridade terrena se encontra ao lado dos homens de entendimento. Êstes só podem dar o que a própria palavra indica: “Entendimento”, isto é, restrição da faculdade cognitiva ao que é puramente terreno, logo à parte mínima da verdadeira existência.

E’ fácil compreender que semelhante restrição não poderá ser de proveito à humanidade, por não oferecer-lhe um todo perfeito, privando-a da parte principal de que carecem os homens de entendimento. Principalmente se considerarmos que a pequena duração da vida terrestre deve constituir o momento decisivo para todo o ser, e que occasio-

na decisivas transgressões nas outras partes completamente incompreensíveis aos homens de entendimento. A responsabilidade dos homens de entendimento, que tanto se degradam, é assustadoramente crescente. Contribue com pressão possante a levá-los à meta de seus desejos, afim de obrigá-los finalmente a gozarem cada vez com mais rapidez dos frutos que tanto alardearam.

Por homens de entendimento compreende-se os que se submeteram incondicionalmente ao seu próprio entendimento. Êstes tais se julgaram (fato admirável!) com direito, desde milênios, de impor suas convicções limitadas, por meio da lei e da força os que desejavam viver segundo suas próprias convicções. Semelhante presunção perfeitamente ilógica é consequência da escassez da faculdade cognitiva dos homens de entendimento, incapazes de subir a maiores alturas. Essa escassez, justamente, lhes traz uma certa culminância na compreensão, o que origina tais excessos na imaginação por se julgarem nos mais altos cumes do conhecimento. Para êles isso é verdadeiro, pois de fato atingiram o limite último e intransponível.

Suas investidas contra os que procuram a Verdade deixam, porém, transparecer a um exame mais acurado o flagelo das Trevas que se agita por trás dêles, manifestado na odiosidade tão incompreensível de que se mostram dotados. Raramente encontra-se nessa inimidade algum traço de hombridade que pudesse de algum modo desculpar o acalorado da luta. Na maioria dos casos é um disparar às cegas, sem lógica absolutamente. Examinemos seus artigos. Quão poucas vezes encontramos algum que procure de fato estudar *objetivamente* as alocações ou os escritos dos que procuram a Verdade!

E' surpreendente que nenhum valor de semelhantes ataques se mostra justamente *em não serem nunca puramente objetivos!* Trata-se sempre, clara ou ocultamente,

de insultos à *pessoa* do que procura a Verdade. *Só procede assim quem não tem o que objetar.* No entanto quem procura ou quem é Portador da Verdade jamais se entrega *pessoalmente*, mas apenas traz o que *diz*.

Devemos examinar a palavra, não a *pessoa*. E' hábito, porém, do homem de entendimento procurar primeiro focalizar a pessoa para concluir depois, se suas palavras devem ou não ser tomadas em consideração. Em sua escassez de conhecimento *necessitam* de semelhante apôio exterior, como sempre costumam para não se confundirem. E' este justamente o baluarte vazio, insuficiente para os homens, grande empecilho para seu progresso. Se fôsem possuidores de um ponto de apôio interior seguro, confrontariam doutrina contra doutrina, deixando as pessoas à margem. Isso, porém, é-lhes impossível; evitam-no conscientemente por terem pressentimento que em uma luta leal seriam fâcilmente arrancados da sela. As alusões frequentes e repassadas de ironia á "prédicas leigas" ou às "exposições feitas por leigos" mostram com presunção irrisória o que qualquer pessoa sincera imediatamente reconhece: "Eis um escudo que visa a todo o transe esconder o vazio interior do que maneja!"

Estratégia tola e insustentável! Visam apenas colocar em plano "inferior" aos olhos dos demais homens os que procuram a Verdade e que, por êsse motivo, os incomodam — quando não tentam incluí-los entre os "charlatães" para que ninguém os tome a sério. Com semelhantes processos visam impedir que as demais pessoas se preocupem sèriamente com a palavra falada ou escrita. Mas não os move o cuidado de que porventura sejam os homens entravados em sua ascensão interior por doutrinas errôneas, mas um certo temor de perderem a influência, vendo-se por êsse motivo forçados a se aprofundarem mais do que até

então, precisando modificar muita coisa até o momento tido como inalterável — além de cômoda.

Nenhuma pessoa dotada de reflexão poderá deixar de perceber o perigo da fraqueza que se acoberta nesses ataques freqüentes aos “leigos”, nesse menoprêzo singular por quantos se encontram — por sua intuição mais fortificada e influenciada — mais próximos da Verdade, que não circundaram com muros construídos de fôrmas rígidas do entendimento. *Quem partilha dessas opiniões está desde logo excluído do número dos mestres e guias independentes*, por se encontra muito mais distanciado de Deus de sua Obra, do que qualquer outra pessoa.

O conhecimento da evolução das religiões com todos os seus erros e lacunas não faz que os homens se aproximem de Deus, como do mesmo modo o não consegue a exposição racional da Bíblia ou de outros documentos valiosos das diferentes religiões. O entendimento está e continua preso ao tempo e ao espaço, à Terra por consequência, ao passo que a Divindade e, consequentemente, o conhecimento de Deus e de sua Vontade está acima do tempo e do espaço de tudo que é transitório, jamais podendo ser apreendido pelo entendimento tão restrito. Por essa razão muito simples o entendimento não pode ser chamado a dar elucidacões sôbre os valores eternos. Seria contradizer-se a si próprio. E todos os que estão se gabando de habilitações de Universidades nesses assuntos, deixando à margem as pessoas independentes, dão provas só por isso de sua incapacidade. As pessoas de reflexão percebem imediatamente as insuficiências e tomam as precauções necessárias contra os próprios que nos advertem por êsse modo!

Sòmente os predestinados podem ser os verdadeiros mestres. E predestinado é quem traz em si a capacidade própria. Essa capacidade não pergunta se a pessoa é ou não possuidora de instrução universitária, mas se tem a vibra-

tilidade de uma elevada capacidade intuitiva que consegue transcender o tempo e o espaço, isto é, os limites cognitivos do conhecimento.

Além disso todo o homem de liberdade interior sempre perguntará acerca de qualquer doutrina *qual o valor* de seu conteúdo, e não *quem* lhe faz a apresentação. O último processo é um triste testemunho de quem o põe em prática. Ouro é ouro, quer seja nas mãos de um príncipe, quer nas de um mendigo.

Este fato inatacável se procura ignorar e transformar, com obstinação, justamente nas coisas mais valiosas do homem espiritual. E' claro que o resultado é o mesmo que no caso do ouro, porque os investigadores sinceros não se deixam influenciar por semelhantes argumentos, mas examinam diretamente as coisas. Os que capitulam, porém, não se encontram ainda amadurecidos para receberem a Verdade. A' êsses a Verdade não se destina.

Porém, não está muito longe a hora em que ha-de começar uma luta que até então faltava. Cessarão os ataques unilaterais, dando lugar a um confronto decisivo que acabará destruindo todas as falsas presunções.

## FÓRMAS DE PENSAMENTO

**P**enetrai em qualquer café ou restaurante e observai as pessoas que ocupam as mesas em redor. Ouvi as conversas. Frequentai as famílias e observai vosso círculo mais íntimo nas horas de descanso.

Com grande espanto haveis de aperceber-vos da vacuidade de tudo o que os homens dizem quando não se referem a suas ocupações peculiares. Sentireis asco ante os sentimentos vazios, ante a estreiteza acabrunhante do círculo de interesses, assim como ante a superficialidade apavorante, uma vez que vos ocupeis sèriamente em observar com rigor. As poucas exceções cujas palavras nas *horas de descanso* da vida quotidiana estão repassadas de um ansiar pelo aperfeiçoamento da alma, vos parecerão como estranhos no borborinho de uma feira anual.

E' justamente nas assim chamadas horas de descanso que podereis reconhecer com mais facilidade o interior dos homens, quando é afastado com sua actividade profissional o ponto de apóio de sua especialidade. O que então fica, é o indivíduo pròpriamente dito. Contemplai de fora êsse indivíduo e analisai suas palavras. Em pouco tempo tereis que interromper o exame, porque se tornou insuportável. Sereis tomado da mais profunda tristeza, quando virdes quanto homens ha que tanto se assemelham aos animais. Não tão brutos — naturalmente; dotados de mais desenvolvida faculdade de pensar; mas em linhas gerais, a mesma coisa. Passam pela vida terrestre como se estivessem vendados, só vendo em sua frente o puramente material.

Cuidam de comer e de beber, de acumular maior ou menor soma de valores terrenos; procuram os prazeres corpóreos, considerando a meditação daquilo que não podem ver com os olhos do corpo como sendo desperdício de tempo, tempo êsse que, segundo pensam, podem aplicar muito mais útilmente em seus “recreios”.

Não podem, nem conseguirão compreender, que a vida terrena, com todos os seus prazeres e alegrias só adquire seu verdadeiro valor quando ficamos de certo modo familiares com o mundo de matéria fina que se lhe relaciona pelas ações recíprocas e que conhecendo-as, nos dão a convicção de que a existência não é dirigida pelo acaso. Afastam-se de tudo isso pelo erro de que, se de fato houvesse um mundo de matéria fina, tal conhecimento só lhes acarretaria aborrecimentos e pavor, desde que se ocupassem com isto.

Estão alheios ao conhecimento de que a vida terrena só adquire valor pròpriamente dito com o esforço para a ascensão, e que com êsse todas as alegrias e prazeres ficam animados de uma vitalidade superior que não os afasta de si, mas empresta aos investigadores sinceros e aos que anseiam pela Verdade — como o mais belo mimo de retribuição — ardorosa vontade de viver, que muitas vezes se eleva ao mais fervoroso entusiasmo por todas as coisas da Criação.

Tolos os que passam por tudo isso! Pusilânimes, a quem sempre faltará a alegria indizível de um progredir corajoso!

Exultai, porque tudo em tórno de vós *vive*, até às mais longínquas paragens! Nada é morto ou vazio como parece. Tudo vive e age na Lei da Reciprocidade em cujo centro vos encontrais; como homens que sois, para dar nova fôrma e direção aos fios, como ponto de partida e de chegada, senhor poderoso do próprio reino que construís elevando-vos

ou abismando-vos com êle! Despertai! Utilizai-vos do poder que vos é dado, com a consciência plena da grandiosidade dos fatos para que não aconteça produzirdes como agora fazeis, sòmente monstros nocivos, produtos da ignorância, da teimosia ou da preguiça, que acabam por abafar os elementos sadios e bons, arrastando finalmente à instabilidade e ao abismo seu próprio gerador.

O ambiente de matéria fina que se encontra mais próximo do homem contribue muitíssimo para elevá-lo ou degradá-lo. E' o mundo singular das fórmulas do pensamento cuja vida é apenas parte mínima da grandiosa engrenagem da Criação. Seus fios, porém, descem tanto à matéria grosseira quanto sobem à matéria mais fina ainda, como também atingem os domínios das Trevas. Tudo se encontra indissolúvelmente entretecido como por uma rede gigantesca de nervos ou de veias que tudo unifica. Por isso acautelai-vos!

Os mais felizes só conseguem apreender aqui e ali uma pequena parte dessas conexões, mas de muita coisa só têm o pressentimento longínquo. Dêsse modo muitas noções já passaram ao domínio da humanidade. Esta se esforçou por prosseguir em sua elaboração, afim de completar a imagem do conjunto. Os erros e as lacunas eram inevitáveis. Muitos investigadores nos domínios da matéria fina cometiam saltos que faziam perder a idéia do conjunto. Outros preenchiam lacunas com imagens fantásticas que ocasionavam deformações e falsificações, o que terminava por abalar a crença no todo. A consequência era a zombaria justificada que, devido à falta de lógica dos chamados investigadores do espírito, saia vencedora da contenda.

Para entrar logo no assunto devemos em primeiro lugar traçar uma linha através de todos os fatos da Criação em que se possa firmar o observador para poder elevar-se. Muitos acontecimentos que lhe parecem incompreensíveis encontram sua justificação e origem em seu ambiente próximo. Um



exame rápido no mundo das fôrmas do pensamento lhe ensinaria muitas coisas até então incompreendidas. A análise de vários casos da aplicação da Justiça mostrará como verdadeiros causadores outros bem diversos do que os imputados, responsabilizando em primeiro lugar aqueles. A chave para tudo isso se encontra na relação existente entre os indivíduos isolados e o mundo das fôrmas de pensamento que se encontra logo a seguir da humanidade terrena. E' de grande vantagem para muitas pessoas serem portadoras de vendas que impedem ver além do que os olhos corpóreos apreendem. Causar-lhes-ia pavor o modo por que são constituídas atualmente essas fôrmas de pensamento. Muitos ficariam tomados de desespero inibidor — muitos que vivem sem escrúpulos por ingenuidade ou inconsideração, porque *todo pensamento gerado* — como tudo no mundo da matéria fina — adquire imediatamente uma fôrma que concretiza e representa o sentido próprio do pensamento.

A força criadora viva, que atravessa os homens, junta, pela vontade determinada de um pensamento, algo de matéria fina, concretizando-o em uma fôrma que dá expressão à vontade desse pensamento, logo, algo real e vivo, que nesse mundo de fôrmas de pensamento atrai os semelhantes — segundo a Lei da atração da igual-espécie — ou é atraído por eles conforme a força de que é dotado. Assim como um pensamento é *sentido* logo que é formado, com grande ou pequena intensidade, do mesmo modo a sua fôrma no domínio da matéria fina será dotada de *vida* correspondente. E' densa a população desse mundo. A fôrça atrativa formou pontos de reunião de onde, assim concentrada, irradiam influências para os homens.

Essas influências em primeiro lugar atingem aos que são propensos aos semelhantes, isto é, os que têm em si fôrmas análogas. São desse modo tonificados em sua vontade correspondente e estimulados à produção de imagens seme-

lhantes que, por sua vez, atuam no mundo das fórmulas de pensamento.

Até mesmo indivíduos que não possuem essa qualidade podem ser influenciados aos poucos por essa força, sofrendo-lhe a atração, quando dêsses pontos de concentração recebem continuamente reforços. Só estão resguardados os que possuem em maior potência algo de espécie diferente, o que torna impossível a união com os não-semelhantes.

Infelizmente nos tempos que correm é somente o ódio, a inveja, a cobiça, a lascívia, a avareza e outros males, que constituem no mundo das fórmulas de pensamento poderosos pontos de concentração, em virtude da quantidade de seus adeptos. A pureza e o amor conseguem menos. E' por isso que o mal cresce por modo tão assustador. Acrescente-se que esses pontos de concentração das fórmulas de pensamento recebem novos reforços das esferas correspondentes que se encontram nas Trevas. Daí lhes vêm sempre estímulos novos para a atividade, o que lhes permite atuar nos homens com eficácia crescente.

Bendita seja a hora portanto em que adquira de novo entre os homens lugar eminente o pensamento do Puro Amor Divino, para que no mundo das fórmulas de pensamento se constituam ao mesmo tempo poderosos pontos de concentração que possam receber refôrço das esferas luminosas, atuando não somente nos que se esforçam para o bem, tonificando-os, mas também clarificando aos poucos os de indolência mais sombria.

Ha também um outro ponto digno de nota nesse mundo da matéria fina: à vontade dos geradores das fórmulas mentais podem aderir essas fórmulas a determinadas pessoas. Se são fórmulas puras e elevadas, constituirão um embelezamento individual; fortificarão essa pessoa com pureza e poderão mesmo, dada a semelhança do sentimento interior, elevá-la ainda mais no ca-

minho da ascensão. Mas os pensamentos impuros ficam grudados às pessoas, do mesmo modo que os corpos materiais se sujam com jactos de lama ou de imundície. Se um indivíduo assim alvejado não se encontra interiormente fortificado pelos pontos de concentração luminosos, pode acontecer que seu sentimento intuitivo atacado por pensamentos impuros acabe por perturbar-se. Isso é possível porque as fórmulas impuras aderidas conseguem atrair fórmulas semelhantes, fortificando-se e envenenando pouco a pouco o pensamento da pessoa assediada.

E' evidente que a responsabilidade principal do fato fica com o produtor do pensamento impuro, porque as fórmulas do pensamento permanecem ligadas às pessoas que as geram, agindo sobre elas com sua ação de retôrno correspondente.

Por êsse motivo deve-se sempre advertir aos que procuram sinceramente: "Cuidai da pureza de vossos pensamentos!" Empregai nisso todas as vossas forças! Não podeis imaginar o que conseguis por êsse modo. Algo admirável que vos dá força de um lutador! Tornar-vos-eis pioneiros da Luz, contribuindo para a libertação dos homens das teias venenosas do mundo das fórmulas de pensamento.

Se fôsse retirada a venda dos olhos de muitas pessoas, permitindo-lhes o espetáculo do ambiente próximo da matéria fina, ficariam a princípio receiosos com a balbúrdia percebida; mas isso não duraria muito, senão até ficarem conscientes da força que têm em seu íntimo e que como um gládio afiado lhes permite abrir caminho livre pelos obstáculos, e isso sem trabalho, apenas por sua vontade. Percebem as fórmulas do pensamento em centenas de milhares de variedades, feitos possíveis e até mesmo impossíveis para os olhos humanos, mas todas perfeitamente determinadas, com as características próprias da vida do pensamento gerador, sem enfeites, sem acréscimos artificiais.

Mas a-pesar-da infinita variedade é fácil reconhecer à primeira vista a essência de cada fôrma de pensamento, isto é, qual a sua diretriz em tão grande diversidade. Do mesmo modo que é possível distinguir pela fôrma um homem de um animal ou mesmo as diferentes raças humanas por determinadas características — do mesmo modo as fôrmas do pensamento têm expressão perfeitamente característica que apontam logo se essa fôrma pertence ao ódio ou à inveja, à luxúria ou a outra classe fundamental. Cada uma destas possui seu sêlo característico, impresso nas fôrmas individuais como fundamento da propriedade que representa, seja qual fôr a conformação exterior condicionada pelo pensamento. Por isso é fácil reconhecer imediatamente, a-pesar-das deformações profundas sofridas muitas vezes, qual a classe fundamental em aprêço, o que faz cessar a confusão que até então imperava.

Nisso repousa a ordem imperturbável e o rigor da Lei fundamental da Criação, a qual uma vez conhecida e com ela conformando-se, oferece guarida eficaz e bençãos inumeráveis. Mas todos os que se opõem a essa Lei — quando não sejam pisados e destruídos — se sentirão pelo menos arrastados violentamente até que a experiência dolorosa os haja adaptado a essa corrente, não mais constituindo nenhum obstáculo. Sòmente então poderão ser elevados.

Essas fôrmas de pensamento não atuam apenas sôbre a humanidade, mas vão mais longe, porque no ambiente próximo do mundo da matéria fina é que se encontra a parte mais importante dos entes da natureza. Não constituirá nenhuma dificuldade admitir que todas as fôrças da natureza possuem fôrma determinada, uma vez que seja admitido o pensamento real de que tudo é dotado de vida, isto é, que tudo tem fôrma, quer seja isso visível aos olhos terrenos, quer não. A essas fôrças da natureza pertencem os gnomos, elfos, silfos, ondinas, etc., os espíritos da terra, do ar, do

fogo, da água, percebidos — outrora mais do que agora — por muitas pessoas. São influenciáveis pelas fôrmas do pensamento, o que, mais uma vez, pode produzir males ou benefícios. E assim sucessivamente. Uma coisa se liga a outra como em um maquinismo impulsionador de contextura complexa.

Mas no meio de tudo isso encontra-se o homem, armado de todos os processos de determinar a natureza do tecido que ha-de resultar da atividade da Criação, imprimindo-lhe direção determinada. Adquiri consciência dessa responsabilidade incalculável, porque tudo se passa na própria órbita de vossa existência terrena. Nada ultrapassa a sábia disposição do Criador, mas tudo vos atingirá de retôrno. Conseguis envenenar por meio de vossos desejos ou pensamentos o aquém e o além da Terra, ou, se o quiserdes, podereis contribuir para a Luz, para a ascensão. Por êsse motivo tornai-vos dirigentes do fado que conduz às alturas, pela pureza de vossos pensamentos.

## MORALIDADE

**E**stende-se como que uma obscura nuvem de tempestade sobre a humanidade. A atmosfera está carregada. A faculdade intuitiva individual trabalha morosamente sob uma grande pressão. Excessivamente tensos encontram-se os nervos que atuam sobre a sensibilidade e os instintos dos corpos, artificialmente estimulados pelos erros duma falsa educação, pela falsa atitude interior e auto-ilusão. O homem moderno é anormal neste particular. Conduz consigo um instinto sexual doentio e excitado ao excesso, que procura exaltar por todos os modos, o que causará a ruína de toda a humanidade.

Contagioso, transmissível como um sôpro pestífero, tudo isso, com o tempo, atua também sobre aqueles que ainda procuram agarrar-se convulsivamente num ideal, que lhes flutua diante dos olhos, no esconderijo de sua semi-consciência. Alçam os braços para êsse ideal, mas são forçados continuamente a baixá-los com um suspiro, desesperados quando contemplam o ambiente que os envolve. Vêm apavorados e impotentes como se conturba a passos gigantescos a visão clara de fatos morais, como se enfraquece a faculdade do juízo e como se modificam os conceitos a ponto de ser admitido hoje como muito natural o que ainda ontem causava asco e repulsa. O cálix, porém, em breve estará repleto. Ha-de suceder um terrível despertar!

Agora já se percebe, às vezes, uma espécie de inquietação súbita e tímida entre essas massas chicoteadas pelos sentidos, inquietação essa irrefletida, inconciente. A incerteza

se apodera por um momento de mais de um coração; mas não se dará um despertar, uma intuição nítida da indignidade de suas ações. Em seguida, começa daí um zelo dobrado para despojarem-se e até mesmo abafarem tais “fraquezas” ou “últimos resquícios” de inclinações antiquadas. E’ preciso progresso, seja como fôr. Mas êste pode ser duplo: para cima ou para baixo, conforme a escolha individual. A situação presente só conduz com velocidade sinistra para baixo. O choque final ha-de destroçar os que assim apressam a marcha para baixo, no momento em que se fizer sentir uma resistência forte.

As nuvens se condensam cada vez mais nesse ambiente abafado, presagiando infortúnios. Está iminente o primeiro relâmpago que ha-de reasgar as Trevas, iluminando-as, que ha-de patentear os mais íntimos meandros com inexorabilidade e aspereza libertadoras aos que se esforçam para a Luz, destruindo os que não a desejam. Quanto mais espessas e sombrias forem essas nuvens, tanto mais apavorante e luminoso será êsse relâmpago. Ficarã destruída a atmosfera mórbida e afrouxante que esconde em suas dobras a concupiscência viscosa, porque ao relâmpago se seguirá naturalmente uma corrente de ar mais fresca e salutar. De súbito ficarão patentes na claridade da Luz diante dos olhos da humanidade espavorida todos os monstros gerados pela fantasia, despojados de suas inverdades hipócritas. O despertar nas almas será como o estampido e o abalar dum trovão impetuoso, de fôrma que a fonte da água viva da Verdade possa jorrar se empecilhos pelo solo assim propiciado. alvorece o dia da liberdade. Libertação do jugo milenário da imoralidade, ora na sua máxima florescência.

Examinai em tórno de vós mesmos as leituras, as danças, o vestuário! Hoje, mais do que nunca, esforçam-se os homens por derrubar todas as barreiras que separam os dois sexos, afim de turvarem sistemáticamente a pureza do

sentimento intuitivo, deformá-lo pela perturbação, emprestar-lhe côres falsas e, se possível, abafá-lo por completo. As reflexões nascentes são atordoadas com longos discursos que afinal não passam de emanações do instinto sexual, afim de dar-lhe alimento por todas os modos possíveis, lícito ou não, clara ou ocultamente.

Falam da libertação da sensibilidade, da autonomia do homem, do desenvolvimento de seu íntimo, cultura do corpo, nu artístico, esportes enobrecidos, educação, segundo a máxima de que “para quem é puro, tudo é puro!” Em suma: elevação do gênero humano pelo afastamento de todo o falso pudor, moralidade simulada, da hipocrisia em questões sexuais, afim de que possa nascer o verdadeiro homem livre que ha-de dominar o futuro! Ai dos que se atreverem a objetar alguma coisa! E’ imediatamente assacado com investivas e por asserções de ser animado de “pensamentos impuros”!

Remoinho de água suja que desprende emanações estonteadoras e venenosas que, como a morfina, causam ilusões perturbadoras dos sentidos, arrastando milhares e milhares de pessoas até perecerem no sono final. Irmãos procuram instruir irmãs, filhos os pais. Tudo isso passa pela humanidade como uma inundação, surgindo um embate furioso onde quer que se encontre alguém tomado de nojo, do mesmo modo que as rochas no meio das ondas. A êsses poucos agarram-se os muitos que se encontram ameaçados de perder as forças. São bem vistos; êstes pequenos grupos, como oasis no deserto e, como êstes, oferecendo repouso e alimento ao viandantes que venceram na luta com o simum ameaçador.

Tudo o que hoje vemos acobertado pelo belo manto do progresso não passa de impudente convite para a imoralidade, envenenamento de todos os sentimentos elevados do homem, a maior peste jamais conhecida e (caso singular!)



parece que muitos só esperavam por êsse pretexto para se rebaixarem à situação de animais! Muitas pessoas se alegram por tudo isso.

Os que conhecem as Leis espirituais que agem em todo o Universo apartam-se enojados. Tomemos por exemplo o mais “inócuo” desses prazeres: o “banho de família”. “Para quem é puro, tudo é puro!” sôa tão bem que sobe sua proteção muita coisa é permitida. Vejamos, porém, os mais simples processos no domínio da matéria fina por ocasião de um desses banhos. Admitamos que haja trinta pessoas de ambos os sexos, e que dessas trinta vinte e nove sejam, de fato, puras; o que com antecedência já se pode taxar de exagêro. O inverso deveria ser o verdadeiro, e, ainda assim, muito raro de ser encontrado. Mas que seja! Êsse um, o trigésimo, alimenta pensamentos impuros, a-pesar-de aparentemente mostrar-se com a máxima correção. Êsses pensamentos adquirem imediatamente fórmulas vivas no domínio da matéria fina, dirigem-se para o objeto que os despertou e a êle se ligam. Fica sendo uma mancha, pouco importando se serão concretizados em manifestações e fatos ou não. A pessoa em questão conduzirá consigo essa mancha que irá atrair fórmulas de pensamentos semelhantes, condensando-se cada vez mais até conseguir atuar sôbre essa pessoa, envenenando-a, do mesmo modo que a parasita trepadora consegue, com seus liames, matar as mais robustas árvores. São êsses os divertimentos “inócuos” dos banhos de família, dos jogos de sociedade, das dansas e de tantos outros.

A isso devemos acrescentar que só frequentam os banhos e divertimentos análogos os que concientemente procuram dar largas a seus pensamentos e à sua sensibilidade com a contemplação dessas coisas! Não é difícil demonstrar o atoleiro que dêsse modo se prepara, sem que exteriormente se manifeste, como é igualmente compreensível que essa nuvem de fórmulas de pensamentos voluptuosos que se

condensa de momento a momento atua em um número considerável de pessoas que se encontravam alheias a essa ordem de coisas. surge a princípio muito tênue, adquirindo aos poucos força e vitalidade, pensamentos da mesma natureza que recebem contínuo alimento com a ordem observada no atual “progresso”, arrastando uma pessoa após outra na corrente sombria em que os conceitos da verdadeira pureza e moralidade se conturbam cada vez mais, sendo finalmente precipitados na mais completa escuridão.

Estas ocasiões e incitações para tais excrescências devem ser eliminadas em primeiro lugar. Não passam de incubadoras em que os imorais lançam seus pensamentos pestíferos que brotam prolíficos derramando-se pela humanidade, criando sempre novas incubadoras que acabam por constituir um campo gigantesco de produtos nojentos de onde emana uma miasma que sufoca os próprios elementos bons.

Libertai-vos dêsse delírio que atordôa sob aparência de fortificar, mas que de fato entorpece e destrói. E’ natural, conquanto entristecedor, que seja justamente o sexo feminino o que primeiro exagera, adotando vestuário com a impudência das prostitutas. Mas isso só vem provar a veracidade da explicação sôbre os processos no mundo da matéria fina. Justamente a mulher é quem primeiro e mais profundamente recebe êsse veneno do pestilento mundo de formas de pensamento da matéria fina, — em virtude de sua constituição mais sensitiva — o que se dá por maneiro inconsciente. Está mais exposta a êsse perigo; é por êsse motivo arrastada em primeiro lugar, ultrapassando rapidamente todos os limites. Não é destituído de sentido o ditado: “Mulher ruim é peor que o homem!” Observa-se isso em todas as paixões, na maldade, no ódio, no amor. O procedimento da mulher será sempre resultado do mundo da maté-

ria fina que a envolve! Ha exceção naturalmente. A mulher não está excluída da responsabilidade, também, porque é capas de observar a influências que a assediam, orientando seus atos pela deliberação própria... se o quiser! Mas infelizmente a maioria não o quer, defeito do sexo feminino, graças a sua completa ignorância sôbre êsse assunto. O peor para os tempos atuais é que a mulher tem em mãos o futuro do povo, por serem suas condições espirituais de maior atuação sôbre a descendência do que as dos homens. Que decadência nos aguarda! Será inevitável! Não pode ser detida por dinheiro nem por armas ou descobrimentos, nem também por bondade ou por manobras políticas. Ha necessidade de meios mais profundamente penetrantes.

Não é a mulher apenas a responsável por tudo isso. Não devemos esquecer que ela é apenas o reflexo do mundo de fôrmas de pensamento que paira sôbre seu povo. Isso não devemos esquecer. *Acatai a mulher como tal*, e ela se formará de acôrdo, *será o que imaginais dela* e assim elevareis todo vosso povo! Mas é de necessidade que a mulher sofra prèviamente uma grande transformação. Nas condições atuais a cura só poderá ser obtida por um ataque radical e implacável que cerceará todas as excrescências, atirando-as ao fogo! Se assim não fôr, perder-se-ão todas as partes sãs.

O tempo marcha com velocidade crescente para essa cura radical. Será dolorosa e terrível, mas a saúde virá a seguir. Só então se poderá falar em moralidade; hoje as palavras soariam como lançadas a um furacão. Mas, quando tiver passado a hora que provocou a ruína da Babel pecadora, desmoronada pela podridão, observai então o sexo feminino! Seus atos mostrarão sempre *como sois intimamente*, porque êsse sexo vive, devido a sua intuição mais sensível, de acôrdo com as fôrmas de pensamento que lhes constituem o ambiente.

Isso nos dá a certeza de que a mulher será a primeira a se elevar ao modelo que pressentimos como o do indivíduo superior e enobrecido, uma vez estabelecida a pureza dos pensamentos e dos sentimentos. Só então a moralidade se ostentará em todo o brilho de sua pureza!

## VELAI E ORAI!

Quantas vezes essa máxima do Filho de Deus tem sido transmitida como bom conselho e advertência, sem que, tanto quem a dá como quem a recebe, se dêem ao trabalho de refletir no significado que encerra!

Todos sabem, ou melhor *crêm* saber o que significa a expressão orar. Mas de fato não o sabem. Também julgam compreender a vigília, mas estão muito longe disso.

“Velai e orai” é a reprodução literal do aviso para o despertar da faculdade intuitiva, logo, para a atividade do espírito. Mas *espírito* no *verdadeiro* sentido, não considerado como atividade do cérebro ou coisa tal; porque a forma expressiva do espírito humano é apenas a intuição. *Em nada mais* o espírito do homem se manifesta, isto é, o núcleo primitivo que se concretizou no “EU” pròpriamente dito, durante sua peregrinação pela Post-criação.

“Velai e orai” nada mais significa do que a exigência para o aperfeiçoamento e robustecimento da faculdade intuitiva do homem, comparável à vivificação do espírito — seu único valor eterno — a única parte que consegue voltar ao Paraíso — a Criação primordial — de onde partira. *Voltará* para aí, quer seja com o amadurecimento da auto-consciência, ou novamente inconciente, — ou como um “Eu” vivo e luminoso, com utilidade no conjunto da Criação, — ou como um “Eu” sem vida e desmembrado, caso se tenha manifestado inútil à Criação.

Foi, portanto, uma das mais sérias admoestações feitas pelo Filho de Deus aos homens, essa que nos adverte

para “velar e orar”. E’ ao mesmo tempo uma advertência ameaçadora para que sejamos de utilidade na Criação, afim de não cairmos na condenação pela ação autônoma das Leis Divinas.

Contemplai a mulher! Possui na delicadeza de seus sentimentos intuitivos o maior bem. *Por isso* só devíamos poder falar dela como *elevada e nobre*, porque o sexo contém em si a maior possibilidade de realizar todo o bem. Nisso também, consiste sua maior responsabilidade. Por isso Lúcifer com todo seu séquito dirigiu à mulher o forte de seus embates para subjugar a Criação inteira.

Infelizmente encontrou na mulher da Post-criação o terreno preparado para receber o ataque. Ela correu ao seu encontro com os olhos abertos, envenenando assim toda a Criação posterior pela deturpação dos conceitos puros, o que ocasionou confusão nos espíritos. A flor pura do sexo feminino — coroa da Criação — se humilhou ante a influência do tentador transformando-se em planta venenosa mas matizada, que, com seu perfume inebriante, atrai tudo para suas imediações, o *charco* em cuja asfíxiante moleza afundam os que se deixaram atrair.

Ai da mulher! Por ter recebido os mais altos valores — que não soube aproveitar com acêrto — será a primeira a ser ceifada pela espada da Justiça Divina se não se resolver, com a mobilidade da intuição espiritual que lhe é própria, adiantar-se na necessária ascensão da humanidade terrena, libertando-se das ruínas de uma falsa construção de conceitos estragados produzidos exclusivamente pela inspição de Lúcifer. A mulher terrena colocou em lugar da aspiração modelar para obter a jóia da pureza, a presunção e a vaidade de uma sociedade viciada. Teve perfeitamente o pressentimento de que com isso perdia a verdadeira jóia do sexo, razão porque lançou mão da compensação oferecida pelo poder das Trevas, fazendo-se escrava da “moda”,

procurando cultivar os atrativos do corpo até à impudência da moral atual, o que só contribuiu para arrastá-la ainda mais para o vício e, com ela, os homens, por reforçar os seus instintos, - o que naturalmente devia impedir o desenvolvimento de seu espírito.

Com isso, porém, lançaram no seu íntimo o gérmen que no Juízo Final inevitável ha-de necessariamente levá-los à destruição, pela ação de retôrno, pois se tornaram frutos apodrecidos que não têm poder para resistir ao furacão purificador que se aproxima. Ninguém se deve deixar sujar com os adoradores da vaidade quando no perigo estenderem súplices as mãos. Deixai-os cair e repelí-os, porque nada têm que possa ser de proveito para a reconstrução futura prometida.

Não se apercebem do irrisório e do vazio de seus atos, mas dentro de pouco tempo suas zombarias se hão-de mudar em gritos dolorosos para silenciarem depois, ante os que serviram de objeto para seus motejos, os poucos que tentam salvar ainda a pureza do sexo feminino, os que *não* deixaram perecer o mais belo enfeite da mulher — o pudor!

A mulher está na Criação posterior em posição difícil como no gume de uma faca, por causa dos altos dotes que recebera. Terá que prestar contas do que fez. Não haverá desculpas. E' impossível contornar as dificuldades, porque o tempo é chegado. Deveriam ter pensado antes e saber que não são as *suas* opiniões que se podem opor à Vontade de Deus, na qual apenas se encontra a *Pureza* clara como cristal. —

Mas as mulheres do futuro não conseguiram salvar-se com seus valores morais através os tempos calamitosos de Sodoma e Gomorra do presente, assim como as que hão-de nascer — levarão o sexo à florescência ante a qual tudo só poderá aproximar-se com modéstia sagrada da *mais pura* reverência. Será *essa* a mulher que vive conforme a Vonta-

de de Deus, isto é, a que se encontra na Criação como coroa luminosa da mesma, como *pode* e como *deve* ser, que tudo vivifica com as vibrações recebidas das alturas luminosas, transmitidas sem alteração graças à delicadeza de sua intuição.

As Palavras do Filho de Deus: “Velai e orai” serão concretizadas em *todas* as mulheres do futuro, como já o deveriam ser em todas do presente, *porque nas vibrações da faculdade intuitiva feminina, quando dirigida para a Pureza e para a Luz, se encontra a vigília perene e a mais bela oração grata a Deus.*

Semelhante vibrar proporciona alegria inefável, e *isso* é justamente a oração *verdadeira!* Essas vibrações condicionam também circunspeção constante, isto é, *vigília*, porque todas as coisas menos belas ou qualquer desejo desviado do bem que procurem aproximar-se serão imediatamente percebidos por essas vibrações da intuição antes mesmo de terem tido tempo de adquirirem fôrma no pensamento, podendo por conseqüência a mulher fâcilmente resguardar-se *agora e em qualquer tempo se o quiser.*

A-pesar-de sua delicadeza essas vibrações são dotadas de fôrça capaz de transformar *tudo* na Criação. Nada lhe pode resistir porque essa fôrça é dotada de Luz e, por conseqüência, de Vida!

Lúcifer bem o sabia. Por êsse motivo voltou os seus ataques e tentações principalmente para os elementos femininos. Sabia que conseguiria *tudo*, uma vez ganha a mulher. E infelizmente o conseguiu, o que poderá ver quem tiver olhos de ver.

Por isso a chamada da Luz é dirigida novamente em primeiro lugar à mulher. *Precisa* tomar conhecimento de quanto se encontra degradada... se a vaidade consentir que adquira semelhante conhecimento. A armadilha de Lúcifer, porém, aprisionou a mulher por tal modo que lhe é



impossível sequer reconhecer a Luz, mais ainda: *não o quer!* Não o quer porque a mulher moderna não pode separar-se de suas frivolidades, muito embora tenha um pressentimento vago do que perdeu. *Sabe-o perfeitamente!* E é justamente para atordoar êsse sentimento intuitivo que a adverte — equiivalente ao conhecimento claro da situação — que se atira de olhos fechados ao encontro do novo ridículo, *tornar-se "mulher-homem", tanto na profissão como no seu modo de ser!*

Em vez de voltar à verdadeira feminilidade, o mais precioso bem da Criação toda. E, com isso, às obrigações determinadas pela Luz!

E' *ela* a destruidora da altivez masculina, impedindo assim que desabrochem os sentimentos de virilidade nobre.

*Nenhum povo ou nação pode prosperar, onde os homens não possam reconhecer na mulher o verdadeiro feminino.*

Sômente a feminilidade verdadeira e pura pode despertar e conduzir os homens às grandes ações. Nada mais. *Êsse* é o destino da mulher na Criação, segundo a Vontade de Deus, porque com isso eleva o povo e a humanidade, mais ainda: toda a Post-criação, porque sômente ela é dotada dessa fôrça elevada, pela ação branda, poder irresistível e convincente, abençoada pela Fôrça Divina, onde quer que se manifeste com pureza. Nada se lhe equipara, porque transmite beleza a tudo que produz, razão porque sua ação deve espalhar-se por toda a Criação, refrescando, vivificando e estimulando como um sôpro do Paraíso almejado!

Foi dessa pérola do presente de vosso Criador que Lúcifer com toda sua astúcia se apoderou *em primeiro lugar*, sabendo que com isso cerceava todos os esforços para a Luz, porque na mulher reside o mistério precioso de realizar na Criação a pureza e a elevação de todos os pensamentos, o entusiasmo para os empreendimentos grandiosos, para os atos

nobres... pressupondo-se que essa mulher seja como o Criador imaginara quando a cumulou de todos êsses bens.

Como vos deixastes iludir fãcilmente! Cedestes às tentações sem resistência. A mulher, escrava obediente de Lú-cifer, inverte a aplicação da bela dádiva de Deus, entregando a Criação posterior às Trevas. Só restam atualmente fragmentos deformados do que Deus criou para alegria e felicidade das criaturas. Tudo foi criado com acêrto e desenvolveu-se, mas sob a influência de Lú-cifer modificou-se, deformou-se — falsificou-se! A mulher se prestou como intermediária; elevou-se um pantanal sufocante no terreno limpo da pureza; o entusiasmo radiante foi substituído pela embriaguez dos sentidos. *Agora* desejais a luta, mas luta contra o que a Luz exige! Quereis, mas sómente para permanecerdes na orgia da presunção que vos embriaga.

Não é grande atualmente o número das que possam resistir a um olhar sereno. A maior parte se revela como postulentas, cuja beleza, isto é, a verdadeira feminilidade, se encontra irremediavelmente perdida. Muitas das que podem ainda salvar-se serão tomadas de asco por si próprias quando depois de anos fizerem um retrospecto em tudo o que hoje se lhes afigura bem. Será como a convalescença de uma grave enfermidade febril.

Mas assim como a mulher tem o poder de degradar a Criação posterior, também possui o de restabelecê-la e ajudá-la, porque o homem a acompanha. Depois da purificação virá o tempo em que se exclamará: Vede a mulher como ela deve ser, a *verdadeira* mulher em toda sua dignidade, na mais elevada pureza e poderio, realização das Palavras de Christo: “Velai e orai” em toda sua naturalidade e na mais bela fôrma.

## O MATRIMÔNIO

O casamento é contraído no Céu! E' o que freqüentemente dizem com azedume os casados. Também com hipocrisia os que mais afastados se encontram do Céu. O resultado é que semelhante asserção só provoca um encolher dombros, zombaria e até mesmo sarcasmo.

Semelhantes respostas são justificadas pelo exame dos matrimônios que os homens vêem em seu ambiente próximo ou remoto. Os zombadores têm razão; mas andariam mais acertados se em vez de zombarem do dito o fizessem dos próprios casamentos. *Êstes*, sim, que em sua maioria são merecedores não sòmente de troça mas de desprezo.

Os casamentos como são atualmente e como vêm sendo feitos ha séculos, desacreditam a máxima. Com raras exceções constituem um estado francamente imoral, que necessitaria ser suprimido quanto antes para que milhares de pessoas se vissem livres de semelhante vergonha, vítimas como o são, cegamente, dos costumes do tempo. Imaginam que não pode ser por outro modo, por ser êsse o uso. Acrescentemos que modernamente tudo é talhado pela mais desabrida impudicícia, visando turvar e destruir os sentimentos puros existentes. Ninguém pensa em demonstrar respeito em relação ao corpo, dando assim valor à sua pessoa tal como devia ser.

O corpo do mesmo modo que a alma representa algo de precioso e inviolável, não devendo ser exposto a título de atrativo. Algo elevado e santo! Enquanto na existência terrena — ambos, a alma e o corpo, devem ser igual-

mente estimados e guardados como um sacrário para que possam conservar o valor próprio. De outro modo se reduzirão a trapos que nos enxovalham, merecedores somente de serem jogados ao canto para serem recolhidos pelo primeiro trapeiro que passar. Se surgisse hoje um exército desses trapeiros encontraria uma porção incalculável de farrapos. A cada passo veriam montões esperando serem removidos. E, de fato, tais compradores e trapeiros já correm por aí em grupos numerosos. São os emissários das Trevas que se apoderam cobiçosos da presa para arrastá-la em triunfo para o seu reino sombrio, até que as espessuras negras a sobrepujem, impossibilitando-a definitivamente de atinar com o caminho para a Luz. Não é de admirar, portanto, que riam quando se diz que os casamentos são contraídos no Céu.

O ato civil não passa de um negócio. Os que se ligam por êsse modo não se combinam para iniciarem com dedicação um trabalho em conjunto, que eleve o valor pessoal de ambos, tanto interior como externo, trabalho que vise fins alevantados, gerador de prosperidade para a humanidade e para a Criação inteira — mas um simples contrato em que tomam suas precauções recíprocas econômicas, para que a entrega dos corpos de parte a parte não seja feita sem reflexões numéricas. Onde a santidade do corpo que devia ser conservado de ambas as partes tanto dentro como fora do matrimônio? Ninguém cuida desse ponto.

A mulher em tudo isso ocupa uma situação tão vergonhosa que até causa repulsa. Em oitenta por cento das vezes vendes-se simplesmente para o serviço do marido, que não procura nela uma companheira de igual dignidade, mas um objeto para ser contemplado, além de servir como governante econômica, que lhe dará comodidade no lar, po-

dendo também sob o manto de falsa honestidade, dar largas a seus apetites comuns.

Muitas vezes, por motivos mais frívolos as moças abandonam as casas de seus pais para se casarem. As mais das vezes estão cansadas da casa paterna, desejando um círculo de atividade, no qual elas possam pôr e dispor. Algumas acham encantador fazerem-se donas de casa ou esperam vida mais movimentada. Talvez creiam também obter condições de existência mais econômicas. Acontece também casarem-se por capricho, só para fazer sofrer uma outra pessoa. Também o instinto corpóreo determina muitos casamentos, despertado e artificialmente alimentado pelas falsas leituras e falsos divertimentos.

Raramente é o verdadeiro amor espiritual que as leva a dar o mais sério passo da vida terrena. Auxiliadas zelosamente por muitos pais, ficam as senhoritas “muito sabidas” (como vulgarmente se diz) para que se deixem guiar apenas pelo sentimento puro da intuição, correndo dêsse modo ao encontro da desgraça. Essas tais têm a recompensa de sua superficialidade, freqüentemente, neste próprio matrimônio. Mas apenas em parte. Os efeitos amargos da ação recíproca resultante de tais casamentos errados vêm muito depois, porque o maior mal de semelhante passo consiste em deixarem passar impensadamente a possibilidade de progredir. Dêsse modo muitas existências terrenas ficam inteiramente perdidas quanto ao verdadeiro *fim* da personalidade, ocasionando, até, notável regresso, que posteriormente deverá ser recuperado penosamente.

Como se passa tudo por modo diverso quando o matrimônio é baseado nas Leis Divinas, transcorrendo harmoniosamente! Exultantes, voluntariamente dedicados um ao outro, elevam-se no progresso espiritual, contemplando serenos, ombro com ombro, as dificuldades terrenas assim vendidas. O casamento se torna um lucro para a eterni-

dade firmado na felicidade. As conseqüências desta não são apenas pessoais, mas para todo o gênero humano. Ai dos pais que levam seus filhos a um casamento falso, por argumentos ditados pelo entendimento, à fôrça, por astúcia ou pelo engôdo. As conseqüências da responsabilidade que não atingem sòmente a criança, os alcançarão mais cedo ou mais tarde, levando-os a se lastimarem da hora em que tiveram “tão luminosa idéia”!

Muitos vêm na confirmação da igreja apenas uma parte dos festejos terrenos. A própria igreja, ou seus representantes, aplicam as palavras de que “o homem não deve separar o que Deus reüniu”. Encontra-se subentendido em todos os cultos religiosos o pensamento de que com a cerimônia do casamento confirmam as núpcias firmadas por Deus. Os mais “progressistas” aceitam em vez dessa opinião a de que com isso ambos os nubentes ficam unidos *perante* Deus. A última acepção é mais justificada que a primeira.

Mas o sentido da expressão não é êsse! E’ bem diverso. Inculca que de fato o casamento é realizado no Céu.

Afastando-se todos os falsos conceitos da asserção, deixam de existir os motivos para o riso ou troça, patenteando-se a nossos olhos toda a gravidade e absoluta verdade da mesma. A conseqüência natural disso, é o conhecimento de que o casamento tem uma finalidade muito diversa da que atualmente lhe emprestam, isto é, que só poderá ser levado a cabo com princípios inteiramente diferentes, idéias e convicções inteiramente puras.

“Os matrimônios são contraídos no Céu” demonstra em primeiro lugar que desde a entrada na vida terrena o indivíduo traz consigo determinadas qualidades que só poderão ser desenvolvidas harmônicamente com o auxílio de pessoas dotadas de qualidades análogas. Não *as mesmas*, mas as que as *completam* e nessa integralização todas as

cordas vibram em consonância harmônica. Se uma das partes se completa com a ação da outra, o inverso também se observa, só havendo o acôrdo harmônico com a reunião de ambas as partes, isto é, na vida, e na atuação em comum. E' *êsse* o matrimônio contraído no Céu.

Isso, porém, não quer dizer que para uma pessoa qualquer só haja *uma* outra determinada nesta vida. Ha *várias* que lhe podem servir de complemento a suas qualidades individuais. Não ha necessidade de que se passem décadas para reconhecermos essa pessoa realmente predestinada a completar-nos. Basta aplicar o esforço necessário, abrir os olhos e o coração, principalmente, porém, abster-se das praxes até hoje consideradas condições preliminares para um matrimônio. A praxe atual é que *não* deve ser imitada. O trabalho em comum e os intuitos elevados são tão necessários para um matrimônio *sadio*, como o ar puro e o movimento para a saúde do corpo. Quem procurar sòmente a comodidade e a maior despreocupação possível, só colherá no fim a insalubridade com todo o seu séquito. Por isso esforçai-vos por realizar casamentos que sejam contraídos no Céu. Com isso alcançareis a felicidade.

Ser contraído no Céu significa que já se encontravam os cônjuges predestinados um para o outro desde antes da vida terrena ou à sua entrada. Mas a predestinação consiste apenas nas qualidades inerentes com as quais se completam. Destinam-se mutuamente.

Serem destinados um para o outro pode também equivarer à expressão "serem adaptáveis um ao outro". Nisto está o sentido da predestinação.

"O homem não deve separar o que Deus uniu". A má compreensão dêste dito de Christo já foi ocasião de muitos males. Até hoje muitos entendiam por: "o que Deus uniu" o casamento, sentido que nada tinha que ver com a máxima. O que Deus reúne é um pacto em que

preenchem as condições necessárias para a harmonia perfeita, isto é, um pacto que é firmado no Céu. Em nada se altera o fato pela particularidade de possuir ou não esse pacto o consentimento do Estado ou da Igreja.

E' evidente que ha necessidade de nos adaptarmos também à ordena civil. Se as núpcias constituídas naquelas condições forem confirmadas também com a devoção devida e conforme ao culto religioso dos nubentes, é evidente que semelhantes laços adquirem valor muito mais elevado pela atitude íntima dos participantes, o que é ocasião de reais bênçãos para ambos. Semelhante matrimônio, é, fato, realizado *por* Deus e *perante* Deus e contraído no Céu.

Vem a seguir a advertência: "O homem não deve separar!" Como tem sido rebaixado o sentido elevado *dessas* palavras! No entanto a Verdade que encerram é muitíssimo clara. Sempre que ha uma união firmada no Céu, isto é, quando duas pessoas se completam produzindo um acôrdo harmônico, nenhum terceiro deverá tentar separá-los. Semelhante empreendimento seria um pecado, quer visasse apenas um desacôrdo quer procurasse impossibilitar uma união ou tentasse uma separação completa. Esse delito ficaria pela ação recíproca pesando gravemente sobre seu autor, por atingir simultâneamente dois seres e, com estes, as bênçãos que teriam espalhado com sua felicidade pelo mundo da matéria fina e pelo da grosseria. E' fácil compreender a verdade singela destas palavras. A advertência visa proteger somente as ligações que preencherem as condições formuladas anteriormente e que se acham confirmadas pelas qualidades de ambas as partes, predestinadas a se completarem.

Nesse caso ninguém deve intrometer-se, nem mesmo os pais! Os dois interessados não terão certamente a idéia de se separarem. A harmonia divina que resulta das qua-



lidades de ambos não permite que semelhante pensamento sequer apareça. A felicidade de ambos e a durabilidade do casamento estão por conseguinte garantidas. Se um dos cônjuges propõe separação, dá com isso a melhor demonstração de que *não* ha entre ambos a harmonia indispensável, que o casamento não foi portanto firmado no Céu. Em tais condições é de toda necessidade desfazer tal união, em proveito da consciência moral de ambos, colocados em bases tão precárias. A maioria dos casamentos atuais está constituída sôbre essas bases, o que é resultado do regresso moral da humanidade assim como do culto exagerado do entendimento.

As palavras “separar o que Deus uniu”, não se referem sômente ao matrimônio, mas também ao aproximar-se anterior de duas almas, que pelas suas qualidades se possam completar mütuamente e por conseguinte ser consideradas predestinadas uma para a outra. Uma vez concluída uma tal união e procurando um terceiro intrometer-se nela, com difamações ou meios semelhantes, já essa intenção por si só é um ato de adultério consumado.

O sentido das palavras: “O que Deus uniu não deve ser separado pelo homem” é tão claro e simples que custa compreender como é possível qualquer acepção diferente. Só foi possível semelhante coisa pela separação indevida do mundo espiritual do material, o que ocasionou o predomínio de conceitos mesquinhos do entendimento, desprovidos de valor real.

Essas palavras vêm do Espiritual, e sômente no Espiritual poderão encontrar a verdadeira explicação!

## O DIREITO DOS FILHOS EM RELAÇÃO AOS PAIS

**E**m suas relações com os pais muitos filhos vivem numa ilusão funesta sumamente prejudicial para êles. Julgam poder jogar sôbre os pais toda a culpa de sua existência. E' comum ouvirmos a observação: "E' claro que meus pais têm que cuidar de mim porque foram êles que me puseram no mundo. Não tenho culpa de haver nascido."

Não pode haver nada mais insensato. Todos vêm ao mundo a pedido próprio ou por própria culpa. Os pais só dão a possibilidade da encarnação, nada mais; e toda alma que se encarna deve ser grata para essa possibilidade.

A *alma* da criança não é mais do que um *hóspede* de seus pais, o que só por si explica que os filhos carecem absolutamente de direitos em relação aos pais. Direitos espirituais não ha, e os direitos terrenos são simplesmente produtos da ordem social, puramente terrestre, estabelecida pelo Estado para livrar-se de tais obrigações.

A criança, espiritualmente, é uma personalidade de contôrnos definidos. Além do corpo terreno, necessário como utensílio para agir nesta vida, nada mais recebe dos pais. Portanto, só o receptáculo de que se pode utilizar a alma já possuidora de autonomia.

Com a geração, porém, incumbem-se os pais de cuidar dêsse receptáculo e de conservá-lo em bom estado até que a alma que o ocupa esteja em condições de dirigí-lo. O desenvolvimento normal do corpo indica qual a época em

que isso se dá. Daí por diante tudo o que os pais fizerem é a título gracioso exclusivamente.

Os filhos deviam, portanto, cessar de confiarem nos pais, sendo preferível pensarem em tornar-se independentes o mais cedo possível. E' indiferente neste particular se exercem sua atividade em casa de seus pais ou não, contanto que atuem de qualquer modo, o que não consistirá em divertimentos e cumprimento dos chamados deveres sociais, mas no cumprimento real e útil de deveres ou numa atividade que devesse ser exercida por uma outra pessoa sempre que o filho não pudesse continuar na tarefa. Só assim é que se pode falar de existência realmente útil, que contribue para o amadurecimento espiritual. Se uma criança preenche em casa de seus pais semelhante função — quer seja do sexo masculino quer do feminino — caber-lhe-á então a paga dada por seus pais, paga essa que deveria também tocar à outra pessoa. Em outros termos: a criança deve ser considerada e tratada no cumprimento de seus deveres como uma pessoa autônoma. Tanto melhor para ambas as partes se houver entre elas laços espirituais de amor, confiança e amizade, o que transforma a ligação em união voluntária, originada nas convicções íntimas, o que lhe acresce infinitamente a valia. Será uma união legítima, válida até para a outra vida, para o progresso recíproco e alegria de ambas.

São, porém condenáveis, por malsãs, as injunções de família ou seus hábitos, uma vez ultrapassado determinada época da vida dos filhos.

E' claro que não ha igualmente os chamados direitos dos parentes, em que se apoiam tios e tias, primos e primos e quantos mais! São aberrações condenáveis, que sempre geram repulsa nas pessoas bem formadas.

Infelizmente a tradição transformou isso num hábito a ponto de ninguém pensar que possa ser de outra fór-

ma, submetendo-se ao costume, conquanto com certa repulsa. Quem ousar, porém, dar êsse pequeno passo de pensar livremente a respeito, sentirá por tudo isso tamanho ridículo e repulsa que se afastará indignado por tais pretensões.

E' necessário terminar com tais absurdos. Logo que a humanidade despertar em sua consciência sã, não mais suportará semelhantes abusos antinaturais. Dessas deformações da vida natural jamais poderá brotar algo grandioso, porque nelas os homens não se encontram livres. Nessas coisas aparentemente secundárias ha poderosos elos de cativeiro. E' necessário que a liberdade se estabeleça *aquí*, o que se dá com a libertação individual dos hábitos antigos. A verdadeira liberdade consiste no *cumprimento* do dever, consequência indissolúvel de seu *conhecimento*. Sòmente o cumprimento do dever dá direitos! Isso é válido também para as crianças, porque o fiel cumprimento dos deveres subentende direitos correspondentes.

Ha, porém, para os pais, uma grande série de deveres terrenos que não estão em conexão com os direitos dos filhos.

Toda pessoa adulta deve ter consciência do que se relaciona com a geração. A frivolidade que até hoje reina neste particular, assim como as falsas opiniões, ocasionaram consequências terríveis.

Refleti apenas no fato de que no Além próximo ha um número considerável de almas aguardando a possibilidade de reencarnação na Terra. Em geral trata-se de almas presas a fios do Karma, que procuram uma solução qualquer em nova vida terrena.

Logo que se lhes oferece uma oportunidade apegam-se onde possa haver fecundação, aguardando o crescimento do corpo terreno como receptáculo escolhido. Durante essa época de espera partem fios de matéria fina do corpo

em formação para a alma e vice-versa, conservando-se esta sempre bem próxima da futura mãe; em determinada altura do amadurecimento do corpo êsses fios servem de ponte pela qual a alma vem do Além, apossando-se imediatamente dêle. Um hóspede estranho que surge, portanto, que pode causar muitos desgostos aos educadores por causa de seu Karma! Hóspede estranho! Que pensamento pouco simpático! Mas o que todos devem considerar sempre, é que podem *co-participar* na escolha da alma dentre aquelas que aguardam oportunidade, se não deixarem passar a ocasião propícia. O processo de encarnação está sujeito à Lei da atração da igual-espécie, o que não quer dizer que as qualidades de um dos geradores sirvam sempre de polo atrativo.

Algumas vezes acontece que essa função é realizada por outra pessoa da proximidade da futura mãe. Grande número de males podem ser evitados desde que o homem conheça a fundo todo o processo e dêle se ocupe conscienciosamente. Mas, em vez disso, os futuros pais gastam seu tempo em frivolidades, freqüentam bailes e jogos, dão reuniões sem se preocuparem com o processo que se prepara durante êsse tempo e que, contudo, irá ter mais tarde poderosa influência em sua própria vida.

Pela oração, que implica sempre um desejo fêrvido deveriam influir no curso dos acontecimentos, enfraquecer o mal e reforçar o bem. Nesse caso o hóspede estranho que surge em seu meio na figura do filho seria *sempre* saúdoado com *boas vindas* e assim ficaria. Fala-se muito da educação pre-natal, a que começa antes do nascimento, na semi-compreensão ou no conhecimento errôneo de muitos efeitos que se manifestam por certos sinais.

Neste ponto, como em muitos outros, as conclusões humanas são falsas. Não ha possibilidade de que a educação principie antes do nascimento, mas uma possibilidade incon-

dicional de *influir na atração*, quando isso se dá no tempo oportuno e com a seriedade necessária, distinção essa cujas conseqüências atingem mais profundamente do que as da suposta educação pre-natal.

Quem quer que haja adquirido noções claras neste particular e, a-pesar-disso, entra irrefletidamente em ligações frívolas, só merece que se intrometa em seu círculo, um espírito que não lhe cause senão incômodos e até males.

A fecundação para um indivíduo de espírito libertado não deve ser mais do que a prova de sua boa vontade para receber em sua família um espírito humano como hóspede permanente, dando-lhe oportunidade de purificar-se na Terra e de libertar-se. Sòmente quando ha em ambas as partes o desejo íntimo *para êsse fim* é que deve haver oportunidade para a fecundação. Se considerarmos os pais e os filhos por êste prisma, tudo se transmudará. O trato recíproco, a educação, tudo receberá bases mais sérias do que as que se encontram em muitas famílias. Haverá mais atenção e estima de parte a parte. A consciência da autonomia individual e o esforço para adquirir responsabilidade far-se-ão sentir, o que dará como resultado natural a elevação social do povo. E os filhos deixarão de apelar para direitos que nunca existiram.

## A ORAÇÃO

Quando se fala de “oração” entende-se, naturalmente, que essas palavras só se dirigem a quem sabe, de fato, orar. Quem não sente em seu íntimo o impulso para a oração pode abandonar o terreno, porque suas palavras ou pensamentos são inteiramente vazios. A oração é desprovida de valor — sendo, portanto, sem nenhuma consequência — quando não é profundamente sentida pela intuição. A condição mais eficaz para que uma oração seja bem sucedida consiste nos momentos de alegria em que o íntimo transborda de agradecimento ou na dor profunda do sofrimento. Em semelhantes ocasiões o homem fica apassado de um determinado sentimento intuitivo que sobrepuja tudo o mais. Por esse motivo é possível que o principal anelo da oração, seja agradecimento ou súplica, obtenha fôrça não turvada.

Em geral os homens têm uma falsa compreensão do modo de agir de uma oração e de seu efeito ulterior. Nem todas as orações penetram até à sede do Todo-poderoso que dirige o curso dos mundos. Pelo contrário, é excepcional que consiga atingir os degraus de seu trono. Neste ponto, também, a fôrça fundamental predominante é a Lei da atração da igual-espécie.

Uma oração profunda e sincera tem fôrça atrativa, sendo ao mesmo tempo atraída pelos semelhantes, ligando-se aos núcleos de energia da mesma espécie da que constitue o conteúdo principal da oração. Podemos chamar a esses núcleos de energia de centros de esferas celestes, ou dar-lhes designação diferente. O resultado seria o mesmo.

A ação recíproca trará então aquilo que constituía o motivo principal da oração, seja sossego, fôrça, repouso, planos súbita e intimamente concebidos, solução de questões difíceis ou coisas semelhantes; um bem sempre resultará disso, ainda que seja sòmente o próprio sossego e a concentração fortificados os quais pó si mesmo conduzem à uma saída, uma salvação.

E' também possível que essa oração assim enviada, tendo reforçado sua eficácia pela ação recíproca dos núcleos de energia da mesma espécie, encontre caminho através dos elementos finos, alcançando indivíduos que, assim estimulados, de qualquer modo prestem auxílio realizando assim o intuito da oração. Tudo isso é fácil de ser compreendido pór quem observa os processos na vida da materia fina. Neste particular também se encontra patenteada a Justiça Divina, pois o que importa e decide é a conformação interior da pessoa, dependendo disso a vitalidade e o poder atuante da oração.

Na grande trama dos acontecimentos no mundo da materia fina cada sentimento intuitivo encontra seu semelhante, pois não poderia ser atraído por outros diferentes, mas seria até repellido. Sòmente com a chegada de um semelhante é que se dá a liga e a fortificação conseqüente. Uma oração, portanto, que encerra vários sentimentos intuitivos, os quais pela profundidade de quem ora são ainda possuídores de certa fôrça, a-pesar-de seu aspecto dispersivo, atrairá diferentes centros e terá efeitos diferentes pela ação recíproca. A realização de seus desejos depende da natureza das diversas partes da oração que se auxiliam mùtuamente ou entram. Mas o melhor é ter em cada oração apenas *um* sentimento intuitivo, afim de evitar confusão.

Assim Christo não tencionava de fôrma alguma que o "Padre-nosso" fosse rezado todas as vezes até ao fim. Com a oração apresentou apenas *tudo* o que o indivíduo em pri-



meiro lugar pode suplicar com desejo sincero afim de obter com segurança a realização de seu anelo.

Nesses pedidos encontram-se as bases para *tudo* o que o homem necessita para seu bem-estar corpóreo e suas ascensão espiritual. Mais ainda mostram as *linhas diretrizes* que o indivíduo deve seguir em sua estadia na Terra. A oração em seu conjunto é uma verdadeira obra prima. O “Padre-nosso”, por si só, pode ser *tudo* para a pessoa que procura, caso se concentre com sinceridade e o apreenda com acerto. Não necessitará de mais nada do que o “Padre-nosso”. Tem nisso todo o Evangelho em fórmula concentrada, a chave da ascensão para os que procuram. Pode servir igualmente de *bastões* e *fanal* para os que progredem e ascendem, tal sua riqueza interior! (1)

Essa riqueza só por si demonstra o fim próprio do “Padre-nosso”. *Jesus* entregou com isso aos homens a *chave para o Reino de Deus, o núcleo vital de sua Mensagem!* Não tencionava, porém, que fosse recitado em todas as suas partes.

Basta que o indivíduo preste atenção todas as vezes que orar, e há-de ver quando se afastou do objeto próprio e quanto enfraqueceu seus sentimentos intuitivos com a seriação dos pedidos, mesmo que esteja habituado a isso.

E’ impossível acompanhar a série de pedidos com a interiorização necessária ao ato de orar. *Jesus*, porém, facilitou tudo aos homens; “infantilizou” seria a expressão apropriada. Apontou-o expressamente: “Tornai-vos como crianças!” logo, com o pensamento simples, procurando poucas dificuldades. Jamais exigiria dos homens as dificuldades que a oração verdadeiramente sentida do “Padre-nosso” pressupõe. Essa explicação trará à humanidade a convicção de que *Jesus* tencionava coisa bem diversa e

---

(1) Dissertação N.º 28: *O Padre-nosso*.

maior. Deu a chave para o Reino de Deus e não ma simples oração.

Uma oração com muitas orientações será sempre fraca. Nenhuma criança se aproxima de seu pai com sete pedidos, mas sempre com o que mais lhe pesa no íntimo seja um desejo ou um sofrimento.

Do mesmo modo uma pessoa deve dirigir-se ao seu Deus sempre que algo a afligir, o que, na maioria das vezes, é sempre *uma* coisa só, não inúmeras. Não deverá interceder pelo que não a aflige no momento. Não sendo êsse pedido suficientemente vivo em seu íntimo, será apenas uma fórmula vazia, enfraquecendo naturalmente pedidos urgentes que necessitariam refôrço.

Por isso a oração deve visar sempre o necessário. Nada de fórmulas vazias que se dissipam e com o tempo se transformam em hipocrisia.

A oração exige seriedade interior e profunda. Façam-se as orações com calma e pureza, para que pelo sossego a fôrça da intuição medre e pela pureza obtenha aquela leveza luminosa que é capaz de conduzir a oração, até as alturas de toda Luz e de todo Puro. Então se realizará o cumprimento do que mais importa ao suplicante, o que o fará realmente progredir.

*Não é a fôrça* da oração que consegue lançá-la para as alturas, mas *apenas* sua *pureza* com a leveza que lhe é própria, e isto pode ser alcançado por qualquer pessoa — conquanto não em todas as suas orações — desde que o impulso interior seja vivo. Não é necessário que seja inteiramente puro em sua conduta. Isto não o impede de algumas vezes e por segundos alcançar a pureza em suas orações.

Para eficácia da oração não é sòmente necessária a calmodo *recolhimento* e a concentração que daí resulta,

como também a exaltação dos sentimentos como o medo, o cuidado, a alegria.

Não quer dizer que a realização corresponda sempre a idéias e desejos *terrenos* e que com êsse se harmonize. A realização vai mais longe e contribue para o bem *do conjunto*, não apenas do momento terreno. Muitas vezes a aparente irrealização será mais tarde reconhecida como a melhor solução para o caso, dando-se a pessoa por feliz por não ter saído as coisas como desejara a princípio.

Agora a intercessão! O leitor pergunta muitas vezes como pode dar-se a ação de uma intercessão, isto é, como o pedido de uma pessoa pode encontrar caminho para uma outra que não pôs em oração, uma vez que a ação de retôrno terá que necessariamente voltar ao que enunciou a oração.

Mesmo nesse caso a Lei aludida não falha. O intercessor pensa tão fortemente durante o ato de orar, não outra que constitue o objeto de sua oração, que seus desejos se *enravam* nessa pessoa, tomando a seguir o caminho desejado, isto é, trilhando o caminho dessa pessoa tornado vivo pelos desejos ardentes da que se pôs em oração. A condição indispensável, porém, é que o terreno dessa pessoa seja receptivo e de igual-espécie, propício portando para que os desejos se enravem sem obstáculo.

Se o terreno não está receptível, logo, se não se encontra digno de impetração, o próprio fato de não fixar a intercessão é uma confirmação da admirável Justiça das Leis Divinas que não consentem que num solo estéril penetre auxílio do exterior. Êsse ato de não se fixarem as intercessões de determinada pessoa pelas condições íntimas inferiores de outra, exclue a possibilidade de auxílio. Ha algo de perfeição nesse processo autônomo e evidente, capaz de despertar o espanto nos homens que dêsse modo colhem os frutos justos de sua própria vontade.

Se as coisas não se passassem com tanta inexorabilidade, haveria lacunas no mecanismo da Criação, consentindo na possibilidade de haver injustiça relativamente a essas pessoas indignas de merecerem algum intercessor, a-pesar-de que êstes últimos só nascem pela reciprocidade de amizades anteriores ou coisas semelhantes.

Carecem absolutamente de valor as intercessões de pessoas que o fazem sem o impulso absoluto, próprio e íntimo duma intuição verdadeira. São apenas palha vazia.

Ha ainda uma outra espécie de efeito de uma intercessão verdadeira: indicar o necessário! A oração sobe diretamente e aponta para êle. Se um mensageiro espiritual é enviado no caminho apontado para ajudar, nasce com isso a possibilidade de um auxílio, dependente, porém, da própria Lei da valia ou do descrédito, isto é, conforme a atração ou repulsão. Se o necessitado está interiormente voltado para as Trevas, não poderá o emissário enviado pelo intercessor sentir a menor simpatia, não podendo agir, por consequência, tendo que voltar como viera. A intercessão fica sem efeito porque as Leis em sua vitalidade não o consentem. Mas se o terreno é propício, que valor incalculável toca à intercessão! Ou auxiliará diretamente, mesmo que o necessitado não tome conhecimento do fato, ou se reunirá com os seus desejos e orações, fortificando-os.

## O PADRE NOSSO

**H**a bem poucas pessoas que procuram fazer-se conscientes *do que* realmente querem quando enunciam a oração do “Padre-Nosso”, e menos ainda, que sabem de fato qual é o *sentido* das frases que assim recitam. A expressão “recitar” é a única justa, para traduzir o que o homem neste caso chama “rezar”.

Quem quer que se examine francamente, neste particular, *terá que* concordar com isso, ou, de contrário êle dará testemunho de que passa toda a sua vida do mesmo modo... superficialmente, e que êle nunca foi nem é capaz dum pensamento profundo. Nesta Terra ha muitas dessas pessoas, que a sim mesmo tomam a sério, mas não são tomadas a sério pelos outros, nem mesmo com a maior boa vontade.

E’ justamente o comêço desta oração que foi intuitivamente sentido como falso desde ha muito, conquanto por fôrmas diferentes. Os indivíduos que intentam aproximar-se desta oração com seriedade, isto é, que se empenham com uma certa boa vontade, sentem em si, logo após ou junto com as primeiras palavras, surgir um certo sentimento de segurança, de aquietação psíquica! E êste sentimento se conserva neles predominante até alguns segundos após a oração.

Isso explica duas coisas: primeiro, que o rezador só pode conservar seriedade durante as primeiras palavras, as quais por êsse fato despertam nele êsse sentimento; e em segundo lugar que é justamente o despertar dêsse senti-

mento que prova quão longe êle se encontra de compreender, o que êle enuncia com isso!

Mostra claramente sua incapacidade de conservar a intensidade de seu pensamento, e também sua superficialidade; porque, de contrário, com as palavras seguintes teria que despertar logo, nele, um *outro* sentimento, correspondente ao conteúdo das novas palavras, uma vez que essas se tornassem de fato vivas em seu íntimo.

Fica, por conseguinte, no seu íntimo sòmente o que despertam as primeiras palavras. Mas se aprendesse o seu sentido exato e sua verdadeira significação, as palavras despertar-lhe-iam uma intuição bem diversa do que aquela duma cômoda segurança.

Indivíduos mais presunçosos, por sua vez, vêm na palavra "Pai" a confirmação do fato de se originarem diretamente de Deus e de se tornarem finalmente, no decurso de seu desenvolvimento, pròpriamente divinos, trazendo, porém, já algo divino incondicionalmente em seu íntimo. E assim ha ainda muitos erros entre os homens em relação à essa frase. A maioria dêles, porém, a consideram simplesmente como a *invocação* da oração, como a chamada! Assim não precisam pensar muito. E de acôrdo com isso será balbuciada sem reflexão, a-pesar-de que justamente na invocação de Deus é que precisa encontrar-se o maior fervor de que uma alma humana possa ser capaz.

Esta primeira sentença não que dizer e nem ser nada disso, mas o Filho de Deus incluiu na escolha das palavras ao mesmo tempo a explicação ou a indicação *do modo como uma alma humana* deve entregar-se à oração, *como* deve e precisa apresentar-se perante seu Deus se quiser que a oração seja atendida. Êle diz acertadamente, qual é a disposição em que ela deve encontrar-se nesse momento, como deve ser o seu estado de intuição pura, se ela quiser depor seu pedido nos degraus do trono de Deus.

Assim a oração total se divide em três partes. A primeira parte é a entrega completa de si, a oferenda da alma ao seu Deus. Figuradamente dito, ela se desdobra abertamente perante Êle, antes de formular seu pedido, testemunhando sua faculdade de vontade própria e pura. O Filho de Deus quer explicar com isso que só o sentimento intuitivo deve servir como base para uma aproximação de Deus! Por isso soam como um grande juramento, solene e sagrado, as palavras que se encontram no comêço "*Pai nosso que estás no Céu!*" Considerai que oração não quer dizer pedido! Do contrário não haveriam orações de agradecimento nas quais não existe pedido algum. Orar não é pedir. Já nisso o Padre-Nosso tem sido até hoje, sempre, incompreendido, em virtude do mau hábito que o indivíduo tomou de jamais apresentar-se perante Deus, sem ter, ao mesmo tempo, qualquer coisa a esperar, ou até mesmo exigir, dêle; porque na expectação já está contida a exigência. E o homem espera de fato *sempre* algo, isso não poderá negar. Ainda que seja só, dito em traços largos, o sentimento nebuloso que reside em seu íntimo, de receber um dia um lugar no Céu. Quanto à gratidão que êle deveria testemunhar pelo jubiloso gozo de seu *ser* conciente a êle concedido pela co-participação desejada ou à justo título esperada por Deus na grandiosa Criação para o bem de seu ambiente, isso o homem desconhece! Êle também não presume que é justamente e *sòmente* isso que contém seu próprio bem verdadeiro, seu progresso e sua ascensão.

Mas é nesta base desejada por Deus que se acha fundada na verdade a oração "Padre-nosso". O Filho de Deus não a poderia ter dado em nenhum caso por outra fôrma; Êle, que só desejava o bem dos homens, o qual consiste exclusivamente na verdadeira observação e no cumprimento da Vontade de Deus.

A oração, portanto, que êle trouxe não é uma oração de súplica, mas é uma promessa grandiosa do homem que tudo abrange e com a qual êle se deita aos pés de seu Deus! Jesus deu-a à seus Discípulos que, neste tempo, estavam dispostos a viver na adoração pura de Deus, a servir a Deus por sua vida na Criação e de honrar nesse serviço sua Vontade Sagrada!

O homem devia pensar bem e maduramente refletir se pode atrever-se a aplicar a-pesar-de tudo essa oração e enunciá-la, devendo examinar-se sèriamente se não tenta, com sua aplicação, enganar seu Deus com mentiras!

As frases introdutivas advertem assás claramente que cada um deve examinar-se, se de fato é como enuncia! Se pode arriscar-se depois disso a apresentar-se, sem falsidade, perante o trono de Deus.

*Se, porém, experimentardes pela vida as três primeiras frases do mandamento em vosso íntimo, elas hão-de conduzir-vos aos degraus do trono de Deus. Elas são o caminho para alí, dese que se tornam vivas numa alma. Não ha outro que para alí conduza. Êste é seguro. Mas se não experimentardes pela vida essas frases, nenhum de vossos pedidos pode alí chegar.*

Deve ser uma exclamação devotada, porém alegre sempre que terntardes dizer: “Pai nosso, que estás no Céu!”

Neste apêlo se patenteia vossa profissão de fé sincera: “entrego em Tuas mãos, oh! Deus!, todos os direitos de pai sôbre mim, aos quais me quero submeter como um filho! Assim fazendo reconheço também Tua Oniciência, oh! Deus, em tudo que Tua determinação traz, e peço que disponhas de mim assim como uma pai dispõe de seus filhos! Aquí estou, Senhor, para ouvir-Te e obedecer-Te como filho!”

A segunda sentença “*Santificado seja o Teu nome!*” é a afirmação que a alma em adoração faz de quão grande



é a sua sinceridade em tudo o que se atreve a apresentar a Deus. Que acompanha com plena intuição cada palavra e pensamento, não abusando com superficialidade do Nome de Deus! Pois êsse Nome Ihe é imensamente sagrado! Considerai, vós que orais, o que prometeis com isso. Se quiserdes ser sinceros para convosco, tendes que confessar que é nisso justamente que vós, homens tendes até hoje mentido à face de Deus, porque nunca possuistes *esta* sinceridade na oração, que o Filho de Deus pressupôs e estabeleceu como *condição*.

A terceira sentença: “*Venha a nós o Teu Reino!*” não é também nenhum pedido, mas sòmente uma promessa ulterior! Uma declaração de encontrar-se pronto para que pela alma humana fique sendo na Terra de *tal* fórma como é no Reino de Deus! Por isso as palavras: “Venha a nós o Teu Reino!” Isto é, procederemos aquí na Terra de tal modo que o Teu Reino Perfeito se possa estender até aquí! O solo deve ser preparado por nós, afim de que tudo viva de acôrdo com a Tua Santa Vontade, isto é, para que as Leis de Tua Criação sejam cumpridas, *assim* como se dá em Teu Reino, no Reino Espiritual, onde se encontram os espíritos amadurecidos e libertados de toda culpa e de todo pêso, os que só vivem servindo a Vontade de Deus, pois que sòmente pelo seu cumprimento incondicional e pela Perfeição nisso contida é que pode nascer o bem. E’, portanto, a afirmação de querer tornar-se *tal* que a Terra também fique sendo, pela alma humana, um Reino do cumprimento da Vontade de Deus!

Esta afirmação é ainda reforçada pela sentença seguinte: “*Seja feita Tua Vontade assim na Terra como no Céu!*” Essa não é sòmente a declaração da boa vontade de querer adaptar-se à Vontade de Deus, mas também a promessa nela contida, de preocupar-se com essa Vontade, de esforçar-se com todo o zêlo possível para chegar a conhe-

cê-la. Êsse esforço, pois, tem que preceder a uma adaptação à essa Vontade; porque enquanto o homem não reconhecer perfeitamente, não poderá orientar devidamente sua intuição, sem pensamento, suas palavras e atos! Que imensa e culposa leviandade, é, portanto, a dos homens, em renovar sempre essas afirmações ao seu Deus, ao passo que, na realidade, não se preocupam, nem mesmo de longe de como seja a Vontade de Deus, que repousa firmemente ancorada na Criação. O homem mente, pois, em cada palavra da oração, quando ousa proferí-la. Apresenta-se perante Deus como hipócrita e impostor! Acumulando novas culpas em cima das antigas êle julgar-se-á ainda digno de compaixão, quando sua matéria fina tiver que sucumbir sob essa carga no Além. Já *por três vezes* lhe foi dada a oportunidade para reconhecer verdadeiramente a Vontade de Deus! A primeira vez por Moisés que foi inspirado <sup>(1)</sup> para isso. A segunda por Jesus, o próprio Filho de Deus que trouxe consigo a Verdade, e agora, a terceira e *última* pela Mensagem do Gral, que é também extraída diretamente da fonte da Verdade.

Sòmente quando essas sentenças forem verdadeiramente cumpridas como condições preliminares por uma alma, é que esta poderá continuar a falar: “*Dá-nos nosso pão diário!*” Isso significa o mesmo que: “se eu cumprir o que prometi ser, deixa então que Tua Bênção baixe sôbre minha atuação terrena, para que, na preocupação de minhas necessidades de matéria grosseira, eu tenha sempre tempo de viver de acôrdo com Tua Vontade!

“*Perdôa as nossas dívidas assim como perdoamos a nossos devedores!*” Nisso se encontra o conhecimento da Reciprocidade justa e incorruptível das Leis espirituais que apresentam a Vontade de Deus. Ao mesmo tempo observa-se a asseveração da confiança de quem ora; porque o pedido

---

<sup>(1)</sup> esclarecido.

de perdão, isto é, a remissão de toda a culpa, se baseia *condicionalmente* no cumprimento *anterior* pela alma humana, do próprio perdão de todas as ofensas cometidas pelo próximo para com ela. Mas quem é capaz *disso*, quem já perdoou tudo ao próximo encontra-se por *tal modo* purificado que jamais cometerá *intencionalmente* um mal! Por êsse motivo é também considerado por Deus como inocente, pois só é considerado culpa o mal que é cometido com a *intenção dum mal querer*. Só assim é que se torna culpa. Ha nisso uma grande diferença com as leis humanas e as concepções terrenas atualmente existentes.

Dêsse modo se encontra também como base dessa sentença uma nova promessa para com seu Deus, de cada alma que se esforça para a Luz. E' a declaração de seu verdadeiro querer, para cujo cumprimento ela espera receber fôrças na oração, pela concentração e iluminação de si própria, o que consegue agindo adequadamente, para que se faça sentir a Lei da Reciprocidade.

“*Não nos deixa cair em tentação!*” E' uma idéia falsa o homem querer ler nestas palavras que poderia ser tentado por Deus. Deus não tenta ninguém! Neste caso trata-se sômente duma tradição incerta que escolheu indevidamente essa palavra tentação. No seu verdadeiro sentido é análogo ao de erra, desencaminhar-se, isto é, andar por falsos caminhos, procurar falsamente o caminho para a Luz. Tem o seguinte significado: “não consente que passemos por caminhos falsos, que procuremos erradamente, não deixa que consumemos vãmente o tempo, que o percamos ou malbaratamos! Mas retêm-nos, quando preciso, *à força*, mesmo que uma tal necessidade nos deva causar dor e sofrimento. Êsse sentido também está incluído na parte seguinte da sentença que pelo seu texto se encadeia e faz diretamente parte do sentido precedente: “*Mas nos livra do Mal!*” O “mas” demonstra bem claramente a unidade. O sentido

é idêntico ao seguinte: Faze que fiquemos conhecendo o mal, seja qual fôr o preço que isso nos deva custar, mesmo que seja pelo preço de sofrimento. Faze que por intermédio das Tuas ações recíprocas em cada falta que cometermos, nos tornemos aptos para isso. No reconhecimento já está incluída a libertação para aqueles que possuem boa vontade.

Assim termina a segunda parte, a conversação com Deus. A terceira é constituída pela sentença final: "*Porque a Ti pertence o Reino, a Fôrça e a Magnificência eternamente! Amém!*".

Como uma confissão de júbilo por poder acolher-se à Onipotência Divina no caso da realização de tudo o que a alma lhe apresentou como promessa no ato da oração!

Essa oração dada pelo Filho de Deus tem, por consequência, duas partes. A introdução do ato de aproximar-se e a conversação. Por conclusão vem a confissão de júbilo feita por Luthero, exprimindo o reconhecimento do auxílio para tudo o que constitue o conteúdo da conversação e da obtenção da fôrça para o cumprimento do que a alma promete a Deus. E êsse cumprimento levará *necessariamente* a alma ao Reino de Deus, à Terra da Alegria Eterna e da Luz! Dêsse modo o Padre-Nosso, quando é verdadeiramente vivido, se torna o bordão e o apôio para a ascensão ao Reino Espiritual.

O homem não deve esquecer que tem que procurar numa oração sômente as fôrças para *êle próprio poder realizar* o que pede. E' assim que deve orar, e é assim que está constituída a oração dada por Jesus a seus Discípulos!

## ADORAÇÃO DE DEUS

**P**odemos afirmar com toda a calma que os homens ainda não compreendem e muito menos praticam a condição tão necessária e indispensável de sua existência, a adoração de Deus. Examinai bem essa adoração tal como vem sendo praticada! Só sabem pedir, ou melhor, esmolar. Aquí e alí, apenas percebe-se de fato algum agradecimento fervoroso, provindo verdadeiramente do coração, mas isso é excepcional e apenas quando algum indivíduo recebe *inesperadamente* uma graça, ou quando de *súbito* vê-se livre de um perigo. O fato de pôr-se a agradecer reconhecido é para essa pessoa ocasionado unicamente pelo caso inesperado e súbito. Mesmo que lhe aconteçam os casos mais extraordinários, sem que possua o merecimento indispensável, jamais lhe ocorrerá o pensamento da gratidão desde que as coisas tomam seu curso normal e calmo. Se essa pessoa e todos que ama, gozam por muito tempo de boa saúde, e se ela não tem preocupações materiais, jamais sua alma elevará à uma oração de agradecimento. Infelizmente para que em muitos indivíduos seja despertado um sentimento mais forte ha necessidade de um impulso *particular*. Propala-o algumas vezes, ou vai mesmo à Igreja afim de balbuciar algumas palavras de agradecimento; mas o que não lhe ocorre é deixar que sua alma participe por um minuto sequer em toda sua plenitude. Sòmente quando a necessidade lhe bate à porta *então* é que se lembra às pressas de que ha realmente quem possa *ajudar*. E o mêdo o leva a balbuciar uma oração,

que, por sua vez, não passa de um pedido, jamais sendo verdadeira adoração.

E' assim o homem que se julga *bom*, que se chama crente! E essas ainda são as exceções dignas de fama!

Figurai vós mesmos o quadro miserável ! Como vos aparecem os homens! Quão dignos de lástima se apresentam em frente a seu Deus! Mas, infelizmente, é essa a realidade. Podeis virar-vos para qualquer lado, e sempre encontrareis confirmada a severidade da asserção, uma vez que empregueis esforços para aprofundar a questão sem nenhuma condescendência. Ficareis certamente angustiados com a observação, porque nem pedidos nem agradecimentos pertencem à verdadeira adoração.

Adoração é *reverência*! Mas isso não encontrareis de fato em toda a Terra. Examinai os festejos promovidos em louvor de Deus, onde excepcionalmente cessam os pedidos e súplicas. São os chamados oratórios <sup>(1)</sup>. Procurai os cantores que se incumbem do canto em adoração de Deus e examinai-os quando se preparam para entrar na sala ou na Igreja. Todos querem se desempenhar de modo a agradar os *homens*. Deus lhes é indiferente, justamente o que não devia ser! Vêde os dirigentes; esforçam-se pelos aplausos, querem mostrar aos homens de quanto são capazes!

Proseguí. Contemplai as construções admiráveis, as Igrejas, as Catedrais que... deviam ser levantadas em louvor de Deus. Os artistas, os arquitetos, os construtores, procuram apenas o reconhecimento terreno. Todas as cidades se *arreiam* com êsses edifícios... para honra própria. Servem mesmo para atrair os estrangeiros, não, porém, para servirem de adoração a Deus, mas para que afluam

---

(1) Obras musicais sôbre assuntos religiosos.

mais dinheiro pelo concurso de pessoas de fora. Para onde quer que lanceis a vista, apenas exterioridades terrenas! E tudo sob o pretexto de adorar a Deus!

E' certo que ainda existem indivíduos, esparsos aqui e alí, que costumam acompanhar a alma em seus vôos, nas florestas, em lugares elevados, e que mui de passagem refletem na Grandeza do Criador de toda a beleza, mas como colocado em plano muito afastado. A alma abre-se, é fato, mas não para um vôo de júbilo às alturas, senão... para um desdobramento, dilatando-se literalmente no sentido do bem-estar do gôzo. Semelhante estado não deve ser confundido com um vôo às alturas. Pode comparar-se com a conduta de um estróina em uma mesa bem sortida. Tomam erroneamente como adoração semelhante proceder. A alma continua vazia, divaga, compraz-se no bem estar *próprio*, o que a pessoa em pareçotoma como sendo um ato de agradecimento ao Criador. Tudo porém é puramente terreno nessa pessoa. Muitos dos que se entusiasmam pela natureza, consideram também essa embriaguez como uma espécie de adoração de Deus, e se julgam por isso muito acima dos que não têm a possibilidade de gozar essas belezas da natureza. Trata-se de fariseus que apenas cuidam de seus prazeres particulares, lantejoulas desprovidas absolutamente de valor. Quando êsses indivíduos procurarem um dia em sua alma o tesouro de que necessitam para a ascensão encontrá-la-ão inteiramente vazia, porque o tesouro imaginário não passava de uma embriaguez de beleza, nada mais. Faltava-lhe a verdadeira reverência pelo Criador.

A verdadeira adoração de Deus não se patenteia por meio de fantasias, nem no remoer da oração, nas súplicas, nas genuflexões, no torcer das mãos, mas na *ação* cheia de alegria! E afirmação plena de regozijo pela existência terrena! Beber a pequenos tragos todos os momentos desta vida, o que quer dizer: saber utilizar esses momentos, isto é, final-

mente, viver! Não, porém, nos jogos e nas dansas, nos esbanjamentos prejudiciais ao corpo e à alma, procurados e necessitados pelo entendimento como compensação e estimulação de sua atividade, mas na contemplação da Luz e se *sua* Vontade, que estimula, eleva e enobrece tudo que existe na Criação!

Mas para isso é necessário, como condição essencial, o conhecimento das Leis de Deus na Criação. Estas mostram como deverá viver o indivíduo, se quiser ser sadio de corpo e alma, mostram perfeitamente o caminho que vai dar ao Reino espiritual, e permitem ao mesmo tempo reconhecer quais os padecimentos que resultarão se se opuser a essas Leis!

Uma vez que as Leis da Criação atuam com autonomia e vida, inabaláveis, com uma força contra a qual o espírito humano é impotente — é claro que a mais premente necessidade dos homens deveria ser o reconhecimento incondicional dessas mesmas Leis a que se vêm irremessivelmente entregues.

No entanto a humanidade é tão cega que procura passar por cima de uma necessidade clara e simples como essa, a-pesar-de nada haver de mais urgência. A humanidade nunca correm os pensamentos *simples*. Os animais, neste particular, são admiravelmente mais ativos do que o homem; adaptam-se à Criação e sabem tirar proveito, enquanto o homem não os impede. Este, porém, deseja dominar algo a cuja atuação autônoma está submetido e o estará sempre. Presume em sua jactância *dominar* forças, quando de fato apenas aplica para seus fins uns resquícios de sua irradiação, ou quando utiliza em ponto pequeno para seus empreendimentos o ar, a água e o fogo. Não reflete que para essas aplicações utilitárias relativamente pequenas precisa *prèviamente* aprender e observar, afim de poder utilizar-se das forças ou qualidades existentes, *de acordo com suas*



*propriedades*. Terá que adaptar-se, se quiser ser bem sucedido. *Êle*, não as fôrças naturais! Isso não é dominar, subjugar, mas submeter-se, adaptar-se às Leis existentes.

Os homens deviam convencer-se que sòmente o estudo da adaptação lhes pode ser de utilidade e gratamente deviam continuar nesse caminho. Mas qual! Prosseguem com mais presunção do que antes. Justamente no terreno em que se submente servil à Vontade de Deus na Criação, tirando disso proveitos evidentes, justamente aí assume atitude infantil de vencedor! Vencedor da natureza! O ponto culminante de semelhante tolice consiste em não ter olhos para a verdadeira grandeza, porque a atitude natural lhe conferiria de fato a situação de vencedor ... sôbre si próprio e sua vaidade, porque o conhecimento claro da origem de seus progressos far-lhe-ia ao mesmo tempo sentir reverência pelas fôrças existentes. Sòmente assim veria seus esforços coroados de êxito. Todos os inventores e os verdadeiramente grandes conformaram seu pensamento e vontade às Leis existentes na natureza. Qualquer teimosia ou oposição que tentassem seria pisada e esfacelada por carecer a impossibilidade de viver e progredir.

O que se passa no campo restrito da experiência, passa-se igualmente com o ser humano em conjunto.

Tendo que atravessar não apenas a pequena Terra, mas toda a Criação, terá necessariamente de adquirir o conhecimento das Leis a que o *conjunto da Criação* se encontra submetido, não apenas o ambiente visível e próximo do homem! Se desconhece essas Leis, será detido, prejudicado e jogado longe, sim, possivelmente esfacelado, porque em sua ignorância não pôde *acompanhar* a corrente de energia das Leis, mas tomou posição por tal modo falsa que necessitou ser repellido em vez de impulsionado para a frente.

Não é demonstração de grandeza e de admiração, mas apenas de ridículo, procurar negar cega e teimosamente fa-

tos cujas ações *temos que* reconhecer a todos os momentos, pois essas ações não são apenas válidas para a técnica, senão que constituem o fundamento próprio da alma. Qualquer pessoa tem *sempre* oportunidade em sua atividade durante a existência terrena de observar a eficácia e a igualdade de todas as ações fundamentais da natureza — isto é, admitindo-se que essa pessoa não se descuide ou durma, levada pela frivolidade ou pela perversidade.

Não há nenhuma exceção em toda a Criação, nem mesmo para a alma humana. Terá que submeter-se às Leis da Criação, se quiser lucrar com sua atividade, fato este evidéssimo mas que tem passado inteiramente despercebido aos homens em virtude da superficialidade que os caracteriza.

Tudo lhe aparece tão simples que justamente nessa simplicidade se encontra o que há de mais difícil para o seu pensamento apreendedor. Foi-lhe impossível, com o tempo, vencer essa dificuldade. Por esse motivo encontra-se o homem atualmente em frente às ruínas do desmoronamento de sua alma, desmoronamento que arrasta em sua queda tudo o que êle construiu.

O que unicamente poderá salvá-lo é o conhecimento perfeito das Leis Divinas na Criação. E' exclusivamente isto o que de novo poderá guia-lo, a êle e a tudo que futuramente tentar edificar, para a frente e para as alturas.

Não objeteis que como espírito humano não podeis conhecer com facilidade as Leis da Criação, porque são difíceis de serem distinguidos so sofismas das verdades. Quem afirma semelhante asserção só procura esconder a sua preguiça. Não deseja patentear a indiferença de sua alma, ou então, desculpar-se a seus próprios olhos para alcançar alguma quietação.

De nada lhe servirá, porém, porque todos os indiferentes e preguiçosos serão lançados fora. Só terão probabilidade de salvação os que concentrarem todas as suas

fôrças afim de aplica-las *sem descanso* na aquisição para o necessário à alma. O meio termo equivale a nada, assim como a hesitação e o adiamento constituem descuido completo. A humanidade não dispõe de mais tempo, porque já alcançou a época que constitue o limite extremo.

E' claro que não encontrará desta vez a mesma facilidade, porque privou-se com a incúria habitual nestas coisas da faculdade de crer no profundo rigor de uma resolução última e decisiva. E' *este* o ponto fraco, que há-de ser o motivo do fracasso de tantos!

Durante milênios foi feito muito para que adquirísseis conhecimento claro da Vontade de vosso Deus ou da regularidade das Leis na Criação, pelo menos o tanto de que necessitáveis para a ascensão à Criação primordial de onde partistes e aonde devíeis retornar! Não foi por meio das chamadas ciências desta Terra, nem menos pelas igrejas mas pelos servos de Deus, os Profetas de todos os tempos, assim como pela própria mensagem do Filho de Deus. Por mais simples que tenha sido tudo isso apresentado a vosso conhecimento, apenas falastes a respeito sem que vos esforçastes no mínimo para alcançar seu significado verdadeiro e, muito menos, para regulardes vossa vida pelo que inculca. Segundo vossa compreensão preguiçosa era isso exigir demais, conquanto seja êsse o único modo de conseguirdes a salvação! Quereis ser salvos sem o menor esforço! Eis a conclusão triste a que chegareis se refletirdes no assunto.

Fazeis de toda a Mensagem Divina uma religião, e isso por comodidade. *Aí está o erro!* Porque construís para essa religião um plano elevado, acima da vida quotidiana, o maior erro de que poderíeis ser vítimas, pois com isso colocais também a Vontade de Deus fora da vida comum, ou, o que vem a dar na mesma, vos colocais a vós mesmos fora da Vontade de Deus em vez de unificar-vos com ela, colocá-la no centro de vossas atividades diárias! Unificar-se!

Deveis receber *naturalmente* a Mensagem de Deus praticamente, incorporá-la em vosso trabalho, em vosso pensamento, em toda a vossa vida! Não deveis insulá-la como atualmente o fazem, objeto apenas de visita em horas espaçadas, onde, em momentos rápidos, vos entregais à contrição, ao agradecimento ou à elevação. Com isso não se tornou a Vontade Divina algo evidente e natural para vós, tão intimamente casado ao vosso ser como a fome ou o sono de que necessitais.

Despertai, afinal, o entendimento: deveis *viver* nessa Vontade Divina para que possais encontrar o caminho que vos ha-de conduzir à felicidade! As Mensagens de Deus são apenas advertências preciosas de que *necessitais* para que, por seu conhecimento e obediência, não vos percais. Não deveis, portanto, colocá-las em uma redoma para serem contempladas aos domingos com santa reverência, ou nos momentos de aflição, afim de procurardes fortalecimento. Infelizes! Não deveis adorar a Mensagem, porém, *aplicá-la*; deveis aprendê-la de coração, não somente com a roupa domingueira mas com o rude punho do trabalho diário que jamais envergonha ou humilha, mas sim enaltece! As jóias brilham mais nas mãos calosas afeitas ao suor e à terra do que nos dedos bem tratados dos ociosos que passam a vida em simples contemplação da própria vida.

Toda Mensagem de Deus deve *ficar sendo uma parte de vós próprios!* Deveis procurar apreender-lhe o sentido. Não deveis considerá-la como algo que fica à parte, separado de vosso ser, e da qual vos habituais a aproximar com apreensão e temor. Recebei dentro de vós a Palavra de Deus, para que possais saber como *deveis* viver para alcançardes o Reino de Deus.

Por êsse motivo acordai! Aprendei as leis da Criação. Para isso de nada vos vale a astúcia terrena nem o conhecimento escasso da observação técnica. Semelhantes mes-

quinharias são mais do que insuficientes para auxiliar na peregrinação de vossa alma. *Tereis que elevar* a vista muito *acima* da Terra para que possais ficar sabendo aonde o caminho conduz depois da existência terrena, e , ao mesmo tempo, para que possais adquirir a consciência dos fins por que estais vivendo nesta Terra. Haveis de reconhecer esses fins nas circunstâncias *como* vivestes *nesta* vida, quer pobre ou rico, sadio ou achacado, em tranquilidade ou luta, em alegria ou sofrimento — e com o conhecimento dessas causas vos alegrareis reconhecidos pela vida que vos tocou por sorte. Aprenderéis a avaliar e, mais do que isso, a tirar proveito de cada segundo que passa, a utilizar, para a ascensão à existência exultante, à felicidade pura e grandiosa.

Porque vós próprios haveis complicado demais vossa situação, veio-vos por intermédio do Filho de Deus a Mensagem Divina indispensável para vossa salvação, depoi que as advertências dos profetas não haviam encontrado acolhida. Essa Mensagem vos apontou o único caminho possível para que pudesseis sair do charco que já ameaçava afogar-vos. O Filho de Deus procurou conduzir-vos por meio de Parábolas; os que ainda se consideravam crentes ou os que ainda procuravam acolheram essas Parábolas com os *ouvidos*, nada mais. Não conformaram sua vida pelo que insinuavam.

A religião e o decurso normal da vida sempre foram para vós duas coisas distintas. Sempre vos colocais *ao lado* da religião, e não *na* religião. A explicação contida nas Parábolas do modo de atuar da Leis da Criação ficou-vos inteiramente incompreendida porque não lhe procurastes o significado.

E eis que recebeis agora com a Mensagem do Gral a mesma explicação das Leis sob a fórmula adequada à situação do presente. E', essencialmente, a mesma apresentada por Christo na fórmula *de então*. Mostra como os homens devem

pensar, falar e proceder para que consigam progredir na Criação, pelo amadurecimento espiritual. De outra coisa a humanidade não necessitava. Não ha a menor lacuna na Mensagem de então. A do Gral nos apresenta exatamente a mesma coisa, com a única diferença de ser sob fôrma moderna.

Quem quer que se oriente por ela em seus pensamentos, palavras e modo de proceder, *terá exercido a mais pura adoração de Deus, pois adoração consiste em agir.*

Sempre anda pelo caminho acertado quem se submete voluntariamente às Leis Divinas. *Com isso* demonstra sua reverência pela Sabedoria Divina, curva-se à sua Vontade que se encontra nessas mesmas Leis. E' auxiliado e protegido pela ação das mesmas, libertado de todo sofrimento e elevado ao domínio de Espírito luminoso onde no mais vivo júbilo a Oniciência de Deus se patenteia, sem nenhuma turvação, a todos, onde a adoração se identifica com a própria existência, e onde o menor sentimento, o menor movimento, e qualquer ação, transborda de agradecimento, consistindo num gôzo perene. Nascido da felicidade, semeando felicidade, e, por isso mesmo, colhendo felicidade! A adoração de Deus na vida e nos sentimentos consiste sòmente na observância das Leis Divinas. Sòmente por êsse modo é que pode ser garntida a felicidade. Dêsse modo é que ha-de de ser o futuro Reino, o Milênio, que terá o nome de Reino de Deus sôbre a Terra! Assim todos os adeptos da Mensagem do Gral deverão servir de guias e faróis para a humanidade.

Quem não puder ou não quiser conformar-se ao que acima fica dito, não terá alcançado o significado da Mensagem. Servir ao Gral é adorar viva e verdadeiramente a Deus. Adorar a Deus é o mais importante culto divino, que não consiste em coisas exteriores, mas vive em todas as

peessoas nas horas mais concentradas, manifestando-se com naturalidade em todos os seus pensamentos e em suas ações.

Quem não se incorporar voluntariamente não tomará parte na época próxima do Reino de Deus. Será destruído, ou obrigado ainda pela Fôrça Divina e pelo poder terreno à humilhação incondicionada! Para vantagem da humanidade que alcançar a graça de encontrar finalmente nesse Reino a paz e a felicidade!

## O HOMEM E SUA LIVRE VONTADE

**P**ara que possa ser dada uma imagem completa neste particular, faz-se mister reunir muitos elementos de fora, que têm mais ou menos influência sobre o tema principal!

Livre vontade! Algo a respeito do que até os homens eminentes se detêm em meditação, porque, segundo as Leis da Justiça, deve haver também uma possibilidade de resolução incondicional e livre na responsabilidade.

Por onde quer que escutemos, ouve-se o brado: como é possível haver livre deliberação no homem, se ha de fato providência, direção, determinação, influência dos Astros e Karma? <sup>(1)</sup> O indivíduo, quer o queira, quer não, é empurrado, alisado e conformado por êsses fatores todos!

Investigadores sinceros se atiram com zêlo a tudo o que se relaciona com a livre vontade, pelo conhecimento verdadeiro de que ha necessidade de uma explicação neste particular. Enquanto não existe essa explicação, não consegue o homem tomar a atitude necessária para afirmar-se na grande Criação como o que realmente é. Se não tomar essa atitude ficará sendo um estranho na Criação, sem rumo certo, terá que deixar-se empurrar, aplainar e dar fôrma por faltar-lhe a consciência de sua finalidade. Uma causa condicional outra, e dêsse modo o homem se tornou o que hoje é, justamente o que não deveria ser.

Seu grande defeito consiste em não saber ao certo em que se baseia sua livre vontade e como atua. Estas cir-

---

<sup>(1)</sup> Destino.



cunståncias demonstram também que perdeu completamente o caminho para sua deliberação livre, não sabendo mais como reencontrá-lo.

A entrada pra o caminho da compreensão está completamente irreconhecível em virtude da areia movediça acumulada pelos erros. Apagaram-se os indícios; o homem indeciso circunvagava sem rumo, exaustivo, até que um vento fresco venha por fim abrir novamente os caminhos. E' natural, é evidente que toda essa areia, ao levantar-se em turbilhão irá, ao passar, turvar ainda muita vista que sequiosamente procura a passagem para a Verdade. E' necessário, portanto, que cada um tenha a máxima cautela para manter a visão limpa até que tenha sido removido o último grão de areia. Senão, poderá acontecer que veja perfeitamente o caminho, mas se atrapalhe e se desvie, tropeçando, para, à vista já do verdadeiro caminho, precipitar-se no abismo. —

A negação sistemática sempre levantada contra a existência da livre vontade humana se origina principalmente no fato de não se saber claramente o que seja a livre vontade.

A definição, como sempre acontece, já é uma explicação suficiente, mas, como de costume, o excesso de simplicidade impede os homens de reconhecerem o que é simples, enveredando por falsos caminhos, sem que jamais possam atinar com o verdadeiro sentido.

A maioria dos homens compreende atualmente por vontade o emprêgo exorbitante do cérebro, quando o entendimento, que se encontra adstrito ao espaço e ao tempo, marca ao pensamento e à sensibilidade determinada direção.

Mas isto não é livre vontade, é a vontade ligada ao *entendimento* terreno!

Êsse equívoco cometido por muitas pessoas é causa de inúmeros erros; edifica o muro, que impossibilita a verdadeira compreensão. Os homens ainda se admiram quando

vão encontrar falhas nessa compreensão, quando encontram contradições e falta de lógica!

A livre vontade, — só por si de ação tão incisiva na vida real, ao ponto de seus efeitos se estenderem até ao outro Mundo, a qual imprime à alma seu cunho particular, sendo capaz de formá-la — é de espécie inteiramente diferente. Muito maior, para poder ser da Terra. Não se encontra, portanto, em nenhuma ligação com o corpo terreno da matéria grosseira, logo, com o cérebro. Repousa exclusivamente no próprio espírito, na alma humana.

Se o homem não concedesse continuamente ao entendimento o predomínio ilimitado, poderia a livre vontade, que é dotada de visão mais ampla e que pertence ao seu “eu” próprio e espiritual, prescrever a direção necessária ao cérebro do entendimento, partindo da intuição fina. Com isso a vontade condicionada — tão necessária à realização dos fins terrenos, adstritos ao espaço e ao tempo — enveredaria por caminhos bem diversos do que os que atualmente costuma percorrer. E’ fácil compreender que o Destino tomaria do mesmo modo rumo diverso, pois o Karma teceria fios diferentes em virtude da nova direção, ocasionando outros efeitos da ação recíproca.

E’ evidente que esta explicação ainda não ministra um esclarecimento claro quanto ao que seja a livre vontade. Para que surja um quadro completo faz-se mister saber como já atuou essa vontade. Também de que modo a trama muitas vezes tão complexa dos fatos constitue o Karma já existente que em seus efeitos chega às vezes a mascarar por tal modo a existência da livre vontade, que se torna impossível reconhecê-la e confessá-la como existente.

Semelhante explicação só pode ser dada se retornarmos ao conjunto da evolução espiritual do homem afim de podermos partir do momento preciso em que o seu grão de

semente espiritual pela primeira vez baixa ao invólucro da matéria fina, limite extremo do mundo material. —

Vemos então que o homem absolutamente não é o que julga ser; não dispõe jamais do direito inconcusso à bem-aventurança e à vida eterna individual. (1) A expressão: “Todos nós somos filhos de Deus” é falsa na acepção comumente aceita. *Nem todo homem* é filho de Deus, mas apenas aquele que para isso evoluiu.

O homem é deposto na Criação como um gérmen espiritual. Essa semente encerra em si tudo o que é necessário para que se possa desenvolver um filho de Deus com personalidade conciente, o que pressupõe que essa personalidade cultive e desenvolva essas qualidades, não consentindo que se atrofiem.

O processo é admirável e grandioso, mas inteiramente natural em cada etapa dos acontecimentos. Nada se encontra fora da lógica, porque a atuação divina é perfeita, e a perfeição implica incondicionalmente a existência da lógica. Todos êsses germens espirituais são portadores das mesmas possibilidades, pois se originam de um espírito, e cada uma dessas possibilidades encerra uma promessa cujo cumprimento é garantido incondicionalmente, desde que essa possibilidade seja desenvolvida. Só então! E’ a perspectiva que têm *todos* os germens. Mas...

Saiu um homem a semear lá ode paira o Divino e Eterno sôbre a Criação, onde a matéria mais fina atinge o Enteval, — eis o terreno em que são semeados os germens espirituais do homem. Pequenas fagulhas partidas do Enteval ultrapassam o limite e caem no terreno virgem da parte de matéria fina da Criação, do mesmo modo que vemos nas descargas elétricas de uma tempestade. E’ como se a mão criadora do Espírito santo semeasse grãos espirituais na matéria.

---

(1) Dissertação N.º 20: *O Juízo Final*.

Enquanto as sementes se desenvolvem e a colheita se aproxima vagarosamente, perdem-se muitos grãos. Não crescem, isto é, não desenvolveram as suas faculdades superiores, mas apodreceram, ficando perdidas na matéria. Os que se desenvolveram, porém, e se elevaram da superfície, são separados com todo o rigor por ocasião da colheita, onde as espigas cheias são cuidadosamente separadas das vazias. Depois da colheita o joio é mais uma vez separado do trigo.

E' êsse, de um modo geral, o processo da evolução. Para que possamos conhecer a livre vontade teremos necessidade de acompanhar a evolução particular *do homem*.

Como ponto culminante e puro encontramos o Eterno e Divino em todo seu esplendor, origem de todas as coisas, comêço e fim, circundado do Enteeal luminoso.

Quando, portando, saltam as fagulhas do Enteeal para o terreno das extremidades da matéria fina da Criação material, congrega-se imediatamente em tôrno dessa fagulha um invólucro gasoso da mesma espécie que a porção mais fina da matéria. Dêsse modo o gérmen espiritual do homem penetra na Criação que, como tudo que é material, está sujeita a modificações e ao declínio. Ainda se encontra, nessa ocasião, livre do Kharma, aguardando as coisas que hão-de vir.

Até à embocadura extrema atingem as vibrações dos grandes acontecimentos que se processam dentro da Criação em seu ininterrupto nascer e desaparecer.

Mesmo que essa camada de matéria fina gasosa seja atravessada por indícios os mais leves, são êstes já suficientes para despertar no gérmen espiritual a vontade sensível e sua atenção. Êle deseja "experimental" essas vibrações, seguí-las, ou, se preferirem a expressão, deixar-se levar por elas, o que é como se dissessemos: deixar-se atrair pelas mesmas. Nisso consiste a primeira decisão do gérmen es-

piritual que é dotado de muitas possibilidades, o qual, daí por diante, será levado para um ou para outro lado, conforme sua deliberação. Com isso, também, se entretecem êsses primeiros fios delicados que mais tarde hão-de constituir o tapete de sua vida.

Êsse gérmen que se desenvolve ràpidamente pode aproveitar agora todos os momentos, para entregar-se às vibrações d espécie diferentes que continuamente e em quantidade cruzam sua órbita. Logo que empreende tal coisa, isto é, que o deseja, modificará sua direção peculiar, seguindo a espécie recém-escolhida, ou, o que vem a dar na mesma, sendo por esta atraído.

Por sua vontade pode modificar a direção do curso, como um leme o faz, mal se sinta insatisfeito com o seguido até então. Dêsse modo consegue “experimentar” aquí e acolá.

No meio dêsse experimentar desenvolve-se cada vez mais; adquire aos poucos a faculdade de distinção e, finalmente, a de ajuizar, até tomar uma direção mais definida, ficando cada vez mais conciente e seguro. A escolha das vibrações a que se determinara não fica sem uma ação profunda sôbre si próprio. E' consequência naturalíssima que essas vibrações, em que por assim dizer êle nada por vontade própria, atuem pela ação recíproca no gérmen espiritual de acôrdo com a sua espécie.

Mas o gémen espiritual só possui qualidades *puras e elevadas!* E' êsse o capital com que deve “agiotar” na Criação. Se se entrega a vibrações nobres, a ação recíproca destas despertará, agitará, fortificará de desenvolverá as possibilidades em potência, de fórmula a produzirem com o tempo lucros vultuosos e muita prosperidade na Criação. O homem espiritual, que dessa maneira se desenvolver, ficará sendo um bom administrador.

Mas se se decidir predominantemente a vibrações in-

feriores, adquirirão estas com o tempo tamanha influência sobre êle próprio que lhe imprimirão seu cunho particular, envolvendo e abafando as faculdades puras do gérmen espiritual que, dêsse modo, não se poderão desenvolver e produzir frutos. Terão por fim que ser consideradas como “enterradas”, com o que o homem em aprêço será tido como péssimo gestor da quantia que lhe foi confiada.

O gérmen espiritual não pode, por consequência ser impuro na sua essência, pois se origina da Pureza e sômente esta conduz em seu íntimo. Póde, porém, após a sua descida à matéria, sujar sua camada envoltória, também material, com as vezes que “experimentar” nas vibrações impuras, isto é, pelas tentações. Poderá também fazer que a impureza predomine por tal fôrma sobre a pureza a ponto de tornar-se exteriormente como qualidade *própria*, adquirindo assim qualidades impuras, em distinção das qualidades nobres hereditárias trazidas pelo espírito. A alma não é senão o invólucro mais fino, gasoso do espírito, existindo *sòmente* na Criação material. Depois de seu eventual retôrno ao Puro-espírito-enteal, torna-se o espírito desembaraçado da alma, existindo exclusivamente o espírito, que em outro estado nunca poderia ultrapassar os limites da Criação material para o Espiritual. Sua volta se dá sob fôrma viva e conciente, o que não acontecia com a centelha primitiva à sua partida.

Toda culpa e todo Karma são, por consequência, *apenas materiais!* Apenas dentro dos limites da Criação material! Não podem, portanto, passar ao espírito, mas apenas aderir ao mesmo. Daí a possibilidade de ser o espírito *lavado* de todas as suas culpas.

Êste conhecimento nada derruba, ao contrário, sòmente confirma o que é dito alegôricamente pela religião e a igreja. Em tudo reconhecemos cada vez mais a grande Verdade que Christo nos trouxe.

E' igualmente evidente que um gérmen espiritual que se sujou na matéria não poderá voltar com êsse fardo, mas terá que permanecer naquela até que se tenha livrado, desvenilhado dêste pêso. Terá que ficar naturalmente na camada determinada por seu pêso, que depende da maior ou menor impureza. Se não conseguir desvenilhar-se do lastro até o dia do Juízo, não participará da ascensão, a-pesar-da pureza inerente ao gérmen espiritual que não pôde desenvolver suas qualidades pelo predomínio da impureza. Esta o retém pelo pêso, arrastando-o para a decomposição da matéria. (1)

Quanto mais consciência adquire o gérmen espíritual em seu desenvolvimento, tanto mais o invólucro exterior se amolda à qualidades individuais internas, ou voltado para a nobreza ou para a impureza, isto é, belo ou feio.

Cada volta que faz constitue um nó nos fios que atrás de si vai arrastando, acabando por formar, devido a muitos desvios e viravoltas, como que numerosas malhas de uma rêde em que fica emaranhado. Esta rêde, que o prende, arrastá-lo-á para o abismo, caso não conseguir livrar-se dela à custa dos maiores esforços. As vibrações a que se entregou em seus caminhos, experimentando ou gozando, ficam aderidas como fios que consigo arrasta e que por isso mesmo lhe transmitem continuamente as suas vibrações específicas. Se permanecer por muito tempo na mesma direção, o efeito dos fios que se encontram ao longe, bem como o dos fios mais próximos, se fará sentir com a sua intensidade total. Modificando essa direção, porém, êsse cotovêlo diminuirá cada vez mais a influência dessas vibrações anteriores, porque estas agora têm que atravessar um nó que atua como obstáculo, porque êsse laço representa desde já uma ligação e fusão com a direção nova de espécie diferente. Essa nova direção, quando não pertence à mesma natureza duma das

---

(1) Dissertação N.º 20: *O Juízo Final*.

anteriores, atua daí por diante devido à sua espécie diferente, sobre a precedente, decompondo e dissolvendo-a. E assim sucessivamente. Os fios, com o desenvolvimento do núcleo espiritual, se tornam cada vez mais densos e fortes, constituem o Karma que termina por adquirir influência tão poderosa que imprime ao espírito êste ou aquele “pendor”, capaz, por fim, de influir nas suas livres deliberações, dando-lhes direção predeterminada. Com isso a livre vontade se torna obscurecida, não podendo manifestar-se mais como tal.

Existe, por conseqüência, em início a livre vontade; o que se dá, porém, é que ela muitas vezes se torna sobrecarregada com tantas resoluções, da maneira indicada, que acaba por não mais ser livre.

O gérmen espiritual que se desenvolve por esse modo é obrigado a aproximar-se cada vez mais da Terra, de onde partem as vibrações com a maior intensidade, acompanhando-lhes a influência com consciência crescente, ou melhor: deixando-se “atrair”; para poder aproveitar sempre mais a espécie de inclinações escolhidas. A princípio “experimenta”; depois “saborêa”; e, finalmente, “goza”.

As vibrações vindas da Terra são tão fortes a êsse ponto porque se lhes agrega um novo fator poderosíssimo: a fôrça sexual do corpo da matéria grosseira. (1)

Essa fôrça tem a tarefa e a capacidade de “inflamar” o sentimento espiritual. Só então é que por seu intermédio o espírito entra verdadeiramente em contacto com a Criação material, podendo, por êsse motivo, atuar com eficácia. A seguir abrange tudo que é necessário para poder agir na matéria com o máximo de eficiência, firmar-se em todas as direções, com efeito penetrante e convincente, armado contra tudo e munido de um anteparo para todos os obstáculos.

Daí a extraordinárias ondas de energia que se des-

---

(1) Dissertação N.º 62: *A fôrça sexual em sua significação para a ascensão espiritual.*



prende da vida que vivem os homens na Terra. Vão apenas até onde se estende a Criação material, mas, nesse limite, vibram até às extremidades mais delicadas.

Na Terra um homem de espírito elevado e nobre, trazendo, por isso mesmo, aos demais homens um amor igualmente elevado e espiritual, ficaria um estranho a êstes, sem aproximação interior, se fôsse excluída sua fôrça sexual. Faltaria uma ponte para a compreensão, e, para a simpatia espiritual, haveria um abismo entre ambas as partes.

No momento, porém, em que êste amor espiritual entra em relação pura com o poder sexual, sendo inflamado por êste, fica a corrente com vida inteiramente diversa para o mundo material, mais verdadeiramente terrena, podendo atuar por êsse motivo nos homens e em toda a matéria com mais eficácia e inteligência. Só assim poderá ser acolhida pela matéria, espalhando as bênçãos na Criação que devem ser trazidas pelo espírito do homem.

Ha algo de poderoso nessa ligação. E' *êste* o fim propriamente dito, pelo menos o *fim principal* dêsse instinto natural tão misterioso e imperscrutável, para que o espírito possa agir na matéria em toda a plenitude de sua capacidade. Sem isso, permaneceria estranho e inoperante sôbre a matéria. O escopo da procriação não vem senão que em *segundo lugar*. O ponto principal é o impulso resultante dessa ligação do homem. Com isto o espírito humano adquire toda sua fôrça, calor e vitalidade, fica completo por assim dizer. *Mas, por isso mesmo, é que começa aquí toda sua responsabilidade!*

A Justiça sábia de Deus entrega ao homem, nesta passagem decisiva, não sòmente a possibilidade mas também o impulso natural para desvencilhar-se fâcilmente de todo o Karma que até então tiver pesado sôbre sua livre vontade. Com isso o homem pode conseguir novamente libertar sua vontade, para penetrar conciente e poderoso na

Criação, apresentando-se como filho de Deus, agindo de acôrdo com seus intuitos, e galgando as alturas com sentimentos puros e elevados logo após de se haver libertado do invólucro material.

Se o não fizer, será culpa sua, porque com a instalação da fôrça sexual agita-se em seu íntimo um impulso poderoso para o ideal, para o belo e para o bem. E' fácil observar isso na mocidade incorrupta de ambos os sexos. Daí o entusiasmo sentimental da mocidade, muitas vezes ridicularizado pelos adultos, e que não deve ser confundido com infantilidade; e daí também os sentimentos próprios dessa época da vida, que propende inexplicavelmente para a melancolia. Não são infundadas as horas em que parece que um jovem ou uma menina são portadores de toda a dôr universal, quando se vêem tomados de um sentimento de funda responsabilidade. E' também perfeitamente justificado o sentimento freqüente nessas pessoas de se julgarem incompreendidas pelos outros. E' o conhecimento fugaz da falsa conformação das opiniões dos homens que não querem nem podem compreender a elevada advertência para a ascensão espiritual, e que só ficam satisfeitos quando êste sentimento forte e admoestador na alma que desabrocha é arrastado para o "real" e insípido que julgam ser mais adequado à humanidade e que se afigura ao seu entendimento unilateral como a única condição normal.

A-pesar-disso ha numerosos materialistas endurecidos que sentiram nessa época de sua existência uma como advertência íntima. Falando, até de longe em longe, da idade áurea dos seus primeiros amores, tomados de uma certa elevação sentimental, ou mesmo de algo melancólico, expressão inconciente da dôr por alguma coisa perdida e inefável. Têm razão! Viram-se privados, ou êles próprios se privaram levanamente do que ha de mais precioso, quando nos dias sombrios de trabalho, quer levados pela zombaria dos

chamados “amigos” e das “amigas”, quer pelos maus livros e maus exemplos, enterraram com timidez a jóia cujo brilho, a-pensar-de tudo, ainda aparece no decurso ulterior de sua existência, permitindo ao coração descontente uma visão mais elevada e inexplicável, repassada de melancolia e de saudades.

Quando êsse sentimento são de novo recalcados pelo motejo próprio, ainda atestam com isso a existência dêsse tesouro, havendo por felicidade poucas pessoas que possam afirmar jamais terem possuído tais sentimentos. Essas tais são apenas dignas de lástima, pois nunca viveram.

Êsses próprios corrompidos, ou, digamos, dignos de lástima, sentem um anelo indefinido quando se lhes oferece oportunidade de entrar em contacto com alguém que por sua atitude adequada saiba utilizar-se dêsse impulso, alguém, portanto, que assim se purificou e que, mesmo na Terra, mantém elevação interior. O efeito de semelhante anelo em tais pessoas é na maioria das vezes o conhecimento involuntário da própria inferioridade e incúria, conhecimento que se transforma depois em ódio, crescendo às vezes até raiva extrema. Não é raro ver-se um indivíduo de postura interior elevada e evidente, atrair a si o ódio das massas, sem que houvesse, realmente, fornecido o menor motivo para esse ódio. As massas então só sabem gritar: “Crucificai-o!” “Crucificai-o!” Daí a grande série de mártires que vemos na história da humanidade.

A causa de semelhante fato se encontra na dôr selvagem de ver em outras pessoas a jóia que êles próprios perderam, dôr que se exterioriza sob a fórmula do ódio. Os homens que possuem mais calor interno e que só se conservam ou têm sido arrastados para a lama por causa de maus exemplos, o encontro com uma pessoa de grande elevação interior transforma também muitas vezes o anelo daquilo que êles não puderam atingir, em veneração e amor ilimi-

tados. Para onde quer que se dirija uma dessas pessoas de sentimentos elevados, haverá sempre disputas, contra e a favor. E' impossível a indiferença.

A graça que irradia misteriosamente de um jovem incorrupto ou de uma virgem, nada mais é do que o impulso *puro* da energia sexual que desperta, unida à fôrça espiritual que se orienta para o que é elevado e nobre; e por suas fortes vibrações êsse impulso se faz sentir aos que com êles convivem. Muito providentemente determinou o Criador que isso só acontecesse em uma época em que o homem adquire plena consciência de sua vontade e de seus atos. E' então chegada a ocasião em que poderá e deverá, com a fôrça de que dispõe, desvencilhar-se de todo o passado. Isso se dará naturalmente se essa pessoa mantiver a boa vontade para o bem, ao que é levado incessantemente nessa época. Então poderá, como a intuição o inculca, subir sem cansa os degraus a que tem direito como homem! Contemplai os devaneios dos jovens incorruptos! Não são mais do que o sentimento da ascensão, da libertação de toda imundície, anelo ardoroso pelo ideal. Mas essa inquietação indica ao mesmo tempo que não ha tempo a perder para sacudir enèrgicamente o Karma e iniciar logo a ascensão espiritual.

Daí a grande significação, o momento decisivo, que a existência terrena represente para o homem!

Constitue algo admirável permanecer nesta fôrça, atuar nela e por meio dela; uma vez, bem entendido, que a direção escolhida seja boa! Por outro lado, nada ha de mais miseravel e digno de lástima do que esbanjar essa energia com a embriaguez dos sentidos, privando dêsse modo o espírito de grande parte do impulso de que necessita para ascender. No entanto os homens na maioria dos casos perdem essa época de transição, deixam-se transviar pelos "entendidos" que os detêm e, por infelicidade, freqüentemente os precipitam no abismo. Por êsse motivo não conseguem livrar-se

das vibrações perturbadoras que se lhes agregam, fortificadas a todos os momentos, e que envolvem e asfixiam cada vez mais sua livre vontade, a ponto de não mais ficar reconhecível.

Isso se dá na *primeira* encarnação sobre a Terra. Nas outras que forem necessárias, o homem será portador de um Karma muito mais poderoso. A possibilidade da libertação, porém, se inicia sempre de novo, não podendo nenhum Karma ser mais forte do que o espírito do homem que chega à plenitude de sua potência, uma vez que recebe pela energia sexual ligação ininterrupta com a matéria, a que o Karma pertence.

Mas os homens malbarataram o tempo em que podiam se despojar de seu Karma e recuperar sua livre vontade, que a isso se prende, enlearam-se cada vez mais; e afundaram-se talvez, profundamente. Porém ainda ha um outro aliado poderoso que lhes vem em auxílio na ascensão, para combater o Karma; o maior vencedor que existe, capaz de tudo sobrepujar. A Sabedoria do Criador dispôs de forma que as épocas dadas não ficam sendo as únicas em que os homens possam encontrar auxílio rápido de que carecem, conseguindo encontrar a si mesmo e seu merecimento, recebendo mesmo um impulso extraordinário que lhes faz despertar a atenção.

Essa força miraculosa de que todos os homens dispõem a todos os momentos de sua passagem pela Terra, que se origina da mesma união da força sexual com a do espírito e que também é capaz de produzir a expulsão do Karma — é o *Amor!* Não o amor egoista da matéria grosseira, mas o amor elevado e puro que nada mais conhece nem deseja do que o bem da pessoa amada, que jamais pensa em si próprio. Pertence do mesmo modo à Criação material e não exige renúncia nem penitência; deseja sempre o bem para

essa outra pessoa; anseia com ela; sofre com seus sofrimentos; participa de suas alegrias.

Como base fundamental, êsse amor apresenta intuições cheias de anelo e de ideais, semelhantes àquelas que a juventude inocente tem ao início da força sexual. Mas estimula igualmente os homens amadurecidos e cientes de sua responsabilidade à realização plena da sua capacidade, até ao heroísmo, de fôrma a levar à tensão máxima a fôrça criadora e lutadora. A idade neste particular, não constitue barreiras. Desde que um indivíduo se entrega ao amor, seja o amor do homem pela mulher, ou vice-versa, do amigo ou da amiga, dos pais, dos filhos — pouco importa, contanto que seja puro, terá como primeiro dom a oportunidade de destruir todo o Karma, que então se dissolve sob fôrma puramente “*simbólica*” <sup>(1)</sup>, no amadurecimento da vontade livre e conciente que *sómente* pode ser dirigida para cima. Inicia-se, então, como conseqüência natural, a ascensão, a libertação das cadeias indignas que o detinham.

O primeiro sentimento que se faz sentir no amor puro que desabrocha é a consciência do desvalor em relação à pessoa amada. Por outras palavras poderíamos designar êsse fato como o início da modéstia e da humildade, logo, a recepção de duas grandes virtudes. Vem a seguir o impulso de estender a mão protetora sôbre a pessoa amada para que lhe não aconteça nenhum mal, mas siga por caminhos róseos e iluminados. A expressão “querer trazer nas palmas das mãos” não é desprovida de sentido, mas caracteriza perfeitamente o sentimento que então nasce. Nisso se encontra também o desprendimento completo da própria personalidade, imenso desejo de servir, o que só por si é suficiente para em pouco tempo desfazer todo o Karma, uma vez que a vontade persiste e não dá lugar a instintos puramente sensuais. Por fim, ao lado do amor puro vem

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N° 37: *O simbolismo no destino humano*.

também o desejo ardoroso de realizar algo realmente grande e nobre para a pessoa amada, de não ofendê-la ou molestá-la nem por gestos, ou palavras, ou pensamentos, e, muito menos, por qualquer ato menos elevado. Impera então o mais delicado respeito.

Faz-se mister, então deter êste sentimento intuitivo e colocá-lo acima de todos os mais. Quem o fizer, nunca mais deixar-se-á levar a querer ou praticar o mal, mas pelo contrário, nisto encontraria a melhor guarda, a mais poderosa força. O melhor intencionado conselheiro e auxiliar.

Por êsse motivo Christo se reportava sempre à força onipotente do amor. Sòmente ela tudo pode e tudo vence, sempre porém, na suposição de que não se trate do amor terreno e egoista que arrasta consigo o ciume e demais vícios.

O Criador lançou por êsse modo na Criação uma âncora salvadora, a que por mais de uma vez na vida *todos* os homens se possam apegar pra a ascensão!

Êste auxílio é para todos. Não conhece distinções nem de idade, nem de sexo, riquezas ou posições. Por êsse motivo o amor é o maior presente de Deus. Quem o apreende tem segura a salvação em qualquer necessidade ou perigo. Liberta-se; recupera com isso, fácil e rapidamente, sua vontade livre e não turvada que o impulsiona para cima.

Mesmo que encontre profundamente colocado e cheio de desespêro, o amor poderá arrastá-lo para a Luz com a força dos furações, para Deus que é também Amor. Logo que se faz sentir no homem a primeira manifestação do amor puro, adquire ligação imediata com Deus. Fonte primeira de todo o Amor, e, com isso, o mais poderoso auxílio. Mas se o homem pussuisse tudo e *não* pussuisse o amor, seria um simples metal que sôa, com o um chocalho, sem valor, sem vida... nada!

Se sentir, porém, por algum de seus semelhantes o verdadeiro amor, o amor que só se esforça por trazer à pessoa

amada Luz e Alegria, sem degradá-la pelos apetites baixos, mas elevando-a pela proteção — então *servirá* a essa passoa sem ter absolutamente consciência dos serviços prestados, pois como isso transforma num ofertante desinteressado. Êsse serviço o liberta.

Muitos dirão: E' isso, justamente, o que faço, ou pelo menos para o que me esforço! Procuo por todos os meios tornar apazível a vida terrena à minha mulher ou à família, proporcionando-lhes prazeres e esforçando-me por todos os modos para que a vida lhes seja cômoda, agradável e despreocupada. Muitos baterão no peito, sentir-se-ão elevados e se considerarão por isso bons e enobrecidos. Puro engano! *Isso não é* o amor vivo. Êste não é, por certo, exclusivamente terreno, porém, mais se esforça ao mesmo tempo, para o que é nobre e elevado, ideal. E' certo, que ninguém poderá descuidar-se sem graves penas, isto é, com prejuizos, das necessidades terrenas. No entanto essas necessidades não devem constituir o fim principal da existência, do pensamento e das ações. Acima disso paira na imaginação de muitas pessoas o desejo misterioso de *serem* realmente isso que a pessoa que as ama pensa a seu respeito. Êsse desejo é o verdadeiro caminho. Conduz sempre para cima.

Não ha necessidade de explicar ainda mais o verdadeiro e puro amor. Todos sentem perfeitamente com é constituido. Procuram apenas enganar-se a si próprios, quando têm clara compreensão dos próprios erros e de quanto ainda se encontram distantes do verdadeiro e puro amor. Não deve, porém, parar no caminho, aborrecido, e renunciar, mas decidir-se, porque não ha para êle verdadeira livre vontade sem o verdadeiro amor.

Quantas oportunidades são oferecidas ao homem, sem que sejam aproveitadas, para que possa decidir-se e elevar-se! Por êsse motivo suas queixas e seus esforços não são



na maioria das vezes sinceros. Nada querem uma vez que seja necessário o menor esforço, mesmo que se trate de uma pequena alteração dos hábitos e opiniões. Na maioria das vezes é mentira, ilusão própria! Querem que Deus baixe até onde se encontram e que os eleve, sem que tenham necessidade de sacrificar um átomo sequer de sua comodidade e de sua vaidade. Então se decidiriam a acompanhá-lo, mas isso mesmo com a condição de que Deus lhes apresente os agradecimentos por tanta honra...

Deixai que êsses zangões sigam seu caminho para a perdição! Não são dignos de que alguém se ocupe com êles. No meio de queixas e orações deixarão sempre passar as oportunidades que se lhes oferecem. Se semelhantes pessoas ainda se resolvessem a lançar mão duma dessas oportunidades, certamente que a privariam da mais bela jóia da pureza e do desinteresse para rebaixá-la à lama das paixões.

E' necessário que os que procuram e os que têm conhecimento se decidam a se desviarem dessas pessoas. Não devem pensar que estão fazendo obra meritória aos olhos de Deus quando levam levemente por todas as partes sua Divina Vontade e sua Palavra, oferecendo-a por meio de ensinamentos, o que dá impressão de que Deus necessita mendigar por intermédio de seus crentes para ampliar o círculo dos adeptos. Ofende e mancha, oferecer tais coisas para os que estendem suas mãos imundas para apanhá-las. Não devemos esquecer as palavras que nos poíbem de "lançar pérolas aos porcos".

Não é diferente o que se passa neste particular. Simples malbaratar do tempo, que não deve ser mais esbanjado por êsse modo sem que se torne nocivo pela ação de retorno. Só devem ser auxiliados os que procuram.

A inquietação que se observa por toda a parte em muitas pessoas a respeito da persistência da livre vontade é perfeitamente justificada, sendo ao mesmo tempo sinal de que

chegou a época apropriada. Tudo isso se tonifica com o pressentimento do perigo da irremissibilidade, o que empresta vitalidade contínua a essas pesquisas. Mas são, em grande parte, inúteis. *A maior parte dos homens de hoje não consegue mais usar de sua livre vontade porque já se embaraçaram excessivamente.*

Venderam-na e traficaram-na por... nada!

Neste ponto não poderão dizer que Deus é o responsável, como tantas vezes e de muitas maneiras o têm insinuado para que assim se vejam livres do pensamento da responsabilidade que os aguarda, mas só terão que se queixar de si próprios. E mesmo que essa auto-acusação fôsse inteiramente repassada de amargura e da mais profunda dôr, ainda não seria suficientemente acerba para que constituísse uma compensação do valor do bem perdido, insensatamente recalçado e malbaratado.

a-pesar-de tudo o homem pode atinar novamente com o caminho desde que se esforce com sinceridade, mas isso exclusivamente quando deseja do mais íntimo de seu ser, quando êsse desejo *vive* de fato em seu interior e não diminue de intensidade. E' necessário que sinta um desejo ardentíssimo por tudo isso. Poderá pôr no empenho toda sua existência terrena, porque ainda lucrará, pois a reaqusição da vontade livre do homem é o que mais lhe importa e o que de mais sério pode haver para êle. Em vez de reaqusição poderíamos dizer exumação ou purificação. E' a mesma coisa.

Mas enquanto o homem só *pensa* ou divaga a respeito, nada consegue. O maior esforço e pertinácia terão que fracassar na empreza, porque com o pensamento e com as divagações jamais poderá ultrapassar os limites do espaço e do tempo, o que equivale a dizer, jamais alcançará o ponto em que se encontra a solução. E como hoje em dia o pensar é considerado o caminho principal para todas as pesquisas,

não é de esperar que se obtenha um progresso verdadeiro, a não ser de natureza puramente material. A menos que os homens se modifiquem essencialmente.

Aproveitai o tempo de vossa existência terrena! Pensai na grande época decisiva que sempre traz consigo a mais completa responsabilidade!

Uma criança ainda se encontra, por essas razões, em minoridade espiritual, porque a ligação do espiritual e da matéria ainda não se deu nela por intermédio da energia sexual. Sòmente quando se instala essa energia é que sua faculdade intuitiva adquire a fôrça que lhe permite passar pela Criação material de modo decisivo, transformando-a e reconformando-a, com o que assume automaticamente inteira responsabilidade. Antes disso a ação recíproca não é tão forte, porque a faculdade intuitiva atua com muito menos intensidade. O Karma não pode, por conseqüência, no momento da primeira encarnação <sup>(1)</sup> sôbre a Terra ser muito forte, quando muito influirá por ocasião do nascimento, determinando o meio em que se dará êsse nascimento, para que êste auxilie o espírito em sua vida terrestre a libertar-se do Karma pelo conhecimento de suas propriedades. Os pontos de atração da igual-espécie teriam papel importantíssimo nesse particular, mas tudo em sentido *atenuado*. O Karma pròpriamente dito, poderoso e decisivo, só se instala quando no homem se ligam a fôrça sexual com a espiritual, com o que não sòmente se torna completo no mundo material, mas poderá em todos os sentidos ultrapassá-lo, se se conformar convenientemente.

Até êsse momento as Trevas e o Mal não têm ação imediata sôbre o homem. Uma criança se encontra protegida como que por um fôssco que a separa da matéria; falta-lhe a ponte ligadora.

---

<sup>(1)</sup> A entrada do homem na vida terrestre.

Muitos ouvintes ficarão sabendo com isso por que motivo as crianças gozam de uma proteção muito maior em relação ao mal, o que já se tornou proverbial. Mas pelo mesmo camião que é constituído pela ponte da força sexual que se inicia, pela qual o homem poderá então andar lutando em toda sua pujança, poderá lhe chegar igualmente toda qualidade de diferentes influências, se não se acautelar como é de necessidade. Porém, isso não poderá acontecer em caso algum, antes que esteja senhor da força defensiva necessária. Não existe em nenhum momento desigualdade que possa oferecer desculpa.

Por isso a responsabilidade dos pais cresce gigantesca-mente! Ai dos que privam seus filhos da oportunidade de se libertarem de seu Karma ou de realizarem sua ascensão, já pelas zombarias descabidas, já pela educação falsa, quando não pelos maus exemplos entre os quais também estão incluídos os esforços nos diferentes domínios ambiciosos da atividade humana. As tentações da vida terrena atraem-no já em grau maior ou menor para êste ou aquele objeto. E por não explicarem ao adolescente sua posição particular e própria, deixará êste de aplicar as suas forças, ou o fará escassamente, ou as dissipará da maneira mais irresponsável, quando não lhe der aplicações falsas e nocivas.

Dêste modo o Karma, irreprimível para os ignorantes, se instala com poder crescente, estende suas irradiações por intermédio de qualquer pendor a isto ou aquilo, influenciando com antecedência em suas decisões e constringindo dêsse modo a verdadeira livre vontade a ponto de torná-la cativa. E' por isso que a *maioria* da humanidade atual perdeu o uso de sua livre vontade. Escravizou-se por própria culpa; fundiu seus próprios elos. Quão infantil é o procedimento dos homens (infantil e indigno) sempre que tentam afastar de si o pensamento de uma responsabilidade incondicional, preferindo assacar ao Criador a pecha da injustiça! Quão

ridícula a desculpa de que não estavam dotados de deliberação livre; que foram conduzidos, empurrados, talhados e amoldados sem que pudessem opor-se a tudo isso!

Se ao menos se resolvessem por um momento sequer a adquirir consciência do papel lastimável que representam em tudo isso! Se antes de mais nada se examinassem a si próprios criticamente em relação ao poder que lhes foi dado para que chegassem ao conhecimento de como dispenderam êsse poder em futilidade e coisas transitórias, como deram a frioleiras uma importância que na verdade é desprezível e enfatuada, como se sentiam importantes em assuntos que deveriam ser mesquinhos em relação ao seu verdadeiro destino como homem na Criação! As criaturas de hoje se assemelham a um homem a quem se desse um Reino e que preferisse ocupar seu tempo com os divertimentos mais puerís.

E' evidente por si mesmo (nem seria de esperar outra coisa), que a fôrça poderosa que é entregue ao homem terá que esmagá-lo se não souber dirigí-la.

Já é mais que tempo de despertar! E' preciso que o homem usufrua completamente o tempo e a graça que lhe são concedidas em cada vida terrena. Ainda não se apercebeu dessa necessidade premente. Desde que liberte de novo a vontade que atualmente não se encontra livre, tudo ficará a seu serviço, até mesmo o que parece agora hostilizá-lo. As próprias irradiações dos Astros, tão temidas por certas pessoas, só estão para servi-lo e para auxiliá-lo, importando pouco sua natureza particular.

Todos o podem conseguir, mesmo que o Karma pese com violência, mesmo que as irradiações dos Astros pareçam predominantemente desfavoráveis. Tudo isso só atua desfavoravelmente em uma vontade que não é livre; mas, mesmo nesse caso, só aparentemente, porque, de fato, tudo é para o seu bem, se êle mesmo não souber defender-se por

outro modo. E', dêsse modo, forçado a despertar e defender-se.

Não é justificado o mêdo pela irradiação dos Astros, porque os fenômenos concomitantes que assim se manifestam são sempre os fios do Karma inerente à pessoa em aprêço. As irradiações dos Astros constituem apenas os canais por onde se dirigem todos os elementos do Karma que paira em tôrno dêsse indivíduo, sempre que a espécie do Karma se adapta a essas irradiações. Se as irradiações não são propícias, só penetrarão nesses, canais as porções do Karma desfavoráveis que pairam sôbre essa pessoa e que se adaptarem a essas espécies de irradiações, nada mais. O mesmo se dá com as irradiações favoráveis. Dirigidas assim em conjunto podem sempre agir com mais fôrça sôbre os homens. Onde, porém, não existe um Karma desfavorável, não poderão atuar as irradiações nocivas dos Astros. Uma coisa não pode ser separada da outra. Nisso também se reconhece o grande Amor do Criador das coisas. Os Astros vigiam e dirigem os efeitos do Karma. Por êsse motivo o Karma não pode atuar ininterruptamente, ficando o homem de posse de intervalos para respirar folgado, porque as estrêlas brilham alternadamente, e no tempo das irradiações benignas o mau Karma não pode manifestar-se. Tem necessidade de interromper-se e esperar a época das irradiações nocivas, não podendo, por consequência, aniquilar com tanta facilidade uma pessoa. Se ao lado do mau Karma não haja pairando sôbre o homem também Karma benigno que se possa manifestar por ocasião das irradiações favoráveis, pelo menos conseguem essas irradiações que durante o tempo de seus efeitos haja interrupção do sofrimento.

Dêsse modo se engrenam as rodas dos acontecimentos. Uma coisa atrai a outra com a mais rígida coerência, ve-lando ao mesmo tempo para que não haja a menor irregula-

ridade. E assim se sucedem os fatos, como as rodas duma máquina gigantesca. Por todos os lados se prendem os dentes da roda com exatidão, movimentando tudo, e tudo impulsionando em sua evolução.

Em meio do conjunto, porém, encontra-se o homem com o incalculável poder de que é dotado, de poder imprimir uma direção determinada a essa máquina gigantesca. *Mas apenas para si próprio!* Poderá progredir ou degradar-se. Sòmente a atitude é que decide.

Mas a rodagem da Criação não é feita de material morto. Tudo é composto de seres e de fôrmas vivas que cooperam nesse conjunto admirável. Essa textura extraordinária só serve, porém, para auxiliar o homem, prestar-lhe serviços enquanto não malbarata puerilmente a fôrça de que é dotado ou não lhe dá falsas aplicações. E' necessário que se resolva logo a agir por outra maneira, afim de poder tornar-se o que deveria ser. Obedecer não significa mais do que compreender! Servir é auxiliar. Auxiliar, porém, significa dominar. Todos podem em pouco tempo libertar sua vontade como de direito. E dêsse modo tudo muda para quem primeiramente se orientou internamente.

Mas isso será tarde demais para milhares de pessoas, para centenas de milhares, para milhões mesmo, porque não o quiseram por outro modo. E' mais do que natural que a fôrça falsamente aplicada estrague a máquina em vez de auxiliá-la como devia na execução dum trabalho cheio de prosperidade.

Se vier de súbito, lembrar-se-ão todos os hesitantes das orações, mas não poderão encontrar o modo adequado para obterem auxílio. Reconhecendo a insuficiência e tomados de desespero, passarão rãpidamente a blasfemar, clamando a não-existência de Deus que consente em semelhantes coisas. Não querem acreditar numa Justiça férrea, nem menos na possibilidade de que lhes fôra entregue o poder

de endireitar tudo quando ainda era tempo, e que por diversas vezes tudo já lhes fôra devidamente admoestado.

Em sua teimosia infantil reclamam por um Deus amável de acôrdo com sua compreensão, um Deus que tudo perdoasse. Sòmente nisso reconheceriam sua grandeza! Como conceberiam, então, o procedimento dêsse Deus em relação aos que sempre o procuraram com sinceridade, e que, justamente por causa dêsses esforços, viam-se apartados, ridicularizados e perseguidos pelos que exigem perdão?

Bobos, que correm ao encontro da destruição por causa da cegueira e da surdez sempre voluntária, e que criam continuamente sua própria destruição! Que fiquem entregues às Trevas a que com tanta teimosia se empenhavam. Só poderão atingir a reflexão pela experiência própria. Por êsse motivo as Trevas srão a mais apropriada escola. Mas brevemente soará o dia, a hora, em que até êsse caminho estará trancado, porque não haverá mais tempo de libertar-se das Trevas pelo conhecimento adquirido pela experiência e de iniciar a ascensão. Por isso é tempo de ocupar-se sèriamente com a Verdade.



## A MODERNA CIÊNCIA DO ESPÍRITO

**A** moderna Ciência do espírito! Quanta coisa não se congrega em torno dessa bandeira! Que se reúne em redor dela, que lutas aí não são travadas! Arena de sérias pesquisas, de pouco saber, planos grandiosos, vaidades e tolices, muitas vezes também simples bazófia e, mais do que isso, interesse monetário desenfreado. Dessa balbúrdia não raras vezes nasce a inveja e o ódio ilimitado que se resolve por fim em vinganças pérfidas sob as mais baixas fórmulas.

Em tais condições não é nada de espantar por se apartarem muitas pessoas com receio de toda essa agitação tola, como se temessem ficar envenenadas com seu contacto. Não estão inteiramente desprovidas de razão, porque numerosos adeptos da Ciência do espírito não apresentam em seus gestos nada que possa seduzir ou atrair, senão que tudo neles faz despertar a maior cautela nos que os contemplam.

É curioso que todo o domínio da chama Ciência do espírito, confundida freqüentemente pelos malévolos ou pelos ignorantes com a Ciência dos espíritos, seja hoje uma espécie de terra livre onde qualquer pessoa pode introduzir sem empecilho suas idéias e seus abusos, sem ser por isso reprimido e castigado.

Vale por tal, mas a experiência já demonstrou freqüentes vezes que as coisas não se passam por êsse modo!

Tornaram-se vítimas indefesas de sua indolência inúmeros pioneiros nesse domínio, que foram bastante levianos para intentarem progredir nas investigações com conheci-

mentos sòmente imaginários. O que faz pena é que tivesse havido tantas vítimas, sem que a humanidade tirasse o menor lucro com seu sacrifício!

Cada um dêsses casos deveria ter sido a prova de que o caminho por onde enveredaram não era o acertado, e que por aí só poderão advir prejuizos e destruição, jamais bênçãos. Mas por uma teimosia muito própria persistem em conservar êsses falsos caminhos, sendo sacrificadas sempre novas vítimas; por qualquer grãozinho de evidências distinguidas ou reconhecidas na poderosa Criação levantam uma gritaria e escrevem dissertações inúmeras, o que deve aterrorizar muitos investigadores sinceros, pois com isso só patenteiam o tatear incerto a que se entregam.

De fato, as investigações levadas a cabo até agora só merecem o nome de brincadeira perigosa com fundo bem intencionado.

O domínio da Ciência do espírito considerado como terra livre, nunca poderá ser percorrido impunemente enquanto não houverem sido apreendidas *com antecedência* as Leis *espirituais* em toda sua amplitude. Toda oposição consciente ou inconsciente, isto é, toda “não observância” das mesmas, o que equivale a uma violação dessas Leis, atingirá pela reciprocidade o ousado, frívolo ou leviano que se atreveu a não querer ou poder observá-las ou acatá-las devidamente.

Querer percorrer o desconhecido e extraterreno, munido apenas de meios e possibilidades terrenas, é como se uma criança ainda não afeita aos perigos da Terra fôsse abandonada em uma floresta virgem que só poderia ser atravessada por um adulto em toda a pujança de suas fôrças, devidamente armado e com todas as cautelas necessárias.

Não é outro o modo de trabalho atual da moderna ciência do espírito, mesmo que se julguem muito sinceros e que só perpetrem suas ousadias com intuits científicos, afim

de auxiliar o homem a ultrapassar uma barreira ante a qual ha muito se encontra estacionado.

Diante da barreira encontram-se como crianças ainda hoje êsses investigadores, desajudados, às apalpadelas, sem conhecerem os perigos que lhes podem surgir a todos os momentos ou derramar-se sôbre outras pessoas quando suas experiências indecisas abrirem uma brecha no muro protetor que seria de mais proveito para muitos se permanecesse intacto.

Tudo isso pode ser denominado sômente leviandade, não ousadia, enquanto os que desejam progredir por êsse modo não adquirirem o conhecimento exato de que devem estar em condições de dominar imediatamente todos os perigos emergentes, e isso não em seu proveito sômente, mas também para os outros.

Mais irresponsavelmente procedem os “investigadores” que se ocupam com experiências. Já foram feitas referências repetidas vezes quanto aos delitos da Hipnose. <sup>(1)</sup> Os demais investigadores que se entregam a experiências de outra natureza cometem o erro lastimável de, na sua própria ignorância — porque se o soubessem certamente não o fariam — levar indivíduos de qualidades mediúnicas ou muito sensíveis ao sono magnético ou ao hipnótico, para “aproximá-los” por êsse modo às influências invisíveis do “Além”, na esperança de poder com isso ouvir e observar algo impossível de ser apreendido em condições normais e diárias por êstes indivíduos.

Pelo menos em noventa e cinco por cento dos casos levam semelhantes indivíduos a perigos a que não se encontram na altura de serem expostos, porque *todo o processo* de auxílio artificial para aprofundar neste particular constitue uma peia para a alma que se vê forçada a entrar em

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N.º 35: *Os delitos da Hipnose.*

uma sensibilidade especial que se estende além do que permite seu desenvolvimento natural.

A conseqüência é encontrar-se de súbito tal vítima da experiência em um terreno em que se vê privado de sua proteção natural pelo auxílio artificial empregado, ou por não haver passado pela evolução normal e *própria*, a única que pode fazer nascer essa proteção.

Poderíamos representar êsse homem, sòmente digno de compaixão, como despido de roupas e amarrado a uma estaca, sendo lançado como isca em paragem perigosa afim de atrair a si o modo de viver desconhecido dessa paragem, experimentando-o pessoalmente para poder depois contar o sucedido, ou para que com o prejuizo de certas substâncias materiais de seu corpo pudesse trazer indícios visíveis também a outros olhos.

Semelhante indivíduo experimental só consegue temporariamente, pelas ligações que sua alma assim adiantada mantém com o corpo terreno, transmitir o que se passa aos espectadores como se o fizesse pelo telefone.

Mas se essa sentinela assim artificialmente avançada sofrer algum ataque, não poderá defender-se por falta da proteção natural; está entregue sem amparo, porque sòmente pela ajuda de outras pessoas foi que conseguira penetrar artificialmente em uma zona a que ainda não pertencia por seu desenvolvimento próprio. O investigador em aprêço que empurrou essa pessoa por sêde de ciência, também não a poderá auxiliar por ser também estranho e inexperiente no lugar do perigo, não podendo, por isso, protegê-la de nenhum fôrma.

E' assim que se transformam investigadores em criminosos sem o querer e sem que possam ser atingidos pela justerrena. Isso, porém, não exclue que as *Leis espirituais* se façam valer em todo o rigor de sua reciprocidade, amarrando o investigador à sua vítima.

Muitos desses indivíduos-experiências são vítimas de agressões do domínio da matéria fina que com o tempo, ou imediatamente atuam no corpo de matéria grosseira, de forma a seguirem-se doenças corpóreas ou a morte, mas com o que ainda não ficam suspensos os prejuízos da alma.

Êsses observadores, porém, que se denominam investigadores, que fazem penetrar as suas vítimas nos domínios desconhecidos se conservam durante essas perigosas experiências na maior parte das vezes em ótimas condições materiais, constituídas pela proteção de seu corpo e pela consciência normal.

E' raríssimo tomarem simultaneamente parte nos perigos da pessoa que serve de experiência, por passarem aqueles imediatamente a essas. Mas depois da morte terrena, na passagem para o mundo da matéria fina, *terão que acompanhar a sua vítima, pelas cadeias que os ligam, aonde for possivelmente arrastada, afim de poder ascender de novo vagarosamente e conjuntamente com essa vítima.*

A penetração artificial de uma alma em outro domínio não deve ser compreendida no sentido de sair essa alma do corpo em que habita, para lançar-se em outras regiões. Pelo menos *na maioria dos casos* permanece quieta em seu corpo. Apenas adquire pelo sono magnético ou hipnótico sensibilidade anormal de forma a poder acompanhar vibrações e influências muito mais delicadas do que suas condições normais o permitiriam. E' evidente por si mesmo que nessas condições anormais não dispõe o indivíduo de toda sua força de que poderia dispor se houvesse alcançado esse progresso pelo desenvolvimento natural do seu íntimo, podendo dêsse modo firmar-se com segurança no terreno novo e mais delicado, contrapondo energia equivalente a todas as influências que se fizessem sentir. Por essa falta da potencialidade completa estabelece-se, pelo artifício, uma desigualdade ocasionadora de perturbações. O resultado é que todos

os sentimentos intuitivos se turvam incondicionalmente, o que redundava numa deformação da realidade.

São sempre os investigadores os que, pelo seu auxílio prejudicial, fornecem motivos para os falsos depoimentos e erros inumeráveis. Daí, também, carecerem de coerência e lógica muitos dos fatos do ocultismo que já se encontram “investigados”. Pululam de erros, até hoje não reconhecidos.

Por êsses caminhos evidentemente falsos não se atinge a menor coisa que possa ser de utilidade ou prosperidade para os homens.

Só é de utilidade aos homens o que os ajuda a *elevantar-se*, ou que pelo menos aponta um caminho adequado. Porém, tudo isto é de antemão excluído, para sempre e completamente, em semelhantes experiências! Por meio de auxílios que um indivíduo passe do corpo material grosseiro para o ambiente de matéria fina mais próxima, *não*, porém, mais *acima*, sequer no mínimo, aonde pertence por sua conformação interior. Pelo contrário; jamais os auxílios artificiais o poderão levar até lá, mas sempre apenas ao ambiente mais próximo do terreno. Tudo isto, porém, o investigador conseguirá apenas em pessoas sensíveis ou dotadas de qualidades mediúnicas.

Mas êsse ambiente mais próximo do terreno só pôde conter do Além a porção que ainda se encontra muito presa à terra por seu pêso, paixões e vícios.

E' natural que algo progredido possa manter-se nesse ambiente de vez em quando e de passagem. Mas isso nem sempre é de esperar. As Leis naturais não permitem que algo mais elevado se possa manter alí. Seria mais fácil que o Mundo saísse fora dos eixos ou... seria preciso que houvesse num homem uma base apropriada para ancoragem da Luz.

E' difícil de admitir, porém, que isso se encontre no indivíduo que serve de experiência ou no investigador que tateia... Permanece, portanto, intacto o perigo e a falta de finalidade de todas as experiências.

E' certíssimo, também, que algo realmente elevado *não* se pode aproximar do médium sem que pela presença de um homem mais desenvolvido seja limpo todo o mais grosseiro, e menos ainda poderá falar por êsse médium sem essa condição. Materializações das camadas *mais elevadas* jamais serão possíveis, e muito menos os passatempos preferidos de pancadas, movimento de objetos, etc. O abismo é grande demais para poder ser transposto fãcilmente.

Todas estas coisas, a-pesar-do médium, só poderão ser realizadas pelos habitantes do Além que ainda se encontram em ligações muito íntimas com a materialidade. Se fôsse possível ser de outro modo, de forma que o elevado pudesse pôr-se fãcilmente em contacto com a humanidade, Christo não teria tido necessidade de fazer-se homem, podendo ter realizado sua missão sem êsse sacrificio. <sup>(1)</sup> A humanidade de hoje não se encontra, seguramente, mais desenvolvida espiritualmente do que a do tempo em que Jesus andou pela Terra, não sendo, portanto, de admitir que a comunicação com a Luz seja mais fãcil hoje do que antigamente.

Os adeptos da Ciência do espírito afirmam, porém, que seus intuitos visam principalmente constatar a persistência da vida depois da morte terrena, e que em virtude do cepticismo predominante nos tempos modernos faz-se mister de uma arma forte e grosseira, isto é, provas *materialmente compreensíveis*, afim de poder abrir uma brecha no reduto do adversário.

Êsse argumento, porém, não justifica que almas humanas ainda e sempre fiquem levemente expostas a tais

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N.º 14: *O Salvador*.

perigos. Além disso não ha necessidade premente de vencer opositores malévolos! E' sabido, e isso mesmo se depreende das Palavras de Christo, que êsses não são propensos a acreditar, até mesmo se baixasse um Anjo directamente do Céu para lhes anunciar a Verdade. Depois da sua partida afirmariam tratar-se de uma ilusão colectiva, mas não de um Anjo, ou teriam a mão outra escusa qualquer, Quando, igualmente, chega algo ou alguém, que ou quem permanece na Terra, não desaparecendo logo para o invisível, recorrem a outras escapatórias, justamente porque seria muito terreno, para os que não querem acreditar num outro mundo. Não recuam em apontar semelhante prova como uma falsidade, e se for um homem, um fantasista, fanático ou mesmo um falsificador. Quer se trate de provas terrenas ou não, ou de ambas ao mesmo tempo, sempre terão o que opor para persistirem no cepticismo. E quando não têm mais o que argumentar, passam aos insultos, aos ataques violentos, não recuando mesmo em se valerem da força.

Contudo, não ha necessidade de sacrificios para que sejam convencidas *essas* pessoas, e, muito menos, grande parte dos chamados adeptos. Êles julgam, (presos por uma singular espécie de arrogância, e devido à sua crença num outro mundo, na maioria dos casos fantástica e confusa), poderem apresentar certas exigências ao Além para “ver” ou “experimentar alguma coisa”. Esperam de seus guias sinais do Além, como recompensa por sua dedicação. Por isso mesmo são ridículas tais expectativas que a todos os momentos demonstram, assim como o sorriso benévolo e cheio de sabedoria que sempre indica a sua ignorância pe-puliar. E' proceder venenosamente querer dar às massas ainda espetáculos; porque por se julgarem muito sabidos, consideram as experiências nada mais do que horas de di-



vertimento merecidas nas quais o Além fornecerá os artistas de variedades.

Abandonemos, porém, de vez as grandes experiências, e examinemos apenas as menores, como as mesas movediças. Não são tão inócuas como vulgarmente se pensa, mas constituem pela facilidade com que se propagam um *perigo muito sério!*

E' preciso que todos se precavenham! Os entendidos se apartariam horrorizados se vissem a volubilidade que predomina nestas coisas. Quantos adeptos procuram demonstrar seus "conhecimentos" em muitos círculos procurando movimentar mesas ou com exercícios de letras e copos, em família, quer no meio de risadas, quer com cochicho misterioso que toca às raias da brincadeira, ou com outros recursos introduzidos, fazendo que, com o pôr das mãos ao copo, êste se movimente acima das letras, constituindo palavras por êsse modo. Tudo isso adquiriu foros de divertimentos sociais com rapidez sinistra, nos quais predomina o riso, a chacota e, muitas vezes, agradáveis arrepios.

Todos os dias reünem-se os membros da família, jovens e velhos, em tórno de uma mesa, ou sôzinhos em frente de letras escritas em papel cartão, as quais, sempre que possível, devem ser postas de modo determinado para que não falte êsse estímulo bizarro à fantasia, o que aliás é desnecessário, porque tudo marcha seu caminho certo, de acôrdo com a inclinação da pessoa em aprêço. E são tantas!

Os modernos adeptos da Ciência do espírito e os chefes dos círculos ocultos se alegram por verem que de fato as palavras e as frases se constituem, nas quais o praticante não pensou nem conciente nem inconcientemente. Com isso êste fica convencido, aumentando dêsse modo o número dos adeptos do "oculto".

Os escritos de orientação ocultista se referem a isso; oradores surgem; aparelhos são fabricados e vendidos, os

quais facilitam a prática dêesses abusos; e dêesse modo quasi todo o mundo oculto se apresenta como *bom servidor das Trevas*, na convicção sincera de ser um sacerdote da Luz!

Êesses fatos já demonstram a completa ignorância que predomina nas práticas do ocultismo. Mostram que nenhum dêesses adeptos é *realmente vidente*! Também não serve de argumento a favor o fato de haver algum bom médium partido dêesses princípios, ou melhor dito e com mais acêrto, por haver no comêço sido atraído para isso de passagem.

As poucas pessoas que estão predestinadas a êesses exercícios, dispõem em seu desenvolvimento natural de uma proteção inteiramente diversa e cuidadosa, que se manifesta em cada etapa, o que os outros indivíduos não possuem. Semelhante proteção, porém, só atua por maneira natural, na própria evolução do indivíduo, *sem nenhum auxílio artificial*! Porque justamente no natural é que ha a proteção necessária.

Logo que surge o menor auxílio, seja pelo exercício da própria pessoa, seja por intermédio do sono magnético ou da hipnose, deixará de ser natural, não mais continuando de acôrdo com as Leis naturais, as únicas que podem oferecer proteção. Se a isso se agregar a ignorância, o que é freqüente, teremos então a fatalidade! A *vontade* sòmente nunca poderá substituir a capacidade quando se trata de agir. Ninguém deve ultrapassar os limites de sua capacidade.

Não fica, evidentemente, excluída a possibilidade de encontrar-se em centenas de milhares de pessoas que se entregam a êesses divertimentos perigosos, alguma que escape impune e devidamente protegida. Outras recebem dano materialmente imperceptível, de fôrma que sòmente depois de sua partida para o Além é que poderão conhecer de súbito a tolice que cometeram. Ha muitas, porém, que sofrem estragos já materialmente visíveis, conquanto não atingem no

decurso de sua existência com a causa verdadeira dêsses estragos.

Por tudo isso ha necessidade de ser dada uma explicação do que se passa espiritualmente e no mundo da matéria fina durante essas brincadeiras. E' tudo muito simples, como tudo na Criação, e não tão complexo, porém mais grave do que muitos imaginam.

A humanidade por sua deliberação própria foi a causadora do estado atual das coisas sôbre a Terra, em que as *Trevas* têm a supremacia sôbre a matéria. Encontram-se nesse domínio como em um terreno conhecido e próprio, podendo por êsse motivo atuar sôbre a matéria com toda eficácia. Está, portanto, em seu elemento; luta em um terreno conhecido. Por êsse motivo é que as *Trevas* levam tanta vantagem sôbre a Luz em tudo o que é material, isto é, de matéria grosseira.

A conseqüência é que na matéria a fôrça das *Trevas* é mais poderosa do que a da Luz. Ora, nesses passatempos como os de mesas moveidas, etc., etc., a Luz, e, por conseqüência, tudo o que é elevado, não participa absolutamente. No máximo poderemos falar do ruim, isto é, do escuro, e do melhor, isto é, do mais claro.

Ao utilizar-se um indivíduo de uma mesa, ou de um vidro, ou de outro objeto qualquer material, entrega-se ao terreno de luta muito familiar às *Trevas*, terreno que é reclamado como monopólio pelas *Trevas*. Concede-lhe com isso, prèviamente, um poder contra o qual não pode opor nenhum anteparo compensador.

Examinemos qualquer reunião espírita ou qualquer jôgo social com a mesa, e acompanhem os acontecimentos espirituais, ou melhor, o que se passa na matéria fina.

Ao aproximar-se um indivíduo de uma mesa, ou mais de um, com a intenção de entrar em relações com habitantes do Além, quer seja para que essa mesa seja transmissora

de pancadas, ou, o que é mais freqüente, se movimente, para que com êsses sinais forme palavras — assim, desde início, pela ligação com o material, são atraídas as Trevas, tomando a si o desempenho da mensagem. Com a maior habilidade se utilizam de palavras bem soantes, procuram responder por êsse modo desejado os pensamentos dos homens de fácil decifração para êles, desviando-os, porém, sempre por falsos caminhos em assuntos de necessidade, tentando, como freqüentemente acontece, levá-los aos poucos a se submetem à sua influência baixa cada vez mais poderosa, o que conseguem lenta, mas seguramente. Durante isso conseguem com muita facilidade insinuar a crença nesses transviados de que se encontram no caminho da progressão.

Se logo de início, ou em outra ocasião qualquer, aparece algum membro da família já falecido, a falar por intermediário da mesa, o que freqüentemente se observa — então a burla é ainda mais fácil de ser prosseguida. Essas pessoas reconhecerão que é de fato o amigo que se comunica, e ficam daí por diante na convicção de que sempre será ele o que fala quando a mesa transmite alguma comunicação em seu nome.

*Mas não é êste o caso!* Não somente as Trevas, que sempre se encontram à espreita, se utilizam hábilmente do nome, afim de mascarar do melhor modo possível a burla, adquirindo a confiança dos que formulam as perguntas — como vão mesmo ao ponto de se intrometerem no decurso de uma sentença formulada por êsse amigo, deturpando-lhe intencionalmente a significação. Dá-se, então, o fato pouco conhecido de, em uma sentença simples e corrente, haver *duas* pessoas implicadas: a primeira, talvez inteiramente clara, a pessoa do amigo, e a seguir uma mais obscura e maliciosa, sem que, no entanto, o interlocutor o perceba.

As conseqüências são fáceis de serem compreendidas. O confiante é iludido e abalado em sua crença. O adversá-

rio se vale do acontecido para fortificar suas zombarias e suas dúvidas, aproveitando para concentrar os mais fortes ataques em todo o baluarte que impugna. Na realidade, porém, nenhum tem razão, o que deve ser levado em conta, exclusivamente, da ignorância que predomina em toda a questão.

O fato, porém, se dá com a maior naturalidade: se um verdadeiro e mais claro amigo se aproxima da mesa para manifestar-se de acôrdo com a vontade do que formula as perguntas, e se nessa ocasião se intromete um espírito escurecido, o mais claro terá que retroceder porque aquele pode desenvolver mais energia em virtude da matéria intermediária da mesa, porque por enquanto a matéria é o domínio próprio das Trevas.

E' êsse erro cometido por quantos escolhem a matéria, preparando dêsse modo terreno desfavorável. O que é pesado e espesso, isto é, escuro, encontra-se mais próximo do espessamento da matéria do que o que é leve, luminoso e puro, podendo desenvolver muito mais energia em virtude das ligações íntimas em que se encontra.

Por outro lado, o mais claro que ainda se pode manifestar por meio da matéria, ainda tem uma densidade que de certo modo se lhe aproxime, do contrário seria impossível entrar em contacto com a matéria e comunicar-se. Isso pressupõe uma aproximação da matéria, o que, por sua vez, dá a possibilidade para a contaminação logo que se estabelece por intermédio da matéria o contacto com as Trevas. Para fugir dêsse perigo nada mais resta ao mais claro do que afastar-se o mais cedo possível da porção material, isto é, da mesa ou de utensílios semelhantes, logo que um escuro se intromete para se apoderar do objeto que constitue a ponte sôbre o abismo separador e, por isso mesmo, protetor.

O amigo do Além não poderá evitar, também, que a pessoa que se entrega a essas experiências por intermédio da

mesa seja vítima de influências inferiores. Ela própria foi quem o quis; *porque o fato de desconhecer a lei não lhe serve de proteção, também neste caso.*

Com a explicação destes fatos muitas pessoas adquirirão esclarecimentos sobre o que até então lhes era obscuro; inúmeras contradições enigmáticas encontrarão sua solução, e é de esperar que muitas larguem mão de tais divertimentos perigosos!

Do mesmo modo convincente poderiam ser descritos os perigos de muitas outras experiências de ação maior e mais forte. Façamos, porém, uma pausa a respeito destas coisas usuais e espalhadas.

Apenas seja mencionado ainda um outro perigo. Em virtude dêsse modo de esclarecer perguntas e respostas e de procurar conselhos, tornam-se os homens por culpa própria dependentes e sem autonomia, justamente o contrário de sua finalidade na vida terrena.

O caminho é falso, para qualquer lado que o percorramos! Só poderá trazer prejuízos, jamais vantagens. E' um arrastar-se pelo solo onde ha perigo de encontrar a todos os momentos vermes abjetos, malbaratar as forças, e, finalmente, deixar-se ficar exausto no percurso... por nada!

Os do Além, também, têm inúmeros prejuízos com essa "vontade de investigar"!

São fornecidas muitas oportunidades aos escuros de adquirirem assim ocasiões de tentação para praticarem o mal, aumentando dêsse modo o lastro de suas culpas, ocasiões que, de outro modo, não teriam tão facilmente. Outros ficarão retardados em sua ascensão pelas peias contínuas de seus desejos e pensamentos. O exame claro dos métodos dessa investigação demonstra que tudo é tão pueril, tão repassado de egoísmo e ao mesmo tempo tão acanhado, que o observador não pode deixar de abanar a cabeça e perguntar a si próprio como é possível haver quem abra para o pú-

blico em geral uma região da qual não conhece uma polegada sequer.

E' um erro também que todas as pesquisas sejam feitas diante do público. Isso é abrir as portas aos fantasistas e charlatães e tornar mais difícil a aquisição da confiança do público.

Jamais isso se deu em outro terreno. E em toda experiência que atualmente goza de êxito reconhecido, houve anteriormente um bom número de fracassos. Mas isso não deixaram chegar ao conhecimento do público! Cansar-se-ia com isso, e perderia todo o interesse. A consequência é que, quando se encontrar finalmente a verdade, faltará a força principal do entusiasmo capaz de todas as realizações. A humanidade não poderá entregar-se mais à alegria jubilosa que tudo arrasta em suas convicções.

As repercussões no reconhecer dos falsos caminhos empreendidos se tornam nas mãos dos inimigos, armas poderosas que com o tempo insuflam em centenas de milhares de indivíduos um tal desconfiança que, ao se lhes deparar a Verdade, não mais se decidem a comprová-la sinceramente, pelo medo de serem novamente desiludidos! Tapam os ouvidos, que deveriam ficar abertos, deixando escapar assim a última oportunidade que ainda têm, para ascenderem à Luz. E com isso as Trevas contam mais uma vitória! Devem agradecer isso aos investigadores que lhes estenderam as mãos e que com tamanho orgulho se guindaram às alturas como dirigentes das modernas Ciências do Espírito!

## FALSOS CAMINHOS

Com poucas exceções, vivem os homens todos mergulhados em um erro sem limites e de conseqüências funestas!

Deus não tem necessidade de ir em seu enalço e implorar-lhes que acreditem em sua existência. Seus servos, igualmente, não são enviados para advertí-los sempre que não devem em nenhum caso “abandoná-lo”. Seria ridículo. Esperar isso e pensar por essa maneira é degradar e desvalorizar a elevada Divindade. Essa concepção errônea é causa de grande número de prejuízos. E’ mantida pela conduta de muitos curas dalma verdadeiramente sinceros, que intentam continuamente, levados pelo verdadeiro Amor de Deus e dos homens, convencer e converter os homens que se encontram exclusivamente voltados para as coisas terrenas, e ganhá-los para a Igreja. Tudo isso só consegue fazer aumentar sem limites a já existente arrogância que o homem tem da sua importância, levando muitos à ilusão de que devem ser implorados a desejarem o bem. Isso também contribue para a singular atitude da maioria dos “crentes”, que na maior parte das vezes fornecem antes exemplos aterrorizantes do que verdadeiros modelos. Milhares e milhares sentem em seu íntimo uma espécie de satisfação, um sentimento conciente de elevação por acreditarem em Deus, por dizerem suas orações com a seriedade de que são capazes e por não causarem intencionalmente ao próximo nenhum mal.

Nesse sentimento de “elevação” interior vêem eles uma certa recompensa do bem, uma graça de Deus por sua obe-



diência; sentem uma ligação com Deus, em quem pensam muitas vezes com um certo estremecimento sacro, que lhes infunde uma sensação de beatitude a que se entregam satisfeitos.

Êsses grupos de crentes, porém, seguem por falsas vias. Vivem felizes em uma ilusão criada por êles próprios, que os include inconcientemente no número de fariseus que fazem seus pequenos sacrifícios com os agradecimentos sinceramente ditos, porém falsos: “Senhor, eu te agradeço por não ser como aqueles!” Não pronunciam estas palavras, nem as concebem claramente; mas êsse “sentimento de elevação” interior nada mais é do que essa inconciente oração de agradecimento apontada já por Christo como falsa.

A “elevação interior” não passa nestes casos duma manifestação de contentamento próprio, gerado pela oração ou pela vontade de bons pensamentos. Os que se denominam humildes estão muito longe de o serem! Faz-se mister muita fôrça de vontade para poder falar com um dêsses crentes. Jamais por êsse modo alcançarão a beatitude que já presumem possuir! E’ preciso que fiquem sabendo que andam por caminhos inteiramente apartados, com o orgulho espiritual a que dão o nome de humildade. Muitos dos que hoje ainda são perfeitos descrentes, encontrarão muito mais facilidade para entrarem no Reino de Deus do que todo esse cortejo com sua humildade sombria que, de fato, não se apresenta diante de Deus com simples súplicas mas exigindo recompensa imediata de suas orações e palavras piedosas. Suas súplicas são exigências; o que os anima é a hipocrisia. Serão apartados da face de Deus como simples cascas vazias, levadas pelo vento. Receberão a recompensa, é certo, mas por maneira diferente da que esperam. Já se saciaram suficientemente na Terra com a consciência de seu próprio merecimento!

Êsse sentimento de bem-estar desaparece logo à entra-

da do mundo de matéria fina, em que toma a dianteira o sentimento intuitivo apenas percebido até então, ao passo que desaparece reduzido a nada a sensibilidade que até aí tinha sido produzida predominantemente pelo pensamento.

A chamada expectação silenciosa e humilde de uma melhoria não é mais, de fato, do que uma exigência, mesmo que belas palavras o digam por outro modo. Exigência, porém, inculca presunção. Sòmente Deus pode exigir. Christo não veio também suplicando aos homens com sua Mensagem, mas admoestando e exigindo. E' certo que deu explicações acêrca da Verdade, mas não pôs diante dos olhos dos ouvintes recompensas atraentes para estimulá-los a se tornarem melhores. Disse com calma e severidade aos que procuram com interêsse sincero: "Íde, e procedei de acôrdol"

E' *exigindo* que se encontra Deus ante a humanidade; não chamando a si e suplicando; não desmanchando-se em lamentações. Entregará calmamente às Trevas todos os maus, e até mesmo todos os indecisos, para não diferir por mais tempo seu auxílio aos que se esforçam para a ascensão, e para deixar que os outros experimentem essencialmente tudo o que consideram como sendo a verdade, afim de que possam adquirir o conhecimento do erro em que laboram!

## HOMENS IDEAIS

Seria preferível dizer: homens que querem ser ideais! Porém mesmo nesses devemos separar em primeiro lugar, com todo cuidado, todos que assim se denominam ou querem assim ser considerados, mas que de fato nem sequer pertencem aos que querem ser ideais. Constituem a grande classe dos indivíduos sonhadores e fantasistas de ambos os sexos, aos quais se agregam também os fantasiosos que jamais conseguem aprender a dominar seus dotes e aplicá-los de maneira útil. Deverão ser afastados, também, os que se encontram sempre descontentes com as relações de seu meio, atribuindo êsse descontentamento ao fato de serem mais ideais que todos os seus semelhantes, razão por que se julgam inadaptáveis ao seu tempo. A isso devemos acrescentar a grande chusma dos chamados “incompreendidos” de ambos os sexos, a que ocorrem em maior parte as senhoras e senhoritas. Essa espécie de indivíduos se imaginam sempre incompreendidos, isto é, em termos claros, vivem sempre na ilusão de possuírem um tesouro valioso que as outras pessoas com que privam não sabem reconhecer. De fato, porém, semelhantes almas não ocultam nenhum tesouro, mas apenas uma fonte inesgotável de desejos nunca saciáveis.

Podemos denominar com toda a calma os assim chamados indivíduos incompreendidos como indivíduos “inúteis”, porque se mostram de fato imprestáveis para a verdadeira vida do presente, só pendendo para o irreal e em grande parte frívolo. Sempre, porém, para o que condiz

com uma vida malsã. Infelizmente o caminho dessas senhoras e senhoritas eternamente incompreendidas, vai dar muitas vezes no modo de vida a que comumente se chama "leviano", isto é, imoral, porque com freqüência e facilidade gostam de ser "consoladas", o que naturalmente uma certa espécie de homens aproveita sem escrúpulos. Justamente essas incompreendidas, porém, são sempre, e continuarão sendo, pouco seguras em toda espécie de relações. Julgam-se ideais, mas são simplesmente, desprovidas de valia, de fôrma que qualquer indivíduo sério, que não alimente intenções menos nobres, prefere evitar encontrá-las no seu caminho. Trazer-lhes auxílio é inútil por completo. Aproximam-se delas quasi sempre apenas "consoladores" de *más* intenções, o que ocasiona logo os efeitos da reciprocidade; porque uma dessas senhoras ou senhoritas incompreendidas sentir-se-á dentro de pouco tempo nos braços ou no coração dêsses chamados consoladores novamente "incompreendida", ansiando ser compreendida de novo por outra pessoa, pois não sabe o que de fato quer. A êsse grupo imprestável agrega-se por fim o grupo dos sonhadores inócuos! Aparentemente inócuos como as crianças. Mas a inocuidade de semelhante sonhador só existe em relação ao efeito contra si próprio, contra sua própria personalidade, porém não contra seu meio e pessoas com que priva. Para *muitos* os efeitos de semelhante sonhador, com suas conversas, são imediatos, como veneno que consome aos poucos, destruindo, desfazendo, porque é capaz, com o desenvolvimento de suas idéias, de tirá-los da vida normal e sadia para conduzí-los ao reino irreal e inconveniente para a existência terrena. Note-se bem: não digo que tal sonhador seja impuro ou mesmo mau. Pelo contrário. Poderá mesmo *desejar o melhor*, mas sempre desejará o irreal, o impraticável, não atuando por conseqüência na vida terrena como auxiliar, mas antepondo obstáculo e destruindo.

Mesmo os restantes indivíduos “que se esforçam para o ideal” devemos dividir para melhor observar. Encontramos sempre duas espécies de homens, os que “aspiram” por um ideal, e os que se “esforçam” para o ideal. Os que aspiram por um ideal são em sua maioria uns fracos que vivem a suspirar pelo que nunca podem alcançar. Pelo menos na Terra, e que por êsse motivo jamais podem ser felizes ou ao menos alegres. Encontram-se muito próximos do grupo dos “incompreendidos” e com o tempo são tomados de um sentimentalismo doentio de que não resulta nada de proveito. Uma vez feita essa distinção severa, poderemos, literalmente falando, procurar os restantes à luz do dia com uma lanterna na mão, tal o número reduzido dos mesmos. Êsses poucos ainda não podem ser denominados “homens ideais”, mas, como disse, homens “que se esforçam pelo ideal”. Esforço êsse considerado como uma propriedade pessoal que se exercita aquí na Terra. São *êstes*, de fato, os homens que merecem todo o aprêço, que freqüentemente têm ante os olhos um alvo forte e grandioso, e que nunca vacilam mas se afirmam com ambos os pés na vida terrena sem se dissolverem no que seja irreal para a Terra. Esforçam-se degrau por degrau para a meta longínqua com visão límpida e braço afeito às dificuldades, sem por isso molestarem imerecidamente outras pessoas. A utilidade de semelhantes homens raramente se circunscribe a uns indivíduos sòmente. Uma exploração qualquer aquí não entra em conta porque então a designação “esforçar-se para o ideal” não seria justificada. Qualquer indivíduo pode e deve esforçar-se para o ideal, pouco importando a natureza de sua atividade na Terra. Com isso pode enobrecer qualquer trabalho, emprestando-lhe fins elevados. O que deve ter sempre em vista é conservar sempre tudo no quadro da *vida terrena*. Se o ultrapassar, tornar-se-á impróprio para a Terra e, por conseqüência, doentio. A conclusão é que jamais podemos chegar a um pro-

gresso, que constitui a condição fundamental e a característica do esforço para o ideal. O homem tem na Terra o dever de ter em mira o alvo que para êle fôr o mais alto alcançável, e de empregar todos os esforços para atingir êsse alvo. Como *homem!* Isso exclue desde início a conduta exclusivamente animal que só se esforça pela comida e pela bebida, como infelizmente se observa em muitos indivíduos; ou que se deixe chicotear pelo entendimento, afim de adquirir grandeza ou celebridade puramente terrenas, sem ter em mira como fim principal o bem de todos e a elevação da humanidade. Todos êsses são para a Terra de menos valia que os animais, porque o animal é sempre sem artifício a *totalidade* do que deve ser, mesmo que seu fim seja apenas o de conservar despertas as criaturas para que a sonolência perturbadora não se instale, o que traria como consequência o declínio e a destruição, pois o *movimento* continua como a condição vital na Criação. *Estar desperto!* Reconhece-se o homem que se esforça pelo ideal por procurar elevar as condições existentes na Terra, não no sentido racional de aumento e de poder, mas no de *enobrecer*. Todas as suas idéias terão, porém, a possibilidade de serem realizadas na Terra, o que redundará em utilidade para o indivíduo assim como para a comunidade, ao passo que as pessoas que apenas querem ser ideais se comprazem em idéias praticamente irrealizáveis em uma vida terrena sã; mas essas sempre desviando arrastam-nas a um mundo de sonhos ocasionador do prejuízo de descuidar da utilização do presente para seu amadurecimento espiritual, que cada indivíduo deve formar e desenvolver nesta vida.

Por êsse motivo, sèriamente considerados, os indivíduos com ideais comunistas são prejudicadores da humanidade, pois a realização dêsses ideais só poderá ocasionar males, a-pesar-de sinceramente desejarem o bem. Assemelham-se a construtores, que preparam *na oficina* uma casa que deve

ser colocada em outro lugar. Tem bela aparência... na oficina. Mas, colocada em seu lugar próprio afigura-se pouco firme, de fôrma que ninguém pode habitá-la porque o solo não era plano e a-pesar-dos grandes esforços não pôde ficar convenientemente preparado. O construtor esqueceu-se disso em seus cálculos. Não levou em conta os meios existentes, o que para a construção era condição indispensável! Assim não procede quem verdadeiramente se esforça pelo ideal!

As idéias dos ideais comunistas não podem em sua realização prática brotar do solo, e, menos ainda, firmar-se nele ou de um modo geral ficar-lhe preso, porque êsse solo, os homens, não lhe são adequados! E' muito cheio de acidentes, e assim permanecerá, por ser impossível na Terra o amadurecimento por igual de todos os homens. Predominará sempre uma grande diferença no amadurecimento, porque espiritualmente os homens são e continuam como personalidades *próprias* que só podem se desenvolver por maneiras diversas, pois jamais poderá ser tirada dessas pessoas a livre vontade *sobre si mesmas*. A livre vontade que até o presente agia *para fora*, foi tirada da humanidade na época decisiva em que a Vontade de Deus se humanizou sobre a Terra; Vontade essa que terá que dominar naturalmente a vontade humana por achar-se acima dela e por ser mais forte! Só interiormente podem os indivíduos ainda *uma vez* decidir sobre seu caminho espiritual que o ha-de conduzir para a Luz da conservação ou para as Trevas da destruição! Por isso procurai reconhecer na Terra os homens que se esforçam realmente pelo ideal para auxiliar-lhes a ação, porque construindo trarão somente proveito.

## LANÇAI SÔBRE ÊLE TODA CULPA

**E**sta frase muito usada é um dos principais calmantes de todos os que se dizem fieis christãos. Mas êsse recurso é um veneno que embriaga. Do mesmo modo que muitos venenos só são applicados nas doenças para produzir atordoamento por ocasião de uma grande dôr corpórea, emprestando calma aparente — assim também nas relações espirituais com as palavras: “Lançai sôbre êle toda culpa, porque nos libertou e nos curou por meio de suas chagas!”

Por ser isso considerado pelos crentes como uma das colunas fundamentais de seu edifício dogmático-christão, age mais assoladoramente em seu meio. Orientam por essas palavras toda sua atitude interior, mas com isso se entregam aos enleios mortais de uma crença inteiramente cega, que só lhes permite uma visão turva das coisas, até que por fim a imagem se deturpe por completo caindo sôbre a Verdade um véu espêsso, de fôrma a só lhes ser possível encontrar apôio nas construções artificiaes das teorias demolidoras que terão que acompanhá-los no desmoronamento final no dia do Conhecimento.

“Lançai sôbre êle toda culpa...!” Tola ilusão! A Verdade luminosa perpassará como um fogo pelos exércitos das falsas doutrinas e dos crentes preguiçosos, destruindo todas as falsidades! Mui cômodamente se recreiam as massas ainda hoje na crença de que tudo o que o Salvador fez e padeceu foi em seu proveito. Na indolência de seu pensamento taxam de ousadia insensata quando alguém presume dever contribuir também para sua entrada no Céu. Nesse ponto



dispõem muitos de admirável modéstia e humildade que inútilmente procuramos encontrar quando se trata de outras coisas. Segundo avaliam equívale a uma blasfêmia pensar, mesmo que seja mui de fugida e pela rama, que a vinda do Senhor à Terra e os sofrimentos e a morte padecidos ainda não bastassem para apagar todos os pecados dos homens que tiverem a crença em sua existência terrena.

“Lançai sôbre êle toda culpa...” pensam com a mais concentrada piedade, e não sabem o que realmente fazem. Dormem, mas seu despertar será terrível! A crença humilde que aparentam não é mais do que vaidade e ilimitado orgulho, ao imaginarem que um Filho de Deus baixou para lhes preparar servilmente o caminho por onde possam, então, galopar direta e estúpida para o Reino do Céu. Qualquer pessoa poderia reconhecer desde logo, a vacuidade de tudo isso. Só pode ser originada da mais indiscreta comodidade e leviandade, quando não foi produzida pela astúcia como chamariz para vantagens de intuítos puramente terrenos.

A humanidade se perdeu em mil labirintos, enganando-se com sua própria desatinada crença. Quanto rebaixam Deus com tudo isso! Que é o homem para ousar esperar que Deus mandasse seu próprio Filho, isto é, uma partícula de sua própria inenteal vivacidade, para que os homens podessem lançar sôbre êle o lastro de seus pecados afim de que não mais se preocupassem com êles, não terem mais que lavar seus vestuários imundos e se livrar da situação escura a que se entregaram? Ai dos que tiverem que responder um dia por êsses pensamentos! E' a mais imprudente mancha lançada à sublimidade de Deus! A vinda de Christo não foi ocasionada por motivos tão baixos, mas cheia de elevação, a apontar imperiosamente para o Pai.

Já me referi uma vez à grande obra de libertação do

Filho de Deus. <sup>(1)</sup> Sua grandiosa obra de amor espalhou-se neste e no outro mundo com frutos de toda natureza. Entretanto, porém, procuraram indivíduos de vocação exclusivamente humana tornar-se os escolhidos por Deus; lançaram suas mãos impuras à doutrina imaculada, e atraindo-a a si, sujaram-na degradando-a. A humanidade, que lhes deu crédito, sem comprovar a veracidade do que diziam, precipitou-se juntamente com êles. O núcleo sublime da Verdade Divina ficou envolvido com a insuficiência terrena, tendo conservado a fôrma, perdido, porém, a luminosidade que devia existir em todo esforço para o poder e para as vantagens terrenas. Impera pálido crepúsculo onde devia haver o maior brilho da vida espiritual. A humanidade imploradora se viu privada da jóia que Christo Jesus trouxe para *todos* que *para isso se esforçaram*. Desfigurado pelos desejos egoísticos é apontado, aos que procuram, um falso caminho que não somente os faz perder um tempo precioso como freqüentemente, ainda, os leva aos braços da escuridão.

Râpidamente pulularam doutrinas erradas. Predominaram e sobrepujaram a simplicidade, a Verdade, cobrindo-a de uma camada cambiante, de cujo brilho, como das plantas venenosas, se destaca um perigo que entontece todos os que se lhe aproximam, com o que a vigilância dos crentes sôbre si próprios enfraquece, acabando por desaparecer. Com isso fica exterminada também a possibilidade de ascensão para a verdadeira Luz. Mais uma vez o grande brado da Verdade ha-de soar por todas as regiões. Depois virá o ajuste de contas para todos por meio do destino que a si próprios determinaram. Os homens finalmente receberão aquilo mesmo que com tanta pertinácia prepararam. Terão que experimentar todos os erros cometidos por seus desejos ou por seus pensamentos temerosos ou os que tentaram acompanhar. A

---

(1) Dissertação N.º 14: *O Salvador*.

conseqüência, para muitos, será um uivar selvagem, um ranger de dentes pelo medo, de raiva e de desespero.

Os que se deixaram dominar pela maldade e forem então condenados pelo Juízo, sentirão de súbito como sendo injustiça e rigor o sofrimento — logo que forem jogados a *essa* realidade — que, em sua vida terrena, desejavam reconhecer, como sendo a única verdade, induzindo a êsses erros também seus próximos. Então querem ainda que êsse Deus, a quem êles se apresentaram com tão desmedida presunção, os ajude! Hão-de chamar por êle, suplicar-lhe, e esperar também que na sua Divindade perdoe fãcilmente até mesmo os peores atos dêsses “ignorantes”. Em sua crença êle lhes parecerá muito “grande” para poder ser vingativo, o mesmo a que tanto rebaixaram!

No entanto *não* ha-de ouví-los, *não* ha-de auxiliá-los, porque não quiseram ouvir sua Palavra quando lhas mandara. Nisso se encontra a Justiça, inseparável de seu grande Amor!

Era dever dos homens examinar a *própria Palavra*, que lhes mandara. Mesmo que não reconhecessem seus Emissários como tais. Ser-lhes-á, por êsse motivo, terrivelmente respondido: “Não o quisestes! Por êsse motivo sereis desfeitos e apagados do Livro da Vida!”

## OS DELITOS DA HIPNOSE

Singular! Ha vinte anos apenas enraiveciam-se os homens contra a asserção de que existe realmente hipnose.. A frente de todos encontravam-se muitos médicos. Não recuavam mesmo em chamar a hipnose de ilusão e fraude, como pouco antes já haviam feito com o magnetismo curador que, afinal, se tornou fonte de bênçãos para tantos. Os que o praticavam eram atacados pelos modos mais violentos, recebendo os nomes de pantomimeiros e fraudulentos.

Hoje são justamente os médicos que em sua maioria procuram apoderar-se da hipnose. Defendem hoje o que ha vinte anos recusavam com as mais violentas expressões.

Podemos julgar essas coisas por dois lados. Quem examinar a luta exasperada daquele tempo imparcialmente, não poderá deixar de reprimir um sorriso ao observar como os adversários de então procuram hoje aplicar a hipnose tão rebaixada, com entusiasmo ainda maior. Por outro lado devemos reconhecer também que essa revira-volta um tanto grotesca é todavia merecedora de aprêço. Faz-se mister bastante coragem para ir de encontro aos perigos do ridículo, que, nesse caso, está bem próximo. Deve-se reconhecer a seriedade contida em tudo isso, que deseja ser útil para a humanidade, não recuando por êsse motivo em enfrentar até mesmo êsse perigo.

Apenas é para lastimar que não houvessem aproveitado a lição para que servisse de futuro, tornando-se mais precavidos nos juízos e digamos com calma — nos ataques, sempre que se trate de assunto que se encontre no mesmo do-

mínio em que se acha a hipnose. Infelizmente com muitos outros ramos no mesmo domínio, a-pesar-de todas as experiências, é dêsse mesmo modo que agem, às vezes mesmo com mais acrimônia. A-pesar-disso no fim de tudo a mesma cena se repetirá, havendo, sem transição, entusiasmo pelo que hoje se ataca com tamanha pertinácia, procurando negar-lhe qualquer valor. Mais ainda: procuram, sem respeito, obter por todos os meios, para pôr em prática, tantas coisas cuja pesquisa e descobrimento à princípio abandonavam, prudentemente e com ataques contínuos, a outras pessoas, principalmente aos denominados “leigos”. Deixamos sem exame o saber se isso pode ser considerado como merecimento e ato corajoso. Ha mais, probabilidade, porém, de ser vista em perspectiva bem diversa essa repetição eterna da ação já denominada como meritória. Isso quanto aos resultados do juízo *superficial*.

Muito mais digno de atenção, porém, se torna tudo quando ficamos conhecendo os *efeitos da aplicação* da hipnose. E’ para ser louvado o fato de ter sido finalmente reconhecida e confirmada a existência da hipnose, cessando por isso mesmo os ataques da ciência, palavrosos de fato, mas, em virtude das experiências modernas, denotadores apenas de ignorância. Mas o fato de terem as aplicações encontrado tão grande propagação pelo amparo protetor dos que até então eram inimigos, demonstra que os entendidos ainda se encontram muito mais distanciados do verdadeiro conhecimento, do que os leigos tão difamados que deram início às pesquisas.

Comove presenciar os males que daí se originam, por se entregarem milhares de pessoas às mãos dos chamados entendidos para voluntariamente se submeterem à hipnose, por serem para isso convencidos ou, o que é mais condenável, sofrerem inconcientemente violências. Não altera a gravidade do caso passar-se tudo isso com a melhor das in-

tenções de semear o bem, pois essas práticas *sempre* ocasionam imensos prejuízos! Não são pessoas de vocação as que aplicam a hipnose. Só pode ser entendido quem domina perfeitamente tudo o que aplica, o que relativamente à hipnose, deveria ser no terreno da matéria fina! E quem conhece de fato êsse domínio (não apenas presumindo temerosamente conhecê-lo), *jamais aplicará a hipnose* enquanto desejar o bem de seu próximo; a não ser que tenha a intenção de prejudicá-lo com plena consciência. Por toda parte, por conseqüência, em que a hipnose é aplicada, cometem-se pecados, quer sejam leigos ou não. Não ha uma única exceção neste particular.

Mesmo que procuremos com toda simplicidade pensar apenas com o auxílio da lógica, chegaremos à conclusão de que de fato constitue leviandade imensa querer empregar alguma coisa cujo alcance só nos é conhecido em seus primeiros graus, sem que possamos ter o menor conhecimento de seus últimos efeitos. A circunstância de tais leviandades não serem sòmente causadoras de males para a pessoa em experiência, mas pensando principalmente na pessoa que as pratica, não pode servir para tranquilizar. Os homens não deveriam entregar-se tão confiantes ao que não conhecem fundamentalmente. Se isso se dá sem seu conhecimento ou sua vontade, semelhante procedimento equívale a um crime, mesmo que tenha sido praticado pela mão dos chamados entendidos.

Mas como não é de supor que todos os que se entregam às práticas de hipnose tenham a intenção de prejudicar o próximo, resta apenas constatar a veracidade de que ignoram por completo a natureza da hipnose, encontrando-se êses tais inteiramente sem compreensão em frente às conseqüências de uma atividade. Sôbre isso não ha a menor dúvida, porque, ou se trata de uma coisa ou de outra. Resta, portanto, sòmente a falta de compreensão.

Quando um indivíduo aplica a hipnose a um semelhante, *prende com isso o seu espírito!* Êsse entrave é em si um crime ou delito espiritual. Não ha desculpa quando a hipnose é aplicada com fins terapêuticos, em moléstias do corpo ou para obter melhoras psíquicas. Do mesmo modo não pode ser apresentado como defesa que semelhantes alterações da alma redundam em melhorar a vontade da pessoa implicada, de fôrma que o paciente aufere lucros com essa operação. E' iludir-se a si mesmo viver e agir por essa fôrma, porque sòmente o que um espírito empreende inteiramente *livre* e sem influências estranhas lhe pode ser vantajoso, servindo-lhe para uma ascensão verdadeira. Tudo o mais são exterioridades que só fugazmente lhe podem ministrar melhoras ou prejuizos. Todo entrave para o espírito, pouco importando o fim com que seja realizado, constitue uma parada incondicional na marcha para o progresso, sem levar em conta os demais perigos que acarreta. Um tal espírito assim peado não sòmente fica sujeito à influência do hipnotizador, mas em certo grau, a-pesar-da ordem em contrário possivelmente inculcada por êsse hipnotizador, também se encontra desarmado contra outras influências da matéria fina, por faltarlhe, com os laços adquiridos, a proteção necessária que sòmente pode ser alcançada com inteira liberdade de movimentos. O fato de não perceberem os homens essa luta continuada, os ataques e a defesa com ou sem resultado, não exclue a ação viva do mundo de matéria fina e seus efeitos.

Todos, portanto, que são submetidos à hipnose, se encontram mais ou menos em desvantagem em relação ao verdadeiro progresso de seu núcleo vivo e interior. As circunstâncias exteriores — quer com isso se tenham tornado ainda mais desfavoráveis, quer aparentemente propícias — só possuem influência secundária, não devendo, por consequência, influir na avaliação do caso. *O espírito deve ser livre*

*sempre*, porque é dêle sòmente que se trata no resultado final.

Admitindo-se que tenha havido uma melhora exterior, no que tanto se apoiam os que se entregam à hipnose, com isso o paciente não lucrou a menor coisa. Seu espírito atado não poderá atuar no mundo da matéria fina com a mesma ação criadora do que o fará um espírito livre. As criações da matéria fina que foram geradas pela sua vontade assim peada são impotentes, porque são obras de segunda mão, fenecendo dentro de pouco tempo no mundo de matéria fina. Não poderão, por consequência, ocasionar pela ação recíproca os benefícios que deveriam recair sôbre si próprio, como era de esperar das criações dos espíritos livres. O mesmo se dá quando um espírito atado executa ações más por influência do hipnotizador. Em virtude da impotência das criações da matéria fina, essas ações desaparecerão em pouco tempo ou serão absorvidas por outras criações de igual-espécie, de fôrma a não se dar uma ação recíproca, com o que a pessoa implicada — conquanto responsável materialmente — fica sem responsabilidade espiritual. *E' isso, exatamente, o que se passa com os loucos.* Nisto vemos mais uma vez a Justiça contínua do Criador, que se manifesta no mundo da matéria fina pela Perfeição inatingível de suas Leis vivas. Uma pessoa assim forçada não ficará com culpa, a-pesar-das ações forçadas pela vontade estranha, mas, do mesmo modo, fica sem nenhum proveito também quando as boas ações forem praticadas por essa vontade, pois seu “eu” autônomo em nada participou.

Entra agora em cêna um fator inteiramente diverso: os laços violentamente impostos ao espírito, pela hipnose, amarram ao mesmo tempo o operador à sua vítima como se fôsse com fortes cadeias. Não o deixará solto enquanto a pessoa que fôra detida em sua marcha evolutiva não houver progredido novamente até o ponto em que teria chegado se não



houvesse ficado atada por aqueles laços. Terá que acompanhar depois da morte aonde o outro espírito atado se dirigir, mesmo que seja para as maiores profundidades. E' fácil imaginar o que êsses indivíduos estão acumulando com semelhantes aplicações da hipnose. Quando voltarem novamente ao conhecimento, depois da partida terrena, observarão com desespêro quantas cadeias os amarram a pessoas falecidas anteriormente assim como a outras que ainda se encontram sôbre a Terra. Nenhuma dessas cadeias lhes poderá ser dispensada. Terão que desembaraçar-se dos elos um a um, mesmo que para isso necessitem de milênios. O que é provável é que até o fim não se possam libertar, sendo arrastados à destruição que aniquila toda a personalidade de seu "eu" próprio; *porque cometeram grave pecado contra o espírito!*

## ASTROLOGIA

**E'** denominada a soberana das artes, não sem motivos justificados. Não, porém, por ser entre as artes a rainha, nem menos por ser reservada apenas a pessoas reais, mas por poder a pessoa que se ocupasse verdadeiramente com ela, assumir no espírito uma posição régia, pois podia tornar-se por êsse modo o dirigente de muitos acontecimentos e não-acontecimentos.

Não ha, porém, um único habitante da Terra a quem essa faculdade seja confiada. Por êsse motivo todos os trabalhos neste gênero continuam como tentativas mesquinhas e incertas quando tomadas a sério pelos praticantes, e blasfêmias quando em vez da sinceridade íntima cooperam a vaidade e a fantasia doentia.

Um cálculo astrológico por si só não poderá ser de utilidade; porque às irradiações das estrêlas pertence, como força própria da ação, também incondicionalmente, a matéria fina viva em toda sua atividade, como, por exemplo, o mundo das fórmulas de pensamento, do Karma, as correntes das Trevas e da Luz na matéria e muita coisa mais. Qual a pessoa que pode orgulhar-se por haver conseguido abranger com a vista tudo isso, desde o mais fundo abismo às maiores alturas da matéria?!

As irradiações dos Astros constituem apenas os caminhos e os canais por onde penetram na alma humana as influências vivas da matéria fina, para poderem agir. Simbolicamente falando, poderíamos dizer: os Astros dão o sinal para a época em que podem convergir pela direção de suas

irradiações e ações recíprocas de retôrno, derramando-se numa só corrente sôbre a pessoa. As irradiações siderais desfavoráveis ou hostis congregam no mundo da matéria fina as ações de retôrno da mesma natureza que se relacionam a uma determinada pessoa; as irradiações favoráveis pelo contrário, reúnem as boas ações da mesma espécie. Por isso os cálculos em si não são totalmente desprovidos de valor. Mas é incondicionalmente necessário que haja por ocasião de irradiações desfavoráveis para um determinado indivíduo também reações desfavoráveis, e por ocasião de irradiações favoráveis, reações boas... De outro modo a atuação seria impossível. Por outro lado, porém, as irradiações sidéreas não são fantásticas, não podendo agir sôzinhas, independentes da cooperação de outras fôrças, mas possuem também efeitos auto-ativos, consistindo em certas *barreiras*. Se no mundo de matéria fina só houver para uma determinada pessoa ações de retôrno desfavoráveis, e em atividade ou procurando oportunidade para isso, nos dias ou nas horas das irradiações sidéreas benéficas, ficará essa atividade sustida, recalcada, ou pelo menos fortemente represada. E' natural que o inverso também se observe, de fôrma que as reações benéficas ficarão retidas durante o tempo das irradiações más.

Quando, portanto, os *canais* das irradiações sidéreas estiverem *vazios* pela falta de ações da igual-espécie, sevem ao menos de *barragem* ocasional contra ações recíprocas de outras espécies, que se manifestem, de fôrma que nunca são desprovidas de utilidade. O que não se pode dar é que as irradiações boas conduzam sempre reações favoráveis, e as ruins desfavoráveis, uma vez que não haja tais reações para a pessoa em aprêço.

Os astrólogos não poderão dizer: "Então temos razão!" porque êsse ter razão é condicional e *muito* limitado; não justifica as freqüentes asserções presunçosas e anúncios

comerciais. Os canais vazios das irradiações sidéreas podem perfeitamente ocasionar interrupções, mas nada mais, nem de bem nem de mal. Concedamos mais uma vez que de um certo modo a interrupção momentânea das ações de retorno desfavoráveis seja em si algo de bom. Proporciona ao que se encontra assediado pelo mal, ocasião para algum descanso e, por conseqüência, fôrças para continuar a suportar a ação a que se encontra submetido.

Os cálculos dos astrólogos poderiam ser a-pesar-de tudo recebidos com satisfação quando não dermos muita atenção ao falatório e ao reclame de que são acompanhados. Ha, porém, muitas outras circunstâncias importantes que tornam a certeza dos cálculos mui precária, de fôrma que na realidade causam mais prejuízos do que proveito.

A saber: agem com sua influência muitos outros astros além dos que estão hoje à disposição dos astrólogos para seus cálculos. Inúmeras outras estrêlas, nem sequer conhecidas pelos astrólogos, têm função de tamanha importância na diminuição dos efeitos, ou reforçando-os, atravessando pela sua passagem ou desviando-os, de fôrma que o resultado do cálculo muitas vezes pode ser justamente o contrário do que o resultado a que chega o melhor astrólogo da atualidade.

Temos, finalmente, um outro ponto decisivo, o maior e o mais difícil: a *alma* de cada pessoa! Só poderia fazer um cálculo exato quem pudesse avaliar em seus mais delicados momentos todas essas almas isoladamente, com suas possibilidades, atributos, complicações do Karma, assim como em todo seu esforço, no grau em que se encontra de amadurecimento ou não-amadurecimento, etc. As irradiações sidéreas podem ser muitíssimo favoráveis para um indivíduo, mas nada lhe poderá acontecer de luminoso, isto é, de bom, se pelas condições de sua alma se encontra cercado de muitas trevas. No caso oposto, porém, o indivíduo cujas condições

de alma só comportem a pureza e a Luz, não poderá ser muito influenciado pelas irradiações desfavoráveis; acabará sempre por se voltar para o bem. A Onipotência e a Sabedoria de Deus não são tão parciais como imaginam os adeptos da astrologia. Êle não coloca o destino dos homens, isto é, o bem e o mal que lhes possa acontecer, dependente apenas das irradiações das estrêlas. E' certo que a influência destas é poderosa, não sòmente em referência aos indivíduos isoladamente considerados, mas também em relação aos acontecimentos do Universo; porém elas são apenas instrumentos cuja atividade não sòmente se encontra em conexão com muitos outros fatores, como também, com isto em dependência na sua possibilidade de ação. Mesmo quando um astrólogo imagina poder trabalhar por intuição, por sugestão, por inspiração, nada disso poderá contribuir com maior profundidade, para que se possa depositar muito mais confiança na aproximação da realidade dos cálculos.

Suas inspirações não podem ser feitas de um ponto de observação muito elevado; acha-se interposto um véu, no abismo incomensurável que se encontra entre o espírito que tudo vê e a humanidade. Os cálculos ficam parciais, fragmentados, insuficientes, em suma: imperfeitos, logo, falsos. Causam inquietação nos homens, e a inquietação é o mais perigoso inimigo da alma por abalar o muro natural protetor, deixando freqüentes vezes que a maldade penetre; o que, sem essa oportunidade, não se teria dado. Muitos indivíduos se tornam inquietos por se julgarem sob a influência momentânea de irradiações nocivas, tornando-se, pelo contrário, excessivamente confiantes, isto é, imprudentes quando julgam serem favoráveis essas irradiações. Pela insuficiência dos cálculos sobrecarregam-se de preocupações desnecessárias em vez de conservarem o espírito livre e alegre, a melhor fôrça de defesa, capaz de sobrepujar as mais fortes correntes desfavoráveis. Uma vez que não pode ser

por outro modo, os astrólogos deveriam prosseguir em seus trabalhos para se aperfeiçoarem, mas isso com recolhimento e para si próprios sòmente *como fazem os que entre êles investigam com verdadeira sinceridade!* Deveriam poupar aos outros os efeitos dessa imperfeição, pois só poderá ser causadora de prejuízos ocasionando abalo da confiança, em si mesmo, além de atar prejudicialmente espíritos livres, o que por todos os modos deveria ser evitado.

## SIMBOLISMO NO DESTINO HUMANO

**S**e os homens não se preocupassem de modo tão absorvente com as necessidades e com as muitas ninharias de todos os dias, mas se resolvessem a prestar um pouco de atenção aos grandes e pequenos acontecimentos que se passam à sua volta, adquiririam em pouco tempo um novo conhecimento. Ficariam espantados consigo próprios e mal julgariam possível haverem por tanto tempo passado sem se aperceberem de coisas tão evidentes. Ha, de fato, razões bastantes para que os homens se compadeçam de si próprios. Uma simples observação lhes patenteará de súbito um mundo novo severamente coordenado de acontecimentos dotados de vida, que deixam perceber claramente a direção firme de u'a mão superior: o mundo do simbolismo!

Esse mundo tem raízes profundas na parte de matéria fina da Criação. Sòmente suas manifestações extremas penetram na parte visível terrena. E' como um mar que se encontra aparentemente calmo, cujo movimento contínuo não é visível, só podendo ser observado na praia, em suas últimas manifestações. O homem não supõe que pode, com trabalho mínimo, observar a tão temida e tão decisiva atividade do Karma. E' possível tornar-se mais familiar com isso, de sorte que, aos poucos, êsse mêdo que se observa frequentemente em indivíduos pensantes desapareça, perdendo o Karma o seu terror. Poderá ser para muitos um caminho para a ascensão quando aprenderem a sentir através dos acontecimentos visíveis e terrenos as ondas mais profundas da vida da matéria fina, acompanhando-as, o que produz

com o tempo a convicção da existência da ação recíproca incondicionalmente lógica. Uma vez chegado a êsse ponto, adaptar-se-á o homem então passo a passo, até reconhecer a força lógica e sem lacunas da Vontade conciente Divina que tudo impulsiona na Criação, logo, no mundo da matéria fina e da grosseira. Dêsse momento em diante contará com êsse fator e se lhe submeterá, o que significa para êle nadar na corrente dessa força o que só lhe poderá ser proveitoso. Essa força fica a seu serviço, porque sabe aplicá-la submetendo-se-lhe e adaptando-se-lhe adequadamente. Por isso, a ação recíproca só lhe poderá trazer felicidade. Com um sorriso verá realizada literalmente cada palavra bíblica que à sua simplicidade pueril servia muitas vezes de pedra de tropeço, e cuja realização se lhe afigurava por isso mesmo difícil, por exigir uma mentalidade de escravo, conforme seu modo de pensar de até então. Essa exigência admirável de obediência que a seu sentimento se afigurava tão despótica e desagradável, aos poucos se transformará a seus olhos tornados videntes, como a mais alta qualificação que pode possuir uma criatura; um verdadeiro presente de Deus que tem em si a possibilidade de um espantoso desenvolvimento de energia espiritual, permitindo a cooperação pessoal conciente na grande Obra da Criação. As expressões: “sòmente o que a si mesmo se humilha será elevado”, o homem precisa “curvar-se humilde diante de Deus”, para poder entrar em seu Reino; terá que “obedecer”, “servir”, e todos os demais conselhos bíblicos da mesma natureza encontram por parte dos homens modernos tanta repulsa em sua expressão tão simples, infantil, mas ao mesmo tempo tão acertada, por ofender seu orgulho que repousa na consciência do entendimento. Não quer mais ser conduzido às cegas, mas cooperar em tudo com conhecimento conciente, afim de adquirir por *convicção* a elevação interior necessária para todas as coisas grandes. E isso *não é injusto!*



O homem *precisa* em seu desenvolvimento encontrar-se mais conciente na Criação do que até agora tem sido. E quando reconhecer com alegria que as expressões bíblicas em sua simplicidade tão estranha ao modo se sentir da atualidade aconselham justamente tudo o que êle aceita voluntariamente convicto pelo estudo das poderosas Leis da Natureza — então cairá como que uma venda de seus olhos. Encontrar-se-á comovido ante o fato de que sòmente repelira as antigas doutrinas por lhes haver emprestado falso significado, jamais tendo tentado com sinceridade e esforço penetrar em seu verdadeiro sentido, harmonizá-las com o modo atual de compreender as coisas.

Quer se diga: “Curvar-se humildemente à Vontade de Deus” ou “utilizar-se do modo de ser e de atuar das poderosas Leis da Natureza pelo conhecimento verdadeiro das mesmas”, isto não é, *senão que uma única e mesma coisa!*

O homem só pode utilizar-se das fôrças que conduzem à Vontade de Deus quando as estuda exatamente, isto é, quando as conhece e orienta sua ação por elas. Êsse ato, porém, de levá-las em conta e de orientar-se por elas, nada mais é, de fato, do que adaptar-se, logo, humilhar-se! *Não* ir *contra* elas, mas *com* elas. Sòmente quando o homem adapta sua vontade à qualidade da fôrça, dando-lhe assim a mesma direção, é que pode aproveitar-se de suas energias. Isso não significa dominar a fôrça, mas curvar-se humildemente à Vontade Divina. Quando o indivíduo atribue tantos fatos à própria inteligência ou às conquistas do saber, em nada modifica a veracidade das coisas, de que tudo não passa dum “descobrimento” (como lhe chamam) de resultados das Leis naturais existentes, logo, da Vontade Divina que ficou dêsse modo “reconhecida”, não sendo a aplicação dessa fôrça mais do que “sujeição” do homem a essa Vontade. Isto é incondicionalmente uma inclinação humilde ante a Vontade de Deus, um “obedecer”!

Passemos ao simbolismo! Todos os acontecimentos da Criação, isto é, da matéria, têm que chegar a uma conclusão em seu curso determinado, ou, como se diz vulgarmente, têm que fechar o círculo. Por êsse motivo, segundo as Leis naturais, tudo volta incondicionalmente ao ponto de partida onde sômente poderá encontrar sua conclusão, isto é, dissolver-se, dar por terminada sua atividade! Isso se dá com o conjunto da Criação como com qualquer criatura em particular. Daí se origina a ação recíproca incondicional que, por sua vez, ocasiona o simbolismo.

O fato de que toda ação precise terminar onde começou implica também que toda ação termine na mesma qualidade da matéria em que se originara, isto é, o que começa na matéria fina terminará igualmente nessa matéria, e o que teve princípio na grosseira aí voltará com suas últimas conseqüências. Os homens não conseguem ver o que se passa nos domínios da matéria fina, mas denominam simbolismo ao fim grosseiro de todos os acontecimentos. Isto lhes é perfeitamente visível, mas lhe falta a chave apropriada para a compreensão total, o comêço, que, na maioria dos casos, se encontra em uma vida anterior no mundo material grosseiro.

Conquanto nisso a porção maior dos acontecimentos da reciprocidade se processe apenas no mundo da matéria fina, o Karma, que dêsse modo se constitue e age, jamais poderá ficar solvido, se o fim de algum modo não se realizar no mundo de matéria grosseira, patenteando-se. O círculo só se pode completar com um fato visível correspondendo ao sentido da reciprocidade, o que resulta em completa absolvição, pouco importando se de acôrdo com o começo essa absolvição é boa ou má, produtora de felicidade ou de infelicidade, de bênçãos ou, pela absolvição, perdão das culpas. Êsse último efeito visível *tem que* realizar-se no mesmo lugar de origem, isto é, *nesse* homem que por qualquer ação provocou seu comêço. Jamais o efeito poderá ser evitado.

Quando, portanto, nesse meio tempo êsse indivíduo se tenha modificado internamente, tornando-se melhor do que no momento em que praticou o ato, a ação de retôrno não poderá lançar em sua pessoa raízes mui profundas. Não encontra mais terreno da igual-espécie na alma que se esforça para as alturas, que se tornou mais luminosa e por isso mais leve, de acôrdo com a Lei da gravidade espiritual<sup>(1)</sup>. A consequência natural é que um efeito obscuro ao se aproximar do ambiente luminoso do indivíduo em aprêço é dêle infiltrado e enfraquecido em sua energia. A-pesar-disso a Lei da circulação e da reciprocidade terá que realizar-se completamente na sua fôrça automática. E' impossível a revogação de qualquer Lei da Natureza.

Por êsse motivo uma ação recíproca de retôrno enfraquecida terá que atuar também *visivelmente* na matéria grosseira, de acôrdo com essas Leis imutáveis para, de fato, ser absorvida, isto é, apagada. O fim precisa voltar ao ponto de partida. Por causa do ambiente luminoso, porém, o Karma obscuro não pode causar males ao indivíduo implicado, acontecendo então que essa ação recíproca enfraquecida age de tal modo no *ambiente* próximo que o indivíduo atingido fica em situação de praticar voluntariamente algum ato correspondente sòmente ao sentido dessa ação recíproca. A diferença dos efeitos da corrente de retôrno consiste em não lhe produzir nenhuma dôr ou causar-lhe prejuizos, senão que algumas vezes alegria.

E' esta então uma solução *puramente simbólica* de muitos Karmas *pesados*, mas perfeitamente de acôrdo com as Leis da Criação dadas as modificações das condições da alma, agindo dêsse modo automaticamente. Por êsse motivo êsse processo permanece muitas vezes desconhecido para a maioria dos homens. O Karma ficou solvido, e a Justiça inquebrantável satisfeita em suas mais delicadas exigências.

---

(1) Dissertação N.º 6: *Destino*

Nesses processos evidentes, segundo as Leis da Criação, ha tão poderosa ação da Graça como sòmente a Oniciência do Criador poderia introduzir em sua Obra perfeita.

Ha muitas dessas soluções puramente simbólicas em conjunturas de ações recíprocas difíceis.

Tomemos um exemplo: um indivíduo de caráter autoritário e duro cumulou sôbre si um Karma pesado pelo exercício dessas qualidades com a opressão de seus semelhantes, Karma êsse que descreve em sua natureza o círculo, devendo por conseguinte, retornar sôbre êle por maneira mui reforçada. Ao se aproximar, de volta, essa corrente, — que pela Lei da atração dos de igual-espécie na matéria fina ficou talvez desmesuradamente reforçada — embeberá o ambiente de matéria fina da pessoa aludida por tal modo de sentimentos autoritários irrefreáveis, que atuará no ambiente de matéria grosseira com que a matéria fina se encontra em íntimas conexões, criando por êsse modo relações que irão obrigar o causador inicial a sofrer sob êsses sentimentos autoritários por maneira muito mais intensa do que fizera seus semelhantes padecer.

Mas se nesse meio tempo uma pessoa se eleva a um melhor reconhecimento, adquirindo pelo esforço honrado para a ascensão um ambiente mais luminoso e leve, é claro que isso modifica a maneira dos últimos efeitos. As trevas espêssas que voltam de retôrno são atravessadas em maior ou menor grau por essa Luz, de acôrdo com a fôrça luminosa do novo ambiente, tornando-se por isso mesmo paralelamente mais ou menos inofensivas. Se o autoritário primitivo conseguir elevar-se muito, isto é, no caso de uma vontade extraordinária do culpado para o bem, pode-se dar que a ação fique como que neutralizada, tendo que agir apenas de maneira que só aparentemente corresponde ao sentido dessa ação, como sendo um castigo. Admitamos que se trate de uma senhora. Bastará que em certa ocasião tire das mãos da em-

pregada a escôva para mostrar com toda a delicadeza de gesto como deve ser varrido o soalho. Mesmo que sejam poucos os movimentos assim praticados, já serão suficientes para o simbolismo do mais humilde serviço. Esta pequena ação ocasiona uma absolvição que precisava ser *visível* e que, a-pesar-de sua leveza, é capaz de dar remate a um pesado Karma.

Do mesmo modo a transposição do mobiliário de um único quarto pode tornar-se o símbolo do remate e suspensão de uma culpa cuja penitência ou ação recíproca exigiria uma transformação imensa e dolorosa. Êsses fatos resultam de algum modo das influências enfraquecidas da ação recíproca, ou os atos ocasionais são muitas vezes utilizados com habilidade pela direção espiritual afim de obter uma absolvição adequada.

Em tudo isso já deve ficar pressuposto que se operou uma extraordinária melhora e a transformação que se lhe prende das condições da alma; fatores êsses que, naturalmente, o astrólogo não consegue levar em consideração, com o que muitas vezes produz inquietação desnecessária com seus cálculos, ou mesmo um grande medo cuja fôrça só por si é capaz de produzir algo desagradável, com o que se realiza uma aparência do resultado dos cálculos que, se não fôsse êsse medo, teriam patenteado sua falsidade. Nestes casos o indivíduo abriu êle próprio com o seu medo uma porta em seu ambiente luminoso. Não lhe poderá vir nenhum auxílio uma vez que voluntariamente estende a mão através do envoltório protetor. E' sua própria vontade que desfaz de dentro para fora *qualquer* proteção, ao passo que de fora para dentro, sem sua própria vontade, nada poderá atravessar a Luz que o cerca.

Dêsse modo o menor favor prestado ao seu semelhante, um sentimento de compaixão sincero pelo próximo, uma única palavra afável, podem constituir soluções simbólicas

para um Karma, desde que o solo interior esteja devidamente preparado pela sincera vontade para o bem.

Isso naturalmente deve preceder; porque do contrário não poderíamos falar duma absolvição simbólica, pois tudo o que voltasse de retôrno atuaria em toda a sua plenitude. Mas logo que se estabelece no homem a vontade sincera para a ascensão, poderá observar como aos poucos a vida se intensifica em seu ambiente, como se fôsse posta em seu caminho a mais completa variedade de obstáculos, mas que são vencidos sempre com facilidade. Ha de perceber isso. Por fim ha-de vir o momento em que se verifica também mais tranqüilidade, ou em que todas as coisas servem visivelmente para auxiliá-lo também na ascensão material. Terá passado a época da penitência. Poderá entregar-se com gratidão alegre ao pensamento de ter-se livrado de muita culpa que por outro modo teria que remir dolorosamente. Acautele-se, então, para que os fios do Destino que continuamente tece por meio de seu querer e seu desejo sejam sempre bons, afim de que sòmente o bem continue a lhe tocar.

## A CRENÇA

A fé não é como a maioria dos denominados crentes a demonstra. A verdadeira fé só se origina quando a pessoa aprendeu perfeitamente o sentido das Mensagens Divinas, transformando-as em convicção natural, e, por consequência, viva.

Mensagens de Deus vêm pela Palavra de Deus, assim como por sua Criação. Tudo dá testemunho dêle e de sua Vontade. Logo que um indivíduo *experimenta* concientemente no seu íntimo a totalidade da existência em seu evoluir perpétuo, ficam sendo seus sentimentos, atos e pensamentos, uma única e jubilante confirmação de Deus. Então se acomodará; não malbaratará palavras a êsse respeito, mas se terá tornado uma personalidade que com essa adoração silenciosa de Deus, a que também se pode dar o nome de confiança em Deus, se encontra bem implantada na Criação. Não planará em devaneios fantasiosos, não se deixará arrebatado por êxtases, nem menos quererá permanecer exclusivamente no espírito, mas realizará com sentimento sadio e coragem sua missão terrena, empregando outrossim seu entendimento fresco como arma afiada que maneja com perícia nos possíveis ataques de que terá necessidade de defender-se, sem, naturalmente, cometer nenhuma injustiça. Não deve sofrer de modo nenhum, em silêncio, quando lhe assaquem injustiça. Do contrário iria sustentar e fortificar o mal.

Há porém uma grande quantidade de pessoas que apenas se *imaginam* crentes! A-pesar-de concordarem interior-

mente com a existência de Deus e de sua ação, temem o sorriso dos cépticos. E'-lhes incômodo, doloroso; passam em silêncio, com fisionomia e gestos de diplomatas, pelas conversações em que tratam dêsse assunto, fazendo com êsse enleio concessões contínuas aos opositores. Isso não é crença, mas apenas um *assentimento* interior. Com isso negam, na realidade, a seu Deus, a quem oram no recolhimento e de quem esperam com isso boas recompensas.

A falsa delicadeza em relação aos cépticos não pode encontrar desculpas de ser para os "crentes" o assunto "muito elevado e muito sério" para que possam consentir que o asse- diem com eventuais sarcasmos. Não merece semelhante conduta, igualmente, o nome de moderação, mas simplesmente covardia baixa! Agi finalmente pela palavra, de cujo espírito sois filhos! Sem receiar *ninguém*, com o orgulho que é próprio à filiação de Deus. Sômente assim os cépticos se- rão obrigados a refrear suas zombarias, indício exclusivo da incerteza em que se encontram. Agora, porém, as zombarias se fortificam com o proceder tímido de muitos "crentes".

Êsses indivíduos se enganam a si próprios porque em- prestaram à palavra "crença" um significado inteiramente diferente do que o vocabulário o exige. A crença precisa ser *viva*, isto é, precisa ser mais convicção, precisar transformar-se em ato! E em ato se transforma logo que penetre por tudo, o sentimento todo, o pensamento e as ações. E' preciso que se manifeste de dentro para fora em tudo que faz parte do homem, que se torne um fato evidente. Não a devemos ter como um escudo ou uma simples aparência, mas tudo o que se manifesta exteriormente deve ser exclusivamente a irra- diação natural do núcleo espiritual interior. Popularmente falando a verdadeira crença deve ser uma fôrça que, irra- diando do espírito do homem penetre em seu sangue e em sua carne, tornando-se ùnicamente fato natural. Nada de arti- ficial, ou forçado, ou aprendido, mas apenas Vida!



Contemplai muitos dêsses crentes: afirmam a sua crença na sobrevivência depois da morte, e aparentemente dirigem seus pensamentos de acôrdo com essa suposição. Mas se se lhes oferece alguma oportunidade de obter uma prova extraordinária dessa vida do Além, fora da mais simples e trivial observação, — eis que se mostram aterrorizados ou profundamente abalados! Com isso demonstram, porém, que fundamentalmente não estavam convencidos dessa vida do Além, porque a não ser assim uma tal prova ocasional lhes deveria parecer mui natural. Não deveriam, portanto, nem ficar espantados nem abalados.

Ao lado dêsse ha ainda numerosos fatos que demonstram claramente quão pouco crentes são realmente os denominados crentes. A crença neles não é dotada de vida!

## BENS TERRENOS

Freqüentemente se levanta a questão se o homem deve separar-se dos bens terrenos ou desprezá-los quando se esforça para proveitos espirituais. E' tolice formular sequer semelhante princípio. Quando se diz que os homens não devem ter pendor para bens terrenos uma vez que se esforcem pelo Reino do Céu, não implica isso que devem distribuir ou jogar fora seus bens, para viver na miséria. O homem deve e pode gozar alegremente do que Deus lhe concedeu em sua Criação. "Não ficar pendente" dos bens terrenos quer dizer apenas que o indivíduo não se deve deixar arrastar sômente pelo amontoamento dos bens materiais como fim supremo de sua existência, ficar portanto "pendendo" predominantemente dêsse pensamento. Semelhante atitude o desviaria com toda a certeza de intuitos mais elevados. Não teria para isso nenhum tempo disponível e ficaria de fato dependendo em todo o seu ser dêsse único fito de adquirir bens terrenos. O resultado será sempre o mesmo quer o faça por amor dos próprios bens, ou pelo prazer ministrado pela posse, ou por fins de outro natureza. Com isso o indivíduo pende e se ata ao puramente terreno, com o que perde a visão para as alturas, não podendo mais progredir.

Essa concepção errônea de que bens terrenos estão excluídos dos esforços espirituais para as alturas, arrastou consigo também o conceito insensato de que todos os esforços espirituais nada têm que ver com os bens da Terra quando querem que êsses esforços sejam considerados sin-

ceros. A humanidade jamais adquiriu consciência de quanto se prejudicou com isso.

Desvirtuam com isso o espiritual, isto é, o que de mais elevado lhes pode ser concedido; porque, com uma pretensão de tal ordem, todos os esforços espirituais deveriam estar a mercê de sacrifícios e dádivas como sucede para com os *mendigos* e assim a mesma atitude que se tem para com êstes se introduz, imperceptivelmente, também na aplicação dos esforços espirituais. Não poderão os empreendimentos espirituais, com isso, jamais adquirir a estima a que têm direito.

Por êsse mesmo motivo deverão trazer êsses esforços em si o gérmen da morte por não se firmarem nos próprios pés, dependendo exclusivamente da boa vontade dos homens. Justamente para proteger e defender ante a humanidade aquilo que têm de mais sagrado, o Espiritual, não devem os que se esforçam verdadeiramente desprezar os bens terrenos! Devem empregá-los no mundo da matéria grosseira como escudo, afim de poder usar armas da mesma espécie. Seria uma situação anômala se, na época dos materialistas, os que se esforçam por progredir espiritualmente desprezassem a arma mais poderosa de seus antagonistas sem escrúpulos! Seria uma leviandade que acarretaria conseqüências perigosíssimas.

Por êsse motivo, crentes verdadeiros, não desprezai os bens terrenos que só poderão ter sido criados pela Vontade do Deus a quem procurais honrar! No entanto não vos deixeis adormentar pela comodidade que a posse dêsse bens pode trazer consigo, mas dai-lhes um emprêgo conveniente.

O mesmo se dá com o dote especial dessas fôrças que servem para cura de várias doenças, ou com outras qualidades igualmente benéficas. Pelo modo mais ingênuo, ou, digamos com mais acêrto, desavergonhado, pressupõe os

homens que essas qualidades lhes são postas à disposição gratuitamente porque são uma dádiva especial do Espiritual, afim de que as exercitassem. Alguns indivíduos vão mesmo ao ponto de esperar algum especial regozijo quando êles “condescendem” na maior necessidade em aceitar auxílios dessa natureza. Semelhantes homens devem ser excluídos de qualquer ajuda, mesmo que fôsse êsse o único meio que ainda lhes pudesse trazer salvação.

Os indivíduos assim dotados devem, porém, aprender em primeiro lugar a saber prezar as dádivas de Deus, para que as pérolas não continuem a ser jogadas aos porcos. Para prestarem auxílios verdadeiramente sinceros necessitam de *muito mais* fôrça corpórea e de matéria fina, assim como de tempo, do que um jurista para sua melhor oração de defesa ou um médico em muitas visitas de sua clínica, ou um pintor para criação dum quadro. Ninguém se lembraria de aconselhar ao jurista, ao médico ou ao pintor que desenvolvesse suas atividades sem remuneração alguma, a-pesar-de ser também a aptidão necessária para essas profissões nem mais nem menos do que uma “dádiva de Deus”.

Jogai fora, portanto, êsses trapos de mendigo e mostrai-vos finalmente com o vestuário a que tendes direito.

## A MORTE

A morte é algo em que todos os homens crêm, sem exceção. Todos estão convencidos de que virá. E' um dos poucos fatos a respeito do qual não existe a menor disputa ou ignorância. Mas a-pesar-de já contarem todos os homens desde os mais tenros anos que hão-de morrer algum dia, procura a maioria sempre afastar o pensamento de semelhante questão. Muitos ficam mesmo enfurecidos quando falam nisso em sua presença, outros evitam cuidadosamente visitar cemitérios, desviam-se de enterros e procuram apagar com maior pressa possível qualquer impressão deixada pelo encontro de algum séquito fúnebre, que porventura se tenha dado. A isso acresce sempre um mêdo oculto de serem surpreendidos algum dia pela morte. Um pavor indeterminado os arreda sempre de se aproximarem com pensamentos sinceros dêsse fato inevitável.

Não ha outro acontecimento que como êsse, a-pesar-de inevitável, seja sempre tão afastado do pensamento, mas não ha igualmente nenhum outro, a não ser o nascimento, que tenha tamanha importância na vida terrena. E' muito para ser notado que os homens queiram ocupar-se tão pouco justamente com o começo e o fim de sua vida, ao passo que procuram emprestar significação profunda a outros acontecimentos, até mesmo de importância secundária. Investigam e quebram o pensamento a respeito de muitos fatos intermédios com muito mais freqüência do que o fazem sôbre o que lhes poderia dar explicação de tudo: o começo e o fim de sua passagem pela Terra. A morte e o nasci-

mento se encontram tão intimamente ligados porque um é a conseqüência do outro.

Quão pouca importância atribuem à geração! Raramente encontramos nesse assunto algo digno do ser humano. Justamente neste particular os homens preferem identificar-se com os animais, sem conseguirem, porém, manter a naturalidade e inocuidade como êstes. Isso lhes empresta uma posição de *inferioridade* em relação aos animais, porque êsses agem de acôrdo com a posição que ocupam na Criação, ao passo que o homem não consegue, ou não o quer, colocar-se onde de direito devia estar. Degrada-se muito, admirando-se depois quando em muitos pontos a humanidade regride progressivamente. Os usos por ocasião de núpcias são perfeitamente apropriados a fazerem do casamento um ato exclusivamente terreno. Chegam mesmo em alguns casos a ponto de indivíduos sérios e rigorosos desejarem afastar-se enojados de muitas particularidades que sem nenhuma dúvida inculcam relações exclusivamente terrenas. Os festejos de casamento nas classes baixas, assim como nas superiores, degeneram em muitos casos em simples alcovitice regularizada, cuja freqüência os pais concientes de sua elevada responsabilidade deviam negar a seus filhos. Os jovens e as moças, porém, que nas cerimônias e costumes de semelhantes festas não sentirem uma certa repulsa por tudo isso e que não se afastarem por êsse motivo do que se está realizando, devem ser considerados como pertencentes ao mesmo baixo nível e não mais tomados em consideração. E' como se os homens procurassem neste particular enganar-se a si próprios com o efeito narcotizante de algum veneno, afim de que não fôssem obrigados a pensar sôbre o assunto.

Quando, por conseqüência, a vida terrena se encontra construída em bases tão frívolas como já se tornou uso e costume, é fácil compreender que procurem também iludir-se a respeito da morte, esforçando-se patolôgicamente

por não pensar nisso. Êsse gesto de afastar de si todos os pensamentos sérios se encontra em íntimas conexões com a situação baixa do ato de geração. O mêdo indeterminado que acompanha o homem durante toda sua vida terrena como uma sombra, se origina em grande parte da completa consciência da injustiça que existe no proceder superficial que tanto desvaloriza a dignidade humana. E quando os homens não mais podem adquirir tranqüilidade, apegam-se finalmente convulsiva e artificialmente ao engano próprio de que ou tudo se acaba com a morte — com o que demonstram a consciência de sua desvalia e da covardia relativa a uma provável responsabilidade moral — ou à esperança de que não são muito peores do que os outros homens.

Todas essas imaginações, porém, não modificam em um átomo sequer o fato de que a morte terrena lhes virá inexoravelmente! Cada dia, cada hora, a traz para mais perto! Causa pena ver muitas vezes os últimos momentos da maioria dos que teimavam em tentar negar a responsabilidade de uma vida futura, quando se lhes apresenta a grande e angustiada pergunta, o que vem demonstrar como se encontram transviados com suas convicções. De pouco lhes valerá, porém, por ser apenas covardia que os faz ver de súbito, alguns momentos antes de darem o passo decisivo ao se despedirem da vida terrena, a possibilidade de uma sobrevivência, e, com esta, a da responsabilidade moral! O receio, porém, o mêdo e a covardia tão pouco admitem a diminuição ou neutralização dos efeitos incondicionais da reciprocidade, como a teimosia. Não é assim que se adquire a compreensão dos fatos, isto é, o conhecimento. A sisudez do entendimento — pelo mêdo — ainda nas últimas horas faz o moribundo pensar na tolice de querer ficar apegado ao entendimento; e isso quando o indivíduo de matéria fina sobrevivente atingiu um certo grau de libertação do corpo gorsseiro, de fórmula a emprestar-se a vida intuitiva, nesse

estado de dissociação, a mesma fôrça de que dispõe o entendimento, a que até então estava sujeito.

Nada lucraram com isso! Colherão o que semearam na vida terrena com seus pensamentos e ações. Nada será melhorado, nem mesmo modificado. Irremissivelmente serão arrastados à engrenagem severa das Leis operantes da Reciprocidade, para experimentarem no mundo da matéria fina os efeitos de seus erros, isto é, os pensamentos e as ações oriundas das convicções falsas. Têm razões bastantes para temerem a hora da separação do corpo de matéria grosseira que por alguns momentos lhes serviu de muro protetor contra muitos acontecimentos da matéria fina. Semelhante muro lhes foi concedido por algum tempo para que pudessem em sossêgo imperturbado modificar muita coisa para melhor, e até mesmo adquirir a salvação, o que, sem êsse muro, não conseguiriam.

Duplamente lastimável, sim, dez vezes lastimável, é a situação dos que malbarataram essa ocasião favorável que lhes fôra concedida de uma vida terrena, na frivolidade de uma auto-ilusão, semelhante à embriaguez. A inquietação e o mêdo são, por conseqüência, bem fundados em muitos indivíduos.

Bem diverso se dará com os que não malbarataram seu tempo da existência terrena e que ainda souberam aproveitar a ocasião, conquanto à última hora, porém, não por mêdo ou por angústia, para penetrarem na estrada da ascensão espiritual. Levam para o mundo de matéria fina sua vontade sincera de pesquisar como o bordão que lhes facilita a caminhada. Podem sem preocupação empreender a passagem do mundo de matéria grosseira para o de matéria fina a todos inevitável, pois que todas as coisas transitórias, como os corpos de matéria grosseira, terão que passar algum dia. Podem saudar a hora dessa libertação, pois constitue para êles um progresso incondicional, pouco im-



portando o que têm que viver ainda na vida de matéria fina. O bem os fará felizes; as coisas pesadas se lhes tornarão leves, porque o auxílio da boa vontade é mais poderoso do que êles próprios imaginam.

O processo da morte nada mais é do que o nascimento na mundo da matéria fina, análogo ao nascimento no mundo de matéria grosseira. Durante algum tempo, depois do passamento, o corpo de matéria fina continua atado ao de matéria grosseira como se o fôsse por um cordão umbilical, que é tão menos firme quanto mais elevado tenha sido o desenvolvimento da alma em sua existência terrena, dando-se assim a transição para o Reino de Deus. Quanto mais se prende à Terra por sua vontade, isto é, na matéria grosseira, não querendo saber da persistência da vida no outro mundo, tanto mais forte será esse cordão constituído por sua própria vontade, que o liga ao corpo de matéria grosseira, sendo também espêso seu corpo de matéria fina de que necessita como vestuário próprio do espírito no outro mundo. Quanto mais espêso, porém, for seu corpo de matéria fina, tanto mais pesado será, de acôrdo com as Leis existentes, e, conseqüentemente, mais escuro. Ser-lhe-á difícil separar-se do corpo de matéria grosseira, em virtude dessa grande semelhança e da afinidade íntima que mantém com toda a matéria grosseira, — de maneira que acontecerá padecer igualmente as dores que podem afetar aquele, assim como todo o processo de declínio e de decomposição. Não fica igualmente insensível com a cremação. Quando por fim consegue separar-se dêsse cordão que o prendia, cairá no mundo de matéria fina até chegar ao ambiente correspondente ao seu pêso e espessamento. Mas nessa altura só encontrará congêneres, em igualdade de pêso. E' fácil compreender que a existência nestas condições é peor do que a do corpo grosseiro na vida terrena, porque no mundo de

matéria fina os sentimentos intuitivos, persistem *completos* e sem serem entravados em sua atividade.

Por outro modo se passa com os indivíduos que em sua existência terrena já iniciaram a ascensão para o que é nobre. A libertação lhes é muito mais fácil porque trazem em seu íntimo a convicção da transição para o mundo da matéria fina. O corpo de matéria fina, e, com êsse, o cordão que o prende, não são espessos, contribuindo essa diferença para que fiquem estranhos ao corpo de matéria grosseira, processando-se a libertação mui rapidamente, de fôrma que o corpo de matéria fina durante a denominada agonia da morte ou as últimas contrações musculares do corpo de matéria grosseira já se encontra há muito tempo *ao lado* dêste, se é que se pode falar em agonia da morte no falecimento normal de semelhantes indivíduos. As condições frouxas e muito tênues da união, não permitem que o indivíduo de matéria fina sinta a menor dôr, porque êsse cordão em sua fragilidade não pode transmitir nenhum sentimento doloroso de uma matéria para outra. Parte-se, do mesmo modo, muito mais rapidamente, por causa de sua fragilidade, de fôrma que o corpo de matéria fina em tempo muito mais curto se liberta, ascendendo para as alturas constituidas por elementos igualmente leves e finos. Aí só encontrará, mais uma vez, os que forem dotados de igualdade de sentimentos, recebendo paz e felicidade nessa vida de sentimentos intuitivos elevados. Um tal corpo de matéria fina, mais leve e menos espesso, parece naturalmente mais claro e luminoso, até que atinge uma tal delicadeza que o espírito, puro que se encontra em seu íntimo começa a traspassá-lo com suas irradiações, antes de passar como pura irradiação luminosa ao Puro-espírito-enteal.

As pessoas que cercam um moribundo devem se precaver para não se entregarem a grandes lamentações. Por essa demonstração muito grande de dôr pela separação, o

indivíduo em vias de libertação ou o que talvez já se encontra ao lado do corpo de matéria grosseira, poderá ser atingido, ouvindo ou sentindo tudo o que se passa. Sendo despertado nele o desejo ou a compaixão de dizer algumas palavras de consôlo, ficará dêsse modo atado novamente pelo desejo de se fazer *compreendido* pelos que tanto se lastimam. Para que seja compreendido na Terra só o conseguirá por intermédio do cérebro. O esforço condiciona uma ligação íntima com o corpo de matéria grosseira, o que traz como conseqüência não sòmente unir-se mais uma vez ao corpo de matéria grosseira um corpo de matéria fina que se encontrava em vias de libertação, como ser também arrastado um indivíduo que se encontrava ao lado já libertado, voltando assim novamente ao corpo de matéria grosseira. O resultado final é voltar a sentir todas as dores de que já se libertara. A nova libertação torna-se então muito mais difícil, podendo mesmo durar dias. Então estabelece-se a chamada agonia demorada que é, de fato, dolorosa e difícil para o que deseja libertar-se. A culpa é dos que com suas dores egoistas fizeram-no voltar de sua marcha evolutiva. Com essa interrupção do curso normal estabelece-se um novo laço, mesmo que seja apenas a tentativa fraca para concentrar-se para comunicar-se. Não é muito fácil ao que não tem experiência precisa, libertar-se dêsses laços anti-naturais. Não poderá receber auxílios, porque êle próprio desejou a nova ligação. Essas ligações podem estabelecer-se com facilidade enquanto o corpo de matéria grosseira ainda não esfriou e o cordão persiste, o que pode durar por algumas semanas. Isso constitue, portanto, um martírio desnecessário para o que parte, e grosseria e falta de atenção dos que ficam. Por êsse motivo deve imperar a maior calma e silêncio no quarto do moribundo, seriedade à altura da importância do momento. Devem ser afastadas as pessoas que não se puderem conter, mesmo que sejam parentes próximos do moribundo.

## FALECIDO

Sem compreensão e solitária encontra-se uma alma no quarto da morte. Não compreende, porque o indivíduo que se encontra no leito da morte, durante a sua vida terrena recusou-se a acreditar na sobrevivência depois da libertação do corpo de matéria grosseira, e, por consequência, nunca se ocupou sèriamente com essa idéia, zombando de quantos falassem nesse assunto. Desorientada olha em tórno de si. Vê-se no leito de morte; contempla em tórno de si pessoas conhecidas que choram; ouve o que dizem, e sente do mesmo modo as dores manifestadas nas lamentações por sua morte. Deseja rir e exclamar que ainda vive! Exclama! e se admira porque não a ouvem. Uma e outra vez torna a gritar, com fôrça cada vez maior. Os homens não atendem; prosseguem em suas lamentações. Começa então, a manifestar mêdo. Ouve perfeitamente a sua voz e sente o seu corpo. Mais uma vez grita angustiosamente. Ninguém lhe dá atenção; contemplam por entre as lágrimas o corpo imóvel, que ela reconhece como sendo seu, mas que de súbito considera como algo estranho, que lhe não pertence mais, porque se encontra ao lado de seu corpo, livre de tôda a dôr que até então sofreu.

Chama sua mulher pelo nome, amorosamente, vendo-a ajoelhada aos que até ha pouco era seu leito. O pranto não cessa; nenhuma palavra, nenhum movimento, demonstra que ela ouvisse. Desesperado avança e sacode-a pelos hombros. A mulher não o sente. Ignora que pegou o corpo

de matéria fina de sua mulher sacudindo-o e não o de matéria grosseira, e que sua mulher que, do mesmo modo que êle, nunca imaginara que houvesse uma vida além da do corpo material terrestre, não pode sentir o seu toque em seu corpo de matéria fina.

Fica então tomado de um pavor indizível. A fraqueza do abandono o lança por terra; sua consciência desaparece.

Uma voz conhecida o faz acordar depois a pouco e pouco. Contempla o corpo que trazia na Terra cercado de flores. Deseja afastar-se, mas lhe é impossível libertar-se dêsse corpo imóvel e frio. Percebe claramente que ainda se encontra ligado a êle. Mas nisso percebe mais uma vez a voz que o despertou da sonolência. E' seu amigo que fala com outra pessoa. Ambos trouxeram uma coroa, e acham-se em palestra por ocasião de colocarem essa coroa. Ninguém mais se encontra a seu lado. O amigo! Deseja então comunicar-se, assim como a essa outra pessoa que várias vezes hospedara, juntamente com êsse amigo. Quer dizer-lhes que a vida, por maneira exquisita, ainda não o deixou; que ainda percebe tudo o que falam. Exclama! Mas o amigo se vira plâcidamente para o companheiro e continua a conversar. No entanto *aquilo que* êle fala atravessa como um susto por seus membros. E' *assim* seu amigo. E' assim que se refere à sua pessoa! Recolhe cheio de espanto as palavras dêsses dois indivíduos com quem tantas vezes pandegara e rira, que só sabiam dizer boas palavras enquanto se encontravam à sua mesa e frequentavam sua casa hospitaleira.

Afastaram-se. Vêm outros. *Como* podia reconhecer agora os homens! Muitos dos que estimava tanto só lhe despertam agora repulsa e cólera, desejando contudo estender a mão agradecida a muitos a quem nunca prestara atenção. Não o ouvem, porém; não o sentem, a-pesar-de fazer esforços exaltados e gritar afim de demonstrar que vive! —

Com grande séquito conduzem então o corpo à sepultura. Senta-se a alma escanchada em seu esquite. Amargurada e desesperada só pode ainda rir — rir! Mas o riso dá lugar de novo ao mais profundo desalento, e grande solidão cai sobre ela. Cansou-se; dorme. — — —

Ao acordar encontra tudo escuro em tórno. Ignora por quanto tempo dormiu, mas percebe que não mais deve encontrar-se ligado ao seu corpo terreno. Está livre, mas livre nas Trevas que pesam de modo singular sobre ela.

Grita. Nenhum som. Não houve sua própria voz. Torna a cair gemendo, mas bate duro com a cabeça em uma pedra aguda. Ao acordar de novo, depois de muito tempo, encontra as mesmas Trevas, o mesmo silêncio sinistro. Quer saltar, mas os membros se lhe tornam pesados, negando-se a auxiliá-lo no salto. Com toda a força ministrada pelo desespêro ansioso, decide-se, e avança cambaleando para um e para outro lado. Cai freqüentes vezes; fere-se; vai de encontro à direita e à esquerda em pedras ponteagudas, mas não pode deter-se, porque um impulso poderoso o leva para diante, a apalpar continuamente e a procurar. Que procura, porém? Seu pensamento se encontra confuso, cansado e em desespêro. Procura algo que não pode compreender. Procura!

E' levado para diante; cada vez mais para diante, até cair mais uma vez, para mais uma vez levantar-se e prosseguir em sua marcha. Passam-se anos dêsse modo, decênios, até que encontra lágrimas, soluços que lhe abalam o peito e ... desprende-se um pensamento, uma súplica, um grito de uma alma fatigada que deseja pôr termo a êsse desespêro sombrio. O grito do mais indizível desespêro e da dôr sem esperanças gerou o primeiro pensamento no desejo de libertar-se dessa situação. Procura reconhecer o que o trouxe a essa situação horrível, o que o obriga a vagar por modo tão cruel na escuridão. Sente em tórno de si, ro-

chas abruptas! Será isso ainda a Terra ou talvez o outro mundo em que nunca pudera acreditar? O outro mundo! Estava morto para a Terra, e no entanto vivia, se é que podia dar o nome de vida a êsse estado. Torna-se difícilimo continuar a pensar. Prossegue cambaleando e procurando. Novamente passam-se anos. Sair dessas Trevas! O desejo se transforma num impulso incontido, do qual se origina anelo ardente. Anelo, porém, é o sentimento intuitivo puro que se liberta do impulso grosseiro, brotando finalmente numa oração. Esta oração do anelo íntimo surge finalmente como uma fonte, e uma paz quieta e benfazeja, e uma humildade e submissão apossam-se de sua alma. Ao se levantar para prosseguir em sua peregrinação, uma corrente ardorosa de vida percorre seu corpo, pois o crepúsculo o cerca então, sendo-lhe possível ver súbitamente! Reconhece muito longe uma luz, semelhante a um archote, que o saúda. Cheio de júbilo estende os braços para lá, e repassado de felicidade ajoelha-se agradecendo, agradecendo do íntimo do coração a quem lhe concedeu a luz. Com novas fôrças marcha, então, em direção a essa luz que não se lhe aproximou mais, mas que ainda espera alcançar mesmo que para isso necessite de centenas de anos. Era possível que se repetisse o que lhe havia acontecido, transportando-o finalmente da pedreira em que se encontra para região mais quente e luminosa, se nesse sentido, implorasse com modéstia.

“Meu Deus, ajuda-me!” murmurou do íntimo do peito esperançoso, e, oh! júbilo! Ouviu novamente sua voz! Fraca, é certo, porém, ouvira! A alegria por êsse fato emprestou-lhe novas fôrças para progredir. —

E' êsse o começo da história de uma alma no mundo da matéria fina. Não se pode dizer que houvesse sido uma alma ruim. Tinha passado, até, por muito boa durante o tempo em que se encontrara na Terra. Tratava-se de um

grande industrial, ocupadíssimo, e sempre esforçado para cumprir fielmente todas as leis terrenas.

Acrescentemos ainda uma explicação: o indivíduo que durante sua vida terrena não quer saber que a vida perdura depois da morte e que terá que responder por todas as suas ações, (e isso a seu modo), que não concorda com a concepção terrena atual, ficará no domínio da matéria fina surdo e cego logo que aí penetre. Sòmente enquanto ainda se encontra ligado ao seu corpo de matéria grosseira, por dias ou semanas, é que poderá temporariamente perceber o que lhe passar em redor.

Uma vez, porém, separado dêsse corpo de matéria grosseira que se decompõe aos poucos, perderá essa possibilidade. Não ouve nem vê. Não se trata de um castigo, mas é muito natural porque não *quís* ouvir nem ver nada a respeito do mundo de matéria fina. Sua própria vontade, que pode dar fôrma rapidamente à matéria fina, impede que seu corpo de matéria fina possa ouvir ou ver, e isso por tanto tempo em que não se operar nessa alma uma transformação lenta. O caso é sempre o mesmo, quer demore anos, ou decênios, ou talvez mesmo séculos. Os indivíduos ficam entregues completamente à sua vontade. O auxílio, também, só lhe virá, quando ansiar por êle. Jamais antes. Jamais será obrigado.

A luz que essa alma, que adquiriu visão, saúda com tanta alegria, encontrava-se sempre alí. A questão é que não podia vê-la antes. Ela é mesmo mais forte e mais clara do que a alma antes cega, a tinha imaginado. O *modo* porque consegue percebê-la depende exclusivamente de seu estado. Não vem ao seu encontro um passo sequer, mas lá se encontra! Poderá gozá-la a qualquer momento, se o de-sejar sincera e humildemente.

Mas toda essa explicação só é válida para *uma espécie* de almas. Não serve para todas as almas humanas. Nas



Trevas e em seus planos, não está a luz. Não é possível que ainda nessa região a alma que deseja progredir possa alcançar a visão da luz. Terá necessidade de ser conduzida primeiramente para fora dêsse ambiente que a detém.

E' certo que poderemos denominar de dolorosa, semelhante situação da alma, — em virtude do grande mêdo de que se vê apoderada, e da nenhuma esperança interior, — mas ela mesma não o quis de outra maneira. Apenas recebe o que ela própria ocasionara. Não quis saber de uma vida conciente depois da existência terrena. A alma não consegue com isto extinguir a persistência da vida, mas com êsse modo de pensar constroe essa alma uma planície estéril de matéria fina em tórno de si, enfraquece os órgãos dos sentidos do corpo de matéria fina, de fôrma a não ver nem ouvir por intermédio dêsse corpo, até que... *ela* se oriente por outra fôrma.

São essas as almas que encontramos hoje aos milhões sôbre a Terra, e que afora o não quererem saber da vida eterna ou de Deus, ainda podem ser denominadas *decorosas*. As outras, as que querem o mal, certamente terão de sofrer muito mais. Não falaremos, porém, destas, mas apenas dos chamados indivíduos *decentes*. —

Quando se diz que Deus estende sua mão como *auxílio* significa-se com isso a *palavra* que envia aos homens, onde lhes mostra como se podem libertar das culpas em que se enlearam. Sua graça encontra-se prèviamente contida em todas as grandes possibilidades oferecidas aos espíritos humanos na Criação para que as utilizem. Essas são inumeráveis, muito mais do que o homem moderno o supõe, porque nunca se ocupa sèriamente com isso, como o devia, mas apenas por passatempo ou com intuítos vaidosos ou egoistas.

Mas logo que os espíritos humanos reconhecerem o verdadeiro valor da Palavra de Deus, sua profunda serie-

dade, tornar-se-ão capazes das maiores realizações na Criação. Até então têm preferido sempre seu próprio saber, ficando tudo, por êsse motivo, fragmentado no grau mínimo em relação com a essência da Palavra de Deus, a qual mais uma vez procuram afastar atualmente por não reconhecê-la, pois nenhum homem conhece o *verdadeiro* valor da Mensagem do Gral. Ninguém sôbre a Terra, nem mesmo quando imagina conhecer-lhe o sentido, nem mesmo quando já aúfere as vantagens espirituais adquiridas pelo conhecimento parcial da mesma... *não* conhece seu verdadeiro valor, não o aprendeu na centésima parte sequer! Isso quem o diz sou eu, o Portador da Mensagem. *Não* saibéis o que tendes em mãos!

E' o caminho, a porta e também a chave que vos conduz à *Vida!* À vida que não pode ser avaliada, nem comprada, nem por todos os tesouros da Terra, nem por todos os do Universo. *Bebei-a* agora na Mensagem que vos é apresentada. *Tirai* do bem infável que se vos oferece. Aceitai-a como ela é, mas sem pesquisar e fazer subtilizações *a seu respeito*. Criticar não traz nenhum proveito. Não é essa *Mensagem* que deveis procurar tornar compreensível, mas vosso trabalho é arranjar-lhe simplesmente um *lugar* no meio de vossa alma. Alí, sim, deveis procurar e investigar o que não ajuda a enfeitar o espaço quando a Mensagem tiver que receber acolhida em vosso íntimo. Precisareis descobrir o que ainda serve de obstáculo nesse espaço, que deveis transformar em um templo. Criai em vosso íntimo êsse templo, mas sem tocardes em minha Mensagem. Quem assim proceder será ajudado!

## MILAGRES

A explicação se encontra na própria palavra. O milagre é um acontecimento que infunde espanto nos homens. E' algo que êles consideram impossível, isto é, apenas *julgam* por êsse modo, porque a realização do milagre já é a demonstração de que não era impossível.

*Não ha* milagres na acepção de muitos crentes em Deus. Êsses consideram um milagre como algo estranho às Leis da Natureza, e até mesmo por algo que se opõe a essas próprias Leis. E' nisso que vêem a ação de Deus! Um milagre, para êles é um ato que só é possível de ser praticado por seu Deus, que nisso, justamente, mostra sua graça particular, empregando ai sua Onipotência.

Os coitados compreendem por Onipotência, erroneamente, a possibilidade de atos arbitrários, e por milagres êsses tais atos. Não consideram quanto diminuem Deus por êsse modo, porque essa espécie de milagres não teria nada de divino.

Na Atuação Divina encontra-se principalmente uma Perfeição incondicional, sem erros, sem lacunas. E perfeição condiciona a mais rigorosa lógica, consequência infalível em todas as relações. Um milagre, portanto, só se processa na mais inquebrantável consequência. A diferença está apenas em que no milagre o processo natural da evolução — que, segundo os conceitos terrenos, levaria mais tempo, — se realiza como de costume, mas com uma rapidez tão grande, quer seja pelo poder concedido especialmente a

um indivíduo quer por outro meio qualquer, que, em virtude da extraordinária rapidez dos acontecimentos, os homens o denominam de milagroso, ou, numa palavra, de milagre.

Pode também ser algo que pela conjunção das forças ultrapasse a atual evolução, mas jamais consistirá de um processo que se opere fora das Leis naturais existentes ou em oposição a elas, isto é, justamente o contrário do que imaginam muitos crentes, porque no momento em que essa impossibilidade se realizasse perderia tudo o que tem de divino para ser um puro ato arbitrário. Não é divino tudo o que carece de um conseqüência severa. Todo milagre é um processo incondicionalmente natural, apenas dotado de uma rapidez espantosa e de força concentrada. Jamais poderá dar-se algo que não seja natural; é inteiramente impossível.

Quando se opera cura de doenças consideradas incuráveis, não se dá nenhuma alteração nas Leis naturais, mas apenas ficam patenteadas as grandes falhas do saber humano. Isso deve levar-nos a reconhecer como uma graça do Criador o fato de serem alguns indivíduos aqui e ali dotados de um poder especial que pode ser revertido em benefício das criaturas padecentes.

Serão sempre os que se conservam apartados das presunções da ciência porque o saber que se encontra preso pelos entraves terrenos não deixa desenvolver-se a faculdade que conduz a um saber superior.

O saber preso à Terra quer afirmar-se pelo esforço, mas jamais consegue apreender com pureza, isto é, com a simplicidade das crianças. Mas as forças que nos chegam libertadas dos moldes do espaço e do tempo nunca podem ser conquistadas à força, mas apenas recebidas!

Sòmente essa condição mostra o que é o mais valioso e forte, logo, o mais verdadeiro!

## O BATISMO

**S**e o batismo de uma criança é feito por um sacerdote que considera a cerimônia apenas como um dever de ofício, ficará inteiramente sem valor, sem produzir nem benefícios, nem prejuízos. No batismo de uma pessoa adulta, pelo contrário, sua receptividade interior contribue para que seja recebido algo espiritual, na medida de seu grau de fôrça e pureza.

Na criança a crença do que batiza só pode ser considerada como meio para um fim. Conforme a fôrça e a pureza dessa crença recebe a criança com a cerimônia uma certa fortificação espiritual, assim como um amparo contra correntes nocivas.

O batismo é um ato que não pode ser realizado com eficácia por quem quer que seja indicado pelos dirigentes das igrejas. Para isso faz-se mister de um indivíduo que se encontre em ligação com a Luz. Sòmenete êsse pode transmitir a Luz. Mas essa aptidão não é adquirida pelo estudo terreno nem pela consagração religiosa ou hierática; não se encontra em conexões com os hábitos terrenos, mas é exclusivamente uma dádiva do Altíssimo.

Quem recebe essa dádiva torna-se um escolhido! Esses não são numerosos, porque a dádiva condiciona um terreno correspondente no indivíduo que a recebe. Se não houver essas condições preliminares não poderá haver a comunicação com a Luz. Esta não consegue baixar em terreno duro ou com tendências a apartar-se dela, porque êsse aconteci-

mento, como tudo o mais da grandiosa Criação, se encontra submetido severamente às Leis primordiais que por tudo penetram.

O escolhido, porém, consegue de fato transmitir pelo batismo Fôrça e Espírito à pessoa batizada, de fórmula a receber o batismo êsse valor que exprime simbòlicamente. Em todo caso deveria sempre ser reservado o batismo sòmente às pessoas que têm plena consciência de seus efeitos e que o desejam ardorosamente. Exige, portanto, certo amadurecimento de espírito e a deliberação voluntária do que vai ser batizado, assim como exige que aquele que administra o batismo seja dos escolhidos para que a cerimônia adquira completo valor.

João Batista, considerado hoje por todas as Igrejas Christãs como verdadeiro escolhido, tinha como maior inimigo o grupo dos escribas eruditos e dos fariseus que se imaginavam naquele tempo como os escolhidos prediletos. O povo de Israel daquele tempo *era* o povo escolhido. Sôbre êste ponto não ha a menor dúvida. Era em seu meio que devia realizar sua obra terrena o Filho de Deus. Mas com essa realização extinguiu-se a situação privilegiada de todo o povo. Uma nova Israel ha de surgir para nova realização. Mas no tempo de João o povo de Israel ainda era o povo escolhido, razão porque os sacerdotes dêsse povo deviam ser então os mais apropriados para realizarem o batismo. A-pesar-disso houve necessidade de que viesse João Batista afim de batizar, como único escolhido, o Filho de Deus em seu corpo terreno, no comêço de sua atividade na Terra. Isso demonstra que as disposições hieráticas nada têm que ver com a verdadeira escolha divina. Sòmente os escolhidos por Deus, porém, são os que podem realizar o ato em nome de Deus, isto é, em toda sua eficácia. João Batista que não era reconhecido, como escolhido de Deus, pelos altos sacerdotes do povo escolhido, chamou a seus opo-

sitores de “raça de serpentes”. Negou-lhes o direito de vir aonde se encontrava.

Êsses mesmos sacerdotes do povo escolhido de então não reconheceram também o Filho de Deus e o perseguiram incessantemente, trabalhando para sua destruição terrena, por ser êle superior e, por isso mesmo, prejudicial aos sacerdotes. Se Christo apparecesse sob novo aspecto entre os homens encontraria por certo a mesma inimizade e repulsa que naquele tempo; o mesmo aconteceria com um Emissário seu, tanto mais por julgar-se a humanidade de hoje muito mais “progredida”.

Não sòmente êste caso de João Batista, mas muitos outros semelhantes provam decisivamente que as consagrações terrenas das igrejas e suas cerimônias — pertencentes sempre às “Organizações das Igrejas” consideradas como tais — jamais poderão só por si facultar aptidão necessária para atos espirituais se o indivíduo não se encontra no número dos escolhidos.

Bem considerado, a ação de batismo feita pelos representantes das igrejas não passa de um ato de admissão interina em uma congregação religiosa. Não uma recepção feita por Deus, mas apenas na comunhão *terrena-eclésiástica* correspondente. Depois disso a primeira comunhão só pode ser considerada como uma confirmação e uma admissão mais extensa às cerimônias dessas igrejas.

O sacerdote procede como o “servo instituido pela Igreja”, logo, puramente terreno, porque Deus e a Igreja não são a mesma coisa.

## O SANTO GRAL

São inúmeras as interpretações poéticas existentes sobre o Santo Gral. Os mais acatados sábios e investigadores se ocuparam com esse mistério. Muitos desses trabalhos são providos de alto valor moral, mas todos têm em si o grande erro de apresentarem uma construção terrena puramente exterior, faltando-lhes o principal, o raio luminoso que vem de cima, o único fator que pode dar vivacidade e iluminar. Tudo o que se esforça de baixo para cima terá que parar nos limites da matéria, mesmo que lhe tenha sido concedido o que de mais elevado possa alcançar. Na maioria dos casos, em condições favoráveis, somente metade dêse caminho poderá ser percorrido, no máximo. Quão distante ainda se encontra, nesse caso, o caminho para o verdadeiro conhecimento do Santo Gral!

Os investigadores acabam sempre por sentir essa noção de que é inatingível o alvo a que se esforçam. O resultado é tentarem usar o nome de Gral por modo exclusivamente simbólico, afim de poder dar-lhe a lтура que sentem como necessária para semelhante designação. Com isso, porém, regridem, não progridem. Descem, não ascendem. Afastam-se do verdadeiro caminho, em parte já encontrado pela Poesia. Sòmente este teve o pressentimento da Verdade, mas apenas o pressentimento porque os dotes elevados dos poetas e suas produções visionárias se materializaram em alto grau com a colaboração posterior do entendimento. A reprodução do que seu espírito recebera, entregaram amoldado ao seu ambiente terreno, afim de tornar



mais compreensível aos homens o sentido de suas poesias, o que não conseguiram a-pesar-de tudo, porque êles próprios não podiam aproximar-se do núcleo próprio da Verdade.

Por êsse motivo as investigações e as pesquisas ultteriores ficaram desde início numa base incerta em que se firmaram, sendo postas barreiras acanhadas à possibilidade de sucesso. Não é de admirar, portanto, que terminassem por atribuir sòmente valor puramente simbólico, transplantando para o interior de cada indivíduo a libertação pelo Gral. As explicações existentes não são destituídas de alto valor moral, mas não podem pretender ao posto de serem elucidações dos poemas e muito menos de se aproximarem da Verdade do Santo Gral.

Não se entende por Santo Gral, igualmente, o Vaso de que o Filho de Deus se utilizou em sua última refeição por ocasião de sua passagem pela Terra, juntamente com seus Discípulos, e onde foi recolhido o seu sangue ao ser crucificado. Semelhante Vaso é uma recordação sagrada da grande Obra de libertação do Filho de Deus, mas não é o Santo Gral, para o cântico do qual foram escolhidos os poetas da lenda. Esses poemas têm sido falsamente interpretados pelos homens.

Deveriam ser promessas das mais elevadas alturas, cuja realização os homens devem esperar! Se houvessem compreendido por êsse modo, ha muito teriam enveredado por outro caminho mais seguro, que teria levado as investigações mais longe do que se encontram atualmente. Por êsse motivo em todas essas investigações ha um ponto morto, pois ninguém podia alcançar um solução completa e sem lacunas, porque o ponto de partida de todas as concepções estava desde início colocado em um terreno falso. — —

Jamais um espírito humano — mesmo que se encontre em sua mais elevada perfeição e imortalidade — poderá enfrentar o Santo Gral! Por êsse motivo não poderá atin-

gir a matéria uma mensagem precisa a respeito, a menos que se trate de um mensageiro enviado *de lá*. O Santo Gral continuará, portanto, para o espírito humano como um eterno mistério.

O homem que se mantenha pois, no que pode apreender espiritualmente, procurando antes de mais nada realizar tudo com a máxima perfeição segundo a possibilidade de suas forças. Infelizmente em seus desejos intenta muitas vezes atingir além da meta, sem desenvolver também sua capacidade, com o que comete um descuido que não consente que atinja nem o que poderia atingir dentro de seus limites, e tão pouco jamais poderá alcançar o que tanto deseja. Sacrifica com isso o que de mais belo e elevado ha em seu ser, só atingindo uma negação da realização dos fins de sua existência. — — —

Parsifal é uma grande promessa. As lacunas e os erros que foram introduzidos pelo pensamento muito terreno dos poetas, deturpam a essência própria dessa figura. Parsifal e o Filho do Homem são uma só pessoa, cuja vinda o próprio Filho de Deus anunciou <sup>(1)</sup>. Como Enviado de Deus terá que atravessar com uma faixa diante dos olhos as situações mais penosas da Terra; como homem entre os homens. Libertado dessa faixa depois de um determinado tempo, reconhecerá o ponto de onde partira e, conseqüentemente a si próprio, assim como ha de reconhecer claramente sua missão. Essa missão trará a libertação para os homens que procuram com sinceridade, libertação essa que estará ligada ao mais rigoroso juízo. Semelhante missão não poderá ser entregue a qualquer indivíduo, nem se trata duma realização íntima por muitos ou todos os indivíduos; mas somente um escolhido, uma pessoa determinada, um emissário especial, trará em si as possibilidades disso tudo.

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N° 10: "*O Filho de Deus e o Filho do Homem*"

A Vontade Divina em suas Leis inquebrantáveis determina que todas as pessoas ao atingirem o ponto culminante de seu desenvolvimento voltem novamente ao ponto de partida, sem poder, porém, ultrapassá-lo. O mesmo se dá com o espírito humano. Origina-se como semente do espírito, do Espírito-enteal, aonde poderá voltar depois de haver atingido a maior perfeição em sua passagem pela matéria, como espírito conciente em fôrma enteal. Nas mais propícias conjunções, seu caminho só o levará à *ante-sala* do Burgo do Gral, que se encontra como o mais elevado no Espírito-enteal, constituindo a porta para os degraus do trono, no qual a origem de todo Ser, Deus-Pai, em sei Inenteal-Divino se envolve às vezes com o manto do seu Divino-enteal, adquirindo, portanto fôrma, nenhum espírito-enteal, por mais elevado, puro e luminoso que seja, poderá ultrapassar os limites para a Divindade. Semelhante impossibilidade, como tudo o que se passa na Criação material, é devido à natureza da própria coisa, à diferença de espécie.

Como supremo e acima de tudo encontra-se o próprio Deus em sua Divindade inenteal. A seguir, um pouco mais abaixo, está o Espírito-enteal. Ambos são eternos. As eses se liga a Criação material, em descida crescente, começando pela matéria fina gasosa, baixando a seguir em planos ou esferas de espessidade cada vez maior, até a matéria grosseira que é acessível aos olhos humanos. A matéria fina da Criação material é o que é denominado Além pelos homens, isto é, o além de sua visão terreno-grosseira. Ambos, porém, pertencem à obra da Criação, não são eternos em sua fôrma, mas submetidos às alterações que têm por fim a renovação e o refrescamento.

No ponto de partida mais elevado do Espírito-enteal eterno encontra-se o Burgo do Gral, visível espiritualmente, palpável, porquanto ainda é da mesma espécie de espírito-enteal. Êsse Burgo do Gral contém um recinto que por sua

vez se encontra no limite extremo do Divino, sendo portanto ainda mais etéreo do que o Espírito-enteal. Encontra-se nesse recinto, como penhor da Bondade eterna de Deus-Pai e como símbolo de seu mais puro Amor Divino, assim como ponto de partida de sua Fôrça Divina: o *Santo Gral!*

E' uma Taça em que continuamente se agita como sangue vermelho, sem jamais transbordar. Cercado da mais luminosa Luz, só é permitido aos mais puros de todos os Espíritos-enteais poder contemplar essa Luz. *Êsses* são os guardas do Santo Gral! Quando a poesia nos diz que os homens mais puros são destinados a se tornarem guardas do Santo Gral, trata-se de um assunto que o poeta agraciado materializou excessivamente, por ser-lhe impossível expressar-se por outro modo. Nenhum espírito humano pode penetrar nesse recinto sagrado. Nem mesmo depois de atingir sua mais completa espiritualização, depois de sua passagem pela matéria, ainda assim não se encontra bastante eterizado para poder atravessar êsse limite. Na mais elevada perfeição de sua essência ainda é muito espêsso para isso, e uma eterização ulterior equivaleria a completo desaparecimento ou à combustão, porque por sua natureza não está destinado a suportar uma condição mais luminosa e irradiante, isto é, não pode tornar-se mais etéreo. Não o suportaria.

Os guardas do Gral são eternos, Espíritos puros que jamais foram homens, os ápices de todo o Espírito-enteal. Necessitam, porém, da Força Inenteal-divina; dependem dela, como tudo depende da Divindade-Inenteal, origem de toda a Força, Deus-Pai.

De tempos em tempos, por ocasião do dia da Santa Pomba, esta aparece sôbre a Taça, como sinal renovado do invariável Amor Divino do Pai. E' a hora da união, que produ renovação da Fôrça. Os guardas do Santo Gral a

recebem com humilde reverência, podendo depois transmitir essa Fôrça milagrosa assim recebida.

*Disso depende a existência de toda a Criação!*

E' o momento em que no Templo do Santo Gral o Amor do Criador se derrama irradiando para nova existência, para novo impulso criador, que se divide decrescivamente por toda a Criação. Perpassa por todas as esferas uma como que vibração, estremecimento sacro de alegria indizível e imensa felicidade. Sòmente os espíritos dos homens terrenos se encontram à parte, sem terem o sentimento intuitivo do que se passa a seu lado, de quão precioso é o presente que estúpidamente deixam de apreciar, pois a estreiteza de seu entendimento não lhes permite conceber tamanha grandeza.

*É o momento do aprovisionamento de vida para toda a Criação!*

E' a volta constante e necessária da confirmação do pacto mantido pelo Criador em relação à sua Obra. Se êsse aprovisionamento fêsse cortado, se não chegasse, secaria os poucos toda a Criação, envelheceria e desmoronaria. Seria então o fim de todos os dias, só permanecendo Deus, como se dera no comêço das coisas! Porque sòmente Ele é a Vida!

Êsse fato está transmitido na Lenda. Ha mesmo algumas alusões, como tudo envelhece e desaparece quando não se dá a volta da Pomba no dia determinado, em que se “descobre” o Gral, no envelhecimento dos cavaleiros do Gral durante o tempo em que Amfortas não o desvenda, até a hora em que Parsifal aparece como Rei do Gral.

Os homens, porém, não devem considerar o Gral como algo inapreensível, porque de fato existe! O espírito humano, porém, por sua constituição, jamais poderá contemplá-lo. Mas as bençãos que dêle se desprendem e que serão retransmitidas pelos guardas — isso o espírito humano pode

receber e gozar. Nesse sentido não podemos dizer que algumas interpretações dadas a respeito sejam falsas, uma vez que não abranjam em seus argumentos o próprio Gral. São certas e ao mesmo tempo não o são.

O aparecimento da Pomba no dia determinado indica infusão periódica do Espírito Santo, porque essa Pomba se encontra em íntimas conexões com êle. E' algo, porém, que o espírito humano só pode apreender simbòlicamente, porque pela natureza de sua conformação só pode saber e conhecer até o ponto em que se originou, isto é, até à espécie que é *idéntica* com a constituição mais pura de sua origem. E' o Puro-espírito-enteal eterno. Jamais poderá ultrapassar êsse limite, nem no pensamento. Nunca poderá alcançar algo além dêsses limites. Isso tudo é tão compreensível, coerente e simples, que qualquer pessoa o poderá compreender.

O que se passa além dêsses limites é por essas razões, um mistério para a humanidade, e assim continuará a sê-lo.

Todos os homens vivem, portanto, em uma ilusão errônea quando imaginam trazer em seu íntimo a Divindade, ou que êles próprios são divinos, ou que o podem vir a ser. Trazem em seu íntimo o *Espírito-puro*, mas *não* o Divino. E nisso ha um abismo intransponível. Os homens são criaturas, e não uma parte do Criador, como muitos se iludem a si mesmos. O homem é e continua a ser uma *obra* que jamais poderá tornar-se Mestre.

E' por conseqüência igualmente falso quando explicam que o espírito humano parte do próprio Deus-Pai e para Êle volta. A origem do homem é o *Espírito-enteal*, e não o Inenteal-Divino. Só poderá, portanto, na maior perfeição alcançada, retornar ao Espírito-enteal. O mais certo seria dizer que o espírito do homem se origina do *Reino de Deus*, voltando, quando é perfeito, novamente para lá, não porém para o próprio Deus. O *Reino* de Deus é o Puro-espírito-enteal.

O intermediário entre o Inenteal-Divino e o Puro-espírito-enteal ficou sendo o Filho de Deus. Passa do Inenteal-Divino para o Espírito-enteal, como já passara para a matéria. A vinda do Filho do Homem será a realização completa da elevada Missão Divina do Filho de Deus. Depois de sua realização o Filho de Deus voltará novamente para o Inenteal-Divino, ao passo que o Filho do Homem tomará em seu lugar o ponto de Mediador, tornando-se dêsse modo o guia dos guardas do Santo Gral, o Rei do Gral que se encarrega do Vaso Sagrado.

O Filho do Homem será então para o espírito humano o Alpha e o Omega, porque lhe dará o começo e o fim de sua faculdade cognitiva, pois consegue ultrapassar o limite do Inenteal-Divino, contemplando dêsse modo todas as coisas.

## O MISTÉRIO LÚCIFER

**H**a um véu espesso sôbre tudo que se encontra em conexões com Lúcifer. E' como se todos receassem levantar a ponta dêsse véu. Êsse receio é apenas a incapacidade de penetrar no domínio das Trevas, e essa incapacidade se funda, igualmente, na natureza das coisas, porque neste ponto o espírito humano também não consegue penetrar muito além, por haver limites impostos por sua própria constituição. Do mesmo modo que não pode atingir às maiores alturas, também não consegue nem conseguirá afundar até às últimas camadas.

Por êsse motivo a fantasia procurou compensar tal insuficiência, criando seres de todas as qualidades. Fala-se do Diabo sob as fórmãs mais aventurosas, do Arcanjo caído e expulso, da encarnação do Princípio do Mal, e outras coisas ainda. Ninguém entende nada da natureza própria de Lúcifer, a-pesar-de ser o espírito humano atingido por êle e de ser arrastado para uma dualidade poderosa que pode receber o nome de luta.

Aproximam-se mais da veracidade do fato os que falam do Arcanjo decaído ou de encarnação do Princípio do Mal. Sòmente tudo se dá sob perspectiva falsa que empresta feição errônea à imagem. A encarnação do Princípio do Mal faz pensar no ponto culminante, no fato máximo de haver o Mal adquirido fórmula corpórea, viva, isto é, a culminância, a conclusão perfeita. Lúcifer, pelo contrário, é a origem do Princípio do Mal, *o ponto de partida* e a força im-



pulsionadora. Não devíamos denominá-lo o *mau* Princípio, porém, *falso*, e falso na acepção de não verdadeiro, e não na acepção de injusto. O âmbito de ação desse princípio errôneo é a Criação material. Sómente nesta é que se encontram os efeitos da Luz e das Trevas, isto é, os dois Princípios opostos, agindo constantemente sobre a alma humana enquanto esta percorre a matéria em seu desenvolvimento. O fato da alma humana preferir mais uma ou outra direção é decisivo no rumo que ha-de tomar, ou de ascensão para a Luz ou de declínio para as Trevas.

O abismo que existe entre a Luz e as Trevas é imenso. E' preenchido pela obra da Criação da matéria que está submetida à transitoriedade das fôrmas, logo, à decomposição de fôrmas existentes e à recomposição de novas.

Porque a circulação de acôrdo com as Leis postas na Criação pela Vontade do Pai só pode ser considerada completa e realizada quando volta ao ponto de onde partira, por isso mesmo o ciclo do espírito humano só pode ser considerado completo quando volta ao Espírito-enteal que se encontra mais próximo à Luz primordial, pois sua semente partiu dessa origem. Se se deixar desviar pelas Trevas, correrá o perigo de ser precipitado de seu curso normal, não podendo mais retornar a êste em sua marcha para a ascensão. Não conseguirá igualmente descer das camadas mais espêssas e profundas da matéria fina para passar além do seu limite inferior, como poderia ascender ultrapassando os limites para o Reino do Espírito-enteal, por ser êste seu ponto de partida, sendo assim arrastado continuamente na poderosa circulação da Criação Material até a decomposição final, porque o seu vestuário material escuro, isto é, seu corpo do Além espêssos e pesado, o oprime. A decomposição desfaz sua personalidade espiritual adquirida em sua passagem pela Criação, de fôrma a sofrer a morte espiritual, sendo pulverizado em grãos espirituais primordiais.

O próprio Lúcifer se encontra fora da Criação material, portanto não é arrastado à decomposição como se dá com as vítimas do seu Princípio: porque Lúcifer é eterno. Origina-se de uma parte do Divino-enteal. A discórdia se iniciou depois do começo da formação da matéria. Enviado para amparar o Espírito-enteal na matéria e estimular a evolução, não cumpriu êsse mandato de acôrdo com a Vontade Criadora de Deus-Pai, escolhendo um caminho diverso do que lhe havia sido prescrito por essa Vontade Criadora, determinado pela Vontade, que lhe veiu durante sua ação na matéria, de querer fazer melhor do que fôra incumbido.

Dando má aplicação à fôrça que lhe fôra confiada, introduziu o princípio da tentação em lugar do auxílio amparador que equívale ao amor que serve, amor no sentido divino que nada tem de comum com o amor escravo, mas apenas cuida da ascensão espiritual, a felicidade eterna do próximo, e agindo por essa norma.

O princípio da tentação é equívalente ao ato de colocar armadilhas em que as criaturas pouco firmes em si próprias, tropeçam, caem e se perdem, enquanto outras pelo contrário se fortificam, redobrando a atenção, ascendendo admiravelmente para as alturas espirituais. Todos os fracos estão desde o início fadados à destruição implacável. O Princípio não conhece a bondade nem a misericórdia; falta-lhe o Amor de Deus-Pai e, com isso, a mais poderosa fôrça impulsora e o melhor apôio que existe.

A história da tentação no Paraíso contada pela Bíblia mostra o efeito da entrada do Princípio de Lúcifer, quando expõe simbolicamente como — por meio da tentação — foram postas à prova a fôrça e a persistência do par humano, afim de precipitá-lo implacavelmente à destruição após a menor vacilação demonstrada.

Persistência equívaleria a colocar-se com alegria na Vontade Divina consistente nas Leis simples da Natureza

ou da Criação. Era de perfeito conhecimento dêsse par humano essa Vontade, o Mandamento Divino. Não vacilar seria o mesmo que o reconhecimento e o cumprimento dessas Leis; com êsse reconhecimento e cumprimento, o homem poderá utilizar-se dessas Leis, exata e ilimitadamente, tornando-se assim o verdadeiro “Rei da Criação”, pois “marcha com elas”. Todas as fôrças ficarão então a seu serviço, desde que êle não se oponha a sua atividade, e trabalharão autonômicamente em seu favor. Nisso consiste o cumprimento dos Mandamentos do Criador que nada mais querem do que a manutenção imperturbada e a conservação de todas as possibilidades de evolução que se encontram em sua obra admirável. Êsse acatamento simples é em sua seqüência uma cooperação conciente no desenvolvimento sadio da Criação ou do mundo material.

Quem assim não procede é um obstáculo que deve ser devidamente aplainado, ou então cairá entre a engrenagem do mecanismo universal, isto é, das Leis da Criação, entregando-se à destruição. Quem não quer curvar-se tem que ser quebrado porque estacar é impossível.

Lúcifer não quer esperar com bondade o amadurecimento e o fortalecimento lentos; não deseja ser como um jardineiro paciente que protege e ampara as plantas que lhe foram confiadas; ao contrário, com êle realiza-se literalmente o caso do bode que se fez jardineiro. Procura destruir tudo o que é fraco, procedendo para êsse fim sem compaixão alguma.

Demais odeia todos os que caem às suas tentações e ardís, desejando que pereçam com sua fraqueza.

Enoja-se também da baixeza e da vulgaridade em que essas vítimas transformam os efeitos de seu Princípio, porque são sòmente os homens que apresentam os efeitos dêsse Princípio com as suas características da infâmia com que se revestem, açulando Lúcifer cada vez mais a ver neles apenas

criaturas que merecem exclusivamente a destruição, e não o amor e o cuidado.

Para que se realize essa destruição não contribue menos a consequência natural do Princípio da tentação que é o de viver até exaurir-se. Êsse Princípio se processa nas regiões inferiores das Trevas; já foi apreendido terrenamente na chamada psico-análise, por vários praticantes sob a asserção de que também na Terra o Princípio de viver até exaurir-se amadurece e desenvolve.

Mas que miséria inenarrável não será ocasionada pela prática desse Princípio sôbre a Terra! Quantos males não ocasionará, justamente porque na Terra não se dá como no reino das Trevas em que só os de igual-espécie se congregam, mas vivem misturadas naturezas diversas, umas claras e outras cheias de Trevas. Basta pensar na vida sexual e coisas semelhantes. Se a humanidade se entregar à prática de tal princípio, transformar-se-á tudo por fim em uma Sodoma e Gomorra, de onde não pode mais haver salvação, mas apenas poderá ser desfeita por terror da máxima espécie.

Mas fora disso hoje em dia encontram-se já numerosas vítimas de doutrinas análogas, errando sem destino; o pouco de consciência de si mesmas que tinham, e em geral todos seus pensamentos pessoais foram desfolhados e aniquilados lá mesmo onde, confiantes, esperavam auxílio. São como criaturas a quem foram sistematicamente tiradas as roupas para as obrigarem a vestir outras novas que lhes apresentam. A maior parte das que se encontram assim despidas não compreendem porque razão devem ainda vestir essas novas roupas. Com essa invasão sistemática em assuntos e direitos particulares perderam também aos poucos o sentimento de vergonha, próprio da consciência individual sem o qual não pode haver nada de individual, parte essencial da personalidade.

Em um terreno tão revolvido não se pode erigir nada de novo. Tornam-se êsses indivíduos sem autonomia, com raras excepções, o que pode ir o ponto de desamparo temporário, pois lhe foi retirado o pequeno apôio que possuíam anteriormente.

Os dois princípios de exaurir a vida e da tentação andam tão unidos que aquele pressupõe sempre a atuação anterior o segundo. E' o cumprimento e a disseminação do Princípio de Lúcifer.

O verdadeiro médico da alma não tem necessidade de dissecar. Cura em primeiro lugar e depois prossegue na reconstrução. O verdadeiro Princípio procede à mudança dos falsos desejos pelo reconhecimento espiritual!

Mas a aplicação desse Princípio desamorável devia, como conseqüência natural das coisas, separar Lúcifer cada vez mais da Vontade amorosa do Criador Onipotente, o que deu como resultado sua própria separação e expulsão da Luz e por isso a queda cada vez mais profunda de Lúcifer. Lúcifer foi quem a si mesmo se separou da Luz, o que equívale a dizer, que foi expellido.

A expulsão processou-se igualmente segundo as Leis primordiais existentes, a sagrada e inabalável Vontade de Deus-Pai, como não podia deixar de realizar-se.

Devido a que sòmente essa Vontade do Criador é todopoderosa em todas as coisas e se afirma também na Criação material e em sua evolução, pôde Lúcifer de fato introduzir o seu Princípio na matéria, mas sua ação teve que se realizar e ser dirigida dentro das Leis primordiais determinadas por Deus-Pai.

Dêsse modo Lúcifer pode ocasionar com seu Princípio errôneo um falso caminho para a humanidade, mas não consegue forçar os homens enquanto êsses não se lhe submetem voluntariamente.

De fato Lúcifer só pode atrair. O homem como tal se encontra mais firme do que êle na Criação material, e,

por êsse motivo, muito mais seguro e poderoso, para que a influência de Lúcifer o possa atingir. Todos são por êsse modo protegidos de tal fôrma que constitue uma vergonha ser vencido por uma fôrça muito mais fraca do que a sua. Devem refletir que Lúcifer se encontra fora da matéria, ao passo que êles se encontram firmes no solo que lhes é familiar. Lúcifer é obrigado, para aplicar seu Princípio, a utilizar-se de suas tropas de auxílio que se compõem dos espíritos humanos vencidos pelas tentações.

Êstes, porém, não sômente são inferiores ao espírito que se esforça para as alturas, como muito mais fracos. Uma única vontade sincera é suficiente para fazer desaparecer um exército dêsses tais, sem deixar nenhum vestígio, pressupondo-se que não encontrem nenhum éco com suas tentações, ou acôrdo, em que possam firmar-se.

Lúcifer se tornaria impotente se a humanidade se esforçasse por conhecer e cumprir as Leis primordiais determinadas pelo Criador. Mas os homens, infelizmente, dão fôrça cada vez maior a seu Princípio, com sua conduta, tendo que, na maior parte, perecer.

E' impossível a um espírito humano poder lutar com o próprio Lúcifer, pelo motivo simples de que não pode penetrar até onde Lúcifer se encontra, em virtude da diferença de naturezas. O espírito humano poderá entrar em contacto sômente com os que caíram pelo falso Princípio, que têm natureza semelhante à sua.

A origem de Lúcifer condiciona que só podem aproximar-se dêle pessoalmente e se lhe oponham, os que tiverem a mesma origem, porque só um dêsses é que poderia penetrar até lá. Tem que ser um Emissário de Deus, partindo do Inenteal-Divino e encontrando-se cheio dêle; armado da sagrada seriedade de sua missão, e confiando na Origem de todas as Fôrças, o próprio Deus-Pai.

Essa missão compete ao anunciado Filho do Homem.

A luta será pessoal, de rosto a rosto, e não só simbòlicamente na generalidade como supõem muitos investigadores pelas profecias. E' a realização da promessa de Párisfal. Lúcifer aplicou mal a "Lança Sagrada", o poder, tendo dado com seu Princípio um golpe doloroso no Espírito-enteal por ferir a humanidade que representa sua faísca e extremidade. Ser-lhe-á tomada a "Lança" nessa luta. Depois, encontrando-se na "verdadeira mão", isto é, pelo cumprimento do verdadeiro Princípio do Gral do mais puro amor, curará a ferida causada pela falsa aplicação de seu poder.

Pelo princípio de Lúcifer, isto é, pela falsa aplicação do Poder Divino, o que eqüivale a dizer, pela "Lança Sagrada" em mãos impróprias, é produzida uma ferida no Espírito-enteal *que não pode sarar!* Isto é reproduzido pela lenda em fórmula bem apropriada, porque o processo se assemelha de fato a uma ferida que jamais se fecha.

Considere-se que os espíritos humanos jorraram ou saltaram como gérmenes espirituais ou faíscas inconcientes da borda mais inferior do Espírito-enteal à Criação material, na expectativa de que essas partes assim separadas despartassem à consciência em seu percurso pela matéria, e, desenvolvendo-se na realização de sua circulação, voltassem de novo ao Espírito-enteal. Semelhante à circulação do sangue nos corpos terrenos! O Princípio de Lúcifer, porém, desvia uma boa parte dessa corrente circulatória, com o que se perde muito do Espírito-enteal. Por êsse motivo não pode ser completada a circulação, processando-se como o *derame* de uma ferida aberta que enfraquece pouco a pouco.

Passando porém a "Lança Sagrada", a saber, o Poder divino, para a verdadeira mão, que se encontra na Vontade do Criador, apontando o verdadeiro caminho o Espírito-enteal que percorre a matéria como fator vivificante, conduzindo-o ao ponto de partida, ao Reino luminoso de Deus-Pai, então não mais se perderá, mas correrá de retôrno à sua ori-

gem como o sangue que volta ao coração e assim a ferida que enfraquecia com o derrame ficará *fechada*. Por isso a cura só pode ser feita pela mesma Lança que produziu a ferida.

Mas para isso é necessário que Lança seja tomada de Lúcifer e entregue à mão apropriada, o que se realizará na luta *pessoal* do Filho do Homem com Lúcifer.

As lutas que ainda ocorrem na matéria fina e na grosseira não passam de conseqüências dessa outra luta grandiosa que ha-de trazer o prometido encadeamento de Lúcifer, anunciando assim o começo do Milênio prometido. Significam a extirpação das conseqüências do Princípio de Lúcifer.

Êsse Princípio se opõe ao predomínio do Amor Divino, cujas bênçãos tocam aos homens no decurso de sua passagem pela matéria. Se a humanidade se esforçasse simplesmente por obter êsse Amor Divino, ficaria imediatamente prevenida e armada contra as tentações de Lúcifer, ficando êste despedido de todos os horrores que a humanidade tece em torno dêle.

Todas as fôrmas imensamente horrorosas que errôneamente se atribuem a Lúcifer, se originaram da fantasia ilimitada do cérebro humano, mas de fato jamais um olhar humano o pôde ver, pela razão mui simples da diferença de natureza, nem mesmo o conseguiu a visão espiritual, que pode muitas vezes no decurso de sua vida terrena, alcançar os acontecimentos que se processam na matéria fina.

Em oposição a todas as concepções, Lúcifer pode ser considerado altivo e belo, duma beleza supra-terrestre, de porte taciturno e magestoso, com olhos grandes e azues que na expressão glacial de que são dotados demonstram a ausência de amor. Não é apenas um conceito, como debalde tentaram explicar-lhe a natureza, mas existe de fato pessoalmente.

A humanidade deve aprender que ha limites impostos à sua natureza, limites êsses que jamais poderá transpor,



nem mesmo, é claro, em pensamento, e que é somente pelo caminho da Graça que poderão vir mensagens, transpondo êsses limites. Não, porém, por intermédio dos médiuns que são incapazes de modificar sua natureza nem mesmo por meios extraterrenos. Tão pouco isso se dará por intermédio da ciência. Esta, justamente, já teve oportunidade de apreender, com a Química, que as diferenças de espécie podem constituir barreiras intransponíveis. Essas Leis, porém, vêm da Origem; não são apenas encontradas na Criação.

## AS REGIÕES DAS TREVAS E A CONDENAÇÃO

Quando contemplamos quadros que se dizem reproduções da vida no chamado inferno, encolhemos os ombros com um sorriso meio irônico, meio piedoso, e com o pensamento de que somente uma fantasia doentia ou a crença cega e fanática poderiam conceber cenas desta natureza. Será difícil encontrar alguém que procure em tudo isso o menor grão de verdade. No entanto a mais dolorosa fantasia não poderá nem mesmo aproximadamente confeccionar um quadro que se aproxime em sua expressão dos tormentos da vida nas regiões escuras. Pobres desvairados que julgam poder passar por isso com um mexer dombros e um riso de zombaria! Chegará um momento em que a levianidade será amargamente paga, com a vinda abaladora da Verdade. Então de nada valerá a resistência e os desvios. Serão arrastados ao sorvedouro que os aguarda se não se despojarem com tempo das convicções da ignorância sempre características do vazio e da escassez de inteligência de tais indivíduos.

Mal se dá a libertação do corpo de matéria fina do da grosseira <sup>(1)</sup>, encontra-se aquele ante a grande surpresa do fato de não haver terminado o ser conciente e a vida. A primeira consequência é a confusão, a que se liga receio inconcebível e que freqüentemente passa depois à resignação apática ou ao desespero o mais angustioso. A resistência

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N.º 40: *A Morte*.

é inútil; inúteis as queixas; inúteis igualmente as súplicas; porque terão que colher o que semearam na vida terrena.

Se zombaram da Palavra que lhes foi mandada por Deus, a qual chama a atenção à vida depois da morte terrena, e à responsabilidade que a isso se prende de todo o pensar intuitivo e de todos os atos, então o menos que os espera é o que desejaram: Profunda escuridão! Seus olhos, ouvidos e bôca do corpo de matéria fina se encontram fechados pela própria vontade. Encontram-se no novo ambiente, surdos, cegos e mudos. E' o que de mais favorável lhes poderá acontecer. Não pode comunicar-se com êles um guia ou auxiliar do outro mundo, porque a isso êles mesmos se conservam incomunicáveis; não se faria compreender, situação triste que só poderá ser modificada aos poucos pelo desenvolvimento interior da pessoa aludida em virtude do desespero progressivo. Com o ansiar crescente pela Luz, que sobe dessas almas martirizadas com um grito de auxílio ininterrupto, far-se-á aos poucos a claridade em tórno até que possam ver outros seres que necessitam de auxílio semelhante. Se se esforçar por prestar auxílio aos que se encontram em camadas mais profundas das Trevas, para que possam também participar da claridade que vai aumentando aos poucos, êle sentir-se-á fortificado por essa atividade, até que um outro que esteja mais progredido se volte para onde se encontra afim de levá-lo em direção às regiões de onde a Luz irradia.

Dêsse modo se amontoam desconsolados, porque seus corpos de matéria fina se recusam a andar em virtude da fraqueza ocasionada pela falta de vontade. Qualquer movimento dá como resultado um rastejar incerto e cansativo. Outros apalpam as Trevas em redor, tropeçam, precipitam-se, decidem-se sempre mais uma vez, para irem às esfregadelas por aquí e por alí, o que não deixará de ocasionar feridas, porque assim como uma alma humana só cai na re-

gião correspondente à gravidade de sua matéria fina, pela natureza de sua própria escuridão que anda par a passo com espessamento mais ou menos apreciável e o qual por sua vez arrasta consigo, determinado pêso — do mesmo modo seu novo ambiente lhe será tão palpável, sensível e impenetrável como o ambiente dos corpos de matéria grosseira para êsses mesmos corpos. Cada choque, portanto, cada baque ou cada ferimento lhe será tão doloroso como as mesmas ofensas para os corpos materiais durante sua vida terrena.

Assim se passa em todas as regiões, pouco importando a altura ou a profundidade em que se encontrem: a mesma materialidade, a mesma sensibilidade, a mesma impenetrabilidade de um para o outro. No entanto cada região superior, ou cada camada diferente pode passar sem ser incomodada pela que se encontra abaixo, do mesmo modo que a matéria fina pela matéria grosseira diversamente conformada.

Diversamente se dá com as almas que ainda têm que reparar alguma injustiça praticada. O fato é irrespondível. Poderá ser solucionado no momento em que o autor recebe do ofendido perdão sèriamente intencionado. Mas o que amarra mais difficilmente a alma humana é o *impulso* ou *pendor* que constitue o estímulo para um ou mais atos. Êsse pendor persiste na alma humana mesmo depois de sua partida, da separação do corpo de matéria grosseira. Far-se-á mesmo sentir com mais intensidade no corpo de matéria fina logo que desaparece a união com a matéria grosseira, o que torna o sentimento intuitivo muito mais vivo e sem entraves. E' esse pendor que é decisivo para a densidade, isto é, para o pêso do corpo de matéria fina. Isso tem como consequência, depois que o corpo de matéria fina se liberta do da matéria grosseira, cair imediatamente na região que corresponde exatamente a seu pêso e a sua espessura. Lá encontrará todos os que têm o mesmo pendor.

Com a irradiação emitida por êsses ficará seu pendor ainda mais alimentado, aumentado de energia, ficando a alma verdadeiramente furiosa na atividade condicionada por êsse pendor. E' natural que o mesmo sentirão também os outros, os que se encontram naquela região. Não é difícil compreender que semelhantes choques irrefreados devem constituir um sofrimento indizível para os que têm que sofrer seus efeitos. Como, porém, nessas regiões isso se dá sempre pela oposição recíproca, cada um terá que sofrer amargamente por tudo que continuamente procura inflingir ao outro. Por êsse motivo a vida se transforma em um inferno até que a alma humana aos poucos se cansa, sentindo-se enjoada de tudo isso. Então, com o tempo nascerá o desejo de se libertar de semelhante situação. A repulsa e o desejo são o começo, da melhora. Reforçar-se-ão até ao grito de auxílio e, finalmente, a súplica. Sòmente então é que lhe poderá ser estendida a mão que auxilia, o que pode durar decênios e séculos para realizar-se ou mais tempo ainda. Por consequência o pendor de uma alma humana é o que mais a liga nessa situação.

*Daí se depreende que um ato inconsiderado é mais fácil e mais rápido de ser solvido do que um pendor de que é dotado um indivíduo, pouco importando se êsse pendor se transformou em ato ou não.*

Um indivíduo que é dotado de um pendor forte, sem porém o ter transformado em ato por lhe terem sido as circunstâncias terrenas desfavoráveis, terá que penar muito mais rigorosamente do que quem por maneira inconsiderada cometeu esta ou aquela falta sem ter tido para isso má intenção. O ato inconsiderado pode ser perdoado imediatamente, sem desenvolver após si o Karma desfavorável, mas o pendor só o poderá ser depois de haver sido extinguido completamente. Dêsses pendores ha muitos, seja cobiça ou avareza que se lhe aproxima, quer seja a sensualidade imun-

da, ou impulso para o roubo ou para o assassinio, quer o instinto incendiário, quer apenas o vício de lograr ou o desleixo, pouco importa, semelhante pendor levará a pessoa em aprêço sempre para a camada em que ha-de encontrar seus semelhantes. Não servirá de nada procurar dar uma imagem da vida nessas condições. São na maioria das vezes de tamanho horror que um espírito humano que ainda se encontra sôbre a Terra mal poderá prestar crédito a tais realidades sem as ter visto de fato, e assim haveria de pensar tratar-se exclusivamente de fórmulas de fantasia febril. Basta, portanto, ficar tomado de repulsa moral por todas essas ações, procurando libertar-se das cadeias que o prendem ao inferior, para que a marcha para a Luz não encontre mais nenhum obstáculo.

São dêsse modo conformadas as regiões escuras, conseqüências do Princípio que Lúcifer procura introduzir. A eterna circulação da Criação prossegue e chega ao ponto em que se inicia a decomposição, em que todas as fórmulas materiais se desfazem para voltarem à semente primordial, e daí em prosseguimento de sua evolução, passar por novas combinações e novas fórmulas, com fôrça renovada e terreno de novo preparado. O que até então não se pôde libertar da matéria grosseira e da fina, atravessando os limites mais elevados e leves afim de entrar no Espírito-enteal, será irremediavelmente arrastado à decomposição, com o que sua fórmula e tudo que lhe é pessoal ficará igualmente destruído. E' essa a condenação eterna, o aniquilamento de toda personalidade conciente!

## AS REGIÕES DA LUZ E O PARAÍSO

**L**uz irradiante! Pureza ofuscante! Ditosa ligeireza! Tudo isso diz tanto por si mesmo que quasi se torna desnecessário entrar em maiores particularidades. Quanto menos o corpo de matéria fina, isto é, o mento do espírito, no mundo do Além se encontrar sobrecarregado de qualquer pendor para o inferior, de qualquer vontade para as coisas e prazeres da matéria grosseira, tanto menos será atraído para essas camadas, tanto menos ficará espêso, e, por conseqüência,, pesado seu corpo de matéria fina, que adquire a fôrma correspondente a seus desejos; e tanto mais rãpidamente será levado por sua leveza às regiões luminosas, correspondentes ao seu estado de mínima densidade e transparência.

Quanto menos espêso, e, conseqüentemente, mais leve e fino ficar êsse corpo pela libertação dos desejos inferiores, tanto mais claro e luminoso parecerá, porque o núcleo do Espírito-enteal na alma humana, o qual é por sua natureza já irradiante, transparecerá cada vez mais de dentro para fora pelo corpo de matéria fina tornado tênue, ao passo que nas camadas inferiores êsse núcleo irradiante permanece encoberto e obscurecido pelo pêsso e pelo espessamento do corpo de matéria fina.

Nas regiões luminosas igualmente cada alma humana encontrará outras almas, de acôrdo com sua constituição, isto é, de sentimentos análogos. Por isso mesmo que só a nobreza real e a boa vontade são capazes de se elevarem, libertados das cobiças inferiores, só poderão encontrar nessas

camadas o que lhes fôr de igual espécie. E' igualmente fácil compreender que o habitante de tais regiões não tem que suportar nenhum sofrimento mas apenas a bênção da nobreza que êle igualmente irradia, sentindo-se feliz por isso e transmitindo do mesmo modo alegria aos que a seu lado lhe despertam tais sentimentos intuitivos por seus atos. Poderá dizer que se encontra na mansão dos ditosos, transformando-se igualmente num desses ditosos. Estimulado por isso, sua alegria só voltará cada vez mais para as coisas elevadas e puras, conduzindo-o sempre para maiores alturas. Seu corpo de matéria fina se tornará penetrado desses sentimentos intuitivos, cada vez menos espêsso, de fôrma que a claridade do núcleo espiritual transparece com intensidade crescente, até que por fim os últimos grãos dêsse corpo de matéria fina caem como se passassem pela chama da combustão, com que o espírito humano assim completo e conciente, tendo adquirido fôrma pessoal, pode atracessar como Espírito-enteal puro e perfeito os limites do Espírito-enteal. *Sòmente aí é que entrará no Reino Eterno de Deus-Pai, no Paraíso Eterno.*

Do mesmo modo que um pintor não pode reproduzir em um quadro os tormentos da verdadeira vida nas regiões escuras, também não conseguirá descrever o encanto que ha na vida das regiões da Luz, até mesmo nas regiões que pertencem ainda à matéria fina transitória, quando o limite do Reino Eterno do Pai ainda não foi transposto.

Qualquer tentativa de reproduzir em imagem essa vida, seria já uma diminuição da mesma, o que só poderia causar prejuízos e não lucros à alma humana.



## ACONTECIMENTOS DO MUNDO

Não ha nada mais perigoso para um assunto do que deixar uma lacuna quando é muito sentida a necessidade de que êsse assunto seja completado. De nada valerá querer passar adiante porque semelhante lacuna impedirá a passagem, ocasionando qualquer dia o desmoronamento do que fôr construído nesse lugar, mesmo que tenha sido feito a maior perícia e a melhor qualidade de material.

Dêsse modo é que se apresentam as diferentes comunidades religiosas christãs. Fecham pertinazmente os ouvidos e os olhos em muitas passagens e suas doutrinas que deixam perceber falta de lógica. Procuram passar por isso com palavras vazias, em vez de enfrentarem sèriamente o assunto. Sentem perfeitamente o perigo de que a ponte colocada sôbre o abismo pela cegueira da fé, algum dia não mais será suficiente, e temem o momento em que a clareza dos fatos faça conhecer o estado precário dessa contrução. Sabem também que então ninguém mais se abalará a atravessar um caminho tão enganador, com o que naturalmente a construção sólida e o caminho seguintes deverão permanecer vazios. Sabem igualmente que bastará uma corrente de vento fresco da Verdade para que todo êsse edificio artificial desmorone. Mas em falta de melhor procuram, a-pesar-de todos os perigos, firmar as tábuas flutuantes. Estão mesmo resolvidos a defendê-lo por todos os meios, e até mesmo extinguir aquele que se atrever a formar

na própria Verdade uma transição mais sólida. Sem vacilar tentariam novamente os mesmos processos de que já se valeram ha cerca de dois mil anos, fato êsse que ainda lança sua sombra nos dias que correm e que, sendo a maior queixa contra a cegueira e a teimosia dos homens, apresentam, porém, como foco de suas doutrinas e de suas crenças. Foram os *portadores* das *religiões* e os sábios daquele tempo que por sua estreiteza dogmática e sua presunção acusadora de suas fraquezas, — foram êsses, dizia, — que não conseguiram reconhecer a Verdade e o Filho de Deus, afastando-se de seu contato e perseguindo-o e a seus Discípulos, impulsionados exclusivamente pelo mêdo e pela inveja, ao passo que os outros homens se abriam com mais facilidade ao conhecimento e percebiam mais depressa a Verdade da Palavra. A-pesar-de os portadores atuais das comunidades religiosas christãs insistirem particularmente sôbre a vida de sofrimentos do Filho de Deus, não aprenderam nada com êsse fato, e nenhum lucro lhes vem de tudo o que propagam. Justamente os chefes atuais dessas comunidades fundadas sôbre a doutrina de Christo, assim como os dos movimentos mais recentes, tentariam hoje novamente tornar inofensivos os que com a própria Verdade ameaçassem as passagens frágeis e oscilantes que se encontram sôbre as lacunas e os abismos de suas interpretações e ensinamentos. Perseguiam-nos com seu ódio, que se origina do mêdo e em grau maior da vaidade, justamente como já fizeram outrora.

Faltar-lhes-ia a grandeza de poder confessar que seu saber é insuficiente para reconhecer a Verdade e preencher as lacunas, afim de que com isso facilitassem a compreensão dos homens e a completa apreensão do caminho.

*No entanto só é possível a ascensão para a humanidade por meio do conhecimento completo, jamais pela crença cega e ignorante!*

Semelhante lacuna transmitida pelas falsas tradições é o conceito do “Filho do Homem”. Apegam-se às suas concepções errôneas, anômalmente, justamente como os fariseus que não queriam desfazer-se de suas doutrinas rígidas quando se viram em frente à Verdade transmitida pelo Filho de Deus. Christo falou de si *sòmente* como Filho de Deus. Estava longe de possuir a falta de lógica de ao mesmo tempo denominar-se o Filho do Homem. Por mais que se esforcem os indivíduos, levados por duas próprias dúvidas, com muito artifício e habilidade, por explicar a contradição, patente a qualquer pessoa dotada de algum senso, que existe entre os dois conceitos do Filho de Deus e do Filho do Homem, — a-pesar-de todos os esforços não poderão afirmar que encontraram uma *unificação* de ambos.

A melhor das soluções mostraria sempre uma dupla natureza, *ao lado* uma da outra, jamais *unificadas*.

A razão se encontra na própria natureza da questão. O Filho de Deus não se pode tornar o Filho do Homem, simplesmente, porque devia nascer de um corpo humano para poder peregrinar sôbre a Terra.

Todos sabem que o Filho de Deus veio *sòmente* para uma missão *espiritual*, e que todas as suas palavras só se referiam ao *Reino espiritual*, isto é, tinham significação *espiritual*. Por esse motivo suas alusões freqüentes ao Filho do Homem não devem ser tomadas noutro sentido. Porque *sòmente* aquí uma exceção? Espiritualmente, porém, Christo foi e continuou *única*mente *Filho de Deus*! Quando, portanto, falava do Filho do Homem, não podia referir-se a si próprio. Ha em tudo isso elementos mais extraordinários do que deixam ver hoje as doutrinas das igrejas. A contradição patente já devia ha muito ter levado à meditação mais profunda se as peias dogmáticas não escurecessem tudo. Em vez de se lançarem no exame sério e necessário em matéria dessa monta, preferiram os homens recorrer às vendas que

entravam a visão nítida das coisas. a consequência natural é que os expositores e os mestres, conquanto se encontrem na Criação de seu Deus, não conseguem sequer atingir ao conhecimento adequado dessa Criação, único meio existente para que pudessem também aproximar-se do próprio Criador, o ponto de partida de toda obra.

O que Christo ensinou em primeiro lugar e acima de tudo foi a mais completa naturalidade, isto é, compreender a amoldar-se às Leis da Natureza, isto é, da Criação. Só se pode amoldar quem conhece essas Leis. Essas, por sua vez, encerram a Vontade do Criador, podendo, por êsse motivo, fornecer o caminho para o conhecimento do próprio Criador. Os que conhecem essas Leis, porém, sabem perfeitamente como se engrenam indissolúvelmente, e sabem do mesmo modo que a sua ação é imutável em sua consequência progressiva da mesma maneira que a Vontade do Criador, Deus-Pai.

Qualquer concessão seria uma modificação da Vontade Divina, e modificação implicaria imperfeição. Mas, como a fonte primordial de todo o Ser, Deus-Pai, só pode ser uniforme e perfeito, deve portanto ser excluída a possibilidade da menor modificação dentro dessas Leis da Natureza, isto é, das Leis da evolução. Êste fato condiciona que a ciência das religiões e a da natureza devem coincidir em todos os pontos, com clareza e consequência uniformes, uma vez que devem reproduzir a *Verdade*.

Ninguém nega que a ciência natural constitue relativamente ao conjunto da Criação uma parte muito limitada do saber, pois se restringem apenas ao domínio da matéria grosseira, pelo fato de que o entendimento, na sua acepção atual, só se aproxima do que se encontra em relação com o espaço e o tempo. O único erro, aliás imperdoável, de tudo isso é que os adeptos dessas ciências procuram zombar e negar a existência do que ultrapassa êsses limites,

com exceção de alguns sábios que se elevaram acima da mediocridade, adquirindo por isso uma visão mais ampla, o que os leva a não encobrir com presunção as falhas do conhecimento.

A ciência das religiões é muito mais ampla, mas a-pesar-disso fica adstrita ao domínio das Leis da Natureza que ultrapassa o que se encontra no tempo e no espaço e que, provindo da fonte primordial, prossegue a seu modo sem modificação e sem interrupção no que é terrenamente visível. Por êsse motivo as doutrinas das religiões não devem possuir lacunas nem contradições, para corresponderem de fato à Verdade, ou às Leis naturais, ou à Vontade Divina, para encerrarem, portanto a *Verdade*. Doutrinas destinadas à direção e com responsabilidade não devem utilizar-se de privilégios da crença cega!

Pesa por isso, excessivamente, nos adeptos da verdadeira doutrina de Christo o conceito errado do Filho do Homem, por terem aceito e transmitido sem uma análise crítica tradições errôneas, a-pesar-de em muitas pessoas de tempos a tempos haverem surgido sentimentos intuitivos admoestadores em contrário.

E' justamente a imutabilidade da Vontade de Deus em sua Perfeição que exclue a intervenção arbitrária de Deus na Criação. Mas é ela também que depois da separação de Lúcifer por seu falso procedimento <sup>(1)</sup> não o pode excluir com facilidade, como do mesmo modo deve consentir no abuso pelo homem das Leis naturais, da Vontade Divina, por ter sido reservado uma deliberação livre ao espírito humano <sup>(2)</sup> pela sua origem do eterno Espírito-enteal. *Justamente nos acontecimentos na Criação da matéria fina e da grosseira deve patentear-se em sua inalterabilidade a*

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N.º 45: "O Mistério Lúcifer".

<sup>(2)</sup> Dissertação N.º 5: "Responsabilidade".

*Perfeição da Vontade do Criador como estritamente ligado a Êle.* Sòmente os espíritos acanhados e sem valor poderão ver nesse conhecimento uma restrição de poder e de grandeza. Semelhante modo de compreender será apenas uma demonstração da própria insuficiência.

A imensidade do conjunto os confunde por lhes ser de fato impossível formar uma imagem adequada — correspondente ao seu entendimento — quando dispõem de uma moldura estreita.

Quem se esforçar, porém, por conhecer o Criador em sua atividade, encontrará no caminho seguro das Leis da Natureza um pressentimento convincente dos fatos que possuem maior alcance do que o que aparece, cujas origens se encontram na fonte primordial, isto é, no ponto de partida de todos os acontecimentos, traçando por êsse modo uma espécie de linha férrea indestrutível através da Criação, por onde toda a restante vida rolará de acôrdo com a posição do desvio. E' o *espírito humano*, porém, por sua *autonomia* <sup>(1)</sup> o que determina a posição do desvio. Infelizmente a maioria dos homens se deixa desviar pelo Princípio de Lúcifer, prosseguindo dêsse modo segundo as Leis imutáveis da evolução, arrastada pelos mesmos trilhos da matéria, descendo cada vez mais para determinado fim, de acôrdo com a direção tomada.

A escolha do desvio pela livre resolução pode ser desde início sentida ou observada exatamente, o que permite reconhecer com clareza a direção ulterior, porque só poderá prosseguir em seu desenvolvimento, depois de tomada a resolução, de acôrdo com os trilhos das Leis da Criação. *Êsse fato permite a previsão* de muitos acontecimentos, porque as Leis da Natureza ou da Criação jamais se apartam de seu curso evolutivo. De nada influem os milênios.

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N.º 30: "O Homem e a sua Livre Vontade".

Dessas previsões, dessas metas predeterminadas, se originam as grandes revelações apresentadas em imagens aos eleitos, transmitidas por êstes à humanidade. Uma coisa, porém, *não* pode ser predeterminada com precisão: *o tempo terrestre* em que se realizam essas promessas e revelações.

Isso se dá no momento em que um tal curso de vida, deslizando por seus trilhos escolhidos, penetra numa estação intermediária ou na meta final. O destino dos homens como o dos povos, e, finalmente, o de toda a humanidade, é comparável a um trem que se encontra à espera em uma linha simples que vai dar em todas as direções. O indivíduo escolhe à vontade um desvio, salta no trem e dá o vapor, isto é, anima-o. Depois de haver embocado na linha escolhida só é possível citar o nome das estações de parada ou da estação final, não porém a hora certa da chegada por depender essa da velocidade da marcha, variável com a qualidade do indivíduo que a dirige, porque *o homem anima* a máquina, e progredirá de acôrdo com sua própria constituição, em marcha uniforme e serena, ou com impetuosidade apaixonada, ou com ambos alternativamente. Quanto mais um desses trens individuais, ou de povos, ou da humanidade se aproximar do ponto de parada da direção de seus trilhos ou do destino, com tanto mais segurança poderá ser prevista e indicada a próxima chegada. A rêde férrea, porém, possui algumas linhas de comunicação que podem ser aproveitadas *durante a viagem* de acôrdo com alterações nos desvios, podendo dêsse modo ser atingida alguma estação final diferente da que a primitiva linha prometia. E' necessário, portanto, diminuir a marcha ao aproximar-se um trem desses desvios, parar e manobrar. Diminuir a marcha é refletir, parar é decidir-se, o que sempre é possível até à decisão final; e manobrar é o ato que se segue a essa resolução.

Poderemos dar o nome de nervos da Obra da Criação à Vontade Divina que se estende como uma rêde férrea através

da matéria pelas Leis existentes da Natureza, sistema nervoso êsse que faz sentir ou anuncia ao ponto de partida, à fonte criadora primordial, qualquer anormalidade no poderoso corpo da Criação.

Em virtude dessa visão firme, que se baseia nas Leis imutáveis, pode o Criador ligar também, às suas revelações *promessas*, que anunciam auxiliares seus que aparecem na época em que se aproxima o trem dos desvios perigosos, das estações intermediárias, ou da final. Êsses auxiliares são habilitados por Êle para, pouco antes de se dar a catástrofe inevitável e a entrada no desvio perigoso, abrirem os olhos dos espíritos humanos que enveredaram por êsses trilhos falsos, anunciando-lhes a Verdade para que lhes seja possível ainda com tempo escolher um desvio que os livre do perigo que se aproxima, escapando do mesmo modo, com a nova direção tomada, da destruição final que os aguarda. Ai dos indivíduos, d'Aquém e do Além que se descuidam ou perdem o último desvio, e com isso, a possibilidade de tomar uma direção melhor! Estarão irremediavelmente perdidos!

Por isso mesmo que o Criador não pode modificar a Perfeição de sua Vontade, terá que seguir exatamente na execução de seu auxílio a direção das Leis existentes. Por outros termos: sua Vontade é perfeita desde o início. Todos os seus atos voluntários terão que ser, por consequência, perfeitos. Isso condiciona que todos os seus atos novos devem ser portadores de Leis iguais as já existentes, e como consequência de tudo é a exata adaptação nos acontecimentos evolutivos do mundo da matéria fina e da grosseira. Fica excluída qualquer outra possibilidade, justamente em virtude da Perfeição de Deus. Das previsões cujo mecanismo foi anteriormente explicado, originou-se a promessa da humanização do Filho de Deus, afim de que com a anunciação da Verdade os homens se decidissem a mudar de orientação. O ato dessa mudança fica reservado, de acôr-



do com as Leis, ao próprio espírito humano. Por êsse motivo escapa à previsão o modo último de decidir-se, porque só podem ser previstos com exatidão, quanto ao conjunto das paradas e desvios e a estação final as linhas *já escolhidas* pelo espírito humano cujos desvios foram preferidos por sua livre determinação. Não se incluem nisso, naturalmente, os pontos decisivos de novos desvios em que impera exclusivamente a resolução da humanidade, porque êsse direito se funda também na regularidade natural de origem e de evolução das coisas, por meio da Perfeição do Criador, como tudo o mais, e por isso mesmo que êste deu ao espírito humano êsse direito por sua origem do Espírito-enteal, não exige o conhecimento prévio de como se fará a decisão. Só poderá conhecer exatamente *as conseqüências* de semelhante decisão porque essas terão que se processar dentro dessa Vontade, que repousa nas Leis do mundo da matéria fina e da grosseira. Se fôsse possível ser por outro modo, implicaria isso falta de perfeição, o que está incondicionalmente excluído.

O homem deve ter por conseqüência completa consciência da grandeza de sua responsabilidade, de que em suas resoluções fundamentais é realmente independente. Infelizmente imagina-se sempre ou como escravo de completa dependência, ou exagera o seu conceito julgando-se parte da Divindade. A razão de semelhante modo de pensar se encontra provavelmente no fato de julgar com isso desvencilhar-se de qualquer responsabilidade em ambos os casos: numa hipótese por ser uma criatura mui baixamente colocada e dependente; noutra por se encontrar muito elevada. Ambas as acepções, porém, são falsas! Deve considerar-se como um administrador que possui livre deliberação em certas coisas mas ao mesmo tempo completa responsabilidade, em que se deposita grande confiança, mas que por isso mesmo não deve abusar com sua administração desleal.

A perfeição exige justamente que o Criador, ao enviar

um auxílio direto à humanidade, sempre que esta envereda por falsos caminhos, conte também com um possível falhar dessa humanidade em suas decisões. Já reserva para semelhantes casos, em sua Sabedoria e em seu Amor — que para êle são igualmente regulares e naturais — novos caminhos e auxílios que se ligam então aos primeiros, quando êstes foram contados pela recusa da humanidade em condições determinadas.

Por isso desde antes do tempo da humanização do Filho de Deus era preparado no Reino eterno do Pai um outro Emissário, para o caso de falharem os homens, a-pesar-do imenso sacrifício amoroso do Pai. Se o Filho de Deus não fôsse ouvido, com sua atitude puramente divina, apontando para a humanidade o caminho a ser seguido; se os homens ainda assim permanecessem em sua cegueira e continuassem nos trilhos escolhidos que levam à destruição — nesse caso devia partir mais um emissário que podia aproximar-se mais da essência íntima dos homens do que o Filho de Deus, para lhes servir mais uma vez, na última hora, de admoestador e guia, se... se quisessem ouvir seu apêlo da Verdade. *E' o Filho do Homem.*

Christo, como Filho de Deus, sabia disso. Quando reconheceu o solo atravancado e estéril da alma da humanidade, ficou certo de que a sua passagem pela Terra não produziria os frutos que poderia dar, se a boa vontade dos homens intervisse. Ficou imensamente triste por êsse fato, mas levado pelo conhecimento das Leis da Criação que encerram a Vontade de seu Pai, teve a previsão da conseqüência inevitável dessas resoluções dos homens. E começou a falar do Filho do Homem e da necessidade de sua vinda, em virtude dos acontecimentos que se passavam ao redor. Quanto mais realizava sua grande missão, que, de acôrdo com as deliberações da humanidade, patenteava dois caminhos — ou a grande obediência às suas doutrinas com a ascensão decorrente e

a libertação do perigo, ou a recusa e a precipitação progressiva no caminho que vai dar à destruição — tanto mais claramente viu que a maioria dos homens pendia para a recusa e para a destruição decorrente. Por isso transformara suas declarações sobre o Filho do Homem em promessas imediatas e anunciações declarando: “Mas quando vier o Filho do Homem..., etc.”.

Com isso designava êle o tempo pouco antes do perigo da destruição, que se apresenta como meta da humanidade, por haver recusado sua missão, prosseguindo na direção escolhida, tudo de acôrdo com as Leis Divinas do Mundo material. Muito sofrera Jesus com êste conhecimento.

São falsas as tradições que afirmam haver Jesus dado a si mesmo a designação de Filho do Homem. Semelhante falta de lógica não repousa nem nas Leis Divinas nem deve ser atribuída ao Filho de Deus, como portador e conhecedor dessas mesmas Leis. Os *Discípulos* não tinham conhecimento dessas coisas, como de suas perguntas se depreende. E' dêles que partiu o erro que até hoje persiste. Imaginavam que o Filho de Deus falava de si mesmo quando se referia ao Filho do Homem, e nessa convicção transmitiram o erro à posteridade que, da mesma maneira que os Discípulos, não se preocupou com a falta de lógica existente nas expressões, aceitando-as nessa acepção, em parte por receio, em parte por comodidade, a-pesar-de transparecer com mais clareza e fôrça na rectificação o Amor imenso do Criador. Seguindo as pisadas do Filho de Deus, isto é, recebendo e prosseguindo em sua missão, aparecerá na Terra o Filho do Homem como *segundo* Emissário de Deus-Pai à humanidade, para desviá-la do caminho escolhido, pela pregação da Verdade, induzindo-a a tomar outra direção por deliberação própria, livrando-a da destruição que atualmente a espera.

Filho de Deus — Filho do Homem! Não é difícil de mostrar que ha uma diferença entre os dois termos. Cada

um dos vocábulos tem seu sentido perfeitamente delimitado, sendo que a mistura ou a fusão dos dois patentearia apenas preguiça de pensamento. Ouvintes e leitores das dissertações devem lembrar o desenvolvimento natural que, partindo da Luz primordial, Deus-Pai, vai dar até aos corpos sidéreos de matéria grosseira. O Filho de Deus veio do Inenteal-Divino, atravessando rapidamente o Espírito-enteal e a matéria fina, para encarnar-se no mundo da matéria grosseira. Por êsse motivo deve com todo o direito ser denominado parte divina humanizada ou o Filho de Deus. A presa com que passou pelo Espírito-enteal onde o espírito humano tem sua origem, não consentiu que aí se detivesse, como também na parte da matéria fina que se lhe segue, para que seu Espírito Inenteal-Divino pudesse adquirir fortes revestimentos protetores constituídos por essas diversas espécies, ficando por êsse motivo, seu envoltório, excessivamente delicado. Disso proveu a vantagem de transparecer com mais luminosidade e fôrça a parte interior e divina, tendo porém, a desvantagem de ser combatida mais rapidamente e atacada com mais impetuosidade pelas camadas inferiores e inimigas da Terra em que caíra. A porção divina forte, protegida mui tênueamente pelo invólucro terreno material, teve que ficar estranha aos homens, afastada dêles. Simbolicamente falando poderíamos dizer que o Espírito Divino não se encontrava suficientemente armado e protegido para penetrar na parte terrena de matéria grosseira, por falta de elementos do Espírito-enteal e da matéria fina. Ficou, portanto, fracamente preenchido o abismo existente entre o Divino e o terreno.

Visto não haverem os homens acatado e protegido essa dádiva do Amor de Deus, mas coberto o lúcido Filho de Deus de inimizade e ódio, levados pelo pendor natural pelas Trevas, tornou-se necessário vir um segundo Emissário no Filho do Homem que se encontra fortemente armado para o mundo de matéria grosseira.

O Filho do Homem é também um Emissário Divino originado do Inenteal-Divino. Antes, porém, de seu mandado para o mundo da matéria grosseira, foi encarnado no eterno Puro-espírito-enteal de onde se origina a semente do espírito humano. Por êsse motivo o núcleo Inenteal-Divino dêsse segundo Emissário se aproxima mais em sua origem ao espírito humano, sendo dotado portanto de maior proteção e mais fôrça imediata contra êste.

Nas máximas alturas da mesma espécie do espírito humano ha para tudo o que existe um ideal completo de tudo o que pode trazer em si o desenvolvimento do Espírito-enteal. Assim também o eterno ideal feminino, Puro-espírito-enteal, Rainha da feminilidade, com todas as virtudes vivas. Todo gérmen espiritual feminino traz em si o anelo inconciente de se esforçar para essa fôrma nobre e pura do ideal vivo. Infelizmente durante a passagem pela matéria êste anelo inconciente degenera em vaidade que substitue illusòriamente o ideal pressentido que não se realizara. Êsse anelo, porém, torna-se mais conciente, ainda no mundo de matéria fina, por ocasião da ascensão para a Luz. Logo que começam a cair as paixões inferiores, surge êsse anelo com fôrça cada vez maior, acabando por avivar e fortificar as virtudes. O íman e o foco de todos êsses anelos nobres pelas virtudes femininas é a Rainha da feminilidade no Reino imperecível do Pai, no Puro-espírito enteal. O núcleo Inenteal-Divino dêsse segundo Emissário de Deus baixou então a êsse ideal espírito-enteal da feminilidade, educado por ela como Mãe espírito-enteal no Reino eterno de Deus-Pai, tendo o Burgo do Gral como pátria de sua mocidade espiritual. Sòmente daqui foi que partiu sua missão ao mundo da matéria grosseira, no momento em que pudesse entrar, no instante preciso, para o campo de luta afim de poder apontar o verdadeiro caminho para o Reino do Pai aos que sinceramente procuravam Deus, e ao mes-

mo tempo ministrar proteção contra os inimigos que se esforçam para baixo.

Por isso mesmo que, em oposição ao Filho de Deus, passou sua mocidade no Espírito-enteal, isto é, na origem e ponto de partida do espírito humano, encontra-se radicado simultaneamente no Inenteal-Divino e no Espírito-enteal. Está portanto mais próximo da natureza da humanidade, e, pela reunião de origem da mocidade, é verdadeiramente *Homem-Deus!* Origina-se do Inenteal-Divino e ao mesmo tempo do Puro-espírito-enteal, fonte primitiva da humanidade. Por êsse motivo é denominado o Filho do Homem, em oposição ao Filho de Deus puro, estando-lhe patente, por sua origem, o caminho para o Inenteal-Divino. Por êsse motivo é Portador de Fôrça e Poder Divinos, encontrando-se perfeitamente aparelhado para lutar contra toda a humanidade assim como contra Lúcifer.

Por isso velai para que o possais reconhecer quando chegar o seu tempo, porque êle trará também o tempo para vós!

## DIFERENÇA DE ORIGEM ENTRE O HOMEM E O ANIMAL

**A** fim de tornar clara a diferença de origem e o homem e o animal, faz-se necessária uma dissertação mais profunda da Criação do que a que até agora fizemos. Adianta-se pouco com o emprêgo das expressões usuais como “alma coletiva” dos animais em oposição ao “Eu” pessoal do homem, a-pesar-de bem pensadas em si mesmo. Dêsse modo, porém, designa-se apenas o traçado geral e o que se encontra mais próximo à Terra, sem atingir a diferença *essencial*.

E’ necessário conhecer prèviamente o desenvolvimento da Criação, o que vem explicado na dissertação que tem por título “O desenvolvimento da Criação”.<sup>(1)</sup>

Para melhor apreensão do conjunto repitamos mais uma vez em ordem decrescente, os principais estádios aludidos:

- |                           |  |
|---------------------------|--|
| 1. Divino                 | { Inenteal-Divino<br>Divino-enteal                         |
| 2. <i>Espírito-enteal</i> | { Espírito-enteal conciente<br>Espírito-enteal inconciente |
| 3. Enteal                 | { Enteal conciente<br>Enteal inconciente                   |
| 4. Matéria                | { Matéria fina<br>Matéria grosseira                        |

O homem tem sua origem espiritual no Espírito-enteal inconciente, ao passo que o animal tem sua origem no En-

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N.º 52.

teal inconciente. Ha uma extraordinária diferença entre êstes dois estádios. O núcleo anomador do homem é o *Espírito*, ao passo que o do animal é sòmente o *Enteal*.

O Espírito se encontra muito acima do Enteal, achando-se por conseqüência a origem interior do homem muito mais elevada do que a do animal, ao passo que ambos possuem de comum sòmente a origem do corpo de matéria grosseira. No entanto o espírito do homem desenvolveu muito mais o seu corpo originalmente apenas animal do que o pôde fazer a alma enteal do animal.

E' por conseqüência certa a doutrina que afirma o desenvolvimento natural dos corpos de matéria grosseira, desde os corpos de animais mais ínfimos até ao do homem. Mostra em todos os sentidos o trabalho progressivo e sem lacunas da Vontade Criadora na Natureza. E' uma prova de perfeição .

Essa doutrina contém apenas um erro, aliás de grandes proporções, pelo fato de não haver ultrapassado o domínio da matéria grosseira. E' certo afirmar que o corpo humano, isto é, o manto de matéria grosseira do homem se origina do corpo animal, que existia antes que o corpo humano. Êstes corpos, porém, não constituem só por si nem os homens nem os animais, mas apenas lhes pertencem como o necessário no elemento da matéria grosseira. Querer concluir dêsse fato, porém, que a vida interior do homem também se origina dos animais, é cometer um erro imperdoável que ocasiona equívocos e pode despertar conflitos. Dêsses conflitos ou discórdias nasce o sentimento intuitivo que se nota em tantas pessoas *contra* semelhante concepção errônea. Por um lado sentem-se atraídas pela veracidade da asserção na parte relativa aos corpos, por outro lado, por sua vez, repelidas pelo erro grosseiro que abrange na mesma explicação a origem interior do homem.

A ciência até hoje não tem podido deixar de dizer que no desenvolvimento natural o homem se origina enfim do



animal, vindo imediatamente de um animal semelhante ao macaco que é o que mais se aproxima, quanto à fôrma exterior, ao homem, porque ela só se tem ocupado com estudos exclusivamente da matéria, e predominantemente com a matéria grosseira que constitue parte mínima da Criação. Desta só conhece as mais grossas exterioridades, na realidade pouquíssimo, quasi nada. Hoje já pode aplicar elementos mais valiosos, mas desconhece-lhes sua verdadeira espécie, sendo forçada a valer de termos estrangeiros afim de suprir a falta do verdadeiro conhecimento. Êsses termos designam apenas a classificação provisória de algo existente e já aplicável, cuja natureza própria não conhecem, e, menos ainda, sua origem.

O Enteal, porém, e ainda mais que êste, o Espiritual, encontra-se *acima* de tudo o que é material, dirigem-se da Terra para cima, afim de continuar em direção à origem de tudo o que existe, ou, o que será mais natural, precedem de cima para baixo à parte material na evolução.

Convém advertir que todo o Espiritual, assim como todo o Enteal, necessita naturalmente em seu desenvolvimento, de um manto constituído pelo corpo de matéria grosseira, logo que penetra nessa matéria, obedecendo às Leis da evolução, como fator conformador e núcleo vivo. Toda discórdia será imediatamente apagada se com as investigações penetrarmos mais adiante, a saber, além da matéria grosseira, ou se acompanharmos o processo da evolução de cima para baixo. O tempo está próximo em que isso se ha-de dar. Faz-se mister, porém, da maior cautela para que o saber espiritual, que evidentemente conduz em si a lógica, não seja degradado em fantasia ignorante. E' preciso ter e, vista que só nos podemos aproximar do Espiritual e do Enteal com o espírito *claro e livre*, e não como nos estudos da matéria grosseira, com balanças, escalpêlos e vidros, e, muito menos, com o espí-

rito estreito ou com idéias preconcebidas como frequentemente o fazem.

As próprias Leis existentes da Criação o proíbem. A criatura humana pequenina com sua grande presunção não conseguirá que a Vontade férrea de seu Criador ceda num ponto sequer de sua Perfeição.

A diferença essencial entre o homem e o animal se encontra exclusivamente no interior. O animal, depois de haver despido o corpo de matéria grosseira, só pode voltar ao Enteval, ao passo que o homem volta ao Espiritual, que se encontra muito mais acima.

O homem, sob certo ponto de vista, pode muitas vezes descer abaixo do animal, mas a-pesar-de tudo se conserva homem, porque não se pode furtar à responsabilidade que tem seu centro na sua origem espiritual; ao passo que o animal com sua origem exclusivamente enteval nunca poderá elevar-se ao homem. A diferença entre os corpos consiste apenas na fôrma e no desenvolvimento mais nobre do homem motivado pelo *Espírito* depois que penetrou na matéria grosseira. <sup>(1)</sup>

---

(1) Dissertação N.º 7: “*A Criação do Homem*”.

## A SEPARAÇÃO ENTRE A HUMANIDADE E A CIÊNCIA

Não ha necessidade de que esta separação persista, porque toda a humanidade tem pleno direito sôbre a ciência. Esta procura apenas tornar mais compreensível a dádiva divina da Criação. A verdadeira atividade de qualquer ramo da ciência consiste na tentativa de investigar mais intimamente as Leis do Criador, para que por seu conhecimento exato provenham lucros abundantes para a humanidade.

Isso não é nada mais do que querer submeter-se à Vontade Divina.

Uma vez que a Criação e as Leis Naturais ou Divinas que a suportam são tão claras e simples em sua perfeição, resulta como consequência natural que quem as compreender de fato deveria dar uma explicação simples das mesmas.

Inicia-se neste ponto uma diferença perceptível que, por sua natureza malsã, abre um abismo cada vez maior entre a humanidade e os que se denominam discípulos da ciência, isto é, discípulos do Saber ou da Verdade.

Êstes não se exprimem com a simplicidade e a naturalidade exigidas como consequência natural pela Verdade, isto é, o saber pròpriamente dito.

Isso depende de duas causas, aliás três. Esperam que se lhes dê uma posição especial pelo que na sua opinião constitue esforço particular de estudo. Não concedem fàcilmente que êsse estudo consiste apenas num empréstimo da Criação existentes, tal como o realiza simplesmente um camponês na

calma observação da natureza que lhe é necessária, ou como fazem outros indivíduos em seus trabalhos práticos.

Além disso o neófito da ciência terá sempre que se exprimir com pouca clareza, enquanto com seu saber não se houver aproximado da Verdade. Sòmente então, quando houver de fato apreendido a própria Verdade, é que se tornará necessariamente simples e natural em suas descrições. Não constitue nenhum segredo que nessa fase transitória para o saber os *incientes* falam muito mais do que os próprios sabedores, tendo por conseguinte que se valerem sempre da obscuridade, uma vez que ainda não sejam possuidores da Verdade, isto é, do verdadeiro saber.

Em terceiro lugar, ha o perigo real da maioria dos homens dar pouca atenção à ciência se esta se apresentasse com o manto natural da Verdade. Os homens a julgariam muito “natural” demais para lhe emprestar algum valor.

Não refletem que é *isso* o único processo justo, a medida para tudo que é legítimo e verdadeiro. A comprovação da Verdade só se encontra na evidência natural por si mesma.

Os homens, porém, não são fàcilmente convertíveis nesse particular. Não queriam reconhecer em Jesus o Filho de Deus, por ter aparecido “muito simplesmente”.

Os discípulos da ciência reconheceram desde cedo êsse perigo. Por êsse motivo recorreram à astúcia, fugindo à simplicidade natural da Verdade. Afim de valorizarem a si próprios e a sua ciência, criaram com suas cogitações obstáculos cada vez mais difíceis.

O sábio que se elevou da massa popular, envergonhou-se por fim de exprimir-se de modo simples e compreensível a todos. Isso sucede freqüentemente pela razão — nele quasi inconciente— de que pouco lhe havia de sobrar de especial se não tivesse composto um modo de expressão, cujo manejo não pode ser feito senão depois de anos e anos de estudos.

Afim de não se fazer compreensível a todos, acabou por formar com o tempo uma primazia artificial que foi conservada mui zelosamente por seus discípulos e sucessores, porque para muitos dêles, a ser por outro modo teria sido verdadeiramente inútil o estudo dispendido e o sacrifício de tempo e de dinheiro.

Chegamos hoje a um tal ponto que para muitos sábios não é mais possível exprimir-se a pessoas simples com clareza e compreensibilidade, isto é, com simplicidade. *Essa* tentativa constituiria agora *o mais difícil estudo*, exigindo para ser realizada mais que uma idade humana. Antes de mais nada patentearia o que para muitos é desagradável, a saber, que só apareceriam com merecimento as pessoas que de fato estão em condições de dar à humanidade algo com real capacidade e estando dispostos a servi-la com a mesma.

Atualmente a capa da incompreensibilidade é para a maioria uma particularidade brilhante das rodas eruditas, do mesmo modo que já foi uso em relação aos assuntos religiosos, sendo praxe dos servos de Deus, escolhidos exclusivamente na Terra, falar em latim, na qualidade de guias dos que procuravam a beatitude e a elevação. E' natural que em tais condições êstes últimos nada compreendessem , não tendo com isso nenhum lucro. Tais servos de Deus poderiam falar siamês com a mesma ineficácia.

O verdadeiro saber não deve ter a necessidade de se fazer incompreensível, porque encerra em si a faculdade e até mesmo a necessidade de se exprimir em palavras simples. A Verdade é para *todos* os homens sem exceção, porque os homens se originaram dela, sim, porque a Verdade está viva no Espírito-enteal, ponto originário do espírito humano. Disso se deprende que a Verdade é acessível em sua simplicidade natural a todos os homens. Logo, porém, que se torna, em sua reprodução, complexa e incompreensível, não continuará mais verdadeira e pura, ou as descrições se per-

dem em fatos secundários que de fôrma alguma correspondem ao significado do núcleo essencial. Êsse núcleo, o saber legítimo, deve ser compreensível a todos. Modos de dizer arrevesados e artificiais só podem abrigar pouca sabedoria, por se afastarem da naturalidade. Quem não pode reproduzir com naturalidade e simplicidade alguma coisa, *não* aprendeu o verdadeiro saber, mas procura mascarar, artificialmente aquilo de que carece, não passando de uma boneca enfeitada, mas sem vida.

Quem deixa lacunas n exposição da conseqüência lógica, e ainda exige dos ouvintes crença cega para o que diz, reduz com isso a Perfeição Divina a um ídolo defeituoso, demonstrando ao mesmo tempo que não se encontra no verdadeiro caminho, não podendo, portanto, elevar-se à posição de guia. Sirva isto de advertência a todos os que procuram com sinceridade!

## ESPÍRITO

**E**mprega-se a palavra “Espírito” a todos os momentos sem que a pessoa que a pronuncia tenha consciência de seu legítimo significado. Uns dão o nome de Espírito à vida interior do homem; outros reúnem alma e espírito; freqüentes vezes se referem também a homens de espírito, dito êsse que visa exclusivamente ao simples trabalho cerebral. Fala-se também de fagulha espiritual e muitas coisas mais, mas ninguém empreende explicar o que seja de fato o Espírito. O que de mais elevado já se compreendeu a respeito se encontra na expressão: “Deus é Espírito!” Disso se deduz tudo o mais. Tentou-se com semelhante asserção compreender também Deus, querendo encontrar com isso uma explicação sobre êle.

Isso porém faz desviar da realidade, ocasionando equívocos, porque é falso dizer que Deus é Espírito.

Deus é *Divino*, não Espírito! Nisto já consiste a explicação. Nunca devemos dar o nome de Espírito ao Divino. Só é Espírito o Espiritual. E’ explicável êsse erro até agora dominante nas concepções pelo fato de originar-se o homem do Espiritual, não podendo portanto pelo pensamento ultrapassar seus limites, sendo-lhe por isso mesmo, o mais alto concebido sempre como algo Espiritual. Era natural que concluísse que a porção mais perfeita e mais pura de tudo isso era a origem de toda a Criação, isto é, Deus. Podemos por consequência admitir que o conceito falso não se originou somente da necessidade de representar Deus como sendo da mesma espécie que os homens, conquanto perfeito em todas

as relações, afim de sentir-se mais intimamente ligado com ele — senão que a causa se encontra principalmente na impossibilidade de apreender a verdadeira Elevação Divina.

*Deus é Divino*; apenas sua *Vontade* é Espírito, e oriundo dessa *Vontade* viva o ambinete espiritual que lhe está próximo, o Paraíso com seus habitantes. Dêsse Paraíso, porém, isto é, da *Vontade Divina que adquiriu forma*, veio o homem como semente espiritual a fim de iniciar seu percurso pelo resto da Criação, como um grão mínimo da *Vontade Divina*. O homem é portanto portador pròpriamente dito da *Vontade Divina*, e, por isso, portador do Espírito no conjunto da Criação material. Por êsse motivo se encontra em suas ações ligado à pura *Vontade* primordial de deus, tendo que assumir toda a responsabilidade quando deixa que essa *Vontade* fique sobrepujada por influências exteriores impuras da matéria e mesmo, em alguns casos, inteiramente soterrada.

E' êste o tesouro ou prenda que em sua mão tinha que dar juro e juro dêstes juro. Da asserção falsa de que Deus é Espírito, isto é, da mesma espécie da origem do homem, se depreende claramente que os homens jamais podiam fazer uma idéia exata da Divindade. Têm que imaginar não sòmente a maior perfeição de si próprios, como também ainda ultrapassar para um modo inteiramente diverso que sempre lhes será incompreensível porque em virtude de sua conformação espiritual jamais poderão atingir essa compreensão. O Espírito é, portanto, a *Vontade* de Deus, o elixir da vida da Criação toda que necessita estar embebida dêsse elixir afim de que possa conservar-se. O homem é o portador parcial dêsse Espírito, contribuindo pela consciência progressiva de si próprio para a *elevação* e para o desenvolvimento ulterior de toda a Criação. Mas para isso faz-se mister que aprenda a aplicar com acêrto as forças naturais, utilizando-as com concentração para o seu progresso.



## DESENVOLVIMENTO DA CRIAÇÃO

Já uma vez tive oportunidade de fazer ver que as Histórias da Criação que por aí andam escritas não devem ser compreendidas no sentido terrestre. A História da Criação que se encontra na Bíblia, também, não se refere à Terra. A criação da Terra foi apenas uma consequência natural da primeira Criação em seu desenvolvimento ulterior e somente esta primeira Criação foi empreendida pelo próprio Criador. É quasi incompreensível como podiam os investigadores das Escrituras cometer um salto tão ilógico e lacunoso com a suposição de que Deus tenha criado a Terra de matéria grosseira imediatamente e sem transição em seguimento à sua Perfeição.

Não ha necessidade de que a “Palavra” das Escrituras se modifique para que nos aproximemos mais da Verdade dos fatos. Pelo contrário, a Palavra da História da Criação reproduz essa Verdade com muito mais clareza do que todas as suposições lacunosas e falsas. Somente as exposições errôneas são as causadoras da incompreensibilidade para tantas pessoas.

Os homens percebem perfeitamente o erro de querer colocar o que na Bíblia é denominado Paraíso incondicionalmente na Terra de matéria grosseira que se encontra tão afastada da Divindade. Não é tão desconhecido que a Bíblia é, em primeiro lugar, um livro *espiritual*. Dá explicações sobre acontecimentos *espirituais*, só fazendo

referências a pessoas quando estas se encontram em relações imediatas para melhor elucidação das coisas do espírito.

Finalmente é também compreensível para o espírito humano, porque é natural, *não referir-se* à Terra que se encontra tão distanciada do Criador, a História da Criação que se encontra exposta na Bíblia. Ninguém certamente se atreverá a negar o fato de que essa Criação de Deus designada como *primeira* e imediata só pode ser procurada como se tendo realizado em sua proximidade, por haver saído *em primeiro lugar* do próprio Criador, *devendo* estar em íntimas conexões como êle. Nenhum pensador calmo e lúcido ha-de esperar que esta Criação primordial e *legítima* se haja processado justamente na Terra que se encontra tão afastada da Divindade, Terra essa que só se originou depois do desenrolar ulterior da evelução.

Não poderia, portanto, tratar-se de um Paraíso *sobre a Terra*. O que Deus criou, pessoalmente, conforme está explicitamente escrito na História da Criação, ficou evidentemente em relações *imediatas* com êle, só tendo sido possível que se encontrasse em sua proximidade. E' também fácil de ser explicado e muito natural que tudo o que foi criado em tamanha proximidade do Criador, ou que dêle se originou, conserve a maior semelhança com sua Perfeição. E' *isto* exclusivamente o Paraíso, o Reino eterno de Deus!

Seria dar oportunidade para que surgissem os cépticos a imaginar tudo isso como se tendo passado na Terra de matéria grosseira. O pensamento de uma "expulsão" do Paraíso *terrestre*, tendo que ficar os expulsos *sobre a mesma Terra*, é um fato tão grosseiramente materializado que quasi merecia o nome de grotesco. Imagem morta que nos mostra um dogma violentamente inculcado, que nada exprime a qualquer pessoa de reciocínio.

Quanto menos perfeito, tanto mais afastado da Perfeição. Também os seres espirituais gerados da Perfeição não podem ser os homens terrenos, mas forçosamente devem estar muito perto da Perfeição, fornecendo portanto os modelos ideais para os homens. São os Espíritos eternos que jamais baixam à materialidade, e que por consequência, não se tornam homens terrenos. Fórmulas ideais irradiantes, que têm força atrativa como os ímãs e que atuam também fortificando sobre todas as faculdades do núcleo espiritual humano e do espírito que posteriormente adquiriu consciência.

O que, portanto, é designado na Bíblia como sendo o Paraíso, *não* deve ser confundido com a Terra.

Para melhor explicação é necessário mais uma vez apresentar uma imagem completa do todo existente, afim de facilitar aos homens que procuram, o caminho para o Reino eterno de Deus, o Paraíso, de onde se originam em seus princípios primitivos espirituais.

O homem imagina a Divindade como sendo o que de mais elevado e supremo se concebe. O próprio Deus, como ponto de origem de tudo o que existe, a fonte primordial de toda a vida, é *Inenteal* em sua Perfeição incondicionada. Temporariamente toma determinadas fórmulas ao se envolver no manto do Divino-enteal que se lhe segue. Depois de Deus, em sua Inentealidade particular e primordial segue-se o círculo do Divino-enteal. Dêste se originaram as primeiras fórmulas absolutas que se constituíram, a saber: em primeiro lugar os quatro arcanjos, e a seguir, em segundo e terceiro lugar, um número reduzido de anciãos. Estes últimos não podem penetrar no Inenteal-Divino, mas são de importância fundamental para o desenvolvimento ulterior do Espírito-enteal, assim como mais tarde os seres do Conciente-enteal têm grande valor para o desenvolvimento da matéria. Lúcifer foi enviado do Divino-enteal

para servir de apôio imediato da Criação em seu desenvolvimento ulterior autônomo.

O Filho de Deus veio como uma parte do Inenteal-Divino que terá que voltar a êle depois de sua missão, afim de unificar-se novamente com o Pai. O Filho do Homem se origina também do Inenteal-Divino, diretamente de Deus. Pela união com o Espírito-enteal conciente ficou obrigado a permanecer separado, conservando-se no entanto em ligação imediata com o Inenteal-Divino, para que êle eternamente se conserve como o mediador entre Deus e a sua Obra. Depois que Lúcifer, falhou em sua missão, como Enviado do Divino-enteal, era necessário que em seu lugar viesse um mais forte que pudesse acorrentá-lo e auxiliar a Criação. Por êsse motivo o Filho do Homem, a isso destinado, se origina do Inenteal-Divino.

*O Paraíso*, o Reino eterno de Deus, se liga portanto, imediatamente, ao Divino-enteal. E' em primeira linha o *Espírito-enteal conciente* como o que se lhe encontra mais próximo, constituído pelos seres criados eternos e espirituais também denominados Espíritos. São estas as fórmias ideais mais completas a que podem e devem esforçarem-se os espíritos humanos em seu máximo desenvolvimento. Atraem magnéticamente os que se esforçam pela ascensão. Semelhantes ligações que atuam autonômicamente se fazem percebidas pelos que se esforçam por um anelo freqüentemente inexplicável que lhes infunde o impulso para a pesquisa e para a ascensão.

São os espíritos que jamais nasceram na matéria, criados pelo próprio Deus, fonte primordial de todo o ser e de toda a vida, como puramente espirituais, e que, por isso mesmo, se encontram mais próximos de sua Perfeição. São *êles*, também, os *feitos à sua imagem*. Não devemos desatender que na história da Criação está expressamente dito: *segundo sua imagem!* Não é destituída de valor semelhante

observação, porque êles só poderiam ser feitos segundo sua *imagem* e não segundo Êle *próprio*, isto é, sòmente como Êle se *mostra*, porque o Puramento Divino é, como início, Inenteal.

Como ficou dito acima, para que Deus se mostre, precisa envolver-se no Divino-enteal, mas ainda aí não poderá ser visto pelo Espírito-enteal, senão exclusivamente pelo Divino-enteal, e isso mesmo sòmente em parte mínima, porque o que é Puramente Divino ofuscaria com sua claridade e pureza perfeitas os que se encontram fora da Divindade. Nem mesmo os Divinos-enteais podem contemplar a Deus diretamente! E' grande demais a diferença entre o Inenteal-Divino e Divino-enteal.

Nesse Paraíso dos Espíritos-enteais concientes vive simultâneamente o Espírito-enteal inconciente. Encerra os mesmos alicerces que compõem o Espírito-enteal e conciente, isto é, o gérmen para este último. Nesses gérmens, porém, encontra-se a vida, e em toda a Criação a vida se esforça para a evolução, de acôrdo com a Vontade Divina. Essa evolução é feita no sentido da consciência cada vez maior, processo êsse natural e sadio. Mas para que o Inconciente se torne conciente é necessário que haja experiências, e êsse impulso para o ulterior desenvolvimento por meio da experiência, expulsa por fim autonômicamente êsses gérmens do Espírito-enteal inconciente que amadurecem, ou, como se prefere dizer, fá-los ultrapassar os limites do Espírito-enteal. E como êsse desligamento ou impulso para fora não pode dar como resultado que um gérmen suba, só resta a êsse último tomar o caminho para baixo que lhe fica livre.

*E' esta a expulsão necessária e natural do Paraíso do gérmen espiritual que se esforça para a consciência, vindo do Espírito-enteal!*

E' esta de fato a expulsão a que a Bíblia se refere. Simbòlicamente está reproduzida com exatidão nos termos:

Comerás o pão com o suor de teu rosto. Isto e, na situação premente das experiências com a necessidade que se origina da defesa e da luta contra as influências do ambiente inferior em que penetra como estranho.

Essa expulsão ou repulsa do Paraíso não é absolutamente um castigo, mas uma necessidade autônoma, necessária e natural, por ser atingida a madureza determinada de cada germen espiritual, pelo impulso para o desenvolvimento da consciência de si mesmo. É o nascimento do que vem do Espírito inconciente para o Enteval, passando em seguida ao material com o fim determinado da evolução. Logo trata-se de um *progresso*, e não, de um regresso!

Trata-se de um modo de dizer perfeitamente acertado quando na História da Criação vem explicado que o homem sentiu necessidade de “cobrir sua nudez”, depois de haver despertado para o conceito do bem e do mal, o começo lento da consciência de si mesmo.

Com o impulso cada vez mais forte para a aquisição da consciência vem a seguir autonomamente a expulsão da Criação primordial, o Paraíso, afim de passar pelo Enteval para a matéria. Logo, portanto, que o germen espiritual ultrapassa os limites do Espírito-enteval, se encontraria, como tal, “nú” em seu novo ambiente, que é diferente e mais espesso. Dito de outra forma, encontrar-se-ia “desprovido de vestimenta”. Nasceu, portanto, não somente o desejo mas a necessidade premente de cobrir-se com a entealidade e a matéria do novo ambiente, uma espécie de manto ou invólucro, adquirindo no princípio o manto do Enteval, logo o de matéria fina e finalmente o corpo de matéria grosseira.

Somente com a aquisição do manto ou do corpo de matéria grosseira é que surge o impulso sexual absoluto, e, com isso, o pudor corpóreo.

Quanto maior fôr o pudor tanto mais nobre é esse instinto e tanto mais elevado também se encontra o homem es-

piritual. O sentimento de pudor corpóreo, mais ou menos intenso em todas as pessoas, é *a medida de seu valor espiritual interior!*

Semelhante medida não engana, e á fácil reconhecer-se em todas as pessoas. Com o abafamento ou afastamento do sentimento de pudor exterior desaparece ao mesmo tempo o pudor interno muito mais fino e diversamente constituído, ficando com isso o interior dessa pessoa desvalorizado.

Um sinal infalível da queda profunda e do declínio interior dos indivíduos é quando a humanidade começa sob a mentira do progresso, a querer “elear-se” acima da jóia do pudor, (valiosa sob todos os pontos de vista), seja sob a capa do esporte, da higiene, da moda, da educação infantil ou de qualquer outro pretexto que aceitam muito contentes. Não é mais possível, então, deter o declínio ou a queda, e sômente um terror de proporções enormes pode levar alguns isolados à reflexão, desviando-se dos que se atiram irrefletidamente por êsse caminho.

A partir do momento dessa expulsão natural nasce no percurso de semelhante gérmen espiritual através das partes enteal e material da Criação, não uma sômente, mas diversas necessidades de seu ser nesses círculos inferiores da Criação, o que contribue para o desenvolvimento ulterior e elevação do gérmen, fortificando-o e tonificando-o; o que não sômente concorre para que adquira consciência própria, como é essa mesma a única condição de possibilidade disso.

Trata-se de um tecido admirável, infinitamente complexo e entremeado, cujos fios, a-pesar-de toda a autonomia viva e livre, ligam-se de modo lógico tão convincente com sua ação recíproca, que um único percurso de um desses germens espirituais até sua perfeição completa se assemelha a uma parte de um tapete matizado que houvesse sido composto pela mão de um artista cômico de intento, ou na ascensão da

consciência crescente, ou na descida para a decomposição que protege o próximo.

Na obra admirável da Criação ha tão grande número de Leis que atuam com serenidade e segurança que seria possível escrever uma dissertação a respeito de cada um dos inúmeros acontecimentos que se passam na vida do homem, o que, porém, iria sempre dar na base fundamental, a saber: *a Perfeição do Criador como ponto de partida, cuja Vontade é Espírito vivo e criador!* O Espírito Santo! Porém, tudo que é Espiritual, é sua Obra!

O homem, por originar-se dessa obra espírito-enteal, tem em si uma partícula desse espírito que, de fato, é portador da fôrça resolutiva e, por consequência, da responsabilidade; mas não é equivalente à própria Divindade como tem sido erroneamente aceito e explicado.

Todos os efeitos da Vontade Divina que atuam na Criação como Leis da Natureza que impulsionam, devem congregarse numa visão conciente para um admirável e harmonioso cântico de júbilo; sentimento de alegria e agradecimento, que irradia por milhões de canais para este ponto de partida.

O processo evolutivo que se repete na Criação eternamente, o que condiciona a expulsão do gérmen espiritual do Paraíso, num certo estado de madureza, é patente também aos olhos terrenos em todos os acontecimentos que se passam na Terra porque em todas as partes se encontra a cópia do mesmo acontecimento.

Podemos também denominar essa expulsão que se dá naturalmente como sendo o processo de uma desagregação autônoma. O mesmo se dá com uma maçã ou com qualquer outra fruta madura que cai da árvore e que liberta a semente, decompondo-se de acordo com a Vontade criadora, a qual *brot*a da casca *sòmente* quando as influências exteriores se fazem sentir, tornando-se gérmen de nova planta.



Esta, por sua vez, cresce pela resistência à chuva, tempestades, calor do sol, fortificando-se assim até se transformar em uma árvore. Por esse motivo a expulsão do gérmen espiritual amadurecido do Paraíso é uma consequência necessária da evolução, assim como a Criação enteal, material e, finalmente, terrestre, em seus traços fundamentais, não é mais do que a consequência da Criação Espírito-enteal, com o que se repetem sempre os traços principais da Criação pròpriamente dita, sempre porém com a distinção necessária de que os efeitos são sempre diferentes, de acordo com a natureza da entealidade e da matéria ambientes. No ambiente terreno material grosseiro, também, no percurso do Espírito-enteal, realiza-se a expulsão da alma logo que chega o tempo apropriado, a madureza. E' a morte terrena, que significa a expulsão autônoma da matéria grosseira, e, com isso, o nascimento no mundo da matéria fina. Aqui também os frutos caem como os de ma árvore: no tempo calmo caem apenas os maduros; por ocasião de tempestades até mesmo os que estão verdes são arrancados. Frutos amadurecidos são os que fazem a transição para o Além de matéria fina na ocasião apropriada e com a semente interior amadurecida. Encontram-se espiritualmente "apropriados" para o Além, deitando, por consequência, raízes com rapidez e conseguindo crescimento imediato.

Frutos não amadurecidos, porém, são aqueles, cuja queda ou morte, com a decomposição consequente do corpo de matéria grosseira que até aí os protegia, desnudam a semente do Além, *ainda não madura*, e dêste modo a deixam prematuramente ao abandono exposta a todas as influências, pelo que aquela terá que definhar ou será obrigada a amadurecer tardiamente antes de poder criar raízes (acostumar-se a viver) no terreno do Além (condições) e com isso poder crescer.

E assim sucessivamente, de degrau em degrau da evo-

lução, quando não se intromete a podridão que destrói as sementes não suficientemente amadurecidas que, por esse motivo, se perdem, e com elas o crescimento que se abrigava em seu íntimo e que poderia produzir uma árvore autônoma e frutífera que contribuiria para o prosseguimento do desenvolvimento.

Todo indivíduo que examinar atentamente seu ambiente próximo, pode encontrar inúmeras imagens fundamentais de todos os acontecimentos da Criação, porque nas coisas mínimas sempre se refletem as grandes e máximas.

Imediatamente abaixo desse Paraíso Espírito-enteal encontra-se o Reino de todo o Enteval. O próprio Enteval se subdivide em duas partes. A primeira é o *Enteval conciente*. Esta se compõe dos seres dos elementos e da natureza, entre os quais se enumeram os elfos, gnomos, silfos, etc. Êsses seres dos elementos e da natureza constituem o prenúncio necessário para que fôsse possível a criação da matéria, porque a parte material só poderia surgir em ligação com o Enteval.

Os seres dos elementos da natureza tiveram que atuar cooperando na criação da matéria, como ainda hoje o fazem.

Em segundo lugar, no domínio do Enteval temos o *Enteval inconciente*. Dêste provém a vida da alma animal <sup>(1)</sup>. Neste ponto devemos prestar atenção à diferença entre o domínio do Espírito-enteal e o Enteval. Sòmente o que é Espiritual encerra em si desde os primórdios a força de livre deliberação, o que condiciona a responsabilidade. O mesmo não acontece com o Enteval que se encontra mais abaixo.

As conseqüências ulteriores da evolução deram então origem a matéria. Esta se subdivide em *matéria fina*, que é composta de muitas secções, e da *matéria grosseira* que co-

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N.º 49: "Diferença de origem entre o homem e o animal".

meçando na mais tênue névoa fica acessível aos olhos terrenos! Nem pensar, porém em um Paraíso sôbre a Terra, como extrema manifestação da matéria grosseira. *Ha-de* aparecer em determinada ocasião, sôbre a Terra, *um reflexo* do verdadeiro Paraíso, dirigido pelo Filho do Homem, no comêço do Reinado do Milênio, como surgirá igualmente na mesma ocasião uma cópia terrena do Burgo do Gral, cujo original está nas mais elevadas alturas do verdadeiro Paraíso como único e verdadeiro templo de Deus existente.

## EU SOU O SENHOR TEU DEUS!

Onde se encontram os homens que confirmam realmente com ações êste mais elevado de todos os mandamentos? Onde o sacerdote que o ensine pura e verazmente?

“Eu sou o Senhor teu Deus! Não terás outros deuses a meu lado!” Estas palavras são tão claras, tão *incondicionais*, que não deveria haver possibilidade da menor discrepância a seu respeito. Christo também repetidas vezes se referiu a isso com a maior clareza e precisão, o que mais torna lastimável o fato de milhões e milhões de pessoas passarem por elas sem a atenção necessária, entregando-se a cultos que estão em oposição manifesta com êsse mais elevado dos mandamentos. O peor de tudo, porém, é que êsses indivíduos desprezam êsse mandamento de seu Deus e Senhor com o maior fervor, na ilusão de honrar a Deus e de lhe ser agradável com tão notória violação de seu mandamento!

Erro tão patente só pode continuar vivo em uma crença *cega*, de onde se excluem as investigações, porque crença cega não é mais do que irreflexão e preguiça mental de tais indivíduos, que semelhantemente aos preguiçosos e aos dorminhocos procuram protelar quanto mais o momento de despertar e levantar por implicar em deveres cujo cumprimento os amedronta. Todo esforço os apavora. E' muito mais cômodo deixar que outros trabalhem e pensem por êles.

Quem consente, porém, que outros pensem por si, dá a essas pessoas poderes sôbre si próprio, humilha-se à con-

dição de servo e escraviza-se. No entanto Deus deu a todos os homens o poder da resolução livre, a faculdade de pensar, de sentir, sendo-lhes por consequência necessário prestar contas por tudo o que essa livre deliberação ocasionar. Deus quer, portanto, homens *livres* e não escravos!

E' triste quando o homem se faz escravo *terrenamente*, por preguiça; mas terríveis serão as consequências logo que se desvalorize espiritualmente por êsse modo, tornando-se adepto estúpido de doutrinas que contradizem os mandamentos exatos de seu Deus. De nada servirá tentar adormentar as reflexões que surgem, com a afirmativa de que a responsabilidade maior ha-de recair nos indivíduos que ocasionaram tamanho transvio nas doutrinas. Em parte isso é verdadeiro, mas o indivíduo isolado é também responsável direto pelo que faz e pensa. Nada lhe será descontado ou perdoado neste particular.

Torna-se culpado quem não se utiliza por completo e na maior amplitude possível da faculdade de intuição e de pensamento com que foi agraciado.

Não é pecado, mas dever, de todas as pessoas que adquirem o amadurecimento necessário em que podem assumir inteira responsabilidade própria, começar também a refletir no que até então lhes fôra ensinado. Se não lhes fôr possível harmonizar seus sentimentos intuitivos com alguma parte dessas doutrinas, não deverão aceitá-la como verdadeira, às cegas. Só se prejudicam a si próprios, assim como quem faz uma compra desvantajosa. O que não podem conservar, por convicção própria, devem deixar de lado, porque do contrário se tornariam hipócritas nos atos e no pensamento.

Quem quer que deixe de fazer algum bem real por não o poder compreender de fato, não é tão condenável como o que se incorpora em um culto sem convicções, culto êsse

que não compreende totalmente. Todo pensamento e toda ação originada de semelhante ignorância é vazia de significado, e de tal vacuidade não poderá originar-se nenhuma reciprocidade benéfica, porque no vazio não se encontra o fundamento *vivo*, para nada de bom. Pratica com isso hipocrisia que equivale à blasfêmia, porque dêsse modo procura enganar a Deus com o que não existe. Faltam os sentimentos intuitivos vivos! Isso transforma o indivíduo em um desprezível, um excluído.

Os milhões de indivíduos, portanto, que em sua irreflexão aprovelem coisas que se encontram em manifesta contradição com os Mandamentos de Deus, estão inteiramente atados, a-pesar-de um possível fervor, e inteiramente excluídos duma ascensão espiritual.

Sòmente a convicção livre é viva e sòmente ela pode, por conseqüência, criar algo que possua vida! Semelhante convicção, porém, só pode ser despertada por exames acurados e pelo sentimento intuitivo interior completo. Onde ainda se encontrar a menor partícula de incompreensão — para não falar de dúvida — jamais poderá surgir convicção.

*Sòmente a apreensão cabal e sem lacunas é equivalente à convicção, e sòmente esta possui valor espiritual!*

Por isso mesmo é doloroso ver nas igrejas o povo perignar-se irrefletidamente, curvar-se e ajoelhar-se. Semelhantes autômatos não deviam ser incluídos no número dos homens pensantes. O sinal da Cruz é o sinal da Verdade, e, por isso, um sinal de Deus! Torna-se culpado quem se utiliza dêsse Sinal da Verdade enquanto seu interior no momento preciso não se encontra verdadeiro em todas as relações, quando todo seu sentimento intuitivo não se encontra cabal e incondicionalmente adequado à Verdade. Seria cem vezes preferível que semelhantes indivíduos deixassem de fazer o Sinal da Cruz, reservando-o para ocasiões em que

sua alma se encontre em harmonia completa com a Verdade, isto é, com o próprio Deus e com sua Vontade, porque Deus, seu Senhor, é a Verdade.

E' porém, *idolatria e violação manifesta do mais sagrado de todos os Mandamentos de seu Deus, fazer honras a um símbolo, quando essas honras são devidas sòmente a Deus.*

“Eu sou o Senhor teu Deus! Não terás outros deuses a meu lado!” foi dito expressamente, sem rodeios, com clareza, sem a menor evasiva. Christo também se referiu particularmente a essa observância necessária. Intencional e significativamente denominou-a justamente diante dos fari-seus a *Lei Suprema*, isto é, a que em nenhum caso pode ser modificada ou violada. Semelhante designação diz ao mesmo tempo que todo e qualquer bem ou crenças não podem adquirir completo valor se esta *Lei suprema* não fôr cumprida em sua totalidade. *Tudo* depende justamente disso.

Examinemos, por exemplo, inteiramente sem preconceitos, a adoração do hostiário! Em muitas pessoas ha nisso evidente contradição ao mais alto e mais claro dos Mandamentos.

Esperam essas pessoas, que seu Deus desça nessa hóstia transmutável, como explicação de que lhe apresenta divina referência? Ou que Deus é forçado a baixar com a consagração de semelhante hóstia? Ambas as coisas são incompreensíveis. Com semelhante consagração, do mesmo modo, não se cria a menor ligação direta com Deus, porque o caminho para lá não é tão simples e fácil. Não está no homem nem no espírito humano percorrer êsse caminho até o fim.

Quando, por consequência, um indivíduo se prostra ante uma figura de madeira, outro diante do Sol e um terceiro em face do hostiário — violam todos êles a *Lei suprema de Deus logo que vejam dentro disso a Divindade*, isto

é, Deus vivo, esperando com isso graça e bênçãos imediatas! Ha em tais pressuposições falsas e em tais expectativas a *verdadeira* violação, a mais patente idolatria.

Semelhante idolatria é praticada pelos adeptos de muitas religiões muitas vezes com o mais ardente zêlo, conquanto sob fôrmas diversas.

Mas qualquer pessoa que usar o seu pensamento sincero como lhe compete, de acôrdo com suas faculdades, terá que encontrar-se nesta conjuntura num conflito íntimo que não poderá apaziguar, forçada e momentâneamente, senão que graças à condescendência duma fé cega, tal e qual como o mandrião que se descuida de seus deveres quotidianos graças ao torpor de sua preguiça. Mas o indivíduo sincero sentirá intuitiva e incondicionalmente que precisa antes de mais nada procurar *clareza* em tudo o que lhe deve ficar sagrado.

Quantas vezes Christo não admoestou que os homens precisavam viver íntimamente suas doutrinas afim de colhêr seus frutos, isto é, afim de poder alcançar a ascensão espiritual e a vida eterna! Nas palavras “vida eterna” já se encontra expressa a *vivacidade* espiritual e não a preguiça espiritual. Inculcando que *vivêssemos íntimamente* sua doutrina deixava ver, claramente, como falso e desnecessário, que não devíamos aceitá-la sem reflexão.

Mas para viver uma doutrina é necessário que seja por meio da convicção; não ha outro meio, e convicção condicional compreensão cabal. Compreensão condicional por sua vez reflexão profunda e exame próprio. E’ preciso pesar as doutrinas com sentimento intuitivo próprio, o que demonstra que uma crença cega é falsa, e tudo o que é falso pôde conduzir fâcilmente à destruição e ao declínio, jamais à ascensão. Ascensão é equivalente a libertar-se de toda pressão, e enquanto ainda existe alguma pressão não se pode falar em libertação ou salvação. O não compreender, po-



rêm, é uma pressão que só se resolve quando êsse lugar ou essa lacuna fôr completamente preenchido pela compreensão.

Crença cega é sempre eqüivalente a incompreensão, não podendo portanto jamais conduzir à convicção e, conseqüentemente à liberdade, à salvação. Os indivíduos que se estreitam na crença cega, não podem ser vivos espiritualmente. Assemelham-se aos mortos e não têm valor algum.

Quando um indivíduo começa a pensar com acêrto, a acompanhar com atenção e calma todos os acontecimentos e a seriá-los com lógica chegará por si mesmo à conclusão de que Deus em sua Pureza perfeita e de acôrdo com sua própria Vontade criadora, *não pode chagar à Terra!*

A Pureza incondicional e a Perfeição, isto é, justamente o Divino, exclue uma descida à matéria. A diferença é muito grande demais para tornar possível qualquer ligação direta sem que sejam levados em conta os elos transitórios que são necessários, condicionados pelas diversas espécies do Entaal e da matéria que se encontra de permeio. Mas para que sejam vencidos êsses estágios transitórios é necessário que se dê a humanização, como se deu com o Filho de Deus!

Mas, uma vez que êste “voltou ao Pai”, isto é à sua origem, encontra-se novamente na Divindade, estando portanto perfeitamente separado da parte terrena.

Qualquer exceção nisso constituiria um desvio da Vontade criadora de Deus, o que patentearia uma falha em sua Perfeição.

E como a Perfeição é inseparável da Divindade, não resta nenhuma outra possibilidade a não ser considerar sua Vontade criadora como perfeita, o que quer dizer: irreduzível! Se os homens também fôssem perfeitos a ordem natural das coisas condicionaria que todos os indivíduos percorressem caminhos iguais.

*Sòmente a imperfeição dá lugar a diferenças!*

Foi justamente pelo cumprimento das Leis Divinas feitas que foi tirado ao Filho de Deus, depois da sua “volta para o Pai”, a possibilidade de se encontrar pessoalmente na matéria, isto é, de baixar à Terra. Isso seria impossível sem a humanização de acôrdo com as Leis da Criação!

Por essas razões toda adoração divina de qualquer objeto *material* equívale a uma violação da Lei suprema de Deus, porque sòmente ao Deus vivo competem honras divinas, e o Deus vivo não pode estar na Terra, justamente por sua Divindade.

Em virtude também da Perfeição de Deus em sua Vontade criadora, o corpo de matéria grosseira do Filho de Deus tinha que ser *puramente terreno*, não podendo portanto merecer designação de divino <sup>(1)</sup>.

Tudo o que se encontra em contradição com isso demonstra lógicamente a existência de dúvida acêrca da *Perfeição de Deus*, incondicionada, sendo por conseqüência falso! E' incontestavelmente a medida infalível para a verdadeira crença em Deus.

Por outro modo se dá com o simbolismo legítimo. Todo símbolo preenche seus fins enquanto é considerado sêriamente *como tal*, pois sua contemplação auxilia muitas pessoas a melhor se concentrarem. Muitas encontram mais facilidade, ao contemplarem os símbolos de sua religião, em dirigir sem desvios seus pensamentos ao Criador, pouco importando qual o nome que lhes dão em sua compreensão. Seria portanto falso duvidar do elevado valor das práticas religiosas e do simbolismo. O que se deve evitar, porém, é passar à adoração *material*.

Visto não poder Deus baixar à matéria grosseira da Terra, só resta ao espírito humano o recurso de subir pelo

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N.º 58: *Ressurreição do corpo terreno de Christo.*

caminho, de onde viera. Foi para *mostrar êsse caminho* que uma parte da Divindade se humanizou, porque sòmente naquela se encontra a fôrça primordial de onde pode jorrar a Palavra viva. Mas os homens não devem imaginar que a Divindade permaneceu na Terra para que qualquer pessoa possa ser agraciada por modo particular, logo que lhe dê vontade disso. Para que a graça seja alcançada é necessário atender às *Leis férreas de Deus* na Criação, só sendo possível a graça pelo *cumprimento incondicional das mesmas!* Coloque-se de acôrdo com essas Leis quem desejar alcançar as alturas luminosas!

Ninguém deve comparar Deus Perfeito com um soberano da Terra que em suas bitolas humanas imperfeitas pode conceder indultos arbitrários em sentenças proferidas por seus juízes que lhe são semelhantes. *Tal coisa não se dá com a Perfeição de Deus e com sua Vontade que é idêntica a Êle próprio.*

O espírito humano deve habituar-se ao pensamento de que tem necessidade de se agitar a *si próprio* com energia, afim de alcançar graça e perdão, precisando cumprir seus deveres descuidados por preguiça até então. Terá que encorajar-se e formar-se a si mesmo, se não quiser ser lançado nas Trevas dos condenados. Confiar em seu Salvador quer dizer: confiar em suas Palavras, isto é, dar vida por meio de seus atos ao que êle disse. *Nada mais poderá servir de auxílio!* A crença vazia de nada serve. Crer nele não é mais do que crer com êle. Está infalivelmente perdido quem não se esforça por se apegar à corda que o Filho de Deus lhe entregara em mãos com sua Palavra!

Se os homens quiserem de fato possuir seu Salvador, terão que se resolver à atividade espiritual, e não terem por objeto sòmente lucros e gozos terrenos; têm que esforçar-se para elevarem-se até Êle. Não devem presunçosamente esperar que Êle baixe até onde se encontram. O caminho

para Êle se encontra em sua Palavra. Deus não corre mendigando atrás dos homens quando êstes fazem dêle uma imagem falsa, afastando-se dêle por consequência e percorrendo caminhos errados. Não ha tanta comodidade. Mas justamente porque semelhante concepção falsa já se instalou por incompreensão entre os homens, é necessário que a humanidade aprenda em primeiro lugar a *temer* de novo o seu Deus pelo conhecimento da inevitável reciprocidade de uma crença cômoda e sem vida em face duma Vontade Perfeita e inflexível. Quem não se acomodar às Leis Divinas será prejudicado ou mesmo triturado, como ha-de acontecer por fim aos que se entregam a tais idolatrias, prestando reverência divina ao que o não é. O homem tem que atingir o seguinte conhecimento: *O Salvador o espera, mas não o vai buscar!*

A crença, ou melhor, a ilusão que a maior parte da humanidade possui atualmente em seu íntimo, tinha *que falhar*, e até mesmo conduzir à necessidade e à perdição, *por ser morta* e não conter em si a verdadeira vida!

Do mesmo modo que Christo purificou o templo expulsando os vendilhões, assim também terão que ser os homens chicoteados por causa da preguiça de pensamentos e de sentimentos acêrca de seu Deus. Durma, porém, sossegado o que não quer de outro modo, e refestele-se cômodamente nas almofadas do engano próprio quem quer que presuma ser a reflexão um pecado. Será terrível o seu despertar que se encontra mais perto do que imagina. A preguiça, então, lhe servirá de medida.

Como pode um indivíduo que crê em Deus, que já refletiu sôbre sua Essência e Grandeza, que sabe acima de tudo como a Vontade Perfeita de Deus se encontra na Criação sob a fôrma de Leis Naturais atuantes — como pode esperar um tal indivíduo que seus pecados lhe possam ser perdoados em virtude de qualquer penitência imposta, o que se encontra

em completa oposição a essas mesmas Leis da Reciprocidade incondicional? Uma tal coisa não seria possível nem ao próprio Criador, porque as Leis da Criação e da Evolução oriundas da sua *Perfeição* contêm em seus efeitos a recompensa ou castigo pelo amadurecimento e colheita da boa ou má semente do espírito humano, como justiça inamovível.

Todos os novos atos da Vontade de Deus têm que ser portadores da Perfeição. Por êsse motivo o que Deus quer não poderá ocasionar o menor desvio dos atos volitivos anteriores, mas concordar em todos os pontos com êsses últimos. Tudo, porém, deverá percorrer sempre o mesmo caminho, dada a Perfeição Divina. E' por conseqüência impossível o perdão a não ser pelo cumprimento dessas Leis que se encontram na Criação e que têm que ser percorridas por todos os espíritos que desejarem atingir o Reino de Deus. Não ha, portanto, perdão imediato.

Como é possível que um indivíduo que pensa um pouco espere o menor desvio? Seria evidentemente uma diminuição de seu Deus Perfeito! Quando Christo, durante sua vida terrena, disse a êste ou aquele: "Teus pecados estão perdoados", expressava-se com acêrto, porque no desejo sincero e na fé inabalável se encontra a certeza de que a pessoa em aprêço viveria para o futuro de acôrdo com a doutrina de Christo e que, por êsse motivo, *deveria* encontrar o perdão para seus pecados, pois se colocara de acôrdo com as Leis Divinas da Criação, não mais procedendo em oposição a elas.

Quando, portanto, uma pessoa impõe penitência a uma outra por deliberação própria, declarando livrar com isso esta última de seus pecados, engana-se e engana o que viera em busca de auxílio, quer seja concientemente ou não, colocando-se impudentemente acima da própria Divindade.

Se os homens se resolvessem afinal a aceitar seu Deus com *naturalidade!* Deus, cujos atos volitivos criaram a na-

tureza viva! Como procedem, porém, só fazem uma imagem ilusória, que nada tem que ver com a Divindade. Justamente na Perfeição natural ou na Naturalidade perfeita como fonte de toda a existência, como ponto de partida de toda a vida, é que a Grandeza de Deus é tão poderosa e incompreensível para um espírito humano. Nas sentenças, porém, de muitas doutrinas encontram-se deturpações violentas e inversões, o que dificulta, inútilmente, aos homens sua própria fé, impossibilitando-a mesmo algumas vezes, porque dêsse modo aquelas carecem de toda naturalidade. Quantas contradições incríveis se encontram em muitas doutrinas!

Apresentam, por exemplo, muitas vezes como pensamento fundamental a Onicência e a Perfeição da Vontade e da Palavra de Deus que daí se original! Nisto está implicado, naturalmente, o fato da *inalterabilidade*, porque não é possível pensar que a Perfeição seja de outro modo. No entanto as ações de muitos ministros das religiões demonstram *dúvidas* a respeito de sua própria doutrina, por se encontrar esta em manifesta contradição com aquelas, sendo os atos, a negação patente de seus fundamentos! As confissões auriculares, por exemplo, com as penitências que se lhe seguem, o comércio das indulgências por meio de dinheiro e das orações, que implicam no perdão imediato dos pecados, e outras práticas do mesmo teor, à reflexão calma constituem uma negação da Vontade de Deus que se encontra repousando nas Leis da Criação. Quem não fizer saltos mortais com o pensamento não poderá deixar de encontrar nisso somente uma diminuição da Perfeição de Deus.

E' muito natural que as suposições errôneas dos homens, de poderem oferecer perdão dos pecados, e outras violências contra a Perfeição de Deus levassem por fim aos maiores absurdos. Por quanto temo ainda durará a tolice que muitos homens ainda alimentam de querer manter um comércio sujo com a Vontade inalterável da Justiça Divina?

Quando Jesus, o Filho de Deus, disse certa vez a seus Discípulos: “*Serão perdoados os pecados daqueles a quem perdoardes!*” não se referia por certo a qualquer ação arbitrária.

Isso equivaleria ao desmoronamento da Vontade de Deus na Fôrça inamovível das ações recíprocas que conduzem consigo a Justiça Divina, logo, Perfeita e de atuação viva que distribue a recompensa e o castigo autonômicamente. Seria consentir na interrupção dessa Fôrça.

Isso Jesus não podia nem fazer, porque êle viera “para cumprir” a Lei, e não para derrubá-la.

O que êle entendia pelas palavras era o processo estricito que repousa na Vontade do Criador: que um indivíduo podia perdoar a outro *o que de mal lhe fizesse pessoalmente*. Como ofendido, tinha o direito e o poder de perdoar isso, porque com seu perdão sincero quebraria desde logo os elos do Karma que de outro modo infalivelmente o envolveria pela reciprocidade, tirando-lhe assim a fôrça — processo vivo êsse em que já se encontra ao mesmo tempo a absolvição real.

Isso, porém, só pode partir unicamente da pessoa do próprio ofendido em relação ao autor da ofensa, jamais de qualquer outra pessoa. Por êsse motivo ha tamanhas bênçãos e libertação no ato do perdão pessoal, uma vez que seja sincero e verdadeiramente sentido.

Fica excluída, pela natureza mesma das coisas, dos fios da ação recíproca que não fôr imediatamente implicado, não podendo portanto atuar com vida e eficazmente, por se encontrar por fora. Só é possível nestes casos a *intercessão*, cuja ação, porém, fica dependente da condição anímica das pessoas imediatamente interessadas. A pessoa que intercede tem que ficar de fora, nada podendo perdoar. *Isso se baseia exclusivamente na Vontade de Deus* que se manifesta nas Leis da Reciprocidade justa, ao contrário das quais ja-

mais agiria por serem desde a origem perfeitas e de acôrdo com sua Vontade.

Baseia-se na Justiça de Deus que *só o ofendido pode perdoar* aconteça o que acontecer, na Terra ou no mundo da matéria fina, sem o que o efeito da reciprocidade atingiria o autor, liquidando-se nesse caso também a culpa. Êsse efeito, porém, ocasionará simultâneamente o perdão do ofendido, de uma ou de outra maneira e que de algum modo se encontra envolvido nesse efeito. Não é possível que se dê por outro modo por se conservarem intactos, entretanto, os fios de ligação. Não constitue isso vantagem apenas para o ofensor, mas também para o ofendido, porque êste, não concedendo perdão, tão pouco poderá atingir por completo a Luz. Sua inflexibilidade impiedosa o deteria.

Dêsse modo ninguém pode perdoar pecados estranhos, uma vez que não seja pessoalmente atingido. A Lei da Reciprocidade ficaria sem a mínima influência em tudo que não tivesse um fio vivo de ligação, o que só pode ser gerado pela implicação direta. Sòmente a melhora é o caminho vivo para o perdão. (1).

“Eu sou o Senhor teu Deus! Não terás outros deuses a meu lado!” Eis uma sentença que deveria ficar gravada em letras de fogo em todos os espíritos humanos, como proteção natural contra toda idolatria!

Quem conhece Deus realmente em sua Grandeza, sentirá logo como blasfêmia tudo o que se afastar do verdadeiro caminho.

Qualquer indivíduo pode e deve dirigir-se a um sacerdote afim de buscar *ensinamentos*, uma vez que este esteja em condições de ministrá-los. Mas quando algum desses sacerdotes pretende diminuir a Perfeição Divina por meio de qualquer ato ou modo inferior de pensamento, é necessário que

---

(1) Dissertação N.º 6: *Destino*.



Os indivíduos se afastem dele, porque um *servo* de Deus não é simultâneamente seu procurador, com direito de exigir em seu nome e de conceder tais e tais coisas.

Neste particular, também, existe uma explicação simples e natural, que aponta o caminho verdadeiro, sem circunlóquios.

*E' evidente pela disposição natural das coisas, que nenhum homem pode ser procurador de Deus, a menos que tenha vindo diretamente da Divindade, e conseqüentemente que seja também portador de algo Divino! Sômente essa condição implica o poder cabal!*

Mas, como o homem não é divino, é evidentemente impossível ficar sendo o representante de Deus sôbre a Terra. Nenhum homem pode assumir o Poder de Deus, porque o *Poder Divino* se encontra ùnicamente na própria Divindade!

Esse fato lógico exclue automaticamente com sua simplicidade incondicional qualquer *escolha humana* de um substituto terrestre de Deus sôbre a Terra ou a proclamação de um Christo! A menor tentativa nesse sentido trará consigo a marca da impossibilidade.

Em tais coisas não pode haver nem escolha nem eleição por meio dos homens, mas apenas uma *missão imediata* do próprio Deus.

As idéias humanas não dão a medida para essas coisas. Pelo contrário, têm-se encontrado sempre *imensamente distante da veracidade*, em desarmonia com a Vontade de Deus. E' incompreensível para as pessoas que pensam o modo doentio e persistente com que os homens tentam sempre ultrapassar seus limites legítimos, êles que na mais elevada perfeição espiritual a que possam atingir não conseguem passar dos mais *inferiores* degraus do Conciente do Espírito-enteal eterno! Neste particular a maioria dos homens terrenos de hoje *não* se distinguem nos sentimentos intuitivos, pensamentos e

esforços, dos animais de desenvolvimento superior, a não ser por maior dose de entendimento.

Arranham-se e esforçam-se, tal e qual insetos, em balbúrdia e confusão, como se se tratasse duma corrida veemente para alcançar as metas mais elevadas. Mas logo que examinemos com mais atenção a meta a que visam, patenteia-se a vacuidade e falta de importância de todo êsse esforço febril, desmerecedor de tamanho zêlo. Do meio de semelhante caos se eleva a presunção orgulhosa de querer escolher um emissário de Deus, reconhecê-lo ou recusá-lo. Para isso seria necessário emitir juízo sôbre o que jamais poderão compreender se aquele que se encontra muito acima não se tornasse voluntariamente compreensível. Os homens atualmente fazem alarde por todos os lados da ciência, do entendimento e da lógica, e aceitam os maiores absurdos, que se encontram em muitas correntes da época.

Para muitas pessoas é até inútil perder tempo e palavras. Encontram-se por tal modo imbuídos de seu saber que perderam a faculdade de pensar e de refletir clara e simplesmente sôbre alguma coisa. Os argumentos só servem para os que ainda conservaram alguma naturalidade, para desenvolver a sã faculdade do raciocínio, uma vez que lhes seja apontado o verdadeiro caminho, aos que não se entregaram cegamente a esta ou aquela corrente da moda para, com a mesma rapidez, abandoná-la às primeiras dúvidas levantadas por ignorantes.

Não ha necessidade de muito esforço para poder concluir pela reflexão que uma espécie de ser não pode dar origem a outra espécie que não mantenha consigo algumas afinidades. Semelhante noção é uma das mais elementares das ciências naturais. Ora, uma vez que as extremidades das Leis Naturais no mundo da matéria grosseira provêm da fonte viva e primordial de Deus, é evidente que essas condições devem ser encontradas em igual rigeza e lógica inabaláveis no caminho

para lá, até mesmo com mais pureza e clareza quanto mais perto se encontrarem do ponto de partida.

Do mesmo modo que é impossível implantar o espírito humano em um animal terrestre, de fôrma a fazer que um animal vivo se transforme em homem, do mesmo modo é impossível implantar no homem algo Divino. Jamais outra coisa pode desenvolver-se senão o que já venha incluído desde a *origem*. A origem consente no desenvolvimento das mais diferentes espécies e fôrmas de combinação, como se verifica com os enxêrtos de plantas ou com os cruzamentos, mas até mesmo os resultados mais extraordinários não podem ultrapassar matéria fundamental dada pela origem.

Uma mistura entre o homem terreno e o animal só pode ser conseguida nos limites dos corpos de *matéria grosseira*, por êsses terem a origem da mesma matéria. E' impossível, porém, vencer o abismo entre a origem do íntimo do homem e a do animal. <sup>(1)</sup>

E' impossível conseguir algo que ultrapasse ou que seja incluído além do que já se encontra na origem, como o que foi observado quanto á origem *espiritual* do homem e a Divindade. <sup>(2)</sup>

Christo veio como Filho de Deus do Inenteal-Divino; trazia consigo desde a origem a Divindade. Mas lhe seria impossível ceder essa Divindade viva a uma outra pessoa que se originasse sòmente do Espírito-enteal. Por êsse motivo jamais podia dar poderes de *representante* em relação a atos que só competem à Divindade, como por exemplo o perdão dos pecados. Isso pode ser feito sòmente pela ação dos fundamentos da Vontade *Divina* que repousa na Criação, que condicionam a ação recíproca exatamente equilibrada na qual vive autonômicamente a Justiça imutável do Criador em sua Perfeição inapreensível para o espírito humano.

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N.° 49: *Diferença de origem entre o homem e o animal*.

<sup>(2)</sup> Dissertação N.° 51: *Espírito*.

Os homens, por conseqüência, só poderiam ter procuração do Filho de Deus que se referisse a coisas que corresponderem à origem do espírito humano, jamais às coisas divinas!

E' evidente que a origem do homem pode ser logicamente reconduzida a Deus, mas *não* se encontra *nele*, porém, *fora* da Divindade, razão porque o homem só se origina de Deus *mediatamente*. *Nisso se encontra a grande diferença.*

Plenos poderes, como por exemplo os que competem ao ofício de um governador, *só podem existir autonômicamente* quando houver a mesma origem *imediate*. Qualquer pessoa poderá compreender isso com facilidade, porque o procurador deve possuir o mesmo grau de autoridade e atribuições como quem lhe empresta os poderes, sem o que não poderá representá-lo cabalmente em seu ofício. Só poderá vir, portanto, um procurador diretamente do Inenteal-Divino, como no caso de Christo.

Se um indivíduo qualquer empreende isso, mesmo na melhor boa fé, a conseqüência natural é que sua missão não terá nenhum efeito extenso, nem possuirá vida, sendo apenas *puramente terrena*. Mas os que vêem nele mais do que isso incorrem em um erro que somente depois de sua morte lhes ficará patente, tendo sido inútil para a ascensão toda a vida que passaram na Terra. Ovelhas transviadas que acompanham um falso pastor!

Assim como esta Lei suprema: "Eu sou o Senhor teu Deus! Não terás outros deuses a meu lado!" é freqüentemente violada, do mesmo modo as outras o são, por não haverem sido compreendidas.

No entanto os Mandamentos não são de fato mais do que a explicação da Vontade Divina que se encontra desde a origem na Criação, sem que possa ser violada num fio sequer.

Como parece tola, à luz destas considerações, a máxima

de muitos indivíduos que se encontra em oposição à Perfeição e aos Pensamentos Divinos, de que “*os fins justificam os meios*”!

Que balbúrdia absurda não se instalaria então nas Leis da Vontade Divina se elas pudessem ser burladas por êsse modo! Quem quer que possua uma noção apagada da Perfeição, não poderá deixar de repelir semelhante impossibilidade. Logo que um indivíduo experimenta fazer uma imagem *adequada* da *Perfeição* de Deus, servir-lhe-á isso imediatamente como fio condutor para melhor compreensão de todas as coisas na Criação. O saber o que seja a *Perfeição* Divina, e a atenção continuada sôbre êsse conceito, serve de chave para a compreensão da *Obra* de Deus, na qual o próprio homem está incluído.

Só então compreenderá a fôrça compulsiva e a severa admoestação das palavras: “Deus não admite zombarias!” Em outros termos: suas Leis atuam ou se realizam inexoravelmente. Deixa que as rodas corram como Êle próprio estabelecera desde o início da Criação. O homem em sua insignificância não tem o menor poder para alterar nada em tudo isso; se o tentar só conseguirá ser arrastado para a destruição, juntamente com todos os que o acompanharem na insensatez. De nada lhe adiantará *crer* por outro modo.

Só poderá colhêr bênçãos quem se colocar por completo sob a Vontade de Deus, a qual com suas Leis conduz o conjunto da Criação. Mas só consegue isso quem conhece essas Leis.

Devem ser afastadas por prejudiciais, como mortas, as doutrinas que exigem crença *cega*; sômente as que apelam para que *adquiram vida*, como no caso de Christo, podem levar à libertação e à absolvição, isto é, as que conduzem ao exame e a reflexão para que possa nascer convicção como consequência da compreensão cabal.

Sômente a mais condenável irreflexão pode presumir

que o fim próprio do destino humano consiste principalmente na aquisição das necessidades corpóreas e nos gozos, para que os homens se libertem finalmente por meio de qualquer formalidade exterior e com bonitas palavras, calmos, de todas as culpas e das conseqüências de seu descuido na vida terrena. O percurso pela vida terrena e a passagem para o Além por ocasião da morte não podem ser considerados como um passeio comum, para o qual o indivíduo arranja à última hora o bilhete de passagem.

Com semelhante modo de crer o homem *duplica* sua culpa, porque a menor dúvida quanto à Justiça severa de Deus Perfeito já é blasfêmia! A crença na remissão de pecados que se possa realizar arbitrariamente e sem esforço já é evidentemente testemunho da *dúvida* na Justiça inexorável de Deus e em suas Leis, mais ainda: é a confirmação direta da crença na arbitrariedade de Deus, o que equívale a dizer: em sua imperfeição e em suas lacunas!

*Pobres crentes, dignos de lástima!*

Seria muito melhor se fôsem descrentes de todo, porque poderiam então achar mais fãcilmente o caminho que já presumem ter iniciado.

Só ha salvação em não oprimir medrosamente os gérmenes de pensamento e a dúvida que com isso desperta em muitos indivíduos, porque nisso já se encontra o sadio anelar pela Verdade!

Lutar com a dúvida, porém, é exame, ao qual incontestavelmente deverá seguir-se o afastamento do lastro dogmático. Sòmente um espírito inteiramente livre de toda incompreensão poderá convicto e alegre elevar-se às alturas luminosas, ao Paraíso!

## A IMACULADA CONCEPÇÃO E O NASCIMENTO DO FILHO DE DEUS

A concepção imaculada não tem apenas significação material-corpórea, mas em primeiro lugar, como muitos outros fatos da Bíblia, puramente espiritual. Sòmente quem reconhece e sente o mundo espiritual como existente realmente e com atuação viva, poderá encontrar a chave para a compreensão da Bíblia, único meio de insuflar vida às palavras. Para todos os outros indivíduos continuará a Bíblia como um livro fechado a sete selos.

A concepção imaculada no sentido corpóreo é toda concepção conseqüente dum *puro* amor numa contemplação sincera do Criador, na qual os instintos sensuais não constituem os fundamentos, ficando apenas como forças que cooperam.

Semelhante processo é na realidade por tal modo raro que era perfeitamente justificado o relêvo que se lhe dava. A garantia para a postergação de impulsos sensuais foi constituída pela anunciação, razão porque esta foi especialmente notificada, sem o que faltaria essa fase na cadeia natural dos acontecimentos e nas ligações cooperativistas com o mundo espiritual. A virgem Maria, perfeitamente provida de todos os dotes necessários para poder cumprir sua missão elevada, obedecendo à direção espiritual, entrou em conexões com pessoas profundamente compenetradas das revelações e das profecias a respeito do próximo Messias. Foi isso o primeiro preparo na Terra que levou Maria à trilha de seu verdadeiro

fim, deixando-a familiar com tudo o que era necessário para seu grandioso papel, sem que nesse tempo houvesse consciência do que se preparava.

Os escolhidos se vêm pouco a pouco desembaraçados das vendas que os envolvem, para que o desenvolvimento necessário se faça com ordem, pois é preciso que todos os estados intermédios sejam sèriamente vividos, para possibilitar finalmente uma realização completa. O conhecimento prematuro de sua missão constituiria lacunas no desenvolvimento, dificultando por êsse modo a realização futura. A previsão da meta final conduz consigo o perigo da marcha para diante muito apressada, com o que ficam muitos pontos passados pela rama ou aprendidos mui por cima, em vez de serem revividos com empenho, como se faz mister, para que a missão se realize como de direito. Ora, os homens só podem reviver sèriamente aquilo que êles consideram cada vez como sua verdadeira missão. Assim no caso de Maria.

Quando, por conseqüência, chegou o dia em que se encontrava interiormente e externamente aperfeiçoada, tornou-se, em um momento de completa calma e equilíbrio psíquico, com visão e audição superior, isto é, seu interior se abriu ao mundo de outra matéria, experimentando ela o que na Bíblia vem narrado como a anunciação. Caiu-lhe a venda, e ela entrou concientemente em sua missão.

A anunciação foi para Maria um acontecimento tão poderoso e que lhe abalou a alma por tal modo, que dêsse momento em diante lhe ocupou o íntimo por completo. Só cuidava de uma coisa: esperar uma graça superior e divina. Essa situação de alma era *desejada* pela Luz, por meio da anunciação, limpando dêsse modo o solo das agitações de instintos inferiores, solo êsse em que pudesse surgir o receptáculo terreno puro (o corpo da criança) para a concepção imaculada espiritual. Por causa dessa orientação espiritual de



Maria extraordinariamente forte, ficou sendo a concepção corpórea, de acôrdo com as Leis Naturais, uma concepção “imaculada”.

Não é difícil compreender à quem tenha algum conhecimento do mundo espiritual e de sua atividade complexa, onde os maiores acontecimentos pairam com facilidade durante séculos e milênios em preparação— não é difícil compreender que Maria já trouxera ao seu nascimento todos os dotes necessários para sua missão, isto é, que já se achava prematuramente escolhida para ser a mãe terrestre do futuro Portador da Verdade, Jesus.

Com êste corpo infantil que se desenvolveu em tais circunstâncias para tornar-se o mais puro receptáculo, foram dadas as condições terrenas para uma “imaculada concepção espiritual”, a encarnação que se dá por meio da gravidez.

Neste caso não se tratava de uma das muitas almas ou faíscas espirituais que aguardassem a encarnação, desejando, ou precisando percorrer uma vida terrena, cujo corpo de matéria fina (ou manto) fôsse mais ou menos turvo, isto é, maculado, o que ocasionaria que a ligação direta com a Luz se tornasse escurecida e temporariamente inteiramente cortada. Baixou nesse caso uma parte inteira do Puro-divino-enteal enviada por Amor à humanidade que andava desviada pelas Trevas, porção essa suficientemente forte para não deixar interromper a ligação direta com a Luz primordial. Com isso firmou-se uma ligação íntima entre a Divindade e a humanidade com Êsse que se assemelhava a uma coluna luminosa de Fôrça e Pureza inexgotáveis, sôbre a qual as ações inferiores não tinham nenhuma influência. Dêsse modo nasceu também a possibilidade de ser comunicada a Verdade pura, haurida na Luz, assim como a Fôrça para que fôssem realizados os atos que pareciam milagrosos.

A narrativa das tentações no deserto mostra como fo-

ram ineficazes as tentativas das correntes das Trevas para manchar a Pureza dos Sentimentos.

Depois da concepção imaculada corpórea de Maria foi possível que a encarnação se desse diretamente da Luz, em meio do tempo da gravidez, com vigor tal que excluía uma turvação nos estados intermédios entre a Luz e o corpo materno, ocasionado portanto também uma “concepção imaculada *espiritual*”.

E' por consequência perfeitamente justificado falar em uma concepção imaculada que se deu com a geração de Jesus, corporal e espiritual, sem que alguma Lei da Criação fosse violada, modificada ou reformada para êsse caso especial.

Os homens não devem pensar, portanto, que se trata de uma contradição à promessa que diz que o Salvador devia ser gerado por uma virgem.

A contradição é motivada apenas pela interpretação falsa da expressão “virgem” contida na profecia. Quando se faz referência a isso, não se trata de um conceito mesquinho, e, muito menos, o conceito de um estado, porém sim de um conceito humano amplo.

Conceitos estreitos firmariam logo o fato de que a gravidez e o parto, sem mesmo pensar na geração, já excluem a virgindade. Mas as profecias não se referem a isso, nesse sentido. Significam que Christo nasceria incondicionalmente como *primeiro* filho de uma virgem, isto é, de uma mulher que ainda não houvesse sido mãe. Em uma tal mulher todos os órgãos necessários ao desenvolvimento de um novo ser, ainda *são* virgens, isto é, nunca funcionaram antes nesse sentido. Semelhante corpo ainda não produziu nenhum filho. Por ocasião de *todos* os primogênitos os órgãos do corpo materno têm que ser virgens. Sòmente isso é que devia ser objeto de referência a profecias tão amplas porque toda profecia só se pode realizar levando em consideração as

Leis atuantes da Criação e também só pode ser enunciada com a mesma previsão infalível! (1)

A promessa se referia, portanto, “ao *primeiro* filho” , razão por que é feita a distinção entre *virgem* e *mãe*. Outra não poderia ser feita, porque a diferença entre virgem e e mulher só tem sentido em relação com as disposições sociais ou do Estado, o que de fôrma alguma é referido pela profecia.

Dada a Perfeição da Criação, como Obra de Deus, é o ato da geração incondicionalmente necessário, porque a onisciência do Criador dispoz desde o início primordial todas as coisas por modo tal que nada é excessivo ou dispensável. Quem supõe o contrário, afirma ao mesmo tempo que a Obra do Criador não é perfeita. O mesmo é valido em referência aos que supõem que o nascimento do Christo se processou *sem* a geração prescrita pelo Criador à humanidade. Era *preciso* que houvesse uma geração normal, feita por um indivíduo de carne e osso. Mesmo nesse caso. Todas as pessoas que adquirem conhecimento completo e acertado desse fato, terminam por reconhecer até nisso a Sabedoria do Criador, ao contrário dos que imaginam que tudo se teria passado por outro modo. Os primeiros demonstram com isso uma confiança inabalável na Perfeição de seu Deus, pois julgam impossível uma alteração ou exceção nas Leis por Êle estabelecidas. E' *esta* a fé *maior* que se pode imaginar! Demais todos os outros acontecimentos corroboram isso mesmo. Christo se tornou *homem terreno*. Com semelhante resolução era necessário que se submetesse às Leis da geração válidas para os elementos da matéria grosseira estabelecidas por seu Pai, pois a Perfeição de Deus assim o requer.

Quando se diz portanto que “ para Deus nada é impossível” não se intenta nenhuma explicação neste particular, porque semelhante máxima contém sentido inteiramente di-

---

(1) Dissertação N.º 48 *Acontecimentos do Mundo*

verso do que muitos indivíduos supõem em sua comodidade. Bastará dizer que é impossível encontrar em Deus a imperfeição, falta de lógica, injustiça, arbitrariedade, etc., para desmentir o *sentido comum* de semelhante asserção. Poder-se-ia também afirmar que se nada para Deus é impossível, nesse sentido, teria podido então, por um simples ato de sua Vontade, tornar todos os homens crentes. Não precisaria ter mandado seu Filho sofrer as adversidades da Terra e a morte na Cruz. Teria sido desnecessário êsse sacrifício imenso. Mas, o fato de ter sido *assim*, demonstra que as Leis Divinas atuantes na Criação desde o início primordial são invioláveis, sendo impossível, por sua própria perfeição, intrometer-se em seu curso violentamente.

Os teimosos e cegos poderão mais uma vez responder, na sua obstinação, que era Vontade de Deus passarem-se as coisas por êsse modo. E' certo, mas isso não é argumento que reforce suas asserções, senão a *confissão* do que foi dito acima, se se deixarem cair as concepções ingênuas acompanhando explicações mais profundas como todas as expressões espirituais incondicionalmente exigem.

Era Vontade de Deus! Isso, porém, nada tem que ver com o arbítrio, mas significa justamente o contrário, a confirmação das Leis assentadas na Criação pelo Criador, Leis portadoras de sua Vontade, que se encontra inteiramente de acôrdo com elas. Leis essas que não consentem na menor violação ou omissão. *E' justamente na necessidade se serem cumpridas essas Leis que se mostra e atua a Vontade de Deus.*

Por êsse motivo também Christo teve que se submeter inteiramente, para a realização de sua missão, a essas Leis da Natureza, isto é, à Vontade de seu Pai. Toda sua vida prova que assim procedeu. O nascimento normal, o crescimento, a fome e o cansaço a que também Êle estava sujeito, os sofrimentos e, por fim, a morte na Cruz. Foi submetido

a tudo a que um corpo humano se encontra exposto. Por que motivo sòmente na geração devia haver uma exceção, quando não havia necessidade de assim ser? E' justamente na naturalidade que mais se manifesta a Grandeza do Salvador! Do mesmo modo não se encontrara Maria por isso menos agraciada em sua elevada missão!

## A MORTE NA CRUZ DO FILHO DE DEUS E A CEIA

**P**or ocasião da morte de Christo rasgou-se a cortina do templo que separava o Santíssimo da humanidade. Êsse acontecimento é apresentado como símbolo para demonstrar que, com o sacrifício do Salvador, cessou imediatamente a separação que havia entre a humanidade e a Divindade, sendo criada uma ligação direta.

A explicação, porém, é *falsa*. Com a crucificação os homens negaram o Filho de Deus como não sendo o Messias esperado, ficando com isso a separação ainda *maior!* Rasgou-se a cortina porque não havia mais necessidade do Santíssimo. Patenteou-se às correntes da impureza, o que, simbolicamente expresso, significa que a Divindade deixou de tocar com a ponta do pé sôbre a Terra, tornando-se portanto supérfluo o Santíssimo, — o contrário justamente da explicação comumente aceita, na qual mais uma vez se manifesta a grande presunção do espírito humano.

A morte na Cruz não era, igualmente, um sacrifício *necessário*, mas um assassinato, um crime comum. Qualquer outra explicação para o fato é um circunlóquio que visa desculpar apenas ou é gerado pela ignorância. Christo não veio absolutamente à Terra para se deixar crucificar. Nisso *também não consiste a libertação*. Mas Christo foi crucificado por causa de suas doutrinas, por ser um incômodo Portador da Verdade!

Não era sua morte que nos podia e devia trazer a liber-

tação, mas a *Verdade* que trouxe à humanidade com suas *Palavras!*

A Verdade, porém, para os que se encontravam à frente dos templos e das religiões, era incômoda, constituindo verdadeiro escândalo, por abalar fortemente sua influência, *justamente como o seria também atualmente em muitos lugares*. A humanidade não se modificou nesse particular. Os guias de então, como os de hoje, se firmavam em tradições antigas e boas, é fato, mas essas tradições se haviam transformado em simples vacuidades, por causa dos intérpretes, sem vida interior, justamente como acontece hoje em dia novamente.

Quem, portanto, trouxesse esta vida necessária para a Palavra existente, ocasionaria uma *revolução* nas práticas e nas explicações, mas não na própria Palavra. Livrou o povo da vacuidade e da riegza dogmática, o que constituiu para êsses intérpretes grande escândalo, por terem reconhecido quanto haviam sido refreados em sua errônea direção.

Por êsse motivo o Portador da Verdade e o Libertador do pêso das explicações errôneas devia ser acusado e perseguido. Quando não conseguiram a-pesar-de todos os esforços, torná-lo ridículo, procuraram apresentá-lo como inverossímil. O “passado terrestre” do filho do carpinteiro serviu para taxá-lo de “não instruído e, por êsse motivo, impróprio para elucidar os textos”! Um “leigo”, portanto, exatamente como se dá também hoje com os que se aproximam demais dos dogmas rígidos que abafam todo impulso de progresso vivo e livre. Nenhum de seus opositores tocou de leve sequer em suas explicações, porque sabiam perfeitamente que seriam vencidos numa réplica puramente objetiva. Por isso se ativeram a suas difamações maldosas por intermédio de seus instrumentos venais, até não recuarem no momento que lhes pareceu propício de acusá-lo falsamente em público e levá-lo à Cruz, afastando por êsse modo o perigo que ameaçava seu poderio e influência.

Essa morte violenta, comumente praticada pelos Romanos, não consistiu por si mesma a libertação e nem a trazia. *Não desfez nenhuma das culpas da humanidade, não a libertou de coisa alguma, mas a sobrecarregou ainda mais com um crime da mais baixa espécie!*

Quando, por conseqüência, se desenvolveu até hoje, aqui e ali, um culto em que êsse crime constitue o fato fundamental e necessário da obra libertadora do Filho de Deus, ficam os homens desviados do que de mais importante lhes podia dar a obra da libertação. Desvia-os da Missão verdadeira do Salvador, do que consistiu verdadeiramente sua vinda à Terra. Não foi para ser crucificado, *mas para anunciar a Verdade* no deserto da *vacuidade e da rigidez dogmáticas dos homens!* Para descrever como são as relações existentes de fato entre a Divindade, a Criação e os homens. Com isso devia cair por si mesmo tudo o que a esse respeito escogitara o espírito humano e que encobriu a realidade. Sômente assim poderiam os homens ver claramente o caminho que conduz à ascensão.

*A libertação consiste exclusivamente* em trazer essa Verdade e no conseqüente livramento dos erros em que a humanidade se encontrava.

E' a libertação da visão escura, da crença cega. A palavra "cega" caracteriza suficientemente a falsidade da situação.

A Ceia antes de sua morte foi uma refeição de despedida. Quando Christo disse: "Tomais e comei; é o meu corpo. Bebei o sangue do Novo Testamento, que será derramado para muitos para lhes serem perdoados os pecados", declarava com isso que estava resolvido a aceitar até mesmo a morte na Cruz, afim de dar aos homens transviados oportunidade de conhecer e Verdade com suas explicações, o único caminho possível para que sejam perdoados os pecados.



Disse expressamente: “perdão de *muitos*”, e não de “*todos*”, logo, portanto, sòmente para os que aceitam suas explicações e tiram delas o proveito que encerram.

Seu corpo destruído pela morte na Cruz, e o seu sangue derramado, devem contribuir para que se reconheça a necessidade e o empenho sincero das explicações que trouxera. Essa necessidade deve ser sòmente sublinhada pela *repetição* e pela Ceia pròpriamente dita.

O fato do Filho de Deus não haver recuado nem diante de tal rancor da humanidade, cuja *probabilidade* já era conhecida antes de sua vinda <sup>(1)</sup> só estava a apontar a situação desesperada da humanidade que só podia ser arrancada do precipício se se apegasse à corda de salvação da Verdade sem máscara.

*As referências do Filho de Deus, durante a Ceia, a respeito de sua morte na Cruz, são apenas a última expressiva insistência sobre a necessidade premente das doutrinas de que fôra Portador!*

Ao tomar a eucaristia, portanto, todas as pessoas devem ficar mais uma vez concientes de que o Filho de Deus não recuou nem mesmo ante o conhecimento prèvio da morte pela Cruz, e que deu o sangue e o corpo para que a humanidade pudesse ficar de posse da descrição real dos acontecimentos da Criação, acontecimentos êsses que demonstram claramente os efeitos das Leis inalteráveis que suportam a Vontade Divina! Com o conhecimento dessa severidade premente, que realça a necessidade da Mensagem para a salvação, deve renascer sempre nova fôrça nos homens, novos impulsos para *viver realmente* a clara doutrina de Christo, não sòmente compreendê-la corretamente, mas agir de acòrdo com o que ensina. Com *isso* lhes será concedida a remissão dos pecados e a libertação! Não pode ser por outra maneira; não será

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N° 48: *Acontecimentos do mundo*.

imediatamente, mas não-de encontrá-la no caminho apontado por Christo em sua Mensagem.

Por essas razões a Ceia deve infundir sempre nova vida ao acontecimento, afim de que não enfraqueça o zelo salvador para seguir a doutrina trazida com tão grande sacrifício; porque se se estabelecer a indiferença neste particular, ou a formalidade exterior, perderão os homens essa corda de salvação, recaindo nos braços dos erros e da destruição.

E' um grande erro da parte dos homens imaginarem que a morte na Cruz lhes garante o perdão de seus pecados. Semelhante pensamento arrasta consigo terríveis prejuízos, porque todos os que acreditam nisso ficam *afastados* do verdadeiro caminho da Salvação, que *consiste exclusivamente em viver de acôrdo com as Palavras* do Salvador, segundo as explicações que dera como sabedor e conhecedor de tudo. Essas explicações mostram em quadros práticos a necessidade de conservar o devido aprêço à Vontade Divina que se encontra nas Leis da Criação, assim como os efeitos quando são obedecidas essas Leis, ou quando são violadas.

Sua obra libertadora consistiu em trazer essa explicação, apontando as lacunas e os prejuízos existentes nos exercícios religiosos, porque trazia a Verdade que daria Luz à escuridão crescente do espírito humano. Não consistia na morte da Cruz, do mesmo modo que a Ceia ou a hóstia não pode oferecer perdão dos pecados. Semelhante pensamento é contrário a todas as Leis Divinas! Com isso cai também o poder dos homens de perdoar pecados. Qualquer indivíduo só tem o direito e o poder de perdoar o que foi feito a êle mesmo por outra pessoa, e isso também só quando seu coração assim o determina, independente de qualquer influência.

Quem refletir a êsse respeito com sinceridade, reconhecerá a Verdade e com isso o verdadeiro caminho! Mas os preguiçosos de corpo e de pensamento que não conservam com o necessário cuidado e atenção a lâmpada que o Criador

lhes confiara, isto é, a faculdade de examinar e esclarecer — semelhantemente às Virgens da parábola — deixarão passar com facilidade a hora em que se aproximar dêles a “Palavra da Verdade”. Êles deixaram-se adormecer pelo comodismo lasso e pela crença cega, e não se encontrarão capazes, em sua preguiça, de reconhecer o Noivo ou o Portador da Verdade. Ficarão, portanto, para trás, enquanto os que velaram conseguem penetrar no Reino da Alegria!

## “DESCE DA CRUZ”

Se és o Filho de Deus, desce da Cruz! Ajuda-te a ti mesmo e a nós!” Por entre zombarias lançavam essas palavras ao Filho de Deus, quando debaixo de um sol abrasador sofria crucificado. Os homens que as pronunciavam julgavam-se muito atilados. Troçavam com ar de triunfo, riam cheios de ódio, sem que tivessem motivo verdadeiro para isso, porque os sofrimentos de Christo não eram razão para zombaria e muito menos para riso. Mas teriam mudado imediatamente de atitude se pudessem por um momento sequer tomar conhecimento dos fatos que concomitantemente se passavam no domínio da matéria fina e no Espiritual, se pudessem “ver”, porque suas almas ficaram atadas fortemente por milênios. Mesmo, porém, que o castigo não se fizesse sentir logo no domínio da matéria grosseira, êle fazia-se sentir em *todas* as demais vidas terrenas a que foram obrigadas as almas criminosas.

Os que nessa ocasião zombavam, julgavam-se inteligentes. Não podiam dar prova maior de sua estreiteza do que com essas palavras, porque encerram a concepção mais infantil que se pode imaginar. Encontram-se infinitamente distantes de qualquer compreensão da Criação e da Vontade Divina que nela atua. Como é, por conseqüência, entristecedor o fato de ainda hoje pensar a maior parte das pessoas que dizem acreditar em Deus e na Missão de seu Filho, ter sido possível a Jesus de Nazareth descer da Cruz, se assim fôsse sua Vontade!

Depois de dois mil anos existe ainda a mesma estreiteza sonolenta de espírito, sem a menor alteração para o progresso! Segundo a concepção ingênua de muitos desses crentes, Christo por ser enviado de Deus não devia conhecer limites em seus atos terrenos!

São expectativas oriundas da mais doentia ingenuidade, crença originada na preguiça de pensar.

Com a humanização foi o Filho de Deus também "posto sob a Lei", isto é, submeteu-se com isso às Leis da Criação, à Vontade imutável de Deus na Criação. Nisso não ha a menor modificação no que diz respeito ao seu corpo ligado à terra. Obediente à Vontade de Deus, poz-se Christo voluntariamente sob essas Leis, não vindo para derrubá-las, mas para cumprí-las com a humanização nesta Terra.

Por êsse motivo encontrava-se ligado a tudo que liga os indivíduos terrenos, não podendo portanto, como Filho de Deus, descer da Cruz, a-pesar-da Fôrça e do Poder Divinos que possuía. Não o podia enquanto se encontrasse na carne e no sangue de matéria grosseira. Seria o mesmo que desfazer a Vontade Divina na Criação.

Essa Vontade, porém, é perfeita desde o comêço da Criação, em toda parte, não apenas no domínio terreno da matéria grosseira, mas também no da matéria fina, como no Enteval e no Espiritual com todos seus graus e transições. O mesmo se dá na Divindade e no próprio Deus.

A atuação Divina, a Fôrça e o Poder Divinos se patenteiam de modo bem diverso do que em representações teatrais. A Divindade, justamente, consiste na realização incondicional da Vontade de Deus, não por outra maneira. O mesmo se dá com o indivíduo que é portador de amadurecimento espiritual. Quanto mais desenvolvido fôr, tanto mais se curvará voluntariamente às Leis Divinas na Criação; sim, voluntariamente e com alegria, sem jamais esperar qualquer ato

arbitrário que se processe fora dessas Leis, e isso por acreditar na Perfeição da Vontade de Deus.

Se um corpo de matéria grosseira se encontra bem preso a uma Cruz, verdadeiramente cravado, não poderá libertar-se sem auxílio material exterior. Trata-se da Lei da Vontade Criadora Divina que não pode ser posta à margem. Quem pensar ou esperar que se passe por outro modo, não acredita na Perfeição de Deus e na imutabilidade de sua Vontade.

A-pesar-do pretenso progresso do saber e do poder dos homens, êstes não se transformaram em nada, encontrando-se no mesmo lugar em que se encontravam nesse tempo, o que se patenteia pelo fato de ainda hoje exclamarem:

"Se és o Filho do Homem, poderá provocar quando quiser as catástrofes anunciadas". Pressupõem isso como coisa evidente por si mesma. Com outras palavras, isto, porém, quer dizer: "Se o não conseguir, é porque não é o Filho do Homem!"

Os homens conhecem perfeitamente, como Christo, o Filho de Deus, já insistiu nesse ponto, que ninguém senão Deus somente conhece a hora em que começará o Juízo. E' por consequência uma dupla dúvida quando falam por êsse modo, dúvida no Filho do Homem, e dúvida na Palavra do Filho de Deus. Além disso semelhante asserção só demonstra que se encontram ignorantes em face de toda a Criação, ignorância completa em relação a tudo que mais importa a todos os homens.

Se o Filho de Deus teve que submeter-se à Vontade de seu Pai na Criação quando se humanizou, é evidente que o Filho do Homem não poderá passar por cima dessas mesmas Leis. E' mesmo impossível em toda a Criação ficar por cima dessas Leis. Quem entra na Criação fica imediatamente sob a ação da Lei da Vontade Divina que nunca se modifica. O mesmo se dá também com o Filho

de Deus e o Filho do Homem. Uma grande lacuna na possibilidade de compreensão é constituída pelo fato de não haverem os homens procurado essas Leis Divinas na Criação, não a terem até hoje reconhecido, só tendo encontrado aqui e ali alguns fragmentos, e isso mesmo só quando neles tropeçam.

Se Christo fez milagres que ultrapassam de muito as possibilidades dos homens terrenos, não justifica isso o pensamento de que não se precisasse preocupar-se com as Leis da Vontade de Deus que se encontram na Criação, ou de que passasse por cima delas. Isto é impossível. Mesmo por ocasião dos milagres procedia de acôrdo e em perfeita harmonia com as Leis de Deus, nunca arbitrariamente. Assim fazendo, provou sòmente que trabalhava com *Fôrça Divina*, não espiritual, sendo mais que evidente, por êsse motivo, que em seus efeitos ultrapassasse de muito as possibilidades humanas. Os milagres, porém, não se processavam fora das Leis da Criação; eram feitos inteiramente de acôrdo com as mesmas.

O homem ficou tão atrasado em seu desenvolvimento espiritual que nem sequer lhe é possível atingir a evolução completa das fôrças espirituais de que dispõe, porque se não fôra assim poderia realizar coisas que para a compreensão de hoje passariam por milagrosas.

A Fôrça Divina, naturalmente, é capaz de criar obras que a espiritual jamais poderá alcançar, e que, já em seu gênero, se distinguem das mais elevadas ações espirituais. A-pesar-disso, porém, todos os acontecimentos se mantêm dentro dos limites da regularidade divina. Nada ultrapassa o seu âmbito. Sòmente os homens cometem atos arbitrários dentro dos limites dados à sua livre deliberação; porque os homens nunca se colocaram verdadeiramente sob a Vontade do Criador onde quer que possuam certa liberdade de agir segundo deliberação própria. Sempre deram primasia à von-

tade individual, como o que se paralisaram a si próprios, sem que pudessem ascender além do que permite a vontade do seu próprio entendimento que se encontra presa à terra.

Os homens, portanto, não conhecem, sequer, as Leis da Criação que lhes libertam seu poder espiritual e nas quais podem desenvolvê-lo.

Por êsse motivo se admiram tanto diante dos efeitos da Fôrça Divina, e por isso também não a podem reconhecer como tal, ou esperam dela manifestações que estão por fora das Leis Divinas existentes dentro da Criação. Entre estas últimas se incluiria a descida de um corpo de matéria grosseira de uma Cruz de igual matéria.

O despertar dentre os mortos *não* se encontra fora do domínio das Leis Divinas, uma vez que isso se dê em determinado tempo, diferente para cada indivíduo. Quanto mais espiritualmente amadurecida fôr uma alma ao se separar de seu corpo de matéria grosseira, com tanto mais rapidez de libertará dêle, e tanto menos duradoura será a possibilidade de ser chamada novamente a ocupá-lo, porque isto só se pode dar enquanto existirem ligações entre o corpo e a alma.

A alma animada como se encontra pelo espírito, deve obedecer à Vontade Divina, isto é, à Fôrça Divina, voltando portanto ao seu chamado, passando pela ponte de matéria fina ao corpo de matéria grosseira já abandonado, uma vez que a ponte ainda não tenha sido rompida.

Por falar-se aqui em Fôrça Divina e fôrça espiritual, não quer isso dizer que haja contradição na afirmativa de que de fato só existe *uma* Fôrça, que provém de Deus e que penetra em toda Criação. Ha, porém, uma diferença entre a Fôrça Divina e a espiritual. Esta última é dominada pela Divina, de onde provém. Não é uma Fôrça Divina enfraquecida, mas *modificada*, que ficou sendo de espécie diferente por causa dessa transformação, passando sua



atuação a exercer-se em limites mais estreitos. Trata-se, portanto, de duas espécies diferentes de atuação, mas, de fato, de uma única fôrça. Junta-se ainda a fôrça enteal, que é uma fôrça espiritual modificada. São portanto três as espécies fundamentais das quais duas, a espiritual e a enteal são alimentadas e regidas pela Divina. Todas as três devem ser consideradas como uma única. Não ha outras espécies de fôrças, mas apenas variantes das espécies fundamentais espiritual e enteal, com efeitos diferentes. Cada variante introduz Leis diferentes em suas manifestações diversas; essas Leis, porém, por sua vez se ligam em consequência lógica à espécie fundamental, mas exteriormente parecem mais estranhas, em correspondência à modificação da fôrça. Todas as espécies, portanto, mesmo as espécies fundamentais, se encontram ligadas à Lei da Fôrça Divina e suprema, só parecendo diferentes em suas Leis pelo aspecto exterior que é diverso. Parecem por êsse motivo diversas, porque cada espécie ou variante, fora da Vontade Divina, só constitue espécies parciais, fragmentos portanto, possuidores apenas de partes de Leis. Esforçam-se para o Todo, para a Perfeição, de onde se originaram, para a Fôrça Divina e pura que é o mesmo que a Vontade Divina atuando como Lei férrea inalterável.

Cada fôrça, por consequência, com suas variantes, atua no mundo que lhe é correspondente, quer seja de matéria fina ou grosseira; formando então, em virtude de suas próprias diferenças, mundos *diferentes*, ou planos, que, considerados isoladamente, são apenas fragmentos do conjunto da Criação, porque as fôrças que os constituíram são também apenas partes modificadas da Fôrça Divina e Perfeita, não sendo regidos por Leis perfeitas mas sòmente parciais. Sòmente a *totalidade* das Leis dos vários planos de mundos, considerados em um *conjunto* único oferece novamente Leis

Perfeitas, colocadas pela Vontade Divina na Criação primordial no Reino Puro-espiritual.

Por êsse motivo os gérmenes do espírito humano precisam percorrer todos os planos constituídos pelos diversos mundos, afim de experimentarem em si próprios as leis particulares de cada um, vivificando-as. Uma vez que tenham colhido todos os bons frutos dessa experiência, terão de fato adquirido consciência das referidas Leis, podendo penetrar por consequência no Paraíso no caso de as utilizarem no sentido adequado e bom. As Leis os levarão ao Paraíso, por seu próprio efeito, donde, com o conhecimento adquirido, poderão auxiliar nos planos parciais inferiores, o que constitue a mais elevada missão do espírito humano aperfeiçoado. Jamais poderá haver excesso, porque os planos dos mundos existentes podem ser alargados infinitamente, pois pairam no infinito.

Deste modo o Reino de Deus aumenta cada vez mais, construído e alargado progressivamente pela fôrça dos puros espíritos humanos, cujo campo de atividade será a Postcriação que poderão dirigir do Paraíso em que se encontram, pois atravessaram todos os planos, adquirindo conhecimento exato dos mesmos.

Fiquem estas explicações aquí sòmente para que não surjam mais equívocos por causa das referências a Fôrças Divinas e a fôrças espirituais, porque de fato só existe uma única Fôrça de partida de Deus, da qual se originaram as variantes.

Quem conhece o modo por que se processam estas coisas, não alimentará expectativas infantis sôbre coisas que nunca poderão se realizar, por se encontrarem fora das Leis da Criação. Desse modo também não pode o Filho do Homem provocar catástrofes, *imediatamente* realizadas, apenas com o levantar de sua mão. Iria de encontro às Leis Naturais existentes e inalteráveis. O Filho do Homem como

servidor de Deus que é, envia a Vontade Divina, a Fôrça Divina, às fôrças fundamentais isoladas, tomando estas a nova direção que assim lhes foi imprimida pela Vontade de Deus. Depois disso, porém, atuam essas fôrças na direção imposta, mas de acôrdo com suas Leis parciais que não podem ser violadas. E' certo que ha um apressamento geral, mas sempre dentro de suas possibilidades.

Dêsse modo o Espiritual é muito mais moveção e leve do que o Enteval. Êste necessitará para seu efeito de muito mais tempo do que o Espiritual. Portanto, é inevitável que o Enteval, isto é, os acontecimentos elementares, exija muito mais tempo para que suas modificações se façam sentir. O mesmo é válido para o mundo da matéria fina: movimenta-se com mais rapidez, por intermédio essas fôrças, do que o da matéria grosseira. Não é possível que sejam violadas ou dispensadas essas Leis cujo cumprimento deve ser realizado.

Todas essas Leis são perfeitamente conhecidas no Domínio da Luz, sendo enviados os emissários com suas ordens particulares *de tal modo* que os resultados finais de ajuntam conforme era de início a Vontade de Deus.

Para o Juízo atual, foi necessário um dispêndio de Grandezas que ultrapassa a compreensão humana. Mas tudo isso se passa de modo a não haver de fato nenhum retardamento... até os pontos nos quais deve cooperar a vontade dos homens. Sômente êstes tentam com teimosia colocar-se fora de toda realização, impedindo hostilmente o processo normal das coisas ... tudo isto pela vaidade que os liga à terra.

Por felicidade isto foi calculado, após a demonstração de grande insuficiência dos homens durante o tempo da vida terrena do Filho de Deus. Os homens com suas recusas só poderão dificultar até uma certa época a marcha terrena do Filho do Homem, sendo-lhe, por isso, necessário

procurar atalhos ou desvios. Não conseguirão, porém, deter os acontecimentos determinados por Deus ou sequer alterar o êxito predeterminado do traçado dos acontecimentos, porque já lhes foi tirado o plano das Trevas que os protegia e fortificava; desmoronar-se-ão com rapidez, em virtude da Luz que consegue penetrar cada vez mais profundamente, os muros constituídos pela ação de seu entendimento, de onde ainda atiram suas setas venenosas. Ficarão soterrados pelas ruínas, sem que lhes seja concedida nenhuma graça, por causa dos males que incessantemente semearam. Ha-de chegar o dia almejado pelos que se esforçam para a Luz. Isso virá na hora precisa e exata.

## ESTA É A MINHA CARNE! ÊSTE É O MEU SANGUE!

«**Q**uem aceita minha Palavra, aceita a mim também”, disse o Filho de Deus a seus Discípulos, “come de fato minha carne e bebe o meu sangue!”

E' êsse o sentido das Palavras pronunciadas pelo Filho de Deus por ocasião da instituição da Ceia, servindo de símbolo à memória de sua passagem pela Terra. Como é possível que a êsse respeito tenham surgido violentas disputas entre as Igrejas e os sábios? O sentido é inteiramente claro e simples, uma vez que os homens se baseem no fato de que Jesus Christo, o Filho de Deus, era a Palavra de Deus *encarnada*.

Como era possível falar em termos mais simples do que êsses: “Quem aceitar minha Palavra come o meu corpo e bebe de meu sangue!” Disse também: “A Palavra é verdadeiramente meu corpo e meu sangue!” Era necessário dizer isso, por ser Êle, de fato, a Palavra viva em carne e sangue. Nas transmissões dêsse dito deixou-se de parte sempre o principal: a referência à *Palavra* que *passou* pela Terra! Os homens tomaram êsse ponto como secundário, justamente porque não o compreenderam. Mas com isso ficou toda a missão de Christo incompreendida, mutilada e deturpada.

Os próprios Discípulos do Filho de Deus não podiam compreender essas palavras do Mestre, a-pesar-de sua crença, como também não compreenderam muitas coisas mais daquilo que lhes tenha dito. Christo exprimiu várias vezes sua tristeza por êsse motivo. Davam à Ceia um sen-

tido *tal* que estaria de acôrdo com sua compreensão infantil, sendo por êsse motivo evidente que reproduziram estas palavras, cujo sentido lhes era um tanto escuro, de acôrdo também com sua própria compreensão, mas não como o intentara o Filho de Deus. — —

Jesus foi a Palavra encarnada de Deus! Quem recebia, portanto, a sua Palavra verdadeiramente, recebia também a Êle mesmo.

E todos os que deixam que a Palavra de Deus adquira vida em seu íntimo, de fôrma que se torne inseparável de seu pensamento e de suas ações, faz com que essa palavra Christo também adquira vida em seu interior, porque o Filho de Deus foi a Palavra viva e encarnada de Deus!

Os homens devem esforçar-se por penetrar *verdadeiramente* nesse modo de pensar. Não deverão ler apenas as Palavras e depois tagarelar a respeito, mas devem procurar dar vida a essa ordem de pensamentos, isto é, viver o sentido das Palavras com imagens vivas em seu interior. Sòmente assim é que vivem *realmente* a Ceia, pressupondo-se que reconheçam nisso a acepção da Palavra Viva de Deus, sendo preciso que antes já conheçam a fundo seu sentido e sua Vontade.

Não é tão cômodo como pensam muitos crentes. De nada serve a recepção estúpida da Ceia, porque o que é vivo como a Palavra de Deus, precisa e quer ser *aceito* com vida. A Igreja não poderá nunca infundir vida à Ceia para os participantes, enquanto êstes não houverem preparado em si próprios o lugar para recebê-la *verdadeiramente*.

Veja-se a imagem que reproduz o dito: “Bato à porta!” A imagem é perfeitamente certa. O Filho de Deus se encontra do lado de fora, e bate, desejando entrar. Ora, o homem já contribuiu com seu próprio pensamento quando deixa ver a mesa pronta, através da porta entreaberta. Daí nasce o pensamento de que ninguém deve ser repellido, ao

pedir alimento ou bebida. O pensamento é belo e de acôrdo com as Palavras de Christo, mas ainda é insuficiente, porque o dito: “Bato à porta!” significa muito mais. A clemência é apenas uma pequena parte do conteúdo da Palavra de Deus.

Quando Christo diz: “Bato à porta!” significa que bate à alma humana, com a Palavra de Deus que êle próprio encarna, não pedindo entrada, mas *exigindo!* A Palavra deve ser aceita com toda a amplitude com que é oferecida aos homens. A *alma* deve abrir a porta para que a Palavra possa entrar. Se aceder a essa exigência, ficarão os atos de matéria grosseira praticados pelos homens pelo modo que a “Palavra” o deseja.

Os homens só se esforçam por apreender as coisas por meio do entendimento, o que quer dizer: dissecação e diminuição, diminuir os horizontes cognitivos. Por êsse motivo corre sempre o perigo de só apreender fragmentos da verdadeira grandeza, como de fato se tem dado também neste caso.

Permanecerá sempre como um mistério para os homens a encarnação, isto é, a humanização da Palavra Viva de Deus, porque o início dêsse acontecimento se passa nos âmbitos da divindade, não sendo possível à atividade compreensiva do espírito humano atingir até essa altura, permanecendo inacessível à compreensão humana o primeiro elo da encarnação ulterior. Não é, portanto, de admirar que justamente *esta* ação simbólica do Filho de Deus, consistente na repartição do pão e do vinho, não fôsse compreendida até hoje pelos homens. Mas se depois desta explicação que fornece uma imagem adequada, ainda houver quem se exalte a respeito, dá com isso testemunho de que os limites de sua faculdade cognitiva se detêm ante o Espiritual. Seu assentimento à explicação artificial até hoje dominante a respeito destas Palavras de Christo, apenas confirmaria uma teimosia sem escrúpulos.

## RESSURREIÇÃO DO CORPO TERRENO DE CHRISTO.

Perfeito é Deus, o Senhor! Perfeita sua Vontade, que está nele e dêle parte para produzir e conservar a Obra da Criação! Perfeitas são, por consequência, as Leis que em sua Vontade percorrem toda a Criação!

Mas a Perfeição exclue desde início qualquer desvio; é êste o fundamento que *justifica* a dúvida a respeito de tantas asserções! Muitas doutrinas se contradizem a si próprias porque ao mesmo tempo que ensinam a Perfeição de Deus, afirmam asserções perfeitamente opostas, exigindo que se creia em coisas que excluem a Perfeição de Deus e de sua Vontade que se encontra na Criação.

Eis o que semeou em muitas doutrinas o gérmen da doença, verme corroedor que ha-de dar por terra com todo o edifício. O desmoronamento é tanto mais inevitável onde as contradições constituem as colunas *fundamentais* do edifício, não sòmente pondo em dúvida a Perfeição Divina, mas até negando-a. Essa negação da Perfeição de Deus constitue mesmo um dos pontos de profissão de fé necessários para a admissão em muitas comunidades.

Vamos por aí ditos a respeito da *Ressureição da carne* em referência à ressurreição do corpo terreno do Filho de Deus, o que a maioria dos homens aceita irrefletidamente, sem o menor traço de compreensão. Outros tratam de se apropriarem da asserção com ignorância completamente



conciente, por lhes faltar o professor que poderia ministrar-lhes uma explicação correta.

Que triste situação é essa para quem observa com calma e severidade! Quão lastimável é um grupo que assim se lhe apresenta, tão orgulhosos por serem adeptos fervorosos de suas religiões, demonstrando o zelo que alardeam, pelo fato de olharem prematuramente com presunção ignorante para os que pensam por maneira diversa, sem refletirem que justamente isso constitui um sinal infalível de ignorância irremediável.

Quem aceita e confessa questões *problemáticas* como convicções arraigadas, demonstra ser dotado de indiferença ilimitada, mas de forma alguma que é possuidor da verdadeira fé.

E' sob este aspecto que se encontra um tal indivíduo ante o que êle denomina o Santíssimo e o mais elevado, o que deve constituir o conteúdo e o apôio de todo o seu ser.

Porém, não fica dêsse modo como um elo vivo de sua religião, que pode alcançar a liberdade e a ascensão, mas apenas metal ôco e sonante, chocalho vazio e barulhento que desconhece as Leis de seu Criador e que não se esforça por compreendê-las.

Semelhante situação para os que assim procedem significa parada e regresso quanto ao caminho que devia levá-los aos verdadeiros fins da evolução e do progresso, através da matéria, para guiá-los à Luz da Verdade.

A concepção errônea da ressurreição da carne é um obstáculo artificialmente gerado, como todas as demais noções falsas, obstáculo êsse que levam para o Além, e perante o qual êles têm que parar também, sem que se possam libertar dêle sôzinhos, para prosseguir; porque as crenças errôneas aderem de tal modo nessas pessoas, que lhes

fica cortada a possibilidade de olhar livremente para a Verdade luminosa.

Não têm coragem de pensar de outra maneira, motivo porque não podem progredir. Acresce a isso o perigo de não poderem mais semelhantes almas, que por tal modo se encontram presas por si próprias, aproveitar os últimos momentos para se libertarem, não ascendendo a tempo para a Luz, sendo arrastadas à decomposição, para terminarem na condenação eterna.

Condenação eterna é estar permanentemente separado da Luz, ficar excluído da mesma para sempre por culpa própria, pelo desenrolar normal dos acontecimentos, sem poder voltar à Luz como personalidade conciente na plenitude de seu desenvolvimento. Semelhante situação é causada pelo arrastamento à decomposição, que pulveriza e desfaz juntamente com os corpos de matéria fina tudo o que tem sido conquistado espiritualmente como conciência individual. (1) E' a denominada "morte espiritual" que não mais permite a ascensão para a Luz do "eu" conciente que se desenvolveu até êsse ponto, enquanto que, na ascensão, não sòmente subsiste, mas ainda se desenvolve, até alcançar a perfeição espiritual.

Um indivíduo que passa para o Além com uma crença falsa ou irrefletidamente aceita, fica ligado e retido até que *em si mesmo* se torne vivo e livre por meio de outra convicção, vencendo dêsse modo o obstáculo constituído por sua própria crença, atingindo assim o verdadeiro caminho que lhe permitirá progredir.

E' enorme, porém, a fôrça necessária para que seja vencido semelhante obstáculo, para libertar-se de semelhantes ilusões. Já êsse esforço para se aproximar de semelhante pensamento é um poderoso impulso. Por êsse mo-

---

(1) Dissertação N.º 20: *O Juízo Final*.

tivo milhões e milhões de indivíduos se conservam presos, sem poder concentrar as forças para dar o primeiro passo, na ilusão perniciosa de que assim procedendo incorreriam numa injustiça. Encontram-se como que paralisados e também perdidos, a menos que lhes chegue a Fôrça viva de Deus. Esta, porém, só pode intervir auxiliando-os quando na alma humana brilhar a faísca duma vontade que venha ao encontro da Fôrça.

Nesse processo tão simples e natural encontra-se uma paralisação de consequência extremamente horrível e fatal. O poder concedido aos homens de se decidirem livremente, que poderia ser fonte de bênçãos incalculáveis, transforma-se em verdadeira maldição, pela aplicação falsa que fizeram dêsse poder. Cada indivíduo tem em mão a faculdade de excluir-se ou ajuntar-se, razão porque as consequências são terríveis quando um indivíduo se entrega cegamente a uma doutrina, sem um exame sério e cuidadoso! A preguiça em semelhante condição pode custar-lhe todo o seu ser!

O maior inimigo do homem, puramente terreno, é a comodidade. Comodidade em matéria de crença será, porém, sua morte espiritual.

Ai dos que não despertarem logo e não se decidem ao mais severo exame de tudo que denominam crença! A destruição, porém, aguarda aqueles que deram causa a tal miséria, os falsos pastores que levam o rebanho à solidão desamparada. Não poderá haver outro auxílio para eles a não ser reconduzir as ovelhas desencaminhadas ao verdadeiro caminho, mas a principal questão neste particular é saber se ainda dispõem do tempo necessário para isso. Examine-se concientemente cada pessoa a si própria, antes de se resolver a doutrinar o próximo.

Creça falsa é falsa ilusão! E esta prende tanto neste como no outro mundo o espírito humano com uma fôrça

tal que sòmente a Fôrça viva da verdadeira Palavra de Deus poderá libertá-lo. Fique, por consequência, atento à sua chamada cada um que fôr visado. A chamada é sòmente destinada àquele que a sente intuitivamente! Examinem, portanto, e pesem, e serão salvos!

Não esqueçam que *sòmente a resolução própria* pode quebrar as correntes com que se encontram presos pelas falsas crenças. Do mesmo modo que se resolveram, por comodidade ou preguiça, a adotarem cegamente quaisquer doutrinas que não haviam examinado sèriamente *em todas as suas partes* ou como procuraram talvez negar Deus, sòmente porque não conseguiram até então encontrar por si mesmos um caminho que fôsse dar onde se encontra, o que correspondia a sua necessidade justificada de uma plenitude coerente — do mesmo modo agora deverá partir *dêles próprios a primeira deliberação* para a análise severa do exame! *Sòmente então* poderão conseguir levantar o pé para dar o primeiro passo no caminho que os ha-de levar à Verdade e com isso à liberdade na Luz.

Êle *próprio*, e sempre e sòmente êle *pode, deve e precisa* pesar bem os argumentos, porque todos os indivíduos têm a faculdade necessária para isso. Deve, pois, aceitar também a responsabilidade total do que fizer, sejam quais forem as resoluções e os atos.

A consciência por si só já deveria obrigá-lo ao mais acertado exame das doutrinas.

Justamente essa responsabilidade concede a todos os homens não sòmente o direito ilimitado à semelhante exame, como o condiciona até como a mais premente necessidade. Não é erro considerá-lo calmamente como o sadio instinto de conservação. Nenhuma pessoa subscreve qualquer contrato terreno, no qual assume alguma responsabilidade, sem examinar com cuidado palavra por palavra o que contém, vendo se pode ou não cumprí-lo. De outro

modo não se passa, e com muito mais severidade, no domínio espiritual, quando se trata da resolução de entregar-se a uma determinada crença! Se os indivíduos nesse particular pusessem em prática um instinto de conservação mais sadio, não constituiria isso nenhum pecado, mas verdadeira bênção!

Ressurreição da carne! Como pode a carne de matéria grosseira subir ao Reino Puro-espiritual de Deus-Pai? A matéria grosseira que não pode transpassar nem para a matéria fina do Além! Toda a matéria grosseira, do mesmo modo que a fina, se encontra sujeita às Leis Naturais eternas da decomposição. Não ha exceção ou desvios neste particular, porque as Leis são perfeitas. Por êsse motivo não é possível que a matéria grosseira consiga depois da morte subir ao Reino do Pai, nem mesmo ao domínio da matéria fina que também se encontra sujeita à decomposição. Dada a Perfeição das Leis Divinas da Natureza, é absolutamente impossível semelhantes desvios das mesmas!

Podemos observar claramente tudo isso, em ponto pequeno, com as leis da física, que não mostram nada mais do que as Leis irredutíveis do Criador, que penetram por êste como por todos os outros domínios da Natureza.

*Tudo* que existe, portanto, se encontra sujeito às leis uniformes da formação que trazem consigo com simplicidade e clareza a Vontade invariável de Deus. Nada poderá ficar separado dêsse conjunto.

Por isso é muito lastimável quando algumas doutrinas se recusam a reconhecer a Grandeza de Deus que justamente aquí se patenteia admiravelmente, aproximando-se tanto da compreensibilidade humana!

Todas as doutrinas se reportam com muito acêrto à Perfeição de Deus. Ora, se a origem ou a fonte primordial é perfeita, tudo que parte dessa fonte deve também ser perfeito. Daí se depreende também que devem ser perfeitas

as Leis que se encontram na Criação, oriundas de ações da Vontade Divina. Uma coisa não pode ser separada da outra, a não ser por violência nos conceitos. Essas Leis Perfeitas da Criação penetram e mantêm tudo que existe, sob a fórmula de Leis da Natureza. Ora, perfeição é equivalente a inalterabilidade, o que demonstra ser impossível a menor alteração nessas Leis fundamentais ou naturais. Em outros termos: não pode em absoluto haver exceções que contradigam a marcha natural dos acontecimentos.

Por êsse motivo não pode haver ressurreição da carne que, como matéria grosseira, se encontra indissolúvelmente presa à própria matéria grosseira.

Por isso mesmo que as Leis Primordiais se originaram da Perfeição Divina, jamais poderá desenvolver-se por maneira diversa um novo ato voluntário de Deus, a não ser como êste determinou desde o início primordial da Criação.

Quando, por conseqüência, muitas doutrinas excluem essa evidência natural, condicionada pela Perfeição Divina, demonstram que repousam em fundamentos *falsos*, construídos sôbre o entendimento humano que se encontra adstrito ao espaço e ao tempo, não podendo por êsse motivo serem elevadas à categoria de Mensagens Divinas, porque estas não apresentam lacunas, pois só podem provir da própria Perfeição, da própria Verdade, que é sem lacunas e, em sua grandiosidade simples, compreensível. *Natural*, em primeiro lugar; porque o que os homens denominam Natureza se originou da Perfeição da Vontade Divina, recebendo dela ainda hoje os influxos de vitalidade por maneira constante, não podendo ser submetida, portanto, a nenhuma exceção.

Quando Christo veio à Terra anunciar a Mensagem da Verdade de Deus, teve necessidade como todos os homens de se utilizar de um corpo de matéria grosseira, isto é, da carne. Qualquer indivíduo dotado de pensamento deveria ver nisso desde logo a imutabilidade das Leis da Natureza,

assim como na morte do corpo, na Cruz, que se realizou depois.

Essa carne de matéria grosseira, porém, não podia constituir depois da morte nenhuma exceção, tendo que continuar no mundo da matéria grosseira! Não podia ressuscitar, para poder penetrar em outro mundo. As Leis Divinas ou Naturais não consentem em semelhante coisa, em virtude de sua Perfeição, originada da Vontade Divina. Não podiam consentir, sem o que não seriam perfeitas, o que arrastaria consigo a conclusão de que a Vontade de Deus, sua Fôrça e Êle mesmo também não fôsem perfeitos.

Mas uma vez que não é possível admitir uma tal coisa, como toda ciência pode atestar com o estudo da Criação, é por consequência falso e constitue uma dúvida na Perfeição de Deus quando se quer afirmar que êsse corpo de matéria grosseira ressuscitou e, depois de quarenta dias, entrou num outro mundo.

Para que a carne ressuscite de fato é necessário que a alma seja novamente chamada ao corpo, ao qual a alma ainda se mantém ligada por algum tempo por um laço de matéria fina. <sup>(1)</sup> De acôrdo com as Leis Naturais só é possível semelhante coisa enquanto persistir êsse ligamento. Uma vez desfeito êste, tornar-se-á impossível o despertar, isto é, a chamada da alma novamente ao corpo de matéria grosseira. Êsse fato, também, se encontra submetido severamente às Leis Naturais que não contêm lacunas, e o próprio Deus não conseguiria que se desse por outro modo por ir de encontro às suas próprias Leis Perfeitas, contra sua Vontade Perfeita que atua autonômicamente na Natureza. Justamente por causa dessa Perfeição, jamais lhe poderia surgir um pensamento tão imperfeito, o que representaria um ato arbitrário. Nesse ponto vemos mais uma vez um apa-

---

<sup>(1)</sup> Dissertação N.º 40: *A Morte*.

rente constrangimento de Deus na sua Criação, devido à sua Perfeição contínua que necessita ser cumprida nas menores coisas, não admitindo a menor modificação, a qual por sua vez não é nem necessária nem intencional. Não se trata, porém, de uma ligação ou submissão real de Deus, mas somente *parece* aos homens, em alguns casos, que assim seja, por não poderem abranger com a vista a *totalidade* dos acontecimentos. Por não possuírem, justamente, uma visão do *todo* é que os homens com a melhor das intenções esperam muitas vezes atos arbitrários da Divindade, os quais, bem considerados, só contribuíram para diminuir a Perfeição Divina. Isso que os homens com toda humildade esperam como sendo um bem, não é uma elevação cheia de reverência, mas uma degradação aos limites naturalmente alcançados do espírito humano.

A observância incondicional das Leis da Vontade Divina ou da Natureza se confirma também na ressurreição de Lazaro como no moço de Naim. Poderiam ter sido despertados porque o ligamento com a alma ainda se conservava intacto. À chamada do Mestre foi possível à alma voltar novamente ao corpo. De acôrdo com as Leis Naturais êsse corpo deveria permanecer no mundo de matéria grosseira até que se processasse novamente outra dissociação entre os corpos de matéria grosseira e fina, e que permitisse ao último penetrar no Além de matéria fina, isto é, depois de nova morte do corpo de matéria grosseira.

E' absolutamente impossível a passagem de um corpo de matéria grosseira para um outro mundo. Se o espírito de Christo houvesse voltado para seu corpo de matéria grosseira, ou se o não houvesse abandonado, teria sido forçado a permanecer na matéria grosseira até que se desse novamente a morte dêsse corpo. Por outro modo é impossível.

Está perfeitamente excluída a ressurreição, isto é, a passagem da carne dêste para o outro mundo, e isso não só



em referência aos homens como também ao Cristo então humanizado.

O corpo terreno do Salvador percorreu o mesmo caminho por que têm que passar os demais corpos de matéria grosseira, segundo as Leis Naturais do Criador.

*Por êsse motivo Jesus de Nazareth, o Filho de Deus, não ressuscitou carnalmente!*

A-pesar-da lógica convincente que se encontra nesta explicação, e na maior adoração da Divindade que implica, haverá ainda muitas pessoas que na cegueira e preguiça de sua falsa crença não hão-de querer seguir pelo simples caminho da Verdade; muitas também recusarão em virtude de sua própria estreiteza mental; e muitas outras que, enraivecidas, intencionalmente tentarão opor-se, pelo mêdo muito fundado de se ver desmoronar todo o edifício de suas crenças cômodas tão penosamente construído.

De nenhuma vantagem ser-lhes-á afirmarem-se êles na tradição literal, porque os Discípulos eram também homens, e é perfeitamente humano haverem êstes então introduzido nas descrições muitos pensamentos pessoais, excitados como se encontravam por tantos acontecimentos terríveis, transmitindo dêsse modo, por maneira diversa, muitos fatos que lhes pareciam inexplicáveis.

Suas narrativas e anotações se firmaram em pressuposições humanas muito *particulares*, como na confusão errônea causadora de muitos equívocos posteriores, dos dois conceitos do Filho de Deus e do Filho do Homem.

Mesmo que tenham tido fortes inspirações de natureza espiritual, auxiliando-os por ocasião da reprodução dos fatos, eram dominados por idéias preconcebidas, o que contribuia para turvar o melhor intencionado e mias límpido quadro.

O próprio Jesus não deixou o menor escrito em que se pudessem firmar incondicionalmente.

Jamais teria dito ou escrito algo que contradissesse as Leis de seu Pai ou as Leis Divinas da Natureza. Disse expressamente:

*“Vim para cumprir as Leis de Deus”*

Ora, as Leis de Deus se encontram claramente em toda a Natureza, e esta é muito mais ampla não abrangendo somente a matéria grosseira, mas continuando como “naturais” no domínio da matéria fina, assim como no Entel e Espiritual. Um pensador ha-de encontrar nessas importantes Palavras do Criador algo que ultrapassa as doutrinas confusas das religiões, apontando o verdadeiro caminho aos que procuram com sinceridade.

Além disso qualquer pessoa pode encontrar pontos de apóio em várias passagens da Bíblia, porque Jesus apareceu a diversas. Que aconteceu? A princípio Maria não o reconheceu; Magdalena, não o conheceu logo; e durante horas os Discípulos no caminho de Emmaus não o reconheceram, a-pesar-de lhes haver falado e acompanhado... Que devemos concluir disso? Que estavam vendo *um corpo diferente*, sem o que o teriam *imediatamente* reconhecido!

Continue, porém, surdo quem não quiser ouvir, e cego quem achar comodidade em fechar os próprios olhos!

O conceito geral de “ressurreição da carne” encontra justificativa nos nascimentos *terrenos* que não cessam de se dar enquanto houver homens sôbre a Terra. O consentimento para que a vida sôbre a Terra se repita, é uma grande promessa, para que por meio da re-encarnação se realize com mais rapidez o progresso e a necessária solução de ações de reciprocidade de espécies inferiores, o que equiivale à remissão dos pecados. Vemos nisso uma prova do imenso Amor do Criador, cuja Graça se patenteia por oferecer oportunidade às almas que partiram da Terra ainda não perfeitamente amadurecidas, por não terem sabido aproveitar o

tempo que passaram sôbre a Terra — de mais uma vez se envolverem num manto ou num corpo de matéria grosseira, com o que a carne decomposta festeja uma ressurreição no novo corpo em que penetra a alma. Esta, que já se achava no Além, passa dêsse modo por uma ressurreição *na* carne.

E' impossível ao espírito humano, enquanto não apreender o processo em toda sua amplitude, chegar à compreensão de quanto é vantajosa semelhante repetição, fruto da mais elevada Graça do Criador!

## O SENTIDO HUMANO E A VONTADE DIVINA NA LEI DA RECIPROCIDADE

Não devemos esperar, sempre que se fala do sentido humano e das concepções humanas, ao que se liga também o julgamento dos homens, que tudo isso seja equivalente à Justiça Divina, ou que ao menos se lhe aproxime. Infelizmente devemos dizer que muito pelo contrário, na maioria das vezes ha uma diferença infinita entre ambas. A expressão popular “diferença infinita” se encontra aqui empregada no sentido apropriado. E’ explicável semelhante diferença por causa do entendimento humano que se encontra adstrito ao tempo e ao espaço, incapaz pela estreiteza de compreensão, de reconhecer a injustiça *verdadeira*, distinguindo-a da justiça, porque raramente se manifesta por sinais exteriores, repousando, pelo contrário, no interior de cada indivíduo, não sendo suficientes para seu juízo os parágrafos da lei nem a sabedoria das escolas. E’ entristecedor que, por êsse motivo, muitos juízos humanos se contraponham por maneira tão evidente à Justiça Divina.

Não falaremos da idade média, nem dos tempos calamitosos das torturas horríveis, assim como das denominadas queimas de bruxas e de outros crimes da justiça. Do mesmo modo não nos referiremos às numerosas mortes nas fogueiras, às torturas e assassinatos que pesam no livro de dívidas das comunidades *religiosas* e que devem, pela reciprocidade, ser de conseqüências terríveis para os que os praticaram, por haverem usado mal do Nome de Deus em sua

Perfeição, cometendo todos êsses crimes em seu nome como se nisso tivesse muito gôsto, dando-o como o responsável aos olhos dos homens. Semelhantes abusos e barbaridades não devem ser esquecidos rãpidamente, mas devemos chamã-los novamente à memória como aviso aos julgamentos atuais, principalmente porque os que então se entregavam a tais atos o faziam sob aparência da melhor fé e da mais estrita justiça.

Jã houve muitas modificações. No entanto naturalmente virã o tempo em que os homens contemplarã com o mesmo horror a justiça de hoje, como o fazemos com a dos tempos idos que ao nosso atual modo de ver se apresenta com tantos erros. E' essa a marcha do mundo, o que constitue um certo progresso.

Mas se examinarmos profundamente veremos que o progresso aparentemente grande entre a situação do passado e a de hoje *é apenas exterior*. A preponderãncia dum indivíduo na Terra — isenta, como é, de responsabilidade pessoal — tem ainda hoje a mesma possibilidade de cavar traços profundos no *ser* de muitos homens. Também os homens e seus intuitos não se modificam essencialmente; e onde a *vida interior* se mantém a mesma, iguais serã por consequência as ações recíprocas que acarretam consigo a *Justiça Divina*.

Se os homens *a êste respeito* pudessem tornar-se súbitamente *videntes*, a consequência seria um único e imenso grito de desespero, um terror que baixaria sôbre todos os povos. Ninguém levantaria a mão contra seu semelhante, para acusã-lo, porque *todos* se encontram de algum modo carregados com a mesma culpa. Ninguém tem o direito de censurar os outros, porque até o presente cada um tem ajuizado apenas segundo as aparências exteriores, sem atende à *verdadeira vida*.

Muitos seriam tomados de desespero aos primeiros raios luminosos, se êsses os atingissem sem que estivessem preparados para isso, ao passo que os que não empregaram nenhum tempo na reflexão destas coisas, sentiriam infinito amargor por se haverem descuidado tanto, dormindo prolongadamente.

Daí surge a necessidade dos estímulos para que os indivíduos se entreguem à reflexão própria, bem como ao desenvolvimento da *faculdade de discernimento justa e pessoal*, que repele opiniões estranhas, *recebendo, pensando, enunciando e agindo* sòmente de acòrdo com a *própria* intuição.

O homem não deve esquecer nunca de que só êle tem a responsabilidade cabal do que *êle* sente, pensa e faz, mesmo que o haja recebido irrefletidamente de outras pessoas.

Felizes dos que atingiram essa altura e só enfrentam juízos mediante exame e reflexão próprias, para agir depois de acòrdo com as *próprias* intuições! Assim não se fazem participantes da culpa como acontece com milhares de indivíduos, que freqüentemente chamam a si o pêso de um Karma desfavorável, porque emitem preconceitos e difamações, por falta de reflexão ou vontade de experimentar sensações, sendo levados por êsse Karma a regiões de sofrimento e de dores que poderiam perfeitamente ficar desconhecendo. Com isso descuidam-se na existência terrena de muita coisa que lhes poderia ser verdadeiramente benéfica; não sòmente causam muitos prejuizos para si, mas também arriscam muitas vezes na emprêsa todo seu ser.

Assim se deu com o ódio inflamado e insensato contra Jesus de Nazareth, cujas razões verdadeiras poucos dos gritadores malévolos conheciam, ao passo que a maioria se entregava simplesmente a um zêlo cego e inconciente, a gritar, sem que houvessem estado sequer em contacto com Jesus. Encontram-se igualmente perdidos os que se afastaram dêle pelas falsas opiniões de outrem, sem ouvirem

sequer suas palavras, e, muito menos, sem que se tivessem dado ao trabalho de examiná-las com consciência, podendo dêsse modo chegar finalmente a reconhecer-lhes o valor.

Sòmente por êsse modo foi possível que se realizasse a loucura trágica que levou justamente o *Filho de Deus* à acusação por *ofensas a Deus* e à Cruz! Êle, o único que viera diretamente de Deus, anunciando aos homens a Verdade sôbre Deus e sua Vontade!

O fato é por tal modo grotesco que nele se patenteia com a maior clareza a estreiteza de vista, a mesquinaria humana.

A humanidade, de então para cá, não progrediu interiormente, senão que nisso regrediu muitíssimo, a-pesar-de tantas descobertas e invenções que tem acumulado nesse meio tempo.

Só progrediu, em virtude dos êxitos exteriores, a presunção de querer saber sempre melhor, ela, justamente que é gerada e nutrida pela curteza de vista, ela que é a característica própria dessa curteza.

Nesse solo que durante dois milênios se tornou cada vez mais fértil foi que nasceram as concepções atuais dos homens, que atuam decisivamente e dum modo *devastador*, enquanto os indivíduos irrefletidamente lse deixam enlear, o que só pode acarretar-lhes fatalidade horrorosa.

Poucas são as pessoas que têm conhecimento claro da quantidade de indivíduos que atraem a si (muitas vezes de boa fé) maus efeitos duma corrente recíproca, pelas concepções errôneas, isto é, os que violam as Leis Divinas. O número dêstes últimos é enorme, e muitos chegam mesmo a orgulhar-se disso, até que sejam obrigados a contemplar algum dia com desespêro horroroso a Verdade, bem diversa do que sua convicção presumia.

Será então muito tarde. A culpa que acarretaram sobre si tem que ser remida numa luta penosa consigo mesmo, que poderá durar muitas vezes decênios e decênios.

O caminho para o conhecimento é grande e difícil de ser empreendido, uma vez que o homem descuidou da oportunidade oferecida pela existência terrena, adquirindo além disso nova culpa, voluntariamente ou por ignorância.

As desculpas não têm nenhum valor, porque *qualquer pessoa* poderá sabê-lo, se *quiser!*

Todo aquele que tiver desejos de ficar conhecendo na marcha da reciprocidade a Justiça Divina em oposição às concepções humanas, esforce-se por contemplar algum exemplo da vida terrena, afim de examinar bem de que lado realmente se encontra o direito ou a injustiça. Encontrará a todos os momentos situações adequadas a êsse exame.

Em pouco tempo sua faculdade de intuição se desenvolverá com nova vida e pujança, aprendendo por fim a desvencilhar-se de todos os preconceitos de concepções deficientes. Com isso se origina uma intuição de justiça que pode ser confiada a seus próprios recursos, porque com o conhecimento da reciprocidade recebe em sí a Vontade Divina, nela se encontra e por ela atua.



## O FILHO DO HOMEM

**D**esde o crime contra o Filho de Deus, o portador da Verdade, Jesus de Nazareth, pesa como que uma maldição sôbre a humanidade justamente por não haver acolhido esta devidamente a mais importante das profecias do maior dos Profetas, encontrando-se ainda hoje em face de sua doutrina como que de olhos vendados. A consequência horrorosa de tudo isso será que a maior parte da humanidade deixará passar essa possibilidade única de salvação, prosseguindo cambaleante no rumo da perdição.

Trata-se da profecia a respeito da vinda do Filho do Homem, apresentada pelo Filho de Deus sob as ameaças contínuas das massas agressivas que encontrando-se na escuridão, odiavam naturalmente o Portador da Verdade; profecia essa que parecia uma estrêla de esperança e ao mesmo tempo significava uma admoestação severa. A mesma onda de pensamentos e de sentimentos falsos que não deixou que O Filho de Deus fôsse naquele tempo reconhecido, perturbou desde o início a compreensão da importância de semelhante profecia. O espírito humano se encontrava muito obscurecido, muito preso a si próprio, para que lhe fôsse possível receber, sem nenhuma turvação, Mensagem Divina de tal elevação e importância. Oriunda de um nível que se encontra acima do círculo de origem dos homens, passou a Mensagem sem deixar nenhuma impressão em seus ouvidos. Para que houvesse compreensão seria necessária a crença de convicção conciente, o que nem os próprios Discípulos possuíam. O solo em que caíra a palavra do Salvador era exces-

sivamente inculto para recebê-la. Acrescente-se a isso que os acontecimentos extraordinários que se acumularam em poucos anos juntamente com os abalos psíquicos que se passavam no ambiente do Salvador, contribuíram para que tudo se concentrasse em sua pessoa, atuando em seus sentimentos, de maneira que suas Palavras a respeito de uma outra pessoa a vir em um futuro remoto, não fôsem devidamente compreendidas e sim ligadas outra vez a êle mesmo.

Dêse modo perdurou até os presentes dias o erro na concepção dos homens, não se preocupando o descrente com as Palavras do Salvador, enquanto os crentes suprimiam, justamente por causa de sua crença, qualquer exame sério e crítico das tradições pelo temor sacro de tocar nem de leve sequer nas Palavras do Salvador. Não consideravam que neste caso não se trata das suas próprias Palavras, mas somente da reprodução das mesmas, escritas muito tempo depois de sua passagem pela Terra. Êsse fato certamente contribuiu para que sofressem a influência natural das modificações inconcientes causadas pelo entendimento humano, e pelas concepções humanas particulares. Não devemos, contudo, levantar nenhuma censura a êste respeito, porque ha uma certa grandiosidade na conservação respeitosa dessa tradição puramente humana.

Tudo isso, porém, não impede que surjam conseqüências retrógradas de concepções errôneas oriundas de uma tradição falsa, porque nem nesse caso podem ser violadas as Leis da Reciprocidade. Mesmo que êsse efeito atue sobre o espírito humano apenas como um obstaculo à sua ascensão ulterior, semelhante parada constitue uma fatalidade e não um progresso, enquanto a Palavra libertadora e elucidativa não adquirir vida em seu íntimo.

Todos os que crêm no Filho de Deus e em suas Palavras e que as incorporaram em seu íntimo, infundindo-lhes vida, isto é, dando-lhes interpretação *verdadeira* e pautando

sua vida de acôrdo com o que ensinam, não necessitam, naturalmente, esperar pelo anunciado *Filho do Homem*, porque êste nada mais lhes poderá trazer além do que o Filho de Deus já lhes trouxera. A condição indispensável, porém, é que tenham *compreendido verdadeiramente* as Palavras do Filho de Deus, e não que se apeguem teimosamente a tradições errôneas. Se se encontrarem ligados a um erro, não poderão prosseguir na ascensão enquanto não houverem colhido as explicações que estão reservadas a serem apresentadas pelo Filho do Homem, porque o espírito humano estreitamente limitado é incapaz de libertar-se sòzinho da trama enleadora que envolve atualmente a Verdade.

Jesus designou a vinda do Filho do Homem como sendo a última possibilidade de salvação, admoestando ao mesmo tempo que com sua vinda se instalaria também o Juízo Final em que serão lançados os que não querem, ou, em outros termos, os que por teimosia ou preguiça não aceitam nenhuma explicação. Devemos concluir daí que não haverá mais ulteriormente nenhuma outra possibilidade de reflexão e decisão. Vemos nisso, igualmente, a anunciação de uma decisão severa, o fim de uma expectativa longânima, o que por sua vez confirma o futuro conflito entre a Luz e as Trevas que ha-de terminar pela destruição violenta destas últimas.

Não é de esperar que tudo isso se dê de conformidade com as expectativas, os desejos e as idéias dos homens, porque contra semelhante suposição falam *todos* os acontecimentos realizados até hoje. Nunca coincidiram nos fatos do passado os efeitos da Vontade Divina e a interpretação dada pelos homens. Sempre a realidade era diversa do que imaginavam os homens, só surgindo muito tempo depois a verdadeira interpretação dos acontecimentos. Não é de esperar, portanto, que desta vez haja alguma diferença, porque os homens e suas concepções em nada se avantajaram

em relação ao que eram no passado, tendo, pelo contrário, ficado muito mais “reais”.

O Filho do Homem! Ainda ha um véu que o encobre e à sua época. Se em muitos espíritos já se nota o despertar de um pressentimento indeciso, um ansiar pelo dia de sua vinda, é também certo que muitos dos que o esperam passarão por êle sem pressentimento, sem o quererem reconhecer, porque aguardam por outro modo a hora de sua aproximação. E' difícil para os homens chegarem à conclusão de que a Divindade só pode aparecer sôbre a Terra sob as fórmulas externas dos próprios homens, em obediência às Leis de Deus. Só concebem a Divindade como sendo sobrenatural, ou melhor, supraterrrestre, e por tal modo se amarram a essa maneira de pensar que se tornaram incapazes de contemplar *adequadamente* o que é supraterrrestre e, muito menos, de suportá-lo. Não ha, porém, necessidade disso.

O homem que procura a Vontade de seu Deus nas Leis naturais de toda a Criação, ha-de reconhecê-lo aí em pouco tempo, acabando por saber que a Divindade só pode aparecer no caminho mesmo dessas Leis férreas, e não por outra fórmula. Como resultado dêsse conhecimento se tornará mais cuidadoso, examinando com atenção tudo o que se lhe deparar às vistas, sempre porém em referência às Leis *Divinas*, não de acôrdo com as concepções dos homens. Dêsse modo ha-de reconhecer no momento apropriado quem ha-de trazer-lhe a liberdade com a Palavra, o que patenteará sua autenticidade pelo exame direto do que fôr apresentado, não pela gritaria da população.

Todo homem pensante já deve ter concluído que o Filho de Deus e o Filho do Homem não podem ser uma só pessoa. A distinção se encontra patente nos próprios termos.

A pura Divindade do Filho de Deus, durante sua missão e humanização, naturalmente por causa de sua parte puramente divina, trouxe consigo também a *condição de voltar a unificar-se* com a Divindade. Dadas as Leis intrínsecas dos fatos, não é possível que fôsse por outro modo. Isso é confirmado pelas referências do próprio Filho de Deus quanto à sua “unificação” ou “volta ao Pai”. Por êsse motivo a missão do Filho de Deus, como mediador entre a Divindade e a Criação, tinha que ser de *duração limitada*. O Filho de Deus, que, como puramente Divino, tinha de ser incondicionalmente atraído pela Fôrça atrativa da igual-espécie mais forte, à Origem Divina, aí tendo que permanecer depois de desvencilhar-se de todas as exterioridades não divinas — o Filho de Deus não podia por êsse motivo ser o mediador *eterno* entre a Divindade e a Criação com a humanidade. Se assim fôsse abrir-se-ia novamente um abismo depois da volta do Filho de Deus para seu Pai, e o mediador entre a Divindade e a Criação de novo faria falta. O próprio Filho de Deus anunciou aos homens a vinda do Filho do Homem, que ficará então como mediador *eterno* entre a Criação e a Divindade. Nisto se manifesta o grandioso Amor do Criador por sua Criação.

A diferença entre o Filho do Homem e o Filho de Deus consiste em ser aquele oriundo da Divindade pura — como o Filho de Deus — mas ao mesmo tempo em manter ligações com o Conciente-Espiritual, de fôrma a ficar simultaneamente com um pé na Divindade e com o outro na mais elevada conciência espiritual. E’ uma parte *de cada um*, constituíndo por êsse modo uma ponte entre a Divindade e o ápice da Criação. Essa ligação traz consigo o decreto de separação com o que é puramente divino, mas consente, e até mesmo condiciona, o acesso à Divindade.

A adjunção espiritual com a Divindade impede apenas uma reunião com a mesma, o que de outro modo seria ine-

vitável. A humanidade jamais poderá compreender que se trata neste caso de um novo sacrifício amoroso, feito pelo Criador, cumprimento de uma promessa por tal modo grandiosa como só mesmo Deus está em condições de dar e realizar. E' *esta* a diferença entre o Filho de Deus e o Filho do Homem. Isso justifica igualmente a designação Filho do Homem, porque nele se processou um parto gêmeo, de um lado como Filho da Divindade e por outro como Filho do Conciente-Espiritual, cuja projeção inconciente origina o gérmen do espírito humano.

A missão do Filho do Homem consiste na continuação e na consumação da missão do Filho de Deus, porque esta só podia ter sido mesmo uma missão transitória. Por êsse motivo, por ser a missão do Filho do Homem um prosseguimento na realização da do Filho de Deus, é ao mesmo tempo uma *consolidação* da mesma.

O Filho de Deus foi enviado imediatamente para sua missão terrestre, ao passo que o Filho do Homem teve que percorrer um círculo muito maior, antes de dar início propriamente à sua missão. Como condição para poder realizar sua missão mais terrena — em relação à do Filho de Deus — tendo vindo das maiores alturas, teve que atravessar as mais profundas camadas, e isso não sòmente no mundo do Além, mas igualmente na Terra, afim de “viver” em sua personalidade todas as dores, todos os sofrimentos da humanidade. Sòmente assim ficará em condições, quando se apresentar a ocasião propícia, de atuar com eficácia na necessidade e de motivar modificações úteis. E' por isso que êle não podia ficar ao lado das condições de vida dos homens, mas precisava experimentar em si próprio todas as amarguras da existência e todos os sofrimentos. Essa aprendizagem por que tinha que passar, se deu justamente para beneficiamento dos homens. Mas é, precisamente por não ser a humanidade, em sua estreiteza de inteligên-

cia, capaz de ajuizar dessa direção superior, só avaliando pelas exterioridades, que isso lhe será assacado como defeito, sendo-lhe dificultada a missão, assim como acontecera com Christo em seu tempo. Foi justamente o que êle teve que sofrer por amor dos homens, afim de ficar conhecendo as maiores chagas dos erros a que haviam descido, isto é, o que êle teve que sofrer pelo bem futuro da humanidade, isso mesmo servirá como uma pedra para lhe ser lançada, com ódio crescente, atizado pelas Trevas que se exacerbam com o mêdo da próxima destruição.

Não é inexplicável que algo tão incompreensível se repita mais uma vez a-pesar-da experiência colhida com a passagem pela Terra do Filho de Deus, porque mais da metade dos homens que nessa ocasião se encontra na Terra não lhe pertence de fato, mas sim a uma camada de Trevas muito mais escura e profunda! A razão se encontra apenas no regresso permanente da alma, que volta sempre a tornar-se cada vez mais escrava de seu próprio instrumento, o entendimento limitado. Êste, como dominador absoluto, ativará sempre o que é material, por ser êle próprio puramente terreno, desenvolvendo por isso todos os efeitos secundários que se lhe encadeam. O declínio conseqüente das concepções superiores passa a construir uma brecha que comunica com as camadas de baixo, por onde se insinuam as almas a serem encarnadas que, a não ser assim, não poderiam atravessar a escuridão, em virtude de seu pêso espiritual. Predominam nesta ocasião os instintos puramente animais da geração, assim como o esforço pela aquisição dos prazeres terrenos, que nesses tempos depravados vêm contribuindo desde séculos para que almas inferiores se encarnem. Fazem cêrco permanente às mães futuras, isto é, às gestantes, encarnando-se nas ocasiões propícias, porque a Luz se afasta voluntariamente das Trevas, afim de não sujar-se.

Dêsse modo aconteceu que o ambiente de matéria fina da Terra se tornou cada vez mais espesso e escuro, e, por consequência, mais pesado; com um pêso tal que faz desviar a Terra da órbita por que poderia passar e onde ficaria sujeita à influências espirituais mais elevadas. Pois que a maior parte das almas que se encarnam pertence a um nível muito mais baixo que a Terra, é natural que se trate apenas de um ato da Justiça Divina se todas essas almas forem varridas para serem precipitadas ao plano a que por direito pertencem, onde não mais poderão causar males, pela identidade do ambiente, ocasionando dêsse modo uma modificação ascendente, pelos sofrimentos de sua esfera.

Não é a vontade humana que ha-de escolher a vinda do Filho do Homem, mas Fôrça Divina que ha-de levá-lo quando a humanidade implorar desesperadamente por auxílio. Cessarão então as injúrias, porque o pavor ha-de selar todas as bocas, aceitando os homens volutariamente as dádivas que o Criador manda a suas criaturas por seu intermédio, sendo repelidos por toda a eternidade os que não as quiserem receber.



## ERROS

**P**rocurando elevam muitos homens os olhos para a Luz e para a Verdade. Seus desejos são grandes mas freqüentemente lhes falta a vontade sincera. Mais da metade dos que procuram não são sinceros. Estão embuídos restritamente em suas próprias opiniões, e preferem renunciar a tudo que para eles é novo (mesmo que nesse novo se encontre a Verdade), a mudar no menor ponto sequer de suas opiniões.

Milhares e milhares dessas pessoas têm que perecer por haverem atado os movimentos livres, em virtude dos laços das convicções errôneas, liberdade aquela de que necessitam para a salvação.

Encontra-se sempre uma boa parte dos que presumem serem já possuidores da Verdade. Êles não intentam, depois do que lêem e ouvem, fazer um exame severo *contra si próprios*.

Para essas pessoas naturalmente *não* falo!

Não me dirijo, igualmente, a Igrejas e Partidos, a Ordens, Seitas e Comunidades, mas exclusivamente, e com toda a simplicidade, ao próprio *homem*. Estou longe de querer demolir o que se encontra de pé; porque estou construindo, resolvendo questões até então insolúveis, questões que se encontram no íntimo de qualquer indivíduo que se queira das sòmente um pouco ao trabalho de pensar.

Só ha uma condição fundamental e indispensável para os ouvintes: pesquisa sincera pela Verdade. Terão que examinar a *palavra* e deixar que essa adquira vida, sem

levar em consideração a pessoa que a diz. De outro modo não poderão ter nenhum lucro. Todos os que *não* se esforçarem por isso, já poderão saber previamente que irão desperdiçar tempo.

E' incrível a ingenuidade da maioria dos homens, por quererem continuar a toda custa ignorantes quanto às perguntas: de onde vêm? quem são? para onde vão?!

Não devem continuar sendo mistérios para os homens os dois inseparáveis polos de toda existência terrena, o nascimento e a morte.

Encontram-se desunidas e insuficientes as concepções que pretendem explicar a natureza dos homens, consequência natural da presunção mórbida dos habitantes da Terra que presumem com toda temeridade ser *divino* o núcleo de sua própria existência!

Examinai os homens! Podereis encontrar neles algo de divino? Asserção tão tola deve ser classificada de blasfêmia, porque condiciona uma diminuição da Divindade. O homem não conduz em seu íntimo um só grão da Divindade!

Semelhante noção é presunção doentia originada exclusivamente da ignorância. Onde se encontra o indivíduo que possa afirmar que semelhante opinião constitue nele convicção? Todo o que se examinar com sinceridade ha-de terminar pela negação. Perceberá que a Divindade em seu interior é apenas um anelo, um desejo de ser divino, mas de forma alguma uma convicção! Fala-se com muito acerto da fagulha divina que os homens têm em seu íntimo, mas essa *fagulha* de Deus é *espírito*, e não uma partícula da Divindade!

A expressão fagulha é muito acertada. Uma fagulha se desenvolve e faísca sem levar consigo algo do gerador. O mesmo se dá aqui. A *fagulha* de Deus, essa não é divina.

Onde se encontram semelhantes erros já quanto à origem de um ser, é natural que então forçosamente *tenha que* fracassar quanto à explicação de seu destino ulterior. Se edifiquei em solo falso, chegará o tempo em que toda a construção vacile e venha por terra.

No entanto a origem oferece um ponto de *apôio* para o ser e o desenvolvimento de qualquer pessoa. Quem por consequência, como é de costume, pretende atingir muito além das origens, atingirá o inapreensível, perdendo dêsse modo muito naturalmente todo ponto de segurança.

Se, por exemplo, apegar-me de um ramo de uma árvore que tem semelhança com a constituição terrena de meu corpo de matéria grosseira, adquiero com êsse ramo um ponto de apôio; podendo elevar-me por seu intermédio.

Mas se pegar acima dêsse ramo, não encontrarei no ar, que é de outra espécie, nenhum apôio e... não poderei subir. E' claro.

A mesma coisa se dá com a estrutura *interior* do homem, denominada alma, e com o espírito, seu núcleo.

Se êsse espírito quiser encontrar o ponto de apôio necessário de que carece, não deverá naturalmente procurá-lo no Divino. Seria isso antinatural, porque o Divino se encontra demasiadamente elevado, e é constituído por maneira muito diversa!

No entanto procura em sua imaginação ligar-se com essa parte, que jamais poderá atingir, interrompendo por êsse modo os acontecimentos naturais. Um tal desejo falso se interpõe como um obstáculo entre êle e a fonte tonificante de sua origem. Êle próprio intercepta a comunicação.

Por êsse motivo: fora com semelhantes erros! Sòmente assim poderá o espírito humano aproveitar todas as suas energias, até hoje descuidadas, tornando-se o que pode de fato ser, *Senhor na Criação!* Mas note bem, apenas *na Criação*, não *sobre* ela!

Sòmente o Divino se encontra acima da Criação.

Deus é Divino, como a própria palavra indica, Deus, a origem de todo o Ser e da Vida! O homem, porém, como também é sabido, foi criado de *seu Espírito!*

O homem, portanto, não vem imediatamente de Deus, mas de seu Espírito! O Divino e o Espiritual não são a mesma coisa. O Espírito é a Vontade de Deus. Dessa *Vontade* foi que se originou a *primeira* Criação, e não da própria Divindade. Se nos ativermos a êsse fato simples inicial, dar-se-nos-á possibilidade de melhor compreensão para outras coisas.

Tomemos para confronto a vontade individual. E' um ato, e não uma porção do indivíduo, porque se assim fôsse teriam os homens que se desmanchar com o tempo, à medida que fôsem realizando seus atos voluntários. Nada restaria dêles!

O mesmo se dá com Deus! Sua vontade criou o Paraíso; mas sua Vontade é o Espírito, o que os homens denominam o "Espírito Santo". O Paraíso, por sua vez, foi apenas a *obra* do espírito, e não uma porção do mesmo. Com isso operou-se uma nova graduação para baixo; o Espírito Santo criador, isto é, a Vontade viva de Deus, não se absorveu com sua Criação. Não cedeu com isso uma porção de si própria, mas continuou *fora* da Criação. Isso mesmo é expresso com a maior clareza pela Bíblia quando diz: "*O Espírito* de Deus pairava *sobre* as águas", e não a própria pessoa de Deus, o que é afinal uma diferença! O homem, portanto, não traz em si nada do próprio Espírito Santo, mas apenas do *espírito* que é uma obra do Espírito Santo, um ato.

Em vez de se habituarem os homens com semelhante fato, intentam por todos os meios fazer logo aquí uma lacuna. Imaginai sòmente a noção corrente a respeito da *primeira* Criação, o Paraíso! Queriam incondicionalmente

que se achasse nesta Terra. O diminuto entendimento humano concentrou acontecimentos de milhões de anos em seu círculo limitado, restrito ao espaço e ao tempo, e se colocou como centro e eixo dos acontecimentos do Universo. A conseqüência foi perder o caminho para o verdadeiro ponto de partida da vida. Em lugar dêsse caminho claro, que não mais podia perceber, teve que arranjar um substituto em suas concepções religiosas, quando não se apresentou a si próprio como o autor primitivo da vida e da existência, dando a si mesmo a designação de *Deus*. Encontrou êsse substituto na expressão “crença”, e a humanidade inteira passou a sofrer dessa palavra crença, mais ainda: a palavra desconhecida que devia substituir todo o perdido, passou a ser o escolho que ocasionou o seu naufrágio completo!

Os preguiçosos se tranqüilizam e dão tudo por terminado, apenas com a palavra crença. E’ também na crença que os *zombadores* se apegam, e é a palavra “crença” *falsamente* explicada que constitui o tronco derrubado que obstrue o caminho para o progresso da humanidade.

A crença não deve ser o manto que oculta generosamente toda a preguiça do pensamento, que se estende pelo espírito do homem como a doença do sono, entorpecendo-o. A crença deve de fato transformar-se em *convicção*, e esta exige vida, análise severíssima!

Onde quer que haja *uma* lacuna, *um* único problema não resolvido, é impossível haver *convicção*. Ninguém, portanto, poderá ter verdadeira crença, enquanto ainda lhe faltar resolver um único problema.

A palavra “crença cega” já deixa ver o que ha-de insalubre nisto!

A crença deve ser *viva* como Christo já o exigiu, sem o que não serve a nada. Possuir vida, porém, significa movimentar-se, pesar argumentos e também examinar! Não

a aceitação tola e passiva de pensamentos alheios. Crêr cegamente é o mesmo que não compreender. O que o homem não compreende não lhe pode ser de nenhuma utilidade espiritual, porque a incompreensão não pode transformar-se em vida.

O que êle não vive totalmente não lhe poderá ser incorporado. Sòmente o que é dêle próprio o facilitará a progredir!

E' evidente, portanto, que ninguém poderá andar num determinado caminho, se nesse caminho houver grandes aberturas de permeio. O indivíduo terá que parar espiritualmente onde quer que seu conhecimento encontre um obstáculo. O fato é indiscutível, e, por isso mesmo, muito compreensível. Quem quiser progredir espiritualmente, portanto, desperte!

Jamais poderá iniciar seu caminho para a Verdade durante o sono! Nem também com uma imagem ou venda ante os olhos.

O Criador quer que suas criaturas se encontrem na Criação com os olhos abertos. Ver é o mesmo que conhecer. E a crença cega não pertence ao conhecimento. Só pertence à crença cega a indolência, a preguiça de pensar, jamais algo que seja grandioso.

A vantagem de que o homem goza, de poder pensar, impõe-lhe igualmente o dever de *examinar!*

Para furtar-se a isso criaram os homens por comodidade uma concepção tão ínfima acêrca da Grandeza da Divindade, que até mesmo lhe atribuem atos arbitrários como sendo prova de Onipotência.

Quem quer que reflita um pouco a êsse respeito, encontrará nisso um grande erro. Um ato arbitrário condiciona a possibilidade da alteração nas Leis naturais existentes, e onde é possível uma tal coisa, deixa de haver a perfeição, porque onde ha perfeição não pode haver altera-

ção. Em virtude portanto, dessa concepção errônea de grande parte da humanidade, a Onipotência de Deus é apresentada por tal fórmula, que nisso mesmo os pensadores mais profundos deveriam encontrar provas de sua imperfeição. Nisto se encontra a causa de muitos males.

Honrai Deus com a noção de sua Perfeição absoluta! E com isso encontrareis a chave para os problemas de toda existência até então insolúveis.

Todo meu esforço ha-de consistir em levar a êsse ponto os que procuram com sinceridade. Deve perpassar pelos círculos dos que procuram a Verdade um sôpro salutar, e por fim reconhecerão contentes que em todos os acontecimentos do Universo não existe nenhuma lacuna, nenhum segredo. E então verão ante si com a maior clareza o caminho para a ascensão. Basta que sigam por êle.

O misticismo <sup>(1)</sup> não tem justificativa nenhuma em toda a Criação! Não ha lugar para êle, porque tudo deve apresentar-se ante o espírito humano com clareza e sem falhas, até a origem primitiva, o que abrange toda a Criação. Sòmente o que se encontra *acima* da Criação, o Divino exclusivamente, deverá continuar para o espírito humano como o mais sagrado dos mistérios, por se encontrar *acima* de sua origem, a qual se encontra na *Criação*. Por êsse motivo jamais poderá o espírito humano compreender o Divino. Nem com a maior boa vontade e o mais acurado saber. Mas nessa impossibilidade de compreender o Divino se encontra o mais *natural* processo imaginável, porque nada pode ultrapassar as conexões de sua origem. Nem mesmo o espírito humano! Ha sempre uma barreira perante composições diferentes, e o Divino é de constituição diversa do espírito de onde se origina o homem.

---

<sup>(1)</sup> Doutrina Misteriosa.

O animal, por exemplo, nem no mais completo desenvolvimento de sua alma, jamais poderá atingir o homem. De sua natureza não poderá surgir em hipótese alguma a condição espiritual própria do homem. Na composição de todo o enteal faltam os fundamentos espirituais. Mas o homem, oriundo da parte da Criação espiritual não poderá igualmente tornar-se divino, porque o espírito não encerra nada de Divino. O espírito humano pode desenvolver-se à máxima perfeição, mas terá que conservar-se sempre *espiritual*. Não pode atingir o Divino, acima de sua origem. A outra constituição estabelece aí, de acôrdo com a Natureza, a barreira limite que separa das regiões superiores. A matéria não tem nenhum papel em tudo isso, por não possuir vida própria, sendo apenas um invólucro, impulsionado e amoldado pelo Espiritual e pelo Enteal.

O grandioso domínio do espírito se estende por toda a Criação. Por êsse motivo o homem pode, deve e precisa apreendê-la, e reconhecê-la perfeitamente! E por meio de seu saber atingirá o domínio da mesma. Dominar, porém, até mesmo o mais severo domínio, bem considerado, unicamente significa servir!

Em parte alguma de toda Criação os acontecimentos naturais se afastarão da norma natural, nem mesmo nas mais elevadas regiões espirituais! Sòmente essa particularidade já inspira muito mais confiança a todos e em tudo. Cai por si mesmo o acanhamento doentio e secreto de não querer aparecer em frente de tantas coisas comuns, conquanto ainda desconhecidas. Com a *naturalidade* sopra uma corrente de ar mais saudável pelo ambiente abafadiço das concepções sombrias dos que gostam de ser falados. Suas imagens fantásticas e doentias que atemorizam os fracos e servem de galhofa para os fortes, tornam-se ridículas e infantis ante a mirada progressivamente luminosa, que termina por abranger com alegria e frescura a ad-



mirável naturalidade dos acontecimentos que se movimentam em linhas diretas e simples, fáceis de serem reconhecidas.

Prossegue essa naturalidade com ordem e uniformidade severas, o que facilita aos que procuram a visão grandiosa e livre, até sua verdadeira origem!

Para isso não se faz mister de pesquisas trabalhosas nem de fantasia. O principal é que o investigador se conserve afastado de tudo ao que o saber insuficiente quer emprestar títulos de grandeza, em confuso misticismo.

Tudo se encontra *por tal modo* simples diante do homem que êste não pode muitas vezes atingir o conhecimento, justamente por causa dessa simplicidade, por admitir prèviamente que a grande Obra da Criação deve ser muito mais difícil e complicada.

Nisso esbarram milhares e milhares de indivíduos, elevando com esforço a vista, sem pressentirem que lhes bastaria olhar com naturalidade a sua *frente* para que pudessem compreender! Veriam que já se encontram no verdadeiro caminho, justamente devido a sua existência terrena, necessitando apenas progredir com calma e segurança. Sem pressa e sem esforço, mas com os olhos *abertos*, e os sentidos livres e não constrangidos! O homem deve aprender finalmente que a verdadeira grandeza só se encontra nos acontecimentos simples e naturais. A grandeza condiciona essa simplicidade.

Assim se dá na Criação, e assim também nele, que é uma parte da Criação!

Sõmente o pensamento e o sentimento simples lhes poderão dar clareza! Tão simples quão possuem as crianças! A reflexão calma ensinará por fim aos homens que — na faculdade de conceituar — a simplicidade equívale à clareza e também à naturalidade! Uma coisa é inseparável da outra. Três sons a constituirem *um* conceito! Quem o aceitar como pedra fundamental de suas pesquisas, desfará rà-

pidamente a névoa das confusões, e com isso virá por terra toda construção artificial.

O homem reconhecerá que em parte alguma a ordem natural das coisas pode ser violada, nem poderá ser interrompida. Nisso se revela a Grandeza de *Deus!* A condição de vitalidade inviolável da Vontade automática criadora! Pois as Leis naturais são as Leis brônzeas de Deus, visíveis a todos os homens, permanentemente, falando-lhes com argumentos, dando testemunho da Grandeza do Criador, com regularidade inabalável e sem exceções! Sem exceção! Porque da semente de aveia só poderá vir aveia, assim como o trigo só poderá produzir trigo, e assim sucessivamente.

E' isso que se dá na primeira Criação que, como Obra própria do Criador, se encontra mais perto de sua Perfeição. As Leis fundamentais se encontram nela tão firmes que tiveram que determinar, levadas pela vivacidade da Vontade, a formação da Criação ulterior por processos inteiramente naturais, até a êstes corpos siderais. Ficando apenas mais grosseiras à medida que se afasta a Criação, na evolução, da perfeição da origem.

Contemplemos primeiramente a Criação.

Imaginai que toda a vida da Criação se divida apenas em duas espécies, pouco importando em que parte se acha. Uma é o conciente de si mesmo a outra o inconciente de si mesmo. E' de máxima importância considerar essas diferenças! Está em íntimas conexões com a "origem do homem"! As diferenças também estimulam o desenvolvimento, à luta aparente. O inconciente constitue a base do conciente, mas da mesma espécie de composição. O progresso e o desenvolvimento para o inconciente é tornar-se conciente, o que é continuamente estimulado pela coexistência de ambos.

A Criação primitiva aos se desenvolver e baixar, pas-

sou por três grandes cisões fundamentais: a suprema e mais elevada é a *espiritual*, a Criação primordial, a que se liga a enteal, mais densa, e por consequência, mais pesada. Em último lugar vem o grande reino da matéria, o mais inferior, em virtude de seu espessamento e pêso, que caiu aos poucos, desligando-se da Criação primordial! Por êsse motivo permaneceu finalmente como o mais elevado o Puro-espiritual, por ser em si próprio o mais leve e mais luminoso. E' o muito falado Paraíso, coroa de toda a Criação.

Com abaixamento progressivo do mais espêso tocamos já nai Lei da Gravidade, não sòmente válida para a matéria, mas para toda a Criação, começando do chamado Paraíso e vindo até nós.

A Lei da Gravidade é de tão grande importância que todos os homens deveriam inculcá-la no seu ânimo, pois é a alavanca fundamental de toda a evolução e do desenvolvimento do espírito humano.

Já fiz ver que a gravidade não é de importância apenas para as coisas de conformação terrena, mas também para as que escapam aos olhos humanos, razão porque os homens as denominam o Além.

Para melhor compreensão do que vai sendo exposto, dividirei a *matéria* em duas secções: *a da matéria fina e a da matéria grosseira*. A da matéria fina é a secção não perceptível aos olhos humanos, por causa de sua constituição diferente. No entanto, ainda se trata de matéria.

Não devemos confundir o chamado "Além" com o Paraíso desejado, o qual é puramente espiritual. Não devemos compreender a expressão espiritual como sendo referente ao "pensamento". Pelo contrário: espiritual é um modo de ser, assim como o enteal e o material também são modos diferentes de ser. Chamamos "Além" a essa parte da matéria fina, sòmente porque escapa aos nossos olhos.

A matéria grosseira é o Aquém, tudo o que é terrestre, visível a nossos olhos terrenos, devido a igual-espécie.

Os homens devem deshabituarse de considerarem as coisas invisíveis como incompreensíveis e não naturais. Tudo é natural, até mesmo o denominado Além e o Paraíso que se encontra ainda muito distante d'êste.

Assim como o nosso corpo de matéria grosseira é sensível ao ambiente de igual-espécie, que êle por isso pode ver, ouvir e sentir, do mesmo modo se dá com as partes da Criação que são de constituição diferente da nossa, o indivíduo de matéria fina no chamado Além, sente, ouve e vê somente seu ambiente de *matéria* fina, enquanto o indivíduo espiritual superior só percebe igualmente seu ambiente *espiritual*.

Acontece, porém, que vários dos habitantes da Terra, esparsos aqui e ali, podem perceber com seu corpo de matéria fina, que trazem continuamente consigo, o ambiente também de matéria fina, antes mesmo que se dê a separação do corpo de matéria grosseira por ocasião de morte terrena. Não ha nada que seja em tudo isso desnatural.

Ao lado da Lei da Gravidade encontra-se cooperando no conjunto a não menos valiosa Lei da Igual-espécie.

Já tive que tocar de leve a seu respeito, quando disse que somente os iguais se reconhecem. Parece que foram tirados da Lei primordial os provérbios populares: “Os semelhantes se ajuntam”, ou êste outro: “As espécies não se separam”. Vibra essa Lei ao lado da Lei da Gravidade através de toda a Criação.

Há uma terceira Lei primordial que se encontra igualmente na Criação ao lado dessas duas: a Lei da Reciprocidade. Condiciona que o homem colhe infalivelmente o que ele próprio semeou. Não poderá colher trigo se semeou centeio, nem trevos se espalhou cardos. O mesmo se dá no mundo da matéria fina. Não colherá bondade se era

impulsionado pelo ódio, nem alegria se trazia consigo sempre a inveja.

Essas três Leis fundamentais constituem os marcos básicos da Vontade Divina. São elas sòmente que ocasionam automaticamente a recompensa ou o castigo para os homens, com Justiça inexorável. E por tal modo inalteráveis, nas gradações menores e mais admiráveis que nos acontecimentos gigantescos dos mundos é impossível o pensamento sequer da menor injustiça.

A ação dessas Leis simples leva o espírito humano justamente ao lugar adequado à sua posição interior. E' impossível haver erro, porque as atuações destas Leis só podem ser motivadas pela condição *interior* do homem, mas serão em qualquer caso incondicionalmente ocasionadas. A ação condiciona por consequência como alavanca para agir a força puramente espiritual que se encontra no homem, a saber, sua *intuição!* A *intuição* do homem é decisiva para o que se desenvolve para êle no mundo invisível, no qual terá que penetrar depois de sua partida da Terra.

De nada adiantarão pretextos e ilusões próprias; terá que colhêr incondicionalmente o que êle próprio semeara com sua *vontade!* De acôrdo mesmo com a maior ou menor intensidade de sua vontade movimentará as correntes de igual-espécie do outro mundo, pouco importando se essas correntes são compostas de ódio, inveja ou amor. Trata-se de um processo inteiramente natural, da maior simplicidade, e no entanto de efeito férreo da mais inviolável justiça.

Quem tentar mergulhar no processo íntimo dêesses acontecimentos do outro mundo ha-de reconhecer logo quanto de justiça inexorável se encontra nessa ação autônoma, reconhecendo nisso a Grandeza inapreensível de Deus. Êste não tem necessidade de intrometer-se nos acontecimentos,

uma vez que deu à Criação sua Vontade como Lei Suprema, isto é, inteiramente perfeita.

Quem atingir em sua ascensão de novo o Reino do Espírito, já se encontra purificado, porque terá passado pelos moinhos automáticos da Vontade de Deus. Nenhum outro caminho conduz à proximidade de Deus; e o modo por que êsses moinhos atuam no espírito humano depende de sua vida íntima anterior, de sua própria *vontade*. Poderão conduzi-lo benêficamente às alturas ou precipitá-lo do mesmo modo na noite do desespero e do pavor, e mesmo até à completa destruição.

Imagine-se que por ocasião do nascimento terreno já traz consigo o espírito humano a ser encarnado um invólucro ou corpo de matéria fina que já precisara, durante sua passagem pelo ambiente de matéria fina. Em sua vida terrena constitue êste um elo que o prende ao corpo terreno. A Lei da Gravidade se faz sentir sempre com mais intensidade nas partes mais espêssas e pesadas, isto é, durante a existência terrena sempre no corpo terreno. Uma vez deposto o corpo de matéria grosseira, por ocasião da morte, fica o de matéria fina mais uma vez livre, passando a sofrer a ação dessa Lei, como a parte mais pesada nas novas conexões.

E' válido, relativamente aos corpos de matéria fina, o dito de que o espírito dá fôrma a seu corpo. A base para isso se encontra na constituição interior do indivíduo, em seus desejos e sua própria vontade. A vontade contém a fôrça de amoldar a matéria fina. Pela ânsia para as coisas inferiores ou para os prazeres terrenos os corpos de matéria fina se tornam cada vez mais espêssos, e, com isso, mais pesados e escuros, porque a possibilidade de realização de tais desejos se encontra na matéria grosseira. Com isso o homem se ata êle mesmo ao que é terreno e grosseiro. Seus desejos arrastam o corpo de matéria fina, isto é,

êste corpo se torna tão compacto que se aproxima quanto possível da constituição íntima dos corpos de matéria grosseira, onde exclusivamente se encontra a possibilidade de poder participar dêsses prazeres terrenos ou paixões, depois da perda do corpo de matéria grosseira. Quem se esforça por isso tem que baixar de acôrdo com a Lei do pêso ou da gravidade.

Muito ao contrário se dá com os indivíduos que se esforçam exclusivamente pelo que é elevado e nobre. Neste caso a vontade imprime automaticamente ao corpo de matéria fina uma leveza cada vez mais apurada, tornando-o por isso mesmo mais luminoso, para que se possa aproximar de tudo o que representa para êsses indivíduos a meta de seus desejos sérios, isto é a pureza das alturas luminosas.

Em outros termos: o corpo de matéria fina dos homens terrenos ficará revestido, de acôrdo com as intenções do espírito humano, de fôrma a poder prosseguir em direção dessa meta, depois da morte do corpo grosseiro, pouco importando a natureza de seus intentos, se benéficos ou constituídos de males. Neste caso o espírito dá pròpriamente fôrma ao seu corpo, porque a vontade sendo espiritual traz em si o poder de se utilizar da matéria fina. Jamais poderá furtar-se a êsse processo natural; é uma consequência fatal a todo ato voluntário, pouco importando se agradável para êle ou não. E estas fôrmas se lhe aderem enquanto êle as alimenta pela sua vontade e pela sua intuição. Servem-lhe de estímulo ou atraso, de acôrdo com a Lei da Gravidade. Se modificar sua vontade e sua intuição, surgirão imediatamente novas fôrmas, ao passo que as até então predominantes não mais receberão alimento, em virtude da mudança de direção da vontade, desagregando e vindo a desaparecer. Dêsse modo o próprio indivíduo modifica seu destino.

Logo que os liames se desfazem por ocasião da morte

terrena, cai o corpo de matéria fina ou flutua por de cima como rolhas de cortiça em água de matéria fina, denominada Além. Pela Lei da Gravidade será detido justamente onde seu pêso o determinar, onde por consequência não mais possa continuar em sua marcha, nem para cima nem para baixo. E' natural que nessa altura encontre seus semelhantes em pêso, e, portanto, de igual-espécie, porque igual-espécie condiciona igual gravidade como também igual gravidade naturalmente igual-espécie. De acôrdo com sua existência anterior, terá que sofrer com os de intuições análogas, ou sentirá alegria, até que se renove interiormente e com êle seu corpo de matéria fina que, pela mudança de pêso, o levará para diante, isto é, para cima ou para baixo, de acôrdo com a modificação encetada.

Por êsse motivo o homem não deve lastimar-se, nem tem necessidade de agradecer, porque se fôr elevado à Luz, é isso devido à sua própria constituição interior, e se fôr precipitado nas Trevas será isso motivado exclusivamente por sua própria conformação.

Todos os homens, porém, têm razão bastante para louvar o Criador, em virtude de Perfeição, manifestada no efeito dessas três Leis mencionadas. Dêsse modo o espírito humano é elevado incondicionalmente ao posto de senhor absoluto de seu próprio destino! Sua vontade é que determina a ascensão ou o rebaixamento, consequência fatal de sua conformação interior!

Quando experimentais estudar com acêrto o efeito dessas Leis quer separadamente quer cooperando simultaneamente, vereis que em tudo isso se encontram exatamente dispostos os castigos ou as recompensas, a graça ou a condenação, de acôrdo com o indivíduo. Tudo se processa pelo modo mais simples, apontando a corda de salvação constituída pela séria vontade de todas as pessoas, corda essa que nunca poderá partir nem falhar em seu efeito. E' a



grandeza dessa simplicidade que forçosamente obriga a pessoa que a reconheceu a ajoelhar-se diante da Eminência poderosa do Criador!

Em todos os fatos, em todas minhas dissertações, encontramos sempre clara e distintamente a ação dessas Leis simples, cuja engrenagem admirável ainda deverei descrever mais particularmente.

Uma vez que o homem se torne conhecedor dêsse mecanismo interior, ficará de posse da escada que o levará ao Reino luminoso do Espiritual, ao Paraíso. Mas, cuidado! Pois êsse próprio conhecimento também lhe mostrará o caminho para baixo, para as Trevas!

Não ha necessidade de que êle próprio ande, mas será arrastado pelo impulso automático, elevado ou rebaixado, de acôrdo com a direção de sua vida *interior*.

Depende sempre se *sua* decisão o caminho que ha-de seguir.

O homem não deve deixar-se transviar pelos zombadores.

As dúvidas e as zombarias, bem consideradas, não passam de desejos enunciados. Todo zombador exprime inteiramente inconciente o que êle deseja no íntimo, patenteando, dêsse modo seu interior a quem o quiser examinar, porque até mesmo na negação, na repulsa, é fácil de reconhecer os desejos escondidos. Que descuido e que pobreza muitas vezes nos caem sob as vistas; é de entristecer ou de provocar sentimentos de revolta, porque com isso os homens se rebaixam interiormente, abaixo, às vezes, de qualquer animal ignorante. Devemos ter compaixão por êsses indivíduos, sem contudo sermos indulgentes, porque nesse caso a indulgência seria o mesmo que favorecer a preguiça em relação ao exame sincero. Quem pesquisa sêriamente deve ser econômico relativamente à indulgência, porque do con-

trário acabará por se prejudicar sem que com isso seja de utilidade aos outros.

Mas será cheio de júbilo que com o conhecimento crescente se postará em frente do milagre de tal Criação, para que possa ser elevado concientemente às alturas luminosas que poderá com todo direito denominar sua pátria!

## A FÔRÇA SEXUAL EM SUA SIGNIFICAÇÃO PARA A ASCENSÃO ESPIRITUAL

Já fiz ver que toda *vida* da Criação é dividida em duas categorias. O conciente de si próprio e o inconciente. O conciente é o progresso de toda inconciência. Sòmente quando aparece a conciência é que se forma também a imagem fiel do Criador, ao que damos o nome de fôrma humana. Essa fôrma vem surgindo passo a passo com a ação de tornar-se conciente.

Na *primeira* Criação pròpriamente dita, que se encontra mais próxima do Espiritual Criador e que por êsse motivo só pode ser espiritual, encontra-se o espírito ainda *inconciente* ao lado do primeiro homem espiritual criado. Nesse inconciente, dotado das mesmas propriedades que o conciente, se encontra naturalmente o impulso para o desenvolvimento. Êsse desenvolvimento só pode dar-se na aceleração progressiva da ação de tornar-se conciente.

Quando, por consequência, êsse impulso para a conciência que se observa no espírito inconciente atinge um determinado grau, opera-se um ato de desenvolvimento natural que é eqüivalente ao nascimento terrestre. Basta que contemplemos nosso ambiente. Neste, o corpo de matéria grosseira autonômicamente deita fora os frutos amadurecidos. Tanto nos homens como nos animais. As árvores, também, expelem seus frutos. Trata-se da repetição de um processo cujos fundamentos se encontram na *primeira* Criação, no chamado Paraíso.

Do mesmo modo acontece *alí* com o amadurecimento preciso da consciência progressiva do inconciente, dando-se uma separação, também chamada expulsão do inconciente. *Essas partículas expelidas do espírito-inconciente constituem os germens espirituais do futuro indivíduo!*

E' êsse o processo da expulsão do Paraíso, também reproduzido figuradamente na Bíblia.

Isso *tinha* que se dar, porque no inconciente impera a irresponsabilidade, ao passo que com o despertar da consciência desenvolve-se a responsabilidade completa dos atos praticados.

E', portanto, necessário para o espírito ser separado do inconciente, para que possa ser desenvolvido em direção da consciência. E' um progresso, e não um regresso!

Uma vez que êsses núcleos vivos não encontram caminho aberto para cima, para a perfeição, só lhes resta enveredar para baixo! Neste passo, porém, penetram no domínio do Entéal, que é mais pesado e que não contém nada de espiritual.

Por êsse motivo o núcleo espiritual que se esforça para a consciência se sente súbitamente *estranho* nesse ambiente diverso, como que *despido*. Sente-se nu, como espírito que se encontra no Entéal. Se quiser aí permanecer, ou prosseguir em seu percurso, surgirá a necessidade muito natural de cobrir-se com uma *camada* entéal que seja da mesma natureza que o novo ambiente, sem o que não poderá agir nesse meio, e, por consequência, conservar-se. Não é, por tanto, apenas preciso cobrir sua nudez no caminho para o conhecimento, como simbolicamente diz a Bíblia, mas se trata de um processo necessário.

O germen do futuro espírito humano é dêsse modo conduzido por meios naturais em seu caminho para a matéria.

Nesta altura envolve-o novamente outro invólucro ne-

cessário, de acôrdo com seu novo ambiente material. Encontra-se no limite extremo da matéria fina.

A Terra, porém, é o ponto de matéria grosseira em que se encontra tudo o que há na Criação. Congregam-se aqui elementos de *todas* as artes, que, fora disso, por sua constituição íntima são severamente separados. Todos os fios e todos os caminhos convergem para a Terra como para um ponto de reunião comum. Reunindo-se aqui e produzindo novas ações, são expelidos para o Universo correntes de forças em raios chamejantes. Tal como não se dá em nenhuma outra parte da matéria!

Nesta Terra se processa a mais intensiva vida, pelo ajuntamento de *todas* as espécies da Criação, auxiliada pela matéria. Tudo isso, porém, só se dá com o ajuntamento de todas as espécies da Criação, e sem nada do Divino ou do Espírito Santo, que se encontram *acima* e por fora da Criação.

As últimas ramificações extremas da vida sôbre a Terra afluem ao encontro do gérmen espiritual logo que êste penetra na matéria fina. Fica banhado pelos efeitos dessas ramificações que o cercam, e ajudam a despertar sua consciência, levando-o ao desenvolvimento.

Sem ligação ainda, sem culpa portanto, no limiar de toda a matéria, sente o gérmen as manifestações das fortes vibrações dos fatos que se processam com o crescer e o desaparecer de toda a matéria. Com isso lhe surge o desejo de um conhecimento mais *íntimo*. Logo que o desejo adquire feitio em seu interior, agrega-se voluntariamente à qualquer uma dessas vibrações, seja boa ou maléfica. E se vê logo atraído pelos semelhantes graças à Lei de atração da igual-espécie, mais forte do que a sua própria. Impulsiona-o a um ponto onde a espécie conveniente será venerada de modo mais forte do que êle próprio desejara.

Depois de semelhante desejo o invólucro de matéria fina se condensa proporcionalmente, levando-o a Lei da Gravidade a cair cada vez mais para baixo.

Porém a verdadeira vivificação do querer que nele repousa não lhe oferece por fim *senão que* a Terra de matéria grosseira!... E assim é levado até ao nascimento terreno, para que possa entrar no gôzo direto do que desejara. Quanto mais forte fôr o desejo que despertara com a prova anterior dos gôzos *terrenos*, tanto mais espêsso se torna o invólucro de matéria fina que conduz consigo. Com isso se torna mais pesado, e desce vagarosamente assim para o plano terrestre, onde exclusivamente poderá realizar plenamente seus desejos. Mas uma vez chegado a êsse plano, encontra-se amadurecido para o nascimento.

Nessa ocasião predomina mais *claramente* ainda a Lei da atração da igual-espécie. Todos os espíritos ainda imperfeitos são atraídos como que magnêticamente, de acôrdo com os desejos, ou pendores que conduzem, sendo levados para o ponto em que o conteúdo do seu desejo possa ser realizado. Se por exemplo tem o desejo de dominar, não será atraído para um ambiente em que possa viver a realização dêsse desejo, mas será atraído por um indivíduo que é portador, de uma vontade de mando imperiosa, igual, portanto, na conformação do desejo. E assim sucessivamente. Com isso sofre a remissão das culpas, em parte, ou entra no gôzo de benefícios. Pelo menos tem oportunidade para tal.

Por causa dêsses fatos é erradamente admitida a hereditariedade de propriedades ou qualidades espirituais. *Mas isso é falso!* Externamente poderá parecer que assim se passa, mas na realidade nenhum homem pode transmitir *nada* de seu espírito vivo a seus filhos.

*Não ha hereditariedade espiritual!*

Nenhum indivíduo se encontra em condições de dar uma partícula sequer de seu espírito vivo!

Neste ponto foi alimentado um erro que lança sua sombra repressiva e perturbadora sôbre muitas coisas. Nenhuma criança pode ser grata a seus pais por esta ou aquela faculdade espiritual, assim como não poderá censurá-los por algum defeito. Seria falso e ao mesmo tempo constituiria uma injustiça digna de castigo.

A admirável Obra da Criação não é tão lacunosa e imperfeita para consentir que haja em parte alguma, seja casual ou arbitrariamente, hereditariedade espiritual!

Essa fôrça atrativa da igual-espécie que tem tanta importância por ocasião do nascimento, pode ter seu ponto de partida no pai da criança, assim como na mãe, mas poderá também partir de qualquer pessoa que se encontre nas proximidades da futura mãe. *Por êsse motivo a futura mãe deve acautelar-se muitíssimo a respeito das pessoas que consente permaneçam em sua proximidade!* E' necessário ponderar que a fôrça interna acha-se comumente nas fraquezas, não no caráter externo. As fraquezas produzem momentos importantes de vida interior, ocasião de grande fôrça atrativa.

A vinda do homem para a Terra se compõe de geração, encarnação e nascimento. A encarnação, isto é, a entrada da alma, se dá *no meio do período de gravidez!* As condições recíprocas de amadurecimento, a saber, a da mãe em seu desenvolvimento e a da alma que se inclina para a encarnação, condicionam liames ainda mais *terrestres*. E' uma irradiação motivada pelo amadurecimento recíproco que incessantemente se influenciam entre si. Essa irradiação se torna cada vez mais forte, prendendo a alma e a futura mãe cada vez mais intimamente, até que por fim o corpo atinge o desenvolvimento necessário no ventre materno, absorvendo por completo a alma.

Êsse momento da penetração ou da absorção da alma ocasiona também os primeiros abalos do pequeno corpo, ma-

nifestado por contrações que são denominadas os primeiros movimentos da criança. Ao mesmo tempo se opera na mãe uma transformação completa dos sentimentos intuitivos, os quais, de acôrdo com a alma que ingressara, podem trazer felicidade ou depressão.

Com o pequeno corpo a alma, até êsse ponto desenvolvida, recebe o manto da matéria grosseira necessário para viver no ambiente terreno de matéria grosseira, afim de poder ouvir, vêr e sentir, o que sòmente é possível por intermédio de um instrumento ou um invólucro *da mesma natureza*. Sòmente aí poderá passar da prova para o gôzo pròpriamente dito, e, com êste, para o *discernimento*. E' evidente por si mesmo que a alma tem que aprender a valer-se dêsse novo corpo como de um instrumento, e a dominá-lo.

Fica assim sumariado o processo da evolução do homem até seu primeiro nascimento terreno.

Pois, já ha muito tempo que, por processos naturais, não pode dar-se que uma alma entre em *primeira* encarnação sôbre a Terra. Por ocasião dos nascimentos são atraídas almas que *pelo menos* uma vez já viveram a vida terrena. Eis porque se vêm ao nascimento muito enleadas pelos fios do Karma. *E' a fôrça sexual que lhes dá a possibilidade de libertar-se dêsses liames!*

Por encontrar-se envolvida pelo corpo terreno da matéria grosseira é a alma de um indivíduo durante os anos da infância separada das correntes que procuram atingí-la *de fora*. Todo o escuro e mau que anima o plano terrestre, encontra seu caminho interceptado pelo corpo de matéria grosseira. Não podem por êsse motivo ocasionar nenhum mal na criança, nem influir sôbre ela, mas o mal de uma vida anterior que já veiu com o nascimento dessa alma reencarnada se conserva, naturalmente, por todo o decurso da infância.

O corpo mantém êsse muro separador enquanto não se



encontra completamente aperfeiçoado e amadurecido. E' como se a alma se houvesse retraído em um castelo, tendo sido retirada a ponte que permite acesso até lá. Existe um abismo intransponível durante êsses anos entre a alma infantil e a Criação de matéria fina na qual vivem as vibrações de matéria fina de culpas e da penitência. Dêsse modo vive a lama abrigada em seu invólucro terreno, amadurecendo para a responsabilidade e à espera do momento em que a ponte levadiça seja lançada, permitindo assim a entrada livre para a vida prôpriamente dita na matéria grosseira.

Por meio de Leis naturais o Criador pôs em todas as criaturas o *instinto de imitação* em lugar da livre deliberação, lá onde ainda não se manifesta o livre arbítrio. Em geral dá-se a isso o nome de "receptividade da infância". O instinto de imitação deve preparar o desenvolvimento para a vida terrena, nos animais, até que se encontrem pela experiência adequadamente protegidos, e nos homens até que sejam, pelo espírito, elevados ao livre arbítrio e aos atos plenamente concientes.

Falta, portanto, à alma encarnada no corpo da criança uma ponte irrediatora que sômente fica constituída pela fôrça sexual, por ocasião do desenvolvimento cabal do corpo. Falta ao espírito esta ponte, para que possa atuar real e completamente na Criação, o que só pode dar-se pela possibilidade de irradiação se falhas por todas as espécies na Criação. Porque sômente nas irradiações se encontra a vida, e sômente nelas e por seu intermédio é que se dá o movimento.

A criança, que só pode atuar sem lacunas em seu ambiente graças à sua parte *enteal*, e não por meio de seu núcleo espiritual, durante êsse tempo se encontra em relação às Leis da Criação com um pouco mais de responsabilidade do que um animal de máximo desenvolvimento.

Nesse meio tempo o corpo se desenvolve, e pouco a pouco desperta nele gradativamente a *fôrça sexual*, só encontrada na *matéria grosseira*. *E' a mais fina e mais nobre floração de toda a matéria grosseira*, o que de mais elevado pode ser oferecido pela Criação de matéria grosseira. Em sua *finura* constitue o *ápice* de tudo o que é de *matéria grosseira*, isto é, do que é terreno, o que se encontra mais perto do Enteval, como última manifestação da matéria. A *fôrça sexual* é a vida pulsativa da matéria, e sòmente ela pode constituir a *ponte* para o Enteval, o qual, por sua vez, proporciona a passagem para o Espiritual.

Por êsse motivo o despertar da *fôrça sexual* no corpo de matéria grosseira se assemelha ao abaixamento da ponte de um castelo que até êsse momento não tivesse sido penetrado. Com êsse ato torna-se possível ao habitante do castelo, isto é, à alma humana, sair aparelhada para a luta, mas ao mesmo tempo oferece-se oportunidade para que entrem os amigos e os inimigos. Êsses amigos ou inimigos são em primeiro lugar correntes de matéria fina de bons ou maus efeitos, mas também podem ser habitantes do Além que sòmente aguardam que se lhes dê a mão, por meio de algum desejo, penetrando dêsse modo no castelo e aí aquartelando-se firmemente, para irradiar sua influência de acôrdo com a igual-espécie.

Mas as Leis do Criador só consentem que por gradação natural só penetre de fora influência que equivalha em *fôrça* à que pode ser contraposta de dentro, de fórmula a ser excluída uma luta desigual, mas isso enquanto não se intromete o pecado, porque todo instinto sexual despertado por estímulos artificiais, abre prematuramente a fortaleza, entregando dêsse modo a alma à influências a que não poderá resistir. Ficará vencida infalivelmente por essas correntes de matéria fina, às quais, não fôra essa imprudência, viria mais tarde a dominar incondicionalmente.

Num amadurecimento normal os fatos ficam sempre equilibrados pelas fôrças que se opõem, as de fora e as da alma interior. O que decide nisso tudo é a vontade do habitante do castelo e não a dos sitiantes. Por êsse motivo, se fôr dotado de boa vontade, sairá sempre vencedor na matéria fina, isto é, quanto aos acontecimentos do Além que os homens medíocres não podem ver enquanto se encontram na vida terrena, embora se encontrem mais intimamente e com mais vida ligados a êles do que o ambiente visível de matéria grosseira.

Trata-se, porém, de um processo inteiramente diferente sempre que o habitante do castelo estende *voluntariamente* a mão à um amigo ou inimigo exterior, do mundo da matéria fina, ou a uma corrente, por desejo próprio ou livre resolução. Colocando-se por isso em certa relação com os sitiantes que aguardam do lado de fora, ficam êstes em condições de desenvolver fôrças contra êle dez e cem vezes superiores às que dispõe para a luta. Se são fôrças benéficas, receberá bênçãos, auxílio; mas se forem nocivas colherá a destruição. Nessa escolha livre se manifesta a atuação de sua própria livre vontade. Uma vez resolvido, fica sujeito incondicionalmente às conseqüências. Conforme sua escolha êle tece um Karma bom ou mau, a que evidentemente ficará submetido enquanto não modificar interiormente.

A fôrça sexual tem por fim e também a faculdade de *inflamar* terrenamente todos os sentimentos *espirituais* de uma alma. Sômente assim é que o espírito entra de fato em ligações com o conjunto da matéria, tornando-se assim perfeitamente apto para a existência terrena. Só então, consegue o espírito compreender tudo o que necessita para agir cabalmente na matéria, para firmar-se nela, atuar profundamente, proteger-se, e, adequadamente revestido, opor resistência vitoriosa.

Ha algo poderoso nesta ligação. Tal é o *fim principal* dêsse impulso natural misterioso e imenso! Êle deve ajudar o Espiritual para completa ação nesta matéria! Sem a fôrça sexual seria impossível isso, por faltar o elo transitório para avivar e dominar toda a matéria, porque o espírito se encontraria muito estranho à materia para poder agir verdadeiramente sôbre ela. E' dêste modo que o espírito humano recebe então a plenitude de sua fôrça, seu calor e sua vivacidade. Sòmente então é que se encontra apto para a luta terrena.

*Por êsse motivo é aquí que se inicia a responsabilidade!* E' êsse um ponto sèriamente decisivo no desenvolvimento de cada ser humano.

A sábia Justiça do Criador dá aos homens nesse ponto importantíssimo não sòmente a possibilidade, mas ainda o impulso natural para poder libertar-se *fácilmente* e sem *trabalho* de todo Karma com que até então tenha sobrecarregado sua livre vontade.

Se o indivíduo deixa passar a ocasião para isso, é *sua culpa* sòmente. Pensai apenas no seguinte: com o início da fôrça sexual começa a atuar um poderoso impulso para tudo o que é elevado, para o ideal, o belo, o puro! Isso é muito fácil de ser observado na mocidade incorrupta de ambos os sexos. Daí os devaneios, infelizmente tão criticados pelos adultos; daí também os sentimentos ligeiramente melancólicos, inexplicáveis e freqüentes nessa idade.

Não são sem razão de ser as horas em que os jovens ou as meninas parecem portadores de todas as dores do mundo, quando se vêem dominados por pressentimentos duma profunda seriedade. E' também muito fundamentado o sentimento que tão freqüentemente experimentam de não se julgarem compreendidos por ninguém. Trata-se do conhecimento transitório da falsa disposição das coisas do mundo ambiente que se recusa a aceitar os santos precei-

tos para uma vida superior, nem pode mesmo aceitá-la, ficando somente satisfeito quando êsse sentimento intuitivo tão fortemente admoestador, é rebaixado ao “real” e ao prosáico, mais compreensível para êsse mundo, por lhe parecer a situação mais adequada à humanidade, considerando-a pelo seu entendimento unilateral como a única verdadeira!

A graça irradiante e misteriosa de uma jovem ou de um rapaz não pervertidos não passa do impulso *puro* da força sexual que desperta, ao ser percebida por seu ambiente, tendendo para o que é elevado e nobre, juntamente com a força espiritual!

O Criador teve o cuidado necessário para que isso se desse em uma idade em que os indivíduos têm plena consciência de seu querer e de seus atos. E’ chegado então o momento em que pode e deve lançar de si com a maior facilidade tudo o que ficou para trás. Isso mesmo cairia por si, se êsse indivíduo mantiver a orientação para a boa vontade, para o que se sente continuamente impulsionado nessa idade. Então poderá, como os sentimentos inculcam muito acertadamente, elevar-se sem esforço ao nível a que pertence de fato como homem! Contemplai os devaneios da mocidade incorrupta! Não passam do sentimento de impulsão para se desvencilharem de tudo que é imundo, o anseio ardente pelo ideal. Essa inquietação impulsionadora, porém, é o sinal de que não se deve perder tempo, mas sacudir de si com energia o Karma e *iniciar* a marcha ascensional do espírito.

Ha algo admirável no fato de permanecer nessa força concentrada, agindo *nela* e *por meio* dela! Mas isso somente enquanto a direção imprimida fôr para o bem, direção essa que o homem escolheu, porque nada ha-de mais miserável do que vêr desperdiçar semelhante força, enfraquecendo o espírito por êsse modo.

Infelizmente, porém, os homens muito se descuidam neste particular, e na maioria das vezes deixam passar essa época de transição, guiados pelos “entendidos”, que os levam por falsos caminhos que os detêm e, finalmente, os conduzem à perdição. Dêsse modo não conseguem desvençillar-se das vibrações nocivas que os envolvem. Pelo contrário: estas adquirem mais fôrça, pelos de igual-espécie que se lhes reúnem, ficando a livre vontade do homem cada vez mais contornada e envolvida, até não mais ser reconhecida no meio de tão grande trama, do mesmo modo que a parasita que a princípio pelo apôio a um tronco vegetal sadio, terminando por cercear a vida dêste último, por envolvê-lo completamente, estrangulando-o.

Se os homens tivessem mais cuidado consigo e prestassem maior atenção aos acontecimentos da Criação, nenhum Karma podia ser mais forte do que seu espírito de posse de toda sua fôrça logo que êste recebe as ligações contínuas da fôrça sexual com a matéria, à qual também pertence o Karma.

Até mesmo na ocasião em que os homens desperdiçam o tempo, quando mais se enleiam, ou quando mais profundamente se afundam, ainda assim podem ter oportunidade para a ascensão, pelo amor!

Não o amor cobiçoso da matéria grosseira, mas o elevado e puro amor, que nada mais conhece ou deseja a não ser o bem da pessoa amada. Pertence também à matéria, mas não exige renúncia nem penitência, mas deseja sempre o bem de outrem. E’ essa vontade *que nunca pensa em si*, a melhor defesa contra todos os ataques.

Até mesmo na mais avançada idade o amor tem como fundamento os sentimentos intuitivos de anelo pelo ideal, que encontramos na mocidade incorrupta, tal como esta o percebe no início da fôrça sexual. Neste tempo, porém, patenteia-se por outra fôrma: estimula o homem madura até

fazê-lo atingir a plenitude de seu poder, até ao heroísmo. Neste particular a idade não constitue nenhuma barreira. A fôrça sexual permanece, mesmo que o instinto sexual desapareça, porque se trata de coisas perfeitamente diferentes.

Uma vez que o indivíduo dá lugar ao amor puro, seja dum homem por uma mulher ou vice-versa, por um amigo, pelos pais ou filhos, etc., pouco importa, contanto que seja puro, traz êsse amor como primeira dádiva a oportunidade de repelir o Karma que pode ser dissolvido “simbôlicamente” com rapidez. Vem a “secar”, por não encontrar mais ressonância, nenhum alimento mais no indivíduo. Com isso êste se liberta! E dêsse modo começa a ascensão, a libertação das cadeias indignas que o prendiam até então.

O primeiro sentimento intuitivo que desperta é o da nenhuma valia em relação a pessoa amada. Podemos dar ao processo o nome de modéstia e humildade, logo, o início de duas grandes virtudes. A isso se ajunta o desejo de estender a mão protetora por sôbre a outra pessoa, para que nenhum mal lhe aconteça. Não é um dito desprovido de sentido: “trazer nas palmas das mãos”, mas caracteriza perfeitamente o sentimento intuitivo que desperta. Nisso se encontra a renúncia da própria personalidade, uma grande vontade de servir, o que por si só bastaria para destruir em pouco tempo todo do Karma uma vez que a vontade persiste, sem dar lugar a instintos sensoriais. Enfim surge no amor puro o desejo ardente de poder realizar para a pessoa amada os mais grandiosos atos, de não ofendê-la com o menor gesto, o menor pensamento ou palavra ou mortificá-la. A mais delicada consideração se faz sentir.

Torna-se necessário, então, conservar a pureza dêsse sentimento intuitivo, e dar-lhe o predomínio sôbre todos os outros. Jamais neste estado poderá o indivíduo em aprêço ficar em condições de querer ou fazer algo menos elevado. Não o poderia, tendo, pelo contrário, nesses sentimentos in-

tuitivos a melhor proteção possível, a mais poderosa fôrça, o mais bem intencionado conselheiro e auxiliar .

O Criador em sua Sabedoria deu com isso uma corda de salvação a *todos* os homens, para que possam apegar-se e ascender.

O socorro é para *todos*; não ha a menor distinção, nem de idade nem de sexo, nem para os ricos ou para os pobres, humildes ou de posições elevadas. Por êsse motivo é o amor o maior presente de Deus. Quem o apreende verdadeiramente encontra-se abrigado de *toda* necessidade e queda!

O amor é capaz de elevá-lo com a fôrça das tempestades à Luz, à Deus que é o próprio Amor!

Logo que o amor se manifesta em um indivíduo, o amor que se esforça por ministrar à outrem luz e alegria, por não humilhá-la com nenhum sentimento impuro, mas elevá-la e ampará-la, imediatamente passa êsse indivíduo a *servir*, sem que tenha prôpriamente consciência disso, porque dêsse momento em diante se transforma em um benfeitor desprendido e alegre. Essa submissão o liberta!

Para poder encontrar o verdadeiro caminho, atenda o homem apenas a uma coiza: sôbre todos os homens da Terra paira um desejo grandioso e forte: *ser* realmente a seus próprios olhos o que *vale* aos olhos da pessoa amada! E' êsse desejo o caminho verdadeiro. Leva imediatamente às alturas.

Os homens têm muitas oportunidades de se decidirem e de subirem sem que no entanto se utilizem delas.

O homem se assemelha a um indivíduo a quem foi dado um reino e que prefere passar o tempo com brinquedos infantis.

E' mais do que natural, nem é de esperar que pudesse ser por outro modo, que as fôrças poderosas que são entre-



gues ao homem, tenham de *destruí-los* se não aprender a *guiá-las*.

A fôrça sexual, também tem que destruir indivíduos isolados e até mesmo povos inteiros, oude quer que sua *função principal* for malbaratada. O fim gerador só vem em *segundo* lugar.

E quão grandioso não é o auxílio que a fôrça sexual pode dar a quem quer que saiba reconhecer e *viver* de acôrdo com seu principal intuito!

Pensai no sentimento intuitivo de pudor corpóreo! Desperta ao mesmo tempo que a fôrça sexual, e serve-lhe de proteção.

Como em tudo da Criação, trata-se aquí de três planos, sendo os inferiores gradualmente mais grosseiros. O sentimento de pudor, como a primeira consequência da fôrça sexual, constitue como transição para o instinto gerador o *obstáculo* para que o indivíduo em sua altura não se entregue às práitcas sexuais exclusivamente animais.

*Ai do povo que não considerar êsse ponto!*

Um forte sentimento intuitivo de pudor cuida também de que o indivíduo não fique subjugado por uma embriaguez dos sentidos. Protege contra as paixões, porque jamais dá oportunidade, por meios muito naturais, de se esquecer de sua função própria por uma fracção sequer de segundo!

Só por meios *violentos* é que o homem pode afastar de si essa dádiva admirável, pela própria vontade, afim de viver *animalmente!* Mas semelhante intercessão violenta na ordem admirável da Criação *terá que* transformar-se em maldição; porque a fôrça do instinto gerador que assim se livrou, não é mais, em seu desencadeamento, natural e protetora.

Uma vez que falte o pudor, tranforma-se o homem em

servo, de senhor que era, arrancado de sua posição de homem para baixar ainda menos que um animal!

O homem deve refletir que sòmente o pudor forte impede a oportunidade da queda. Com êle foi-lhe dada a maior defesa possível.

Quanto maior o pudor, tanto mais *nobre* será o instinto e tanto mais elevado espiritualmente se encontra o indivíduo! E' essa *a melhor medida para seu valor espiritual interno!* E' reconhecível essa medida em todas as pessoas, e isso com muita facilidade. Com o definhamento ou o afastamento do sentimento exterior do pudor ficam também destruídas as propriedades mais nobres e valiosas da alma, ficnado por êsse motivo o homem interior diminuído em sua valia.

*Constitue sinal infalível da mais profunda queda e da decadência certíssima* sempre que a humanidade, sob a capa mentirosa do progresso, começa a querer "elevar-se" acima da jóia do pudor, necessária e benéfica sôbre todas as coisas! E seja isso sobe o pretexto de esporte, de higiene, de moda, de educação infantil, ou de qualquer outro dos muitos de que se vale. Não é possível então deter mais a decadência ou a queda, e sòmente o maior pavor poderia trazer alguns indivíduos à reflexão.

No entanto é fácil para os homens enveredarem pelo caminho que conduza às alturas.

Basta que se tornem "mais naturais". Mas tornar-se natural não é o mesmo que andar nu por toda a parte, ou com vestimentas extraordinárias e pés descalços. Ser natural é cuidar zelosamente dos sentimentos interiores, sem furtar-se violentamente às admoestações dos mesmos! Os homens assim procedem sòmente para não passarem por antiquados.

Infelizmente mais da metade da humanidade se encontra hoje tão avançada no caminho por que enveredou, que

não mais se acha em condições de compreender os sentimentos naturais. Estreitaram-se os homens demasiadamente. O fim de tudo isso será um grito de pavor e de despêro. Felizes os que ainda poderão reviver o sentimento de pudor! Servir-lhes-á de amparo quando tudo o mais em redor houver desmoronado!

## SEXO

Uma grande parte dos homens terrenos se deixa oprimir muito pelo pensamento a respeito das relações entre os dois sexos, o masculino e o feminino. Só ficam excluídos os frívolos que não se preocupam com coisa alguma. Todos os demais, por mais diferentes que sejam entre si, procuram clara ou reservadamente uma solução para o problema. Por felicidade ha muitos indivíduos que justamente neste particular procuram um guia. Fica, porém, sem ser resolvida a questão de saber se se dirigiriam por êle, uma vez encontrado. O que é fato é que se preocupam muito com isso e em grande parte se mostram aflitos com a noção de sua completa ignorância acêrca dêsse problema.

Procurou-se resolvê-lo ou fixá-lo na questão do matrimônio, mas não se atingiu um pensamento fundamental que satisfaça, porque neste particular, como em tudo o mais, o que importa é que os homens saibam com o que têm de tratar! Do contrário jamais poderão chegar a uma solução satisfatória. Permanecerão inquietos.

Já desde início ha muita confusão a respeito do sentido acertado do conceito "sexo". Tomam-no no sentido geral, quando o verdadeiro é muito mais profundo.

Se quisermos ter uma imagem adequada não devemos ser parciais nem obrigá-la a certas condições que só importam a uma ordem social terrena, freqüentes vezes em oposição com as Leis da Criação. Em um assunto de tanta importância é de necessidade aprofundarmo-nos na Criação para apreendermos a *idéia fundamental*.

Denominamos simplesmente sexo de duas espécies os dois conceitos masculino e feminino. A palavra sexo, porém pode provocar erros profundos desde início na maioria dos indivíduos, porque involuntariamente surge em muitos o pensamento da geração. E isso é falso. A separação entre masculino e feminino, *nesse* sentido, só tem que ver alguma coisa, dentro da grande idéia da Criação, com a parte extrema e mais densa da matéria grosseira. No acontecimento *principal*, porém, nada tem que ver.

Que é sexo? O gérmen espiritual, à sua partida do Reino Espiritual, é inteiramente destituído de sexo. Também não se estabelece nenhuma cisão, como erroneamente é admitido. Cisões são exceções particulares e especiais, como ainda terei que explicar no fim destas considerações. Mas fundamentalmente um gérmen espiritual permanece sempre completo em si mesmo. Com o crescimento da consciência do gérmen espiritual em seu percurso pela Post-criação, isto é, cópia da Criação pròpriamente dita, adquire êle como já fiz ver repetidas vezes, as fórmulas humanas que nos são conhecidas, de acôrdo com o grau de sua consciência crescente, as quais são cópias das imagens de Deus, dos Uro-criados!

O que decide neste particular é a *espécie de atividade* dum gérmen espiritual, isto é, qual a direção que êsse gérmen espiritual durante seu percurso para a consciência desejar predominantemente às propriedades que contém em seu íntimo, ou para a espécie positiva e enêrgicamente impulsivadora, ou para a negativa e serenamente conservadora, segundo para onde o levam seus principais desejos.

Está em condições de dirigir-se para *ambos* os lados, por constituição própria de origem, porque um gérmen espiritual possui em si *todas* as propriedades, tanto um como o outro sem diminuição. E' em si mesmo perfeitamente arredondado. O que importa é *o que* o fará desenvolver *daí*.

E depende dessa sua atividade a *fôrma que se constituir*, mesmo que essa atividade no comêço seja apenas constituída por grandes desejos que crescem até tornarem-se impulsos. O positivo constitue a fôrma masculina, o negativo a feminina. Nisso já o masculino e o feminino se apresentam reconhecíveis exteriormente. Ambos são em sua fôrma a expressão definida do *modo* de sua atividade, conforme sua escolha ou seus desejos.

Masculino e feminino, portanto, não têm nada que ver com a idéia habitual de sexos, mas indicam apenas *o modo de agir na Criação*. Sòmente na matéria grosseira tão conhecida pelos homens é que adquirem os órgãos geradores e reprodutivos, que compreendemos pelos nomes de masculino e feminino. Sòmente o corpo de matéria grosseira, isto é, o corpo terreno, é que necessita dêsses órgãos para sua reprodução.

*O modo de agir na Criação* constitue portanto a fôrma do corpo pròpriamente dito, o masculino ou o feminino, dos quais os corpos terrenos de matéria grosseira não passam de cópias toscas.

Com isso ficam reduzidas as práticas sexuais ao plano a que têm direito, isto é, ao plano mais inferior que se encontra muito distante do Espiritual.

Por isso mesmo é muito entristecedor ver um indivíduo que submete seu espírito sob o jugo dessa atividade pertencente à casca material extrema, tornando-se escravo delal. E isso se tornou tão geral que fornece uma imagem que mostra como o espírito incalculável e elevado se submete voluntariamente ao jugo da matéria grosseira e é aí conservado.

E' de fácil compreensão que semelhante procedimento antinatural não poderá ter boas conseqüências. E' antinatural porque o espírito é instituido pela natureza como o que ha-de mais elevado em toda a Criação, e só pode haver

harmonia nesta última enquanto o Espiritual dominar como superior, ficando tudo mais *debaixo* dêle, até mesmo nas ligações com o que é material-terrestre.

Não tenho necessidade de mostrar expressivamente qual o papel triste que representa um indivíduo que coloca seu espírito sob o jugo do manto grosseiro da matéria, manto êsse que só adquire sua sensibilidade por intermédio do espírito, perdendo-a quando é deposto; um instrumento nas mãos do espírito, que necessita, é certo, cuidados para que fique conservado, mas que afinal tem que manter-se sempre como simples instrumento dominado, porque na ordem natural da Criação não ha o comunismo! Onde *êste* ameaça intrometer-se sobrevem o desmoronamento como conseqüência incondicional, porque semelhante parte deve ser expulsa como doentia pra que a desharmonia não mais encontre acolhida. Com semelhante desmoronamento a ação recíproca concerta na Criação os lugares que se tornaram avariados.

A fôrma espiritual, enteval ou de matéria fina do corpo, se modifica logo que o gérmen espiritual modifica também sua atividade. Se passa sua atividade do negativo para o positivo predominante, terá a fôrma feminina que se transformar em uma masculina, e vice-versa, porque a espécie *predominante* da atividade é que determina a fôrma. A casca de matéria grosseira, porém, não acompanha muito depressa essa modificação. Essa não é tão suscetível de modificações, e por isso mesmo só destinada a prazo curto. Aquí se manifesta então uma mudança nas reencarnações, que na maioria das vezes são frequentes.

Acontece por isso que um espírito humano *troca* mui freqüentemente seu corpo masculino em feminino, e vice-versa, durante suas passagens pela Terra, de acôrdo com sua situação interior modificável. Isso é *necessário* para que

*todas* as propriedades de um gérmen espiritual aos poucos despertem.

Já disse que a atividade *predominante* é a decisiva para o nascimento da fôrma, uma vez que o gérmen espiritual não se manifestará de modo exclusivo, ou só positivo ou só negativo.

As faculdades que não se manifestam ficam adormentadas, mas podem ser despertadas a qualquer tempo.

Se acontecer, porém, que um gérmen espiritual desenvolva *todas as partes positivas*, atua isso por maneira tão forte sôbre as negativas, isto é, às faculdades não desenvolvidas, que pode dar-se uma expulsão, com o que se estabelece uma cisão. As partes expulsas por êsse modo ficam forçadas a despertarem por si mesmas, constituindo portanto em sua exclusividade oposta a fôrma correspondente, isto é, a feminina. *Êsses* são os gérmenes cindidos, que têm necessidade de se reünirem novamente para constituírem um todo. Semelhante processo, porém, não deve ser aceito de um modo geral.

A concepção dos homens de que para todos os indivíduos ha uma alma complementar, é verdadeira em si mesmo, mas não no sentido de uma cisão anterior. A alma dual é inteiramente diversa. Já chamei a atenção para êsse ponto em minha dissertação "O Matrimônio"<sup>(1)</sup>. A alma dual é apenas a que é apropriada para uma outra alma, isto é uma alma que desenvolveu justamente as propriedades que a outra deixou adormecidas em seu íntimo. Com isso se processa um complemento total, um trabalho em comum de todas as propriedades do espírito, tanto das positivas como das negativas. Semelhantes complementos, porém, não existem de modo isolado, mas se encontram em diversos casos, de fôrma que um indivíduo que tem o desejo de se com-

---

(1) Dissertação N.º 25.



pletar, não seja dependente de um só indivíduo determinado. Poderá encontrar muitos dêsses em sua existência terrena, uma vez que conserve pura e desperta sua receptividade intuitiva!

As condições vitais para alcançar a felicidade não são, por êsse motivo, tão difíceis de serem preenchidas como parece à primeira vista aos que conhecem as coisas pela metade. A felicidade é muito mais fácil de ser obtida do que muitos pensam. Basta que a humanidade conheça as Leis que se encontram na Criação. Se viver de acôrdo com elas *terá* que ser feliz. Hoje, porém, encontra-se muito distante disso, razão porque os que agora mais se aproximam da Verdade da Criação se sentem quasi sempre como isolados, o que aliás não constitue infelicidade mas contém em si um grande sentimento de paz.

DA OBRA COMPLETA  
NA LUZ DA VERDADE

	PÁGINA
Introdução . . . . .	
1. Que Procurais? . . . . .	1
2. Despertai! . . . . .	6
3. O silêncio . . . . .	17
4. Ascensão . . . . .	27
5. Responsabilidade . . . . .	32
6. Destino . . . . .	38
7. A Criação do homem . . . . .	45
8. O homem na Criação . . . . .	52
9. O pecado original . . . . .	57
10. Filho de Deus e Filho do Homem . . . . .	59
11. Deus . . . . .	63
12. A voz interior . . . . .	68
13. A religião do amor . . . . .	73
14. O Salvador . . . . .	75
15. O mistério do nascimento . . . . .	84
16. Será aconselhável a prática do ocultismo? . . . . .	95
17. Espiritismo . . . . .	99
18. Preso à terra . . . . .	109
19. E' necessária ou aconselhável a abstinência sexual? . . . . .	113
20. O Juízo Final . . . . .	116
21. A luta . . . . .	126

22.	Fórmulas de pensamento . . . . .	131
23.	Moralidade . . . . .	139
24.	Velai e orai! . . . . .	146
25.	O Matrimônio . . . . .	152
26.	O direito dos filhos em relação aos pais . . . . .	159
27.	A oração . . . . .	164
28.	O Padre Nosso . . . . .	170
29.	Adoração de Deus . . . . .	178
30.	O homem e sua livre vontade . . . . .	189
31.	A moderna ciência do espírito . . . . .	214
32.	Falsos caminhos . . . . .	229
33.	Homens ideais . . . . .	232
34.	Lançai sobre êle toda a culpa . . . . .	237
35.	Os delitos da hipnose . . . . .	241
36.	A astrologia . . . . .	247
37.	O simbolismo no destino humano . . . . .	252
38.	Crença . . . . .	260
39.	Bens terrenos . . . . .	263
40.	A morte . . . . .	266
41.	Falecido . . . . .	273
42.	Milagres . . . . .	280
43.	O Batismo . . . . .	282
44.	O Santo Gral . . . . .	285
45.	O Mistério Lúcifer . . . . .	293
46.	As regiões das Trevas e a condenação . . . . .	303
47.	As regiões da Luz e o Paraíso . . . . .	308
48.	Acontecimentos do mundo . . . . .	310
49.	Diferença de origem entre o homem e o animal . . . . .	324
50.	A separação entre a humanidade e a ciência . . . . .	328
51.	Espírito 332	
52.	Desenvolvimento da Criação . . . . .	334
53.	Eu sou o Senhor teu Deus! . . . . .	345
54.	A imaculada concepção e o nascimento do Filho de Deus . . . . .	364
55.	A morte na Cruz do Filho de Deus e a Ceia . . . . .	371

56. “Desce da Cruz” . . . . .	377
57. Esta é a minha carne! Êste é o meu sangue! . . . . .	386
58. Ressurreição do corpo terreno de Christo . . . . .	389
59. O sentido humano e a Vontade Divina na Lei da Re- ciprocidade . . . . .	401
60. O Filho do Homem . . . . .	406
61. Erros . . . . .	414
62. A fôrça sexual em sua significação para a ascensão espiritual . . . . .	432
63. Eu sou a ressurreição e a vida etc. . . . .	449
64. O que é que separa atualmente tantos homens da Luz . . . . .	457
65. O clamor pelo guia . . . . .	470
66. Matéria grosseira, matéria fina, irradiações, espaço e tempo . . . . .	477
67. O erro da clarividência . . . . .	485
68. Diferentes espécies de clarividência . . . . .	489
69. No reino dos demônios e fantasmas . . . . .	498
70. Prática do ocultismo, alimentação animal e vegetarianismo . . . . .	517
71. Magnetismo curador . . . . .	525
72. Vivei o presente! . . . . .	527
73. O Grande cometa . . . . .	530
74. Que deverá o homem fazer para poder entrar no Reino de Deus? . . . . .	532
75. Vês o argueiro no ôlho do teu irmão, e não vês a trave no teu ôlho . . . . .	536
76. A luta na natureza . . . . .	539
77. Infusão do Espírito Santo . . . . .	546
78. Sexo . . . . .	549
79. Póde a velhice constituir um obstáculo para a ascensão espiritual? . . . . .	555
80. Era uma vez...! . . . . .	557
81. Perdoai-lhes, Pai; porque eles não sabem o que fazem! . . . . .	582
82. Deuses, Olimpo, Walhalá . . . . .	612
83. Chamado . . . . .	627

84. Criatura homem . . . . .	635
85. E mil anos são como um dia . . . . .	648
86. Intuição . . . . .	652
87. O mestre universal . . . . .	659
88. O estranho . . . . .	663
89. Uma última palavra . . . . .	675
90. O Antichristo . . . . .	683
91. E se realizou . . . . .	689
EPIÍLOGO . . . . .	701
Apêndice:	
Os dez Mandamentos de Deus . . . . .	705
A Vida . . . . .	741
Termos empregados na “mensagem do Gral”	